



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS (EMAC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA

MARIA CECÍLIA SILVA DE AMORIM

**A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re) significar
como proposição arte/educativa no chão da escola**

GOIÂNIA

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese

2. Nome completo do autor

Maria Cecília Silva de Amorim

3. Título do trabalho

A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re) significar como proposição arte/educativa no chão da escola

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **MARIA CECÍLIA SILVA DE AMORIM, Discente**, em 12/05/2022, às 12:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Valéria Maria Chaves De Figueiredo, Professor do Magistério Superior**, em 12/05/2022, às 12:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento

12/05/2022 12:57

SEI/UFMG - 2900019 - Termo de Ciência e de Autorização (TECA)



no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2900019** e o código CRC **5FFE47B6**.

Referência: Processo nº 23070.013554/2022-62

SEI nº 2900019

MARIA CECÍLIA SILVA DE AMORIM

A contação de histórias em cena: contar, encenar e (re) significar
como proposição arte/educativa no chão da escola

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, da Escola de Música e Artes Cênicas, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes da cena. Área de concentração: Teatro, dança e direção de arte

Linha de pesquisa: Estudos transversais em teatro, dança e direção de arte.

Orientadora: Professora Doutora Valéria Maria Chaves de Figueiredo

GOIÂNIA

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Amorim, Maria Cecília Silva de

A contação de histórias na cena [manuscrito] : contar, encenar e (re)
significar como proposição arte/educativa no chão da escola / Maria
Cecília Silva de Amorim. - 2022.

275 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Valéria Maria Chaves de Figueiredo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Escola
de Música e Artes Cênicas (Emac), Programa de Pós-graduação em
Artes da Cena, Goiânia, 2022.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de
figuras, lista de tabelas.

1. Contação de histórias. 2. A/r/tografia. 3. Proposição arte/educativa.
4. Artes da cena. I. Figueiredo, Valéria Maria Chaves de , orient. II.
Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 03 da sessão de Defesa de Dissertação de **Maria Cecília Silva de Amorim**, que confere o título de Mestra em Arte da Cena, na área de concentração em Teatro, Dança e Direção de Arte.

Aos treze dias do mês de abril de dois mil e vinte e dois, a partir das quatorze horas, via videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re) significar como proposição arte/educativa no chão da escola”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Valéria Maria Chaves de Figueiredo [FEFD/UFG], com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Maria Ângela de Ambrosio Pinheiro Machado [EMAC/UFG] membro titular interno, Professora Doutora Luciene de Souza Santos membro titular [UEFS] membro titular externo; Professor Doutor Leonardo Charréu [ESELx] membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos treze dias do mês de abril de dois mil e vinte e dois.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re) significar como proposição arte/educativa no chão da escola.



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Silva Nunes, Coordenador de Pós-graduação**, em 12/05/2022, às 11:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Ângela De Ambrosio Pinheiro Machado, Professor do Magistério Superior**, em 12/05/2022, às 11:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciene Souza Santos, Usuário Externo**, em 12/05/2022, às 12:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valéria Maria Chaves De Figueiredo, Professor do Magistério Superior**, em 12/05/2022, às 12:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2899914** e o código CRC **DE83590D**.



Referência: Processo nº 23070.013554/2022-62

SEI nº 2899914



Seu ventre foi meu primeiro lugar.
Pela força e coragem, representatividade,
sensibilidade, seriedade, aprendizagem,
memória e bipolaridade artística...
Dona Marinalda, a mãe preta, minha griô.

AGRADECIMENTOS

Vi o agir do meu Papai Deus em cada uma dessas pessoas. Meu amado filho João Marcos Silva de Amorim que, para ver a mãe mestra, abriu mão, muitas vezes, de minha companhia. À querida amiga, professora Patrícia Carvalho que me inspirou à docência. A minha sobrinha Juliana Alves Ferreira que, com o coração generoso e delicado, pedia que eu lhe contasse histórias na infância. Ao caríssimo compadre Anderson Jésus, pela motivação.

Ao Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade (GEFOPI), na pessoa da professora Dra. Andréa Kochhann, pela oportunidade de escrever as primeiras 17 palavras. Gratidão à Maria Eneida da Silva, pelo apoio técnico. Aos membros do Laboratório de Pesquisa Interdisciplinar em Artes da Cena (LAPIAC). Agradeço ao Observatório de Contação (UEFS) na pessoa de Marlete Novaes pela partilha generosa.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, na pessoa da professora Dra. Fernanda Pereira Cunha, por me apresentar o mundo da Arte/educação Intermediática e abrir meus olhos para as Artes da Cena. Gratidão à orientadora professora Dra. Valéria Maria Chaves de Figueiredo, companheira durante o percurso, abrindo espaço para a sensibilidade e a incerteza. Às professoras Luciene Souza e à Renata Junqueira por terem acolhido minhas dúvidas e iluminado a busca inicial. Grata à querida Elisa Lucas.

Aos colegas da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), especialmente Patrícia Nazário e Daniel Santos da Cruz, pelos divãs que proporcionamos uns aos outros para fortalecer nossa vontade e cumprir os objetivos nos estudos.

Às queridas amigas Daniela Rocha, Yasmin Lira e Lorrany Faustino, pela cama quentinha sempre que precisei. Gratidão à amiga Jacqueline Flávia Santos da Silva, grande companheira de viagem. Aos meus amigos artistas Ana Carolina Silva, Diogo Ramon e Luciano Luc pelas belíssimas trocas de apoio, afeto e aprendizagem. Às colegas de orientação Sarah Paiva, Joyse Amorim, Janice Ramos e Gabriela Leite, companheiras de orientação. Gratidão à Gilcéia Fontenele, Ana Selma Cunha, Sara Nina e Nay Brunio pelos ouvidos generosos aos meus apelos. Aos professores da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, em especial aos professores de 4º e 5º ano em 2020 e à Diretora Vera Muniz, por seu apoio incondicional.

Ao colaborador e colaboradoras da pesquisa de campo, com os quais tanto apreendi: Gilberto Alves-DF, Letícia Mourão-DF, Dayane Bezerra -PB, Águia Zarpelon-BA, Raquel Santos-GO, Juliana Thaís-SP, Sirlei Moraes-SC e Ana Selma Cunha-PA.

Diz a fogueira,
Acesa na alma do contador de histórias,
Que contar histórias é ritual de aprendizagem.
Que a história serve-se de nós,
De quem conta e de quem escuta,
E que não precisamos dar-lhe sentido algum,
Apenas caminhar ao seu lado e
Degustar da sua presença,
Enquanto nos aventuramos por seus labirintos.
Lenice Gomes, Giba Pedrosa e Fabiano Moraes. (2018)

RESUMO

Esse trabalho apresenta estudos e reflexões teórico/práticas ocorridas a partir da pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena - PPGAC sobre a contação de histórias na escola, com vistas a investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, enquanto proposição arte/educativa na cena, pode gerar aprendizagens e sentidos no desenvolvimento perceptivo de alunos do último ano do Ensino Fundamental I. Por meio da metáfora da professora-viajante, criamos narrativas buscando sintetizar a viagem/investigação. Outras questões surgiram no percurso: Como contar histórias? Que histórias contar? Professores são contadores de histórias? Quem é a Tia Cecília? A escolha da Pesquisa Educacional Baseada em Arte e a/r/tografia como abordagem metodológica trouxe o conceito de entrelugar artista/pesquisadora/professora, um lugar híbrido. Enquanto abordagem qualitativa, se apresenta como compromisso conceitual ligada aos *renderings*: contiguidade, metáfora e metonímia, Pesquisa Viva, comunidade de práticas, aberturas, excessos e reverberações. (DIAS e IRWIN, 2013). Pela condição adversa da pandemia da Covid-19, a viagem aconteceu pela *Internet*, inspirada pela poética da *Bagagem do Viajante* de José Saramago (1996), passando por grupos de contadores de histórias, produções de vídeo-contações ou cibernarrativas (BUSATTO, 2013). O percurso gerou vínculo com outros contadores de histórias para a pesquisa de campo, compondo uma comunidade de práticas (IRWIN, 2013). Dentre as narrativas surgiram memórias, percepções, buscas sobre a origem/pertencimento, para enfim realizar uma proposição arte/educativa virtual com um grupo de crianças pensando em trazer à tona experiências estéticas elaboradas com o protagonismo infantil. Nosso trabalho teórico se desenvolveu sobre referenciais como Benjamin (2018), Bedran (2012), Machado (1989; 2015), Dewey (2010), Dias e Irwin (2013), Desgranges (2018), Kramer (2006), Decico (2006) e outros. Realizamos oficinas de contação de histórias para compartilhar momentos de fruição com alunos de 9 a 11 anos de uma escola de tempo integral. Mesmo com a presença virtual, as crianças usufruíram de momentos cheios de imaginação, delicadeza e protagonismo até se sentirem confiantes para ler ou contar em público. A dissertação está dividida em atos, alusivos à poética da Cena. As reverberações desse trabalho arte/educativo em forma de viagem virtual foram sentidas fortemente na formação docente/artista/pesquisadora que em tempo oportuno passou a semear histórias escritas e contadas por onde foi possível passar. As aprendizagens se constituíram pensando na abordagem triangular: ler/apreciar, contextualizar e fazer a Arte. A a/r/tografia enquanto metodologia e análise vai tornando o caminho possível de ser pensado enquanto processo/percurso de constituição artística da professora-viajante, aprendiz de contadora de histórias em comunidade.

Palavras-chave: contação de histórias; a/r/tografia; proposição arte/educativa; artes da cena.

ABSTRACT

This paper presents studies and theoretical/practical reflections occurred from the master's research in the Graduate Program in Performing Arts - PPGAC about storytelling at school, with a view to investigate, using a/r/tography, how storytelling, as an art/educational proposition in the scene, can generate learning and senses in the perceptual development of students in the last year of elementary school. Through the metaphor of the traveling teacher, we created narratives trying to synthesize the trip/investigation. Other questions arose along the way: How to tell stories? What stories to tell? Are teachers storytellers? Who is Aunt Cecília? The choice of Art-Based Educational Research and a/r/tography as a methodological approach brought the concept of the in-between place artist/researcher/teacher, a hybrid place. As a qualitative approach, it presents itself as a conceptual commitment linked to the renderings: contiguity, metaphor and metonymy, Living Research, community of practice, openings, excesses and reverberations. (DIAS and IRWIN, 2013). By the adverse condition of the Covid-19 pandemic, the journey happened through the Internet, inspired by the poetics of José Saramago's *Traveler's Luggage* (1996), passing through groups of storytellers, video storytelling productions or cybernarratives (BUSATTO, 2013). The journey generated links with other storytellers for the field research, composing a community of practice (IRWIN, 2013). Among the narratives emerged memories, perceptions, searches about the origin / belonging, to finally make a virtual art/educational proposition with a group of children thinking about bringing up aesthetic experiences developed with the child protagonism. Our theoretical work was developed on references such as Benjamin (2018), Bedran (2012), Machado (1989; 2015), Dewey (2010), Dias and Irwin (2013), Desgranges (2018), Kramer (2006), Decico (2006) and others. We conducted storytelling workshops to share moments of fruition with 9- to 11-year-old students from a full-time school. Even with the virtual presence, the children enjoyed moments full of imagination, delicacy and protagonism until they felt confident to read or tell in public. The dissertation is divided in acts, allusive to the poetics of the Scene. The reverberations of this art/educational work in the form of a virtual trip were strongly felt in the teacher/artist/researcher formation that, in due time, started to sow written and told stories wherever it was possible to go. The learnings were constituted thinking about the triangular approach: reading/appreciating, contextualizing, and making Art. The a/r/tography as methodology and analysis will make the path possible to be thought as a process/path of artistic constitution of the traveling teacher, learning to be a storyteller in community.

Keywords: storytelling; a/r/tography; art/educational proposition; scene arts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 -	Caminhos de uma Pesquisa Baseada em Arte.....	25
Figura 2 -	Arte da Palavra, da Presença e do Encontro.....	26
Figura 3 -	Processos/pensamentos sob a sombra do pequizeiro.....	27
Figura 4 -	Desenhos motivadores de narrativas	107
Figura 5 -	Nuvem de palavras – O que sei sobre contação de histórias?	125
Figura 6-	Nuvem de palavras- O que quero saber sobre a contação de histórias?	127
Figura 7-	Estrutura das oficinas	128

TABELAS

Tabela 1 -	Demonstrativo de pesquisas ou trabalhos	44
Tabela 2-	Características dos contos tradicional e literário	55
Tabela 3 -	O que eu aprendi e senti na roda de histórias	129

QUADROS

Quadro 1 -	Estratégia oficina (laboratório, workshop)	40
------------	--	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGENS

Imagem 1 -	Cena: Vídeo-contação: O noivado de Dona Creuza	51
Imagem 2-	Contação de histórias Projeto Tia Cecília Conta.....	63
Imagem 3 -	Oficina de edição de vídeos para contadores de histórias.....	74
Imagem 4-	Quantas sou em performance?.....	79
Imagem 5-	Comunidade de práticas – os contadores de histórias colaboradores	92
Imagem 6-	Oficina com Tia Cecília e Raquel.....	97
Imagem 7-	Oficina com Tia Cecília e Ana Selma.....	98
Imagem 8-	Oficina com Tia Cecília e Águida.....	101
Imagem 9-	Oficina com Tia Cecília e Lelê.....	105
Imagem 10-	Oficina com Tia Cecília e Gil.....	110
Imagem 11-	Roda de histórias	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
COVID-19	Corona Virus Disease 2019
CNE	Conselho Nacional de Educação
SciELO	Scientific Eletronic Library Online
OMS	Organização Mundial de Saúde
PEBA	Pesquisa Educacional Baseada em Arte
UBC	Universidade da Columbia Britânica
UnB	Universidade de Brasília
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFG	Universidade Federal de Goiás
UEG	Universidade Estadual de Goiás
GEFOPI	Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
UNESP	Universidade Estadual Paulista
CELLIJ	Centro de Estudos Leitura e Literatura Infantil Juvenil Maria Betty Coelho Silva
FETEG	Federação do Teatro Goiano
SEMINAR	Seminário Internacional em Artes da Cena
UFPR	Universidade Federal do Paraná
SQA	Sei Quero Saber Aprenderi
LAPIAC	Laboratório de Pesquisa Interdisciplinar em Artes da Cena
UNESCO	Organização das Nações Unidas
TDAH	Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade

SUMÁRIO

VEM COMIGO, QUERO TE CONTAR A HISTÓRIA DA PROFESSORA-VIAJANTE	12
PRÓLOGO	15
PRIMEIRO ATO: A boneca de sal	28
1.1 – O MAPA PARA A VIAGEM: os caminhos da pesquisa em Arte	29
1.2 – A CENA COMO DESTINO: Uma jornada em busca de perguntas	41
1.3 – A BELEZA DO ENCONTRO: memórias de viagem	50
SEGUNDO ATO: O príncipe Eldani	57
2.1 – COMPANHEIRAS DE VIAGEM: a infância na bagagem da professora	59
2.2 – BUSCANDO POR CONTADORES DE HISTÓRIAS: um achado	63
2.3 – LUGAR PARA O REPOUSO: Arte e o fazer escolar	67
TERCEIRO ATO: O sonho das janelinhas	75
3.1 – ENSAIO PARA ENTRAR EM CENA: o lugar da contação	76
3.2 – A CENA COMPARTILHADA: comunidade de práticas	87
3.3 – Ô, DE CASA, POSSO ENTRAR? Pesquisa de campo mediada pela Internet.....	94
QUARTO ATO: O batizado	120
4.1 – ROTEIRO DE ANÁLISE: compromissos conceituais da pesquisa.....	122
4.2-RETOMANDO A QUESTÃO INICIAL: o que aprendemos?	123
4.3- OS <i>RENDERINGS</i> NA BAGAGEM: compromissos conceituais	131
FECHANDO AS CORTINAS: considerações líquidas	140
REFERÊNCIAS	143
APÊNDICES	150
Apêndice I – Planejamento das oficinas	150
Apêndice II – Formulário online para participação nas oficinas	160
Apêndice III – Avaliação inicial SQA: o que sei e o que quero aprender sobre a contação de histórias?	163
Apêndice IV – Avaliação SQA – Final – O que aprendi sobre a contação de histórias?	165
Apêndice V - Cartazes de divulgação das oficinas	167
Apêndice VI – Amostras do Diário de Campo da pesquisa	173
Apêndice VII – Termos de assentimento livre esclarecido (TALE) – crianças.....	174
Apêndice VIII – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)	215
Apêndice IX – Termos de Consentimento Livre Esclarecido – Contadores	242
ANEXOS	263

VEM COMIGO, QUERO TE CONTAR A HISTÓRIA DA PROFESSORA-VIAJANTE

Era uma vez, uma professora que não podia mais dar aulas porque havia estragado uma das pregas vocais. O melhor lugar para ela seria a biblioteca de uma escola, rodeada de livros e de crianças. Ela amava contar histórias e desenvolver atividades com Arte. Mas um dia, ela ficou pensando: “o que estou fazendo aqui? Por que gosto de contar histórias? Parece que eu sou tão maluca!”

Então, com a cabeça lotada de perguntas, que pareciam passarinhos bicando, ciscando e até fazendo cocô na sua cabeça, resolveu sair pelo mundo para descobrir o porquê de tantas dúvidas.

Iniciou uma longa jornada: a pé, a cavalo, de skate, de patinete... só na imaginação! Passou por muitos caminhos e a cada parada, contava para alguém sobre o vazio que sentia e as dúvidas que a fizeram viajar. No caminho, deu de cara com uma Trupe de artistas de novela, escritores, palhaços, um homem-árvore, bailarinas e muitos, muitos atores. Nossa, que visão maravilhosa! Parecia um oásis no deserto. Afinal, a professora da nossa história estava em uma busca. Buscava preencher sua vida com algo que faltava e tirar aquelas perguntas da cabeça, mas aquela trupe ainda não era o seu lugar... Ela permaneceu ali por um tempo, porém estava ansiosa demais para esperar o espetáculo iniciar.

Retomou a viagem e navegou, navegou em um barquinho de papel. Tirou da mala algo especial. Quando aportou, viu alguém pescando. Era uma linda e forte mulher de cabelos vermelhos. Usava um vestido de renda e colares de conchas. A professora desceu do barquinho e se dirigiu àquela mulher. Ela sentiu fome e perguntou para a moça bonita se ela poderia preparar um espetinho de camarão rosado para ela.

Enquanto conversavam sobre a comida gostosa, a moça disse a ela que no mundo tinha muitas pessoas como ela também, mas que precisaria esvaziar a mala. Usou uma forma engraçada de dizer “tu não joga água fora da bacia!” A professora ficou um tanto tristonha! Queria continuar com a sua mala e com todas as coisas legais que sempre levava nela.

Nesse momento, a vontade da professora era tanta... e descobriu que teria que continuar sua viagem em busca de achar gente que acreditava em histórias poderosas e “grilos” e passarinhos na cabeça. Mas, no dia em que ela ia recomeçar sua viagem, algo terrível aconteceu lá na China!

Depois desse fato, acabou ficando tão sozinha em casa e os pensamentos não largavam dela. E, durante uma chuva de raios, enquanto olhava o céu pensando em como encontrar as respostas e as pessoas como ela, viu um raio lindo que abriu uma porta virtual para o Ciberespaço.

Viu várias portas em um corredor imenso. Eram sites e aplicativos. O primeiro que enxergou foi o WhatsApp. Pulou em um link e escorregou para um grupo de contadores de histórias em formato de rede. Ficou um tempo ali caladinha. Adormeceu e acordou com uma ideia! Mandar uma mensagem para ver se realmente havia gente viva ali.

E perguntou: “Quem gostaria de contar uma história comigo?” E olha, quatro pessoas responderam. Eram professoras também perdidas no ciberespaço: uma brincava com uma madeira da floresta amazônica, a outra adorava comer pão de queijo, outra estava ali porque adorava pilotar uma nave no ciberespaço e a última, era doidinha, batia dois copos de iogurte enquanto cantava “que bom que você veio, agora!”

Se uniram em uma sala de bate-papo e uma falava mais do que a outra, mas enfim resolveram contar a história do “vestido azul”. Cada uma conta um pedacinho! Puxa! A professora-viajante se sentiu muito feliz, mas os “grilos” ainda cricrilavam. Pensou na sua mala. Como seria útil agora.

Criou coragem e pulou em um link que tinha um homem bonito... ele era contador de histórias. Tinha a pele morena e o cabelo cacheado, falava muito bem e isso acabou deixando a professorinha solta! Quis brincar de ser artista também. Gravou vídeos de histórias que as crianças gostavam e lembrou da sua avó que adorava forró: “tan, tan, tan, tan, tan, tan!”

Ali havia várias contadoras de histórias, algumas com a cabeça bem branquinha, mas inteligentes para fazer vídeos também. Então, depois que isso aconteceu, remexeu a vida daquela professora-viajante-artista.

Vejam, passou um caminhão no grupo! Sim, era o Caixola nos Ares. Uma Trupe de artistas talentosos que ensinava a ouvir histórias locais e a conhecer sobre a arte de contar histórias. A Dona Dri Rabeca ensinou muita coisa legal e o principal foi que a gente não pode esquecer as memórias da vida, as nossas experiências!

Depois de dormir e acordar, dormir, acordar muitas vezes, a professora-artista ouviu um som MP3 que dizia: “Salve, ô de casa, que eu sou de chegar! Salve, ô de casa, que eu sou de chegar!” e, aquela batucada tinha muitos seguidores. Era moça de cabelos vermelha que estava com uma companheira tocando e puxando aquele povaréu.

Contagiada, seguiu o grupo e ali conversou em roda, ciranda e ouviu muitas e muitas histórias. Não queria ir embora, até chorou... mas, sentia que algo estava para acontecer. Alguma coisa mexeu com seu coração de professora-artista. Na despedida, deu abraços virtuais em todos e ganhou de presente uma figurinha que tinha nela escrito: “Você é nossa! É gente das maravilhas!”

Com pressa, para não perder a reunião do grupo de contadores, guardou a figurinha em suas favoritas e ficou pensativa. Se preparou e vestiu a roupa mais divertida, amarelinha de sol porque ia reencontrar as suas crianças. Pediu ajuda para contadores que conheceu no mundo virtual e generosamente disseram: “Sim!”

Passaram a se reunir para ouvir histórias e conversar, até que ela teve uma ideia genial: “Que tal se as crianças também contassem histórias?” E, os pequenos amaram, iam também brincar de ser artistas contando histórias. Até ali estavam nervosos, com medo, mas a professora-artista os ajudou a confiar. Quem ficou com mais medo, ficou lendo, podia também e sabiam que contar e ler eram coisas e artes diferentes. Aconteceu um show! As crianças ficaram felizes demais! E suas famílias também, até pediram bis!

E a viagem? E os “grilos” e os vazios? Continuaram, porém, a professora-viajante fez descobertas importantes, e a maior foi que já era artista e que pertencia a uma trupe: a das gentes das maravilhas!

A viagem continua pelo Ciberespaço e os encontros acontecem como mágica, com um clique no link certo!

Por onde a professora-viajante passa deixa um pedacinho do seu coração. Uma mala jamais seria o suficiente para carregar tantas aprendizagens, pessoas e experiências fantásticas!

PRÓLOGO

Conto isto em períodos longos,
respirando profundamente,
para mergulhar no passado fugidio da infância,
onde as verdades se diluem e resplendem
como moedas de ouro deixadas entre limos...
José Saramago, 1996.

A dissertação de mestrado que apresento é fruto de um processo investigativo no campo da Arte para o biênio de 2019-2021 representado pela metáfora da professora-viajante. Nesse tempo, houve uma imersão em Arte para compreender o entrelugar artista/pesquisadora/professora por meio de uma Pesquisa Viva, em movimento, pautada na Pesquisa Educacional Baseada em Arte e na a/r/tográfica¹, metodologia desenvolvida na Faculdade de Educação na *University British Columbia*, em *Vancouver*, no Canadá. A maior motivação para a pesquisa foi a prática da contação de histórias na escola com o *Projeto Tia Cecília conta*.

O caleidoscópio da a/r/tografia compõe a Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) concebida em academias norte-americanas como metodologia, apoiada por artistas, arte-educadores e pesquisadores como Dias (*In DIAS e IRWIN, 2013, p.24*)

PEBA oferece ao pesquisador e educador uma variedade de métodos que permitem auxiliar os processos de questionamentos, de reflexão e fazer. A/r/tografia é uma prática de PEBA e uma pedagogia instituída na Faculdade de Educação da Universidade da Columbia Britânica, UBC, Canadá que traz uma abordagem tão dinâmica à pesquisa qualitativa que essas desafiam nossas noções naturalizadas e conservadoras de se fazer educação e pesquisa. Ao colocar a criatividade à frente do processo de ensino, pesquisa e aprendizagem, a a/r/tografia gera *insights* inovadores e inesperados ao incentivar novas maneiras de pensar, de engajar e de interpretar questões teóricas como um pesquisador, e práticas como um professor.

Diante do estudo teórico realizado, foram percebidas linguagens artísticas próprias da arte narrativa, o que exigiu novos olhares, buscas e diálogos para mapear o campo pela arte-educação na cena. O tempo sombrio de 2020 com a pandemia da COVID-19 afastou pessoas e modificou hábitos, muitas pessoas morreram no Brasil e pelo mundo a fora. A pesquisa precisou

1 A utilização das barras (/) nas ideias contidas no trabalho está ligada ao *rendering* compromisso de representação conceitual da contiguidade. São ideias que existem, são adjacentes uma ao lado da outra relacionando-se em continuidade. Do inglês *A/r/t – Artist/ researcher/teacher*. Refere-se também ao exercício da arte, grafia e representação simbólica.

de adequações para que acontecesse a experiência de campo planejada com o apoio de contadores de histórias e de um grupo de crianças da escola de tempo integral.

Teria sido uma pesquisa **normal** [grifo nosso] se não tivesse sido realizada em um contexto **anormal** [grifo nosso]. Jornais e sites por todo o mundo noticiaram mortes por um terrível vírus que atingia os pulmões e para o qual não havia remédio e nem vacina, chamado de Novo Corona Vírus ou COVID-19².

Por sua vez, o Conselho Nacional de Educação (CNE) - apresentou a portaria 5/2020, em 28 de abril de 2020 sobre a reorganização do calendário anual e cumprimento dos dias letivos, uma vez que as aulas presenciais foram suspensas³. A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomendou três ações básicas: isolamento e tratamento dos casos identificados, testes massivos e distanciamento social. Ficar longe uns dos outros, fechar escolas, evitar aglomerações para que as pessoas não adoecessem ao mesmo tempo e o sistema de saúde não entrasse em colapso. Esse fato gerou muita tensão para essa pesquisa e deu abertura para a sua realização em formato virtual. A tensão acerca de como realizar uma pesquisa de campo virtual gerou enfrentamentos singulares e a mudança do projeto inicial foi necessária. Buscamos uma abordagem metodológica que pudesse dialogar com o estudo, nesse sentido consideramos a problemática adequada para a Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) e a a/r/tografia.

A investigação a/r/tográfica contou com uma questão inicial: investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, enquanto proposição arte/educativa na cena, pode gerar aprendizagens e sentidos no desenvolvimento perceptivo de alunos do último ano do Ensino Fundamental I? Por meio da a/r/tografia buscamos “[...]abrir conversações e relações [...] compreensões de experiências através dos tempos.” (IRWIN e SPRINGGAY *In* DIAS e IRWIN, 2012, p. 148)

Embora essa pergunta tenha sido o ponto inicial de uma pesquisa acadêmica pela Arte, a percebi ampla, mas necessária para apontar a potencialidade dessa temática e suas vertentes: a contação, o que aprendemos, sentimos, em que ela nos desafia como artistas, entre outras nuances. Durante o caminho, daria lugar à artista sensível, agregadora e substancialmente flexível a ponto de refletir sobre esse modelo em sua atuação.

² O primeiro caso da doença aconteceu em Wuhan, China em dezembro de 2019 e tomou proporções internacionais em 30 de janeiro de 2020, deixando o mundo em alerta na saúde. As medidas relacionadas à educação foram tomadas pelo Ministério da Educação na Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, autorizando instituições a substituir o ensino presencial por disciplinas em meios digitais.

³ Parecer aprovado e publicado no Diário Oficial da União em 01/06/2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pec-g/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/90771-covid-19>. Acesso em: 18 de jul. 2020.

Assim, para entender e alcançar o objetivo traçado haveria de elencar autores, escolher um percurso metodológico e apresentar, por meio da experiência, como fora alcançado o enunciado **contar, encenar e (re)significar** [grifo nosso] histórias. Considerando o percurso e as aprendizagens no Mestrado em Artes da Cena resgatei memórias características da infância influenciada pela teatralidade contida na arte de contar histórias. A metáfora da viagem foi escolhida para a professora que passou a constituir-se artista durante o percurso.

A pesquisa daria abertura para outras questões formativas vislumbrando o ser/estar no mundo, do ponto de vista da a/r/tografia que, perseguindo o objetivo de responder a questão inicial, passaria a levantar cada vez mais perguntas advindas da ação-reflexão-ação, permeada por encontros, amorosidade, olhar e escuta sensíveis, recordando Paulo Freire (1996). As imagens e palavras materializadas pela Arte, capazes de transformações que o conhecimento pode apontar em si e no outro, se houver disponibilidade.

Era apenas uma professora que, readaptada há 07 anos, passou a atuar em um trabalho pedagógico com literatura na biblioteca de uma escola de tempo integral na cidade de Luziânia. Todo professor conta histórias! Isso parece corriqueiro, um excelente ponto de partida para a a/r/tografia. Contar histórias na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental faz parte das atividades permanentes em roda ou deleite da maioria dos professores pelo potencial que as histórias possuem na ampliação da linguagem e no incentivo da leitura. Mas, inquietações surgiram sobre o fazer, o que movimentou pensamentos e atitudes para perceber que as histórias não são apenas um recurso didático, uma ferramenta de ensino, mas são chaves que abrem portas no subjetivo de cada ouvinte disposto a deixar-se contagiar por elas.

A atuação como professora e contadora de história no espaço escolar vem transformando e afetando a reflexão sobre a atividade artística e incitando a busca de pistas para atuar. Esse tempo de transformação pelas Artes da Cena enquanto artista tem gerado uma renovação na formação docente, cuja prática está sempre associada ao currículo e a uma intencionalidade rigorosa. A intenção de ensinar está sempre presente na atuação docente, nem sempre o fruir e a experiência são intencionais. As histórias estão sempre ligadas a um conteúdo curricular, um fazer pronto e acabado, a escola aparece como lugar de respostas prontas.

Durante a trajetória, em breves momentos de pausa e descanso, criava histórias para alcançar a visualidade dos conceitos que a a/r/tografia requer e possibilita, entendendo também que ser artista é dar vazão à aberturas e reverberações. As inspirações de histórias autorais acompanham o texto abrindo cada etapa da viagem e em alguns momentos imagens representativas que falam por si mesmas, pois “[...] as histórias podem contar-se com palavras, com escrita, com performance, com imagens.” (EÇA *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 75) Lembrei

do tempo de criança e me dei ao direito de desenhar, são imagens de processos internos que se construíram ao longo da jornada de pesquisa compondo as reflexões. Coloquei na bagagem versos e canções que não me permitem esquecer da importância de ter voz, pois meus primeiros passos nas Artes foram pela música e essa chama viva aquece todos os inícios de histórias.

Assim, autores importantes contribuíram para a composição deste trabalho e de metáforas como a da professora-personagem criada por Cristina Decico⁴. Foi a partir do contato com a dissertação de mestrado dessa artista-pesquisadora que percebi que havia em mim traços de uma artista-educadora, uma contadora de histórias vestida de uma personagem: a Tia Cecília.

A Tia Cecília é a personificação da professora encantadora⁵ que não está ali para ensinar conteúdos, mas, ensinar a suspirar. É uma mediadora de leitura “[...] a figura da professora que incorpora, em sala de aula, os personagens das histórias infantis nos momentos de leitura.” (DECICO, 2006, p. 23) O jogo do faz-de-conta se manifestou na escolha da personagem marcante pelo jeito de falar e se vestir. A utilização do termo *tia* não tem intenção de reduzir o papel político nem tão pouco reduzi-la ao grau de parentesco, mas é um costume das crianças, podem chamar de profe, pró, prô, tia... e depois de 20 anos trabalhando com a educação de crianças, penso que é uma forma carinhosa de se dirigirem. O trecho abaixo apresenta um pouco do histórico do projeto Tia Cecília conta em 2018:

A partir da revitalização da biblioteca da escola, ação sugerida pela gestão escolar, houve também a oportunidade de realizar usando diversas técnicas, momentos de contação de histórias folclóricas e outros contos. Sabendo da importância do letramento literário postulado por Rildo Cosson em seus estudos e de outros autores como Souza e Feba (2011) sobre leitura literária na escola, Coelho (2000) sobre literatura infantil em suas discussões, incentivamos a leitura na escola. Sabe-se que a leitura é um eixo da Língua Portuguesa que necessita ser estimulado de forma intencional. A literatura infantil traz em seu bojo a oportunidade de contato com textos e diversos gêneros contidos nos livros e promove a utilização do imaginário infantil por meio de um rico repertório de imagens e linguagens. Mesmo em tempos de Internet, games e aplicativos, não há criança que resista à magia das boas histórias. Sendo a aprendizagem de leitura, assim como da produção de textos escritos um direito de toda criança a escola procura reforçar essas aprendizagens por meio do imaginário misturando realidade e fantasia em momentos especiais de contação usando música, parlendas, vestuário e adereços que sejam motivadores da imaginação das crianças de 1º ao 5º ano. (AMORIM, 2018, p. 04)

Em busca de imagens e símbolos, enquanto lia a obra de José Saramago *A bagagem do viajante* (SARAMAGO, 1996), pensava sobre uma representação metafórica que condensaria as tensões e dificuldades de um processo investigativo pautado na Arte e comprometido com a

⁴ Dissertação de mestrado defendida na Universidade de Campinas, na Faculdade de Educação, em 2006, intitulada *O encanto do encontro: O jogo do faz-de-conta nas relações de ensino*. A partir da experiência como *professora-personagem* Decico (re) significa práticas educativas pela Arte na escola.

⁵ História poética escrita por Márcio Vassalo.

Educação. A inspiração do autor em escrever crônicas e reuni-las em uma obra que remonta as releituras da vida, suas lembranças da infância, com ironia, humor e leveza apontaram a escolha da metáfora **professora-viajante** [grifo nosso] para o presente investigativo de uma pedagoga, que se aventurou a fazer mestrado em outra cidade e passou por experiências singulares para se perceber artista. E, nesse tempo de buscas, apresentamos a Pesquisa Viva, aberta e pronta a correr o mundo.

Desfrutei de disciplinas na Universidade. Elas tiveram o papel de fomentar a busca por mais referenciais e ali, sobre a contação de histórias, nas narrativas gregas, os contadores de histórias e encantadores de palavras faladas, eram inspirados pela deusa da memória, a Mnemosyne e Homero, considerado o mais célebre dos Aedos⁶. No percurso das disciplinas até pensei que a metodologia poderia basear-se na pesquisa-ação, mas não foi como planejado. Em Performances Arte/educativas encontrei subsídios para atuar como arte-educadora também pelas redes sociais e pela *Internet* conhecendo trabalhos e percursos de outros contadores de histórias. Muito marcante a disciplina de Educação Somática e Dramaturgia do Corpo Cênico, na qual pude experimentar a vivência corporal e dramatúrgica conhecendo Stanislavski, Merleau-Ponty entre outros. Mas, ao longo da jornada outras portas formativas se abriram pelas redes sociais para entender melhor a contação como objeto de estudo motivador de muitas buscas.

Durante a pesquisa, recordava a prática na biblioteca e os momentos desfrutados com as crianças presencialmente. A Arte aparece não como pano de fundo, mas como necessidade de envolvimento de práticas e abordagens que fomentam as subjetividades por meio das histórias. Nesse sentido, o percurso trilhado sob a Pesquisa Educacional Baseada em Arte, explica que a prática é condutora da pesquisa e esta produz conhecimento por meio das experiências estéticas.

Universidade a fora, trilhei uma busca frenética para compor um mover harmônico entre teoria e prática, buscando gente que pudesse me ajudar a entender mais sobre a contação e seus aspectos educativos. Assim, encontrei contadores de histórias pelas redes sociais se organizando para enfrentar o desafio da tecnologia digital e as produções de vídeo-contações e *lives* eminentes.

A contação de histórias passou de Arte da Presença para a Arte do Encontro quando fui acolhida foi no grupo de *WhatsApp Rede Brasil Histórias de Todos os Cantos*, em março de

Homero (850 a. C.) foi um poeta épico da Grécia Antiga, autor das obras-primas "Ilíada" e "Odisseia", que narram as aventuras dos heróis gregos da guerra de Troia, e que tiveram grande influência na literatura ocidental Disponível em: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com/2011/06/aedos-os-antigos-poetas.html> Acesso em: 16 de out. 2019.

2020. Depois disso me deixei levar para outros palcos. Participei da oficina *#ocupafeteg*⁷, oferecida pela Federação de Teatro Goiano, ministrada *online* pelo grupo *Teatro Destinatário* de Goiânia; ali produzi as primeiras performances como cibercontadora. Encontrei pelo caminho um caminhão, o Caixola nos Ares⁸ e uma trupe que ministrava oficinas *online* semanais em parceria com o Ministério do Turismo. Tive o privilégio de participar do Projeto de Extensão da Universidade Estadual de Feira de Santana na Bahia (UEFS) intitulado *Formação de narradores orais: conta comigo!* entre setembro e novembro de 2020.

Como cabe estudar teoria, embarquei na companhia teórico-poética de Regina Machado (1998, 2015), Gislayne Matos (2009, 2014), Bia Bedran (2012), Betty Coelho Silva (1989), Cléo Busatto (2006, 2012), Gilka Girardello (2006, 2014) e Walter Benjamin (1982, 1984, 2018) entre outros, para conhecer mais sobre a arte de contar histórias e suas interfaces poética, estética e performática e o sujeito contador de histórias, ser atemporal, uma vez que somos contadores de histórias por natureza.

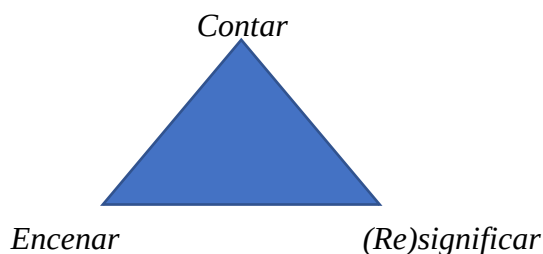
Diante do desafio de escrever considerando os compromissos com as práticas estéticas e educacionais da investigação à qual desbravamos, sob as alças da pesquisa qualitativa, abracei atributos e conceitos da PEBA e a *a/r/tografia* cuja perspectiva literária e performática de um registro narrativo não hegemônico, considera a experiência docente e a prática artística como a própria pesquisa em processo e suas interrogações. A principal referência no Brasil é a coletânea de artigos organizados por Rita Irwin da Universidade da Columbia Britânica (UBC) e Belidson Dias, pesquisador da Universidade de Brasília (UnB), que apresenta conceitos fundamentais que abraçamos quanto à escrita lançando mão de imagens, desenhos e representações metafóricas com o reconhecimento de pesquisa em Arte como compromisso de ser/estar no mundo. Assim, consideramos as contribuições de Irwin (2013) sobre Arte, pesquisa e ensino, apresentando conceitos norteadores de Arte, pesquisa e ensino:

Arte é a reorganização visual da experiência que torna complexo o que é aparentemente simples e simplifica o que é aparentemente complexo. Pesquisa é o que o significado expandido revelado por contínuas interpretações de complexos relacionamentos que são continuamente criados, recriados e transformados. Ensino é um saber performativo realizado em relacionamentos significativos com os estudantes. (IRWIN *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 129)

⁷ As oficinas foram realizadas de forma assíncrona e síncrona e registradas no YouTube da Federação do Teatro de Goiás. Disponíveis em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL7HmSp1EovWK4QxOciHS8BI_rINCIwIdj. Acesso em: 04 maio 2020.

⁸ O projeto Caixola nos Ares aconteceu em formato virtual em 2020. Itinerância virtual com histórias inéditas em formato de Podcast, oficinas por videoconferência e apresentações em vídeo de artistas de cada cidade. Disponível em: <https://caixoladehistorias.com.br/>. Acesso em: 03 jul. 2020.

Outra referência importante é a tese de doutorado desenvolvida por Scheila Mara Maçaneiro (2013), a primeira no Brasil a ligar a dança com a a/r/tografia que até então era mais desenvolvida no campo das Artes Visuais. O (re)significar faz parte da tríade que compõe o enunciado da nossa pesquisa: contar, encenar e (re)significar. Parei para refletir sobre esses termos e percebendo que há neles complementaridades, compromissos e aberturas.



Encontrei dentre as leituras que fiz muitas tríades e sempre recordando que a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa **ler, fazer e apreciar** [grifo nosso] a Arte como “[...] área de reflexão e prática educativa” nas palavras de Regina Machado (2017, p. 337)

Quero olhar para a Abordagem Triangular à luz dos três eixos que a compõe: em cada vértice do triângulo um conjunto de ações que circunscrevem modos diversos e complementares de aproximação da arte em suas múltiplas possibilidades de conhecimento. [...] cada eixo tem características próprias, mas só existe na complementaridade que se configura na experiência da aprendizagem de cada sujeito situado precisamente no ponto central de cada triângulo.

A ideia de (re)significar a prática docente como contadora de histórias na escola, passou pelos *renderings*⁹ ou compromissos conceituais que a a/r/tografia propõe: contiguidade, metáforas e metonímias, reverberações, aberturas, excessos, *Inquiry-Laden* ou Pesquisa Viva “[...] uma forma poética conceitual de dizer que a investigação permeia todo o processo, ela transpira, é viva.” (DIAS *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 15). Outro conceito da a/r/tografia é a comunidade de práticas. Ela atravessa especialmente os momentos formativos pelos quais passei e também surge no encontro e fortalecimento da arte de contar histórias durante a pesquisa de campo, a qual não acontece de maneira solitária, mas sob a reflexão desse viés de troca de conhecimento e encontro com outros artistas.

Acredito que a partir do olhar da Arte em justaposição à narrativa proposta poderá suscitar a formação de imagens durante a leitura; estas procuram trazer uma paisagem

⁹ Compromissos de pesquisa, representações, práticas conceituais, espaço ativo para participação, ênfase sobre o processo e seus aspectos relacionais que ajudam os a/r/tógrafos a retratar as condições de seu trabalho a outros.

imaginativa durante a trajetória de estudos, composta por pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo apoiadas por escolhas auto formativas fazendo das histórias a Arte do Encontro.

A pesquisa de campo como proposição arte/educativa se apresenta em uma experimentação remota com um grupo de alunos de 4º e 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin. A realização de oficinas de contação de histórias atravessou um grave período de mudanças educacionais. O contexto de crise sanitária chegou ao Brasil em março de 2020 e a pesquisa pode ser realizada somente sem contato físico, apenas pela sala de aula virtual. Desta forma, o trabalho acompanhou as mudanças tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UFG em 27 de fevereiro de 2020, com emenda para executar a pesquisa de campo em novembro de 2020 (pareceres em anexo) em formato remoto acompanhando as mudanças e necessidades de proteção sanitária.

O ensino emergencial remoto no Ensino Fundamental estava em experimentação em Luziânia desde de 19 de maio de 2020, quando o retorno das aulas por meios digitais foi estabelecido no município. Essa realidade movimentou a educação exigindo uma rápida adaptação dos docentes para o uso de ferramentas digitais, plataformas ou salas virtuais, atividades em formato de vídeo e áudio que chegassem ao aluno em todas as etapas da educação. Para democratizar o acesso ao material nas aulas, elaborado pela Secretaria Municipal de Educação e mediados pelo professor, foram formados grupos no aplicativo *WhatsApp*, o qual passou a ser usado para toda a comunicação entre alunos e professores. Para todos foi uma dura novidade, pois tiveram que assumir a frente do processo de ensino em casa a partir das orientações dos professores, entre outras mudanças.

Muitas crianças não tinham acesso aos meios tecnológicos para acessar as aulas. Infelizmente muitos ficaram prejudicados pelo formato remoto por não terem *smartphone* e *Internet* suficientes. O ensino remoto ressaltou ainda mais a desigualdade social na escola pública. As crianças que não podiam participar dos grupos *online* recebiam na escola um bloco de atividades impressas que necessitavam de intervenção, muitas vezes impossível para os responsáveis pelo aluno.

As seções da dissertação se organizam a partir da história de uma professora-viajante, um chamado ao leitor por meio de uma narrativa ficcional inspirada pelo percurso formativo, seguida do prólogo e quatro atos até o fechar das cortinas. O prólogo é lugar de apresentar pontos de partida, são memórias escolhidas para devanear sobre o que pensamos e questionamos, envolvendo passado e presente na narrativa.

No primeiro ato, apresento os caminhos da Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) e a a/r/tografia, enquanto permitem a construção da Pesquisa Viva, relacional,

processual, pela prática artística e se abrem ainda, para metodologias auxiliares. Os *renderings*, ou conceitos que a compõe, vislumbram subsidiar a liberdade do artista-professor-pesquisador possibilitando uma análise pautada em compromissos de ser/estar no mundo em conexão com a contação de histórias.

No segundo ato, busco memórias de uma infância que acompanhou a professora-viajante. A infância como tempo oportuno, compartilhada na construção das imagens e da imaginação da criança, recebe as histórias como alento, carinho e espaço para o desenvolvimento, pois são reforço positivo para a subjetividade, a inventividade e a percepção crítica da realidade.

No terceiro ato, apresentamos concepções relacionadas aos aspectos da teatralidade e a transformação da pesquisa, que seria presencial e se tornou totalmente virtual. A empiria foi realizada considerando reverberações dos encontros e afetos que as Redes de Contadores possibilitaram. Relatamos o desenvolvimento da proposição arte/educativa no formato de oficinas *online* com alunos de 4º e 5º ano de uma escola pública de tempo integral. Recorremos às intermídias, ou seja, “meios de comunicação interligados, interconexões entre mídias” (CUNHA, 2012, p. 24) pelo *WhatsApp* e *Google Meet*. No espaço da oficina ouvimos, aprendemos e foram realizadas performances de contação para as crianças e por elas.

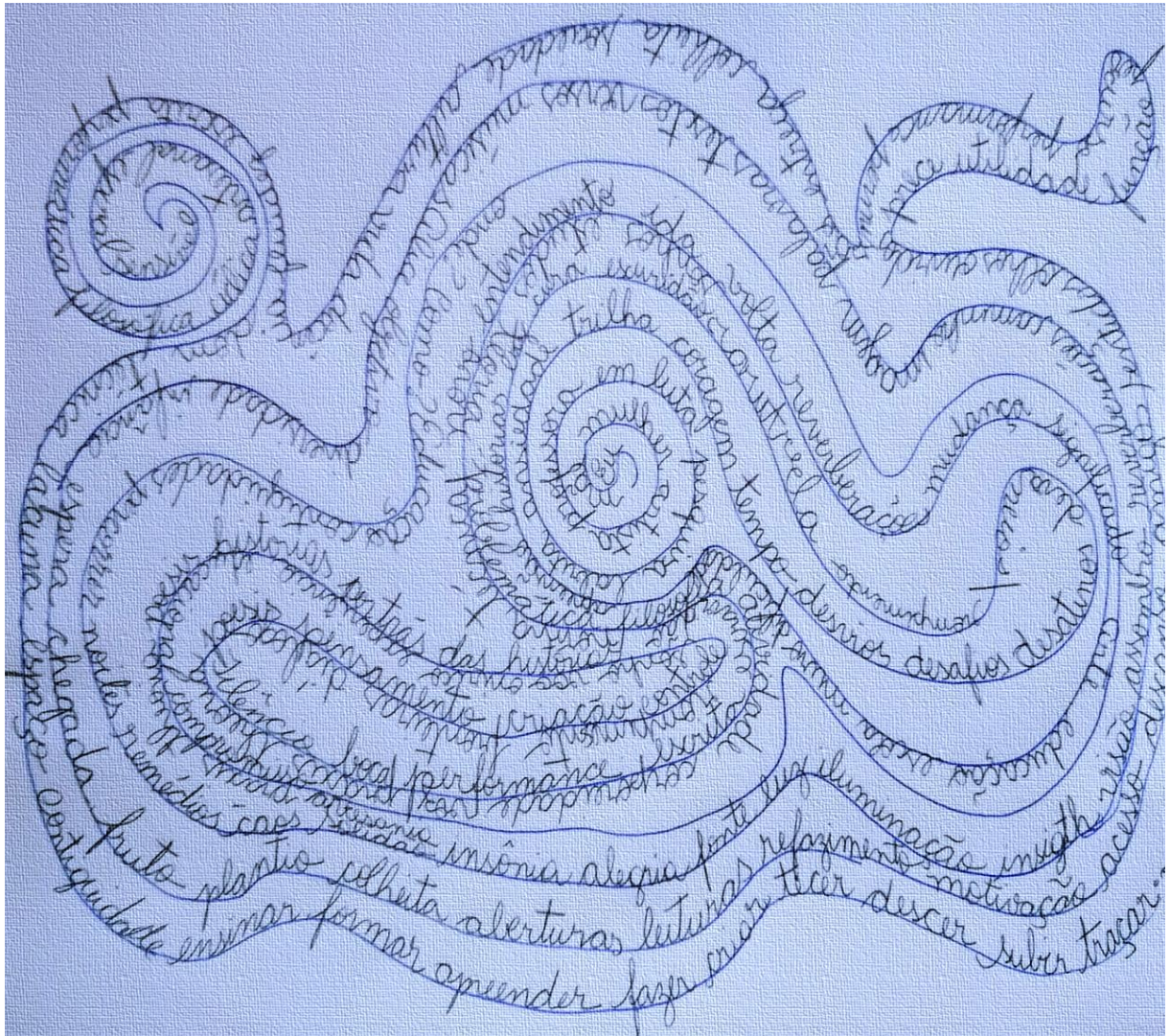
Buscamos uma prática de ensino/aprendizagem e-arte/educativa que possibilitasse aos alunos experimentar ações significativas para a construção de pensamentos críticos/autônomos, oriundos da criticidade acerca de uma situação. [...] Objetiva-se que estas vivências sejam estimuladas por meio de ações artísticas instigantes as quais seriam subsidiadas por três atividades intermediáticas concomitantes (e-informação; e-decodificação; e-produção) realizadas nos meios de comunicação interligados. (CUNHA, 2012, p. 23)

O quarto ato reúne reflexões a partir da abordagem triangular e dos compromissos conceituais adotados para essa investigação. Com liberdade e responsabilidade ancoramos em motivos para dar continuidade à pesquisa por sua vivacidade, mas, pretendemos encantar o leitor ao se perceber como viajante capaz de contar sua própria história motivado a ser/estar no mundo em transformação.

O fechar das cortinas apresenta considerações sobre as aprendizagens e a dinâmica adotada reafirmando que é necessário incluir a Arte no fazer pedagógico por meio das histórias contadas e encenadas. A Pesquisa Viva nos remete à singularidade contextual da experiência formativa e nos leva a perceber que a investigação continua, com novas questões, rompimento de barreiras por meio de experimentações e práticas em comunidade. Esperamos que seja uma leitura enriquecedora! Certamente, em alguns momentos cabem retornos ao passado e

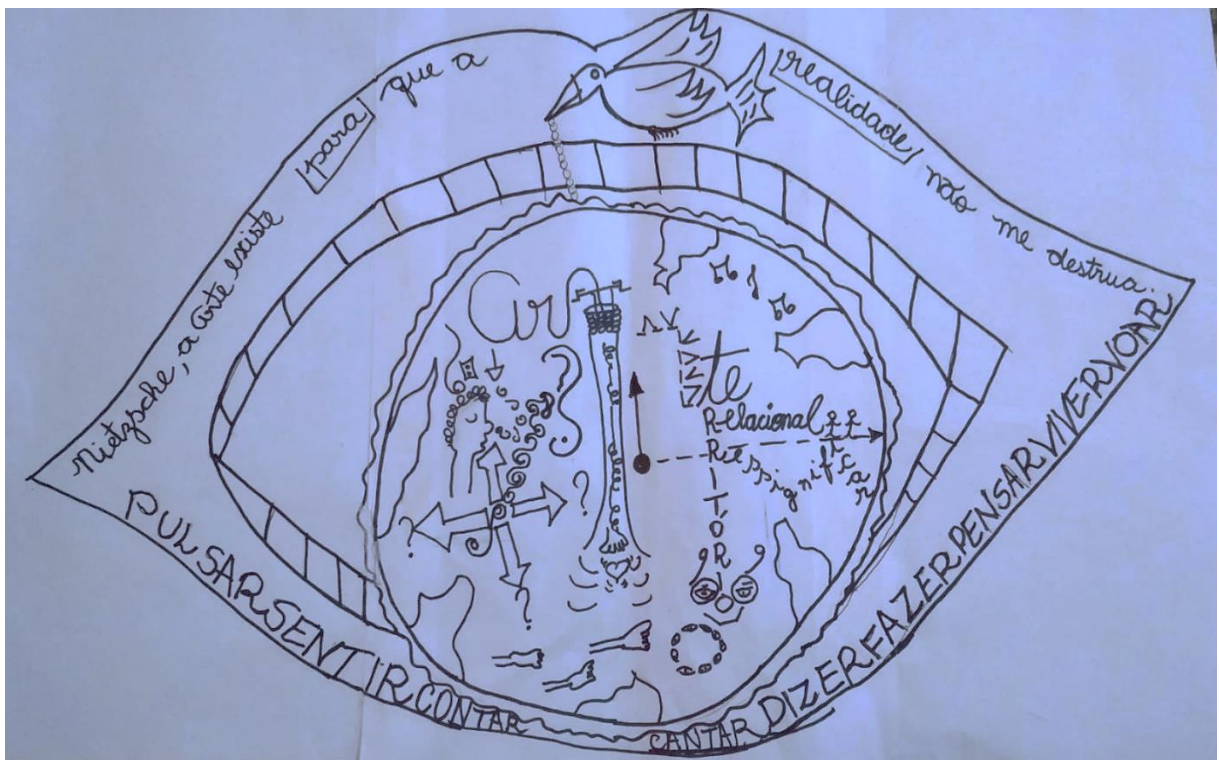
devaneios próprios de uma “viagem onírica”, o sonho é a viagem. (BACHELARD, 2001). Caminhos de uma pesquisa acerca da Arte da Palavra, da Presença e do Encontro e seus processos em forma de narrativa.

Figura 1: Caminhos de uma Pesquisa Educacional Baseada em Arte.



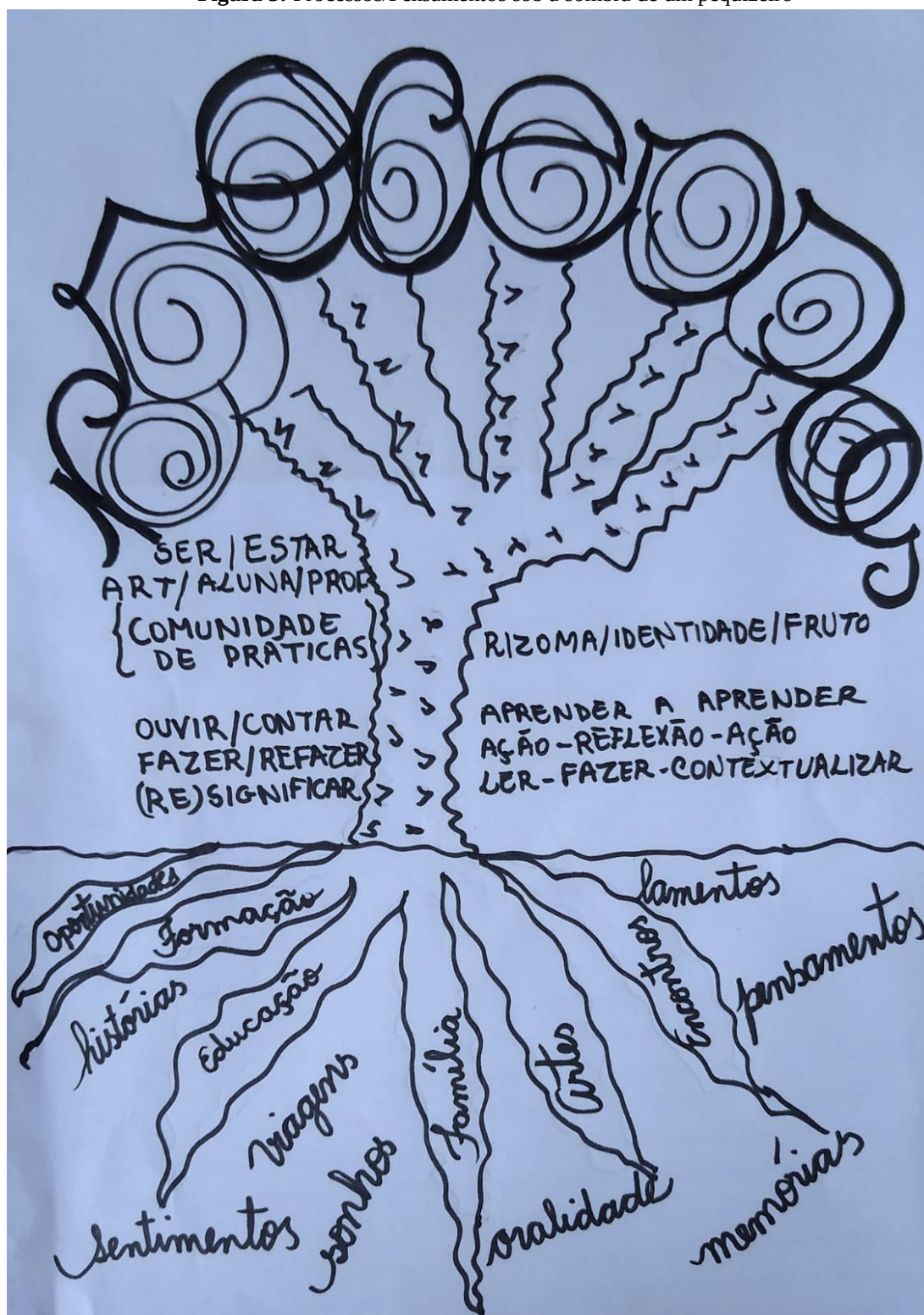
Fonte: Própria autora, 2021.

Figura 2: Arte da Palavra, da Presença e do Encontro.



Fonte: Própria autora, 2021.

Figura 3: Processos/Pensamentos sob a sombra de um pequizeiro



Fonte: Própria autora, 2021.

PRIMEIRO ATO: A boneca de sal¹⁰

Era uma vez uma boneca de sal. Após peregrinar por terras áridas, descobriu o mar e não conseguiu compreendê-lo. Perguntou ao mar: “Quem é você?”

E o mar respondeu:

-Sou o mar.

-Mas o que é o mar?

E o mar respondeu: - O mar sou eu.

-Não entendo - disse a boneca de sal - mas gostaria muito de entender. Como faço?

O mar respondeu:

-Encoste em mim.

Então, a boneca de sal timidamente encostou no mar com as pontas dos dedos do pé. Sentiu que começava a entender, mas também sentiu que acabara de perder o pé, dissolvido na água.

- Mar, o que você fez?

E o mar respondeu:

-Eu te dei um pouco de entendimento e você me deu um pouco de você. Para entender tudo, é necessário dar tudo.

Ansiosa pelo conhecimento, mas também com medo, a boneca de sal começou a entrar no mar. Quanto mais entrava e quanto mais se dissolvia, mais compreendia a enormidade do mar e da natureza, mas ainda faltava alguma coisa:

-Afinal, o que é o mar?

Então, foi coberta por uma onda. Em seu último momento de consciência individual, antes de diluir-se completamente na água, a boneca ainda conseguiu dizer:

- O mar... o mar sou eu! O mundo das histórias sou eu! A Arte sou eu!

¹⁰ Uma fábula de Leonardo Boff com adaptações da autora.

1.1 – O MAPA PARA A VIAGEM: os caminhos da pesquisa em Arte

Você não sabe o quanto eu caminhei
 pra chegar até aqui
 Percorri milhas e milhas antes de dormir
 Eu nem cochilei
 Os mais belos montes escalei
 Nas noites escuras de frio, chorei
 Cidade Negra.

Histórias formam imagens. O mapa e o trabalho que pretendo apresentar resume-se nas imagens do Processo, da Arte e dos caminhos pela abordagem a/r/tográfica. “Tratar essas imagens como evidência exige toda a nossa perícia em educação, artes e pesquisa analisando-as como discursos que transmitem experiências e sentimentos e que refletem também as nossas experiências e sentimentos.” (EÇA *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 78) As imagens foram produzidas em espaços-tempos diferentes, mas sinalizam, a ousadia de dizer o que senti no processo de estudo e pesquisa. Encontros, desvios, perguntas são parte do processo, a metáfora da boneca de sal corresponde à imersão nele. Sigo com a narrativa...

Bom prazer é este de estar sentado à sombra da árvore inventada, neste cubo imenso, neste infinito deserto, a escrever com tinta de longe – a quem? Para lá do risco que separa as areias e o céu, tão longe que sentado não as vejo, andam as pessoas que vão ler as palavras que escrevo, que as vão desprezar ou entender, que as guardarão na memória pelo tempo que a memória consentir e que depois as esquecerão, como se fossem apenas o boquejar sufocado de um peixe fora de água. (SARAMAGO, 1996, p. 118)

O encontro com a Pesquisa Educacional Baseada em Arte e a a/r/tografia para esta investigação passa pela necessidade de auto formação da pesquisadora em Arte no contexto da Cena. Inicialmente, como docente, contava histórias na biblioteca e passando a romper os muros e fronteiras da escola levando a contação para outras unidades escolares e espaços culturais. Passava, então, por uma espécie de metamorfose que carecia do entendimento teórico intencional que traria a consciência crítica no lugar da ingenuidade. (FREIRE, 1996) A constituição de uma artista- pesquisadora-professora se encontrou no caminho com as concepções da abordagem qualitativa e os compromissos e conceitos da Pesquisa Educacional Baseada em Arte e a/r/tografia.

A a/r/tografia é uma metodologia de pesquisa derivada da “investigação baseada nas artes”, igualmente de perspectiva narrativa que parte do acrônimo a/r/t “a” de artist, “r” de researcher e “t” de teacher (em língua portuguesa, respectivamente, artista, investigador e professor). Já o termo graphy, na sua etimologia grega (γράφειν =

graphein), significa “escrever, representar graficamente”. A a/r/tografia seria, então, um tipo de pesquisa realizada/produzida por um pesquisador que exerce também função de professor e artista concomitantemente. (OLIVEIRA e CHARRÉU, 2016, p. 375)

Trabalhar com a perspectiva da arte/educação na atuação como professora percebendo a necessidade de ampliar horizontes teóricos, poéticos e performáticos na contação, despertou para a necessidade da compreensão das potencialidades das histórias na percepção cognitiva crítica das crianças, especialmente no contexto da atualidade que já coaduna mundo real e virtual. Enquanto **Pesquisa Viva** [grifo nosso] e movente, coloca-se em um emaranhado partindo de um problema de pesquisa com a intenção de influenciar assuntos educacionais pela Arte, admitindo que “[...] esses problemas evolverão durante o desenvolvimento do projeto.” (IRWIN *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 29) Na poética do “vir-a-ser” (DUARTE JR., 1991, p. 17) de artista, a docência e seu inacabamento configuram como problemáticas relacionadas às questões próprias da necessidade de imersão teórica, participação em grupos e da experiência prática com as oficinas com vistas à aprendizagem pela Arte/educação. “Sem a curiosidade que me move e me inquieta, que me insere na busca, não aprendo e nem ensino.” (FREIRE, 1996, p. 95)

Não se fala muito sobre contar histórias na escola de Ensino Fundamental, ainda mais nos anos finais. Reforço aqui minha indignação como **professora na biblioteca** [grifo nosso], pois, não se podem deixar as histórias apenas a cargo da Educação Infantil e no Ensino Fundamental, tempo no qual as crianças podem ser motivadas pela Arte e realizações que irão desenvolver talentos para o palco, apenas usá-las como ponto de partida para os conteúdos curriculares, sem fruição, ou mesmo por mérito diante de bom comportamento. Machado (2015, p. 15), percebe a preferência por textos de autores na escola, afirmando que:

[...] no tratamento de conteúdos escolares, os textos de autores são considerados com ‘literários’ e vistos como mais importantes que os contos de tradição oral, rotulados de ‘populares’ ou ‘inferiores’. A imensa do universo brasileiro da oralidade ocupa na escola um espaço reduzido, quase sempre reservado aos primeiros anos da infância. E mais ainda, quando se pensa o ensino e a aprendizagem da arte nas escolas, costuma-se incluir as artes visuais, o teatro, a música e a dança. A ‘literatura’ é sempre uma ‘gaveta’ à parte. (MACHADO, 2015, p. 15)

O processo de aprendizagem ampliado pela a/r/tografia fomenta a consciência do inacabamento como docente (FREIRE, 1996), na importante constituição enquanto artista e na curiosidade de pesquisadora adotando uma abordagem complexa para apresentar a investigação/pesquisa em forma de contação de história nas páginas dessa dissertação

considerando um rizoma que envolve a contação de histórias, tornando possível estabelecer conexões entre as performances da Tia Cecília como aprendizagem e formação, o encontro com outros artistas para pertencer a esse universo como contadora, passando a dividir essas aprendizagens com as crianças e com outros professores.

A/r/tografia é uma metodologia de pesquisa que se enreda e funciona como um rizoma, como referido por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1987) Um rizoma é uma montagem que se move e desliza em um momentum dinâmico. O rizoma opera por variação, perversa mutação e por fluxo de intensidades que penetram o sentido [...] construído sobre o conceito de rizoma a a/r/tografia transforma radicalmente a ideia de teoria como um sistema abstrato distinto e separado da prática. (IRWIN e SPRINGGAY In DIAS e IRWIN, 2013, p. 139)

Quando Hernández (*In DIAS e IRWIN, 2013*) apresenta a pesquisa como narrativa, faz importantes considerações sobre as visualidades, a incerteza e as indagações que podemos levantar durante a investigação; apresenta uma contribuição reflexiva para a PEBA e como ela se encaixa na escola como metodologia de Pesquisa Viva, visto que o ambiente escolar é composto de uma dinâmica fluida com atividades e modificações. Como características da pesquisa em Arte, aponta que esta utiliza elementos artísticos e estéticos (HERNANDÉZ *In DIAS e IRWIN, 2013*); o caráter performativo nas contações revela uma aproximação com essa característica. Outra característica dessa modalidade investigativa é a liberdade que oferece de buscar outras formas de olhar e representar a experiência, uma vez que:

[...] não persegue a certeza, mas a ampliação de perspectivas, a sinalização de matizes e lugares não explorados. Por esse motivo não busca oferecer explicações sólidas nem realizar predições ‘confiáveis’, mas espera outras maneiras de ver os fenômenos aos que se dirige o interesse do estudo. (HERNANDÉZ In DIAS e IRWIN, 2013, p. 45)

Ao pensar sobre a escola e a educação formal, cabe trazer para nossa discussão a concepção de Canário (2006) que diante da crise da escola e suas incertezas, afirma que para mudar a estabilidade dessa instituição é necessário pensar em como favorecer o aprender, como se relacionar com o saber, entender a natureza e a vivência do trabalho escolar. Esse autor sugere que “[...] a escola possa transformar-se em uma comunidade de artistas.” (CANÁRIO, 2006, p. 24) A partir desse pensamento e a relacionalidade que a arte/educação condensa “[...] pode-se dizer que aprendemos a partir de atividades de auto formação (nós), com atividades de heteroformação (outros) e atividades de ecoformação (o contexto).” (CANÁRIO, 2006, p. 29)

Ao conhecer a abordagem da Pesquisa Educacional Baseada em Arte e a a/r/tografia, entendemos que se coaduna com a proposta metodológica desta pesquisa, pois traz em seu bojo

a oportunidade de partir da experiência com problematizações que percebem o processo mais que os resultados. Concordamos que essa investigação no campo da Arte está pautada no seu exercício e na auto formação para posteriormente fomentar o aprender de outros, tendo a prática como fonte de experiência.

Pauta-se no vivido, no percebido e na transformação que a narrativa pode evidenciar pela reflexão, pois “[...] narrativas são construídas na experiência como atos de formação e transformação de episódios que elaborados, produzem diversas temporalidades, novas significações e outras histórias de vida.” (SOUZA; MARTINS; TOURINHO, 2015, p. 17)

A subjetividade e as inúmeras possibilidades, reações, tensões e realizações se forem pensadas no campo da pesquisa narrativa sairão do lugar da simples descrição do que e como a contação aconteceu, possibilitando um olhar mais sensível.

[...]o trabalho dos a/r/tógrafos é reflexivo, recursivo, refletivo e responsável. Reflexivo ao pensar e rever o que aconteceu antes e o que pode advir; recursivo ao possibilitar que suas práticas espiralem por meio de uma evolução de ideias; refletivo ao questionar seus próprios preconceitos, suposições e crenças; responsável ao assumir o encargo de agir eticamente com seus participantes e colegas. (IRWIN *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 30)

A a/r/tografia é uma abordagem aberta, uma maneira rizomática de fazer pesquisa ligada à produção de conhecimento pela arte. Em nosso trabalho compara-se a uma forma de fabulação com a utilização de metáforas e metonímias que darão vigor artístico e acadêmico para a escrita. A a/r/tografia exige compromissos e um projeto que estimula mudanças pensando na maneira de ser/estar no mundo, exige inquérito constante, precisa negociar o engajamento e criar práticas que problematizem e reflitam a diferença. “Investigar a/r/tograficamente é dar sentido às experiências, interpretá-las e compartilhá-las.” (MAÇANEIRO, 2013, p. 71)

A proposta metodológica da a/r/tografia contextualiza que “[...] saber, fazer e realizar se fundem.” (DIAS *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 25) Questionar a prática da **Tia Cecília** [grifo nosso] trazendo reflexões teóricas, análises fundamentadas, movimentando a prática docente e artística indagando: Como a arte de contar histórias reverbera na escola e na aprendizagem? Qual o sentido de trazer experiências híbridas na contação de histórias? A quem cabe contar histórias? Tem um jeito correto de contar? Ler, contar ou encenar, o que motiva na prática? E o papel do aluno no processo: é de mero espectador ou de protagonista? Na era da tecnologia digital, qual a importância de ver, escutar e contar histórias?

Sob a perspectiva de contadora de histórias a investigação possibilitará aprimorar a arte cênica envolvida na narrativa para fomentar a criatividade. Na perspectiva de professora, é

fundamental conhecer sobre as histórias e seus contextos, origens e técnicas para realizar boas e eficientes narrativas sejam elas inspiradas na tradição oral ou na literatura escrita. Como pesquisadora, retomo a possibilidade de utilizar tais conhecimentos para apoiar a formação de outras pessoas que também se interessam por esse objeto e percebem que a imaginação, a memória e a aprendizagem podem ser estimuladas pelas histórias na escola e fora dela, reverberando em novas dramaturgias.

Nesse âmbito, ampliamos a visão a partir do compromisso da contiguidade, concepção a/r/tográfica para a interdependência de artista- pesquisadora-professora como entrelugar, pois, assim como narrar para outros demanda preparo, é preciso trabalhar sob bases que permitam desmistificar e ressignificar as práticas já estabelecidas. Há um certo medo de ter que revelar minhas próprias memórias e narrativas, de atuar sobre razões e teorias próprias, o que certamente ocorrerá se não houver uma concepção metodológica clara, sensível e que permita o processo de aprender durante a jornada formativa.

A abordagem qualitativa foi a escolhida para acompanhar a viagem e os métodos foram sendo criados à medida que o suporte teórico, entendido aqui como passagem até outro lugar, dava o norte, redirecionava os passos e o saber-fazer de alguém que questiona o fazer artístico. Destarte:

A a/r/tografia, enfatiza as identidades do artista, do pesquisador e do professor. Assim, a pesquisa está profundamente enraizada na noção de a/r/tografia, visto que pesquisa, cria e reinventa para abraçar a investigação como uma forma de Pesquisa Viva. [...] Para a a/r/tografia, a investigação permeia nossas vidas e começamos a entender como nossas vidas são enriquecidas por esta curiosa disposição. (DIAS *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 15)

A palavra **entrelugar** [grifo nosso] está contida na Pesquisa Educacional Baseada em Arte e na a/r/tografia nas quais saber/ fazer se fundem. O lugar do híbrido, alguém que ocupa diferentes papéis na investigação enquanto artista, professor, pesquisador, desse modo, acontece uma produção criativa e dinâmica que desloca os modos tradicionais de fazer pesquisa.

Foi a partir das orientações da professora Valéria que repensei meu lugar como artista. Realmente não tinha ainda assumido essa vertente na arte de contar histórias. Naquele momento, estava ainda incerta de como poderia apresentar minha experiência como professora-contadora de histórias e pesquisadora. Anteriormente, a pesquisa-ação era uma referência forte, porém, ela me disse: -Se você estudar a a/r/tografia e não se identificar, ficamos com a pesquisa-ação, mas acredito que você vai gostar.

Sábado, 18 horas, vai começar a *live* com Sara Nina, mestra em Artes pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Já não vejo TV, acompanho as *lives* no canal do YouTube *Artografismos*¹¹. Ali, Sara propõe a leitura do livro de Rita Irwin e Belidson Dias. Descobri um tesouro! Passei a interagir no *chat* e acompanhar vigorosamente a leitura. Minha grande dúvida era: Como a nossa pesquisa adotando a a/r/tografia traria a visualidade dos conceitos? Como uma contadora de histórias pode ser a/r/tógrafa? Que metáforas usar? Entre outras questões... Para adotar essa metodologia teria que unir imagem e textos. Não como ilustração, mas como texto não-verbal. Várias características me deixaram encantada com a abordagem metodológica, especialmente pelo fato de considerar a experiência como professora-contadora de histórias.

Passei a estudar a a/r/tografia por meio de leituras comentadas por Sara Nina considerando que seria um espaço de aberturas para novos olhares e conhecimentos. Configurou em um lugar que a professora-viajante deveria permanecer para esclarecer dúvidas e fazer descobertas. A leitura compartilhada dos artigos que o livro contém me trouxeram mais maturidade para entender que a a/r/tografia está subsidiada pela arte/educação e se encontra com a pesquisa-ação por seu caráter interventivo, além de ponderar acerca das narrativas.

Os a/r/tógrafos como contadores de histórias partem de processos de identidade, memória, reflexão, meditação, interpretação e representação (IRWIN, 2004) para a procura do conhecimento, movendo-se na interface da produção artística, pesquisa e prática pedagógica. (EÇA *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 80)

Comemorei a descoberta que fiz ao ler sobre significados, histórias e polifonias. Persegui a necessidade de compreender a Pesquisa Educacional Baseada em Arte como parte do processo de uma trajetória de dedicação à pesquisa. O termo a/r/tografia foi cunhado por Rita Irwin no Canadá após longo período de análise de teses e aproximações com os compromissos de uma pesquisa em arte.

A ideia da a/r/tografia está intimamente ligada à pesquisa-ação enquanto Pesquisa Viva e interventiva. Há uma aproximação entre ambas por esse objetivo em comum. “A/r/tógrafos concentram seus esforços em melhorar a prática, compreender a prática de uma perspectiva diferente, e/ou usar suas práticas para influenciar as experiências dos outros.” (IRWIN *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 29)

Pensando nas imagens e visualidades, a academia ainda não compreende o fazer a/r/tográfico e muitas representações imagéticas ainda ficam presas ao texto. Gostaria de um

¹¹ A/r/tografismos, por Sana Nina. Canal do YouTube <https://www.youtube.com/c/Artografismos>.

trabalho que fosse menos escrito e mais não-verbal, porém, por ser contadora de histórias acabo trazendo para o leitor marcas da oralidade que passam a ser características de resistência ao cânone acadêmico.

A etapa da pesquisa de campo foi realizada virtualmente. Essa configuração híbrida que alcançou ainda mais a a/r/tografia, uma vez que a arte de contar histórias tem como prerrogativa o encontro e a presença, agora utilizando-se da metalinguagem – áudio, imagem e vídeo, no campo da cibercultura.

A arte denota um processo de fazer ou criar. Isso tanto se aplica às belas-artes quanto às artes tecnológicas. A arte envolve moldar argila, entalhar mármore, fundir o bronze, aplicar pigmentos, construir edifícios, cantar canções, tocar instrumentos, desempenhar papéis no palco, fazer movimentos rítmicos na dança. Toda arte faz algo com um material físico, o corpo ou alguma coisa externa a ele, com ou sem o uso de instrumentos intervenientes, e com vistas à produção de algo visível, audível ou tangível. (DEWEY, 2010, p. 126)

Utilizando como espaço metodológico os compromissos, conceitos ou *renderings* da a/r/tografia, os quais: contiguidade, metáfora e metonímia, aberturas, excessos e reverberações que favorecem novas problematizações durante o processo de investigação que se tornou o tempo de formação concomitantemente. “Os *renderings* como práticas conceituais da a/r/tografia se movem nas fronteiras entre teoria, prática e atividade criadora e permitem a cada um se impactar reciprocamente.” (IRWIN e SPRINGGAY In DIAS e IRWIN, 2013, p. 149)

A contiguidade é um elemento/representação de destaque, pois, indica o lugar da identidade do artista, pesquisador e professor. É o lar ao qual se julga pertencer. Contiguidade é um conceito complexo e se relaciona com o pertencimento. A contiguidade se apresentou como necessidade na investigação: necessidade de estar próxima a outros artistas da contação de histórias. Perceber a identidade nessa proximidade poderia trazer desdobramentos e compreensões, pois, a contiguidade – representada pela (/) – inclui ainda a sensibilidade em conhecer e engajar-se com o trabalho de outros artistas. (IRWIN e SPRINGGAY In DIAS e IRWIN, 2013) Considerando o entrelugar, compreendi que o contato com outros artistas da palavra seria propulsor de aprendizagens para a docência-artística.

Com elementos da escrita, pela metáfora e a metonímia “[...] damos sentido ao mundo e fazemos as relações acessíveis aos nossos sentidos.” (IRWIN e SPRINGGAY In DIAS e IRWIN, 2013, p.148) A metáfora escolhida para nossa pesquisa passa pela professora-viajante e pelas narrativas que compartilha enquanto jornada de formação e pesquisa. Pensando em metáfora, a arquitetura da contação de histórias vislumbra passado, presente e futuro ao redor

do fogo para manter viva a memória e o imaginário de uma comunidade e entreter, divertir, animar, ensinar, educar, exemplificar, tratar a alma e até curar.

A contação de histórias como atividade estética, relacional e educacional pela arte movida pelo olhar, som e imaginário provocados pela palavra falada e sentida no coração está ancorada na interdisciplinaridade como característica. Portanto, é possível produzir conhecimento com base na experiência como artista/pesquisadora/professora. “Nossas vidas profissionais se constroem pela informação, mas de forma mais significativa se cruzam pela experiência.” (MAÇANEIRO, 2013, p.80)

A compreensão dos compromissos de investigação e a prática conceitual potencializam as condições de analisar um fenômeno à luz da a/r/tografia. Esses conceitos são inerentes à metodologia, orientando a viagem e a busca por aspectos relevantes do que se pretende pensar na relação entre arte de contar histórias/contação/performance.

O terceiro elemento importante é a abertura como exercício de empatia e alteridade que reflete na ação, pois, “[...] são com frequência, como cortes, rasgaduras, rupturas ou rachaduras que resistem à previsibilidade, conforto e segurança” (IRWIN e SPRINGGAY *In* DIAS e IRWIN, 2013, p.148). Desse modo, a abertura revela a flexibilidade do pesquisador e sua capacidade dialógica em busca de um lugar que é mutável. Nesse sentido, cabe o ser e o ser outra coisa na constituição a/r/tográfica.

Os excessos são como pontas soltas de uma trama em um tecido. Precisam ser retiradas ou podem dar efeitos diferenciados ao que se pretende realizar. Por isso, esse conceito é importante, uma vez que há uma provocação a fazer diferente. Os excessos são oportunidades de novas problematizações.

É necessário olhar para ver, escutar para ouvir, sentir para fazer sentido e o professor que conta histórias revela-se um poeta do imaginário, que intencionalmente se apropria da história como ferramenta para ensinar algo, porém se surpreende com a profundidade e complexidade que uma história pode alcançar individual e coletivamente alcançando as imagens internas do sujeito (MACHADO, 2015). Podem conceder aberturas para novos conhecimentos, problematizações a partir de seus excessos e criar transformações no saber-fazer educativo propiciado pelo universo das histórias. Para cada pessoa, o conto irá ser uma experiência particular e única, como afirma Machado (2015):

A história só existe quando é contada ou lida e se atualiza como uma história para cada ouvinte ou cada leitor. [...] Ao relatar como foi a experiência de ouvir um determinado conto, cada pessoa mostra que ouviu ‘um’ conto: o seu. [...] O que importa é que o conto estabelece uma conversa entre sua forma objetiva – a narrativa – as ressonâncias subjetivas que desencadeia, produzindo um efeito particular em cada ouvinte. As

imagens do conto acordam, revelam, alimentam e instigam o universo de imagens internas que, ao longo de sua história, dão forma e sentido às experiências de uma pessoa no mundo. (MACHADO, 2015, p. 43)

Em seu trabalho, Maçaneiro (2013) aponta que a escrita a/r/tográfica passa por reflexões, memórias, processos vivenciais, experiências de si, diário do cotidiano, histórias de vida e Pesquisa Viva. Assim, corrobora com investigar a contação de histórias a partir de um projeto didático considerando-o do ponto de vista teórico-prático em sua forma, conteúdo e o poder auto formativo bem como formativo pela arte da palavra.

Outro elemento conceitual se refere às reverberações, que são movimentos entre múltiplas conexões. As reverberações forçam a mudança de compreensão sugerindo o entrecruzamento de ideias, fatos e concepções para compreender os efeitos da pesquisa em movimento. “Reverberação se refere a um movimento dinâmico, dramático ou sutil que força o a/r/tógrafo a mudar suas compreensões do fenômeno.” (IRWIN e SPRINGGAY *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 143)

A a/r/tografia exige compromissos e um projeto que estimula mudanças pensando na maneira de ser/estar no mundo, exige inquérito constante, precisa negociar o engajamento e criar práticas que problematizem e reflitam a diferença. Após uma contação de histórias, o que permanece? Qual é o produto desse tempo mágico? A a/r/tografia vem trazendo a possibilidade de entender a experiência vivida por meio da narrativa e da reflexão fundamentadas, pois “considera as percepções do artista/pesquisador as quais devem ser exploradas e valorizadas.” (MAÇANEIRO, 2013, p. 74). Nessa perspectiva de pesquisa a/r/tográfica, elenquei algumas questões que perturbam minha prática artística: Contar histórias é só entretenimento? É assumir a identidade de **engraçadinha** [grifo nosso] da escola? Como as histórias potencializam aprendizagem? Se é uma prática eficiente e eficaz, por que tem poucos adeptos na escola?

Desse modo, “[...] a a/r/tografia emerge para nos mostrar que o mais importante que a representação dos resultados da pesquisa são os processos que, dentre as questões, inspiram temas ou ideias extremamente mais fecundas para as representações de nossas sensibilidades estéticas.” (MAÇANEIRO, 2013, p.73)

O suporte para pensar a contação de histórias em contiguidade como arte passa pela constituição de uma experiência estética atravessada por acontecimentos durante o processo. A pandemia, o encontro com outros contadores, as diversas performances em vídeo e *lives* até alcançar a proposição arte/educativa em oficinas de contação colaborativas voltadas para alunos de 4º e 5º ano.

Dentre as leituras que fazem parte da bagagem, *A arte como experiência* ocupa lugar especial. John Dewey (2010) tem espaço cativo na arte/educação. No campo da estética como experiência sensível, Dewey (2010) inspira o apreciar a arte:

A palavra ‘estético’ refere-se à experiência como apreciação, percepção e deleite. [...] Para ser verdadeiramente artística, uma obra também tem de ser estética – ou seja, moldada para uma percepção receptiva prazerosa. [...] A arte, em sua forma, une a mesma relação entre o agir e o sofrer, entre a energia de saída e a de entrada, que faz com que uma experiência seja uma experiência. [...] Portanto, a experiência estética – em seu sentido estrito – é vista como inerentemente ligada à experiência de criar. (DEWEY, 2010, p. 128-129)

Durante o processo da Pesquisa, algumas influências foram decisivas para a idealização e realização da proposição em seu conjunto, em especial a entrada na *Rede Brasil histórias de Todos os Cantos*, grupo de contadores de histórias no *WhatsApp*. Percebemos a materialização do conceito de pesquisa viva acompanhando o tempo de aprender a partir de “[...]práticas de vida em andamento do que é ser um artista, pesquisador, educador [...] é um compromisso de vida com as artes e a educação por meio dos atos de pesquisa” (IRWIN e SPRINGGAY In DIAS e IRWIN, 2013, p.147) no encontro com outros contadores de histórias de Norte a Sul do Brasil. Foi a partir desse espaço virtual que pude realizar performances-lives de contações de história e fazer contato com os colaboradores das oficinas, que passaram a compor uma significação formativa que Irwin (2013) apresenta como comunidade de práticas.

As relações nas comunidades de prática são igualmente importantes. Os artistas não criam no vazio. O trabalho deles está necessariamente relacionado ao trabalho dos outros, e a teorização acontece no meio de comunidades de afiliação. Seja como artista, educador ou pesquisador, os a/r/tógrafos reconhecem o trabalho dos outros na documentação do próprio trabalho. (IRWIN e SPRINGGAY In DIAS e IRWIN, 2013, p.143)

Ao planejar oficinas virtuais para ouvir e contar histórias como proposição arte/educativa para alunos de 4º e 5º ano, surgiu uma oportunidade de produzir dados utilizando *Google Forms* para levantar o que as crianças que procuraram a atividade pensavam inicialmente sobre a contação. O instrumento inspirador foi o *Quadro SQA* desenvolvido por Ogle (1986). É uma ferramenta metacognitiva pautada em 03 perguntas, sendo preliminares: *O que sei sobre isso? O que quero saber sobre isso?* e, após o processo de ensino e aprendizagem, a questão é avaliativa *O que aprendi sobre isso*.

Com as respostas será possível utilizar a visualidade em forma de nuvem de palavras. O ponto de partida da pesquisa fundamenta-se nas respostas iniciais, que compõe o

conhecimento prévio e a conexão do que a criança sabia e o que aprendeu no processo, dão a capacidade de elencar algumas aprendizagens. Esse instrumento é bastante usado no ensino da leitura e adaptado para a ampliação da capacidade de avaliar onde está no processo de aprendizagem. Optei por esse instrumento pela sua simplicidade e funcionalidade, podendo ser facilmente compreendido pelos sujeitos da pesquisa e fornecendo uma visualidade dos ganhos em relação ao objeto de estudo.

Na escola realizava oficinas na biblioteca, mas na pesquisa além de observar as crianças, observaria também os colaboradores, contadores de histórias que conheci por meio da *Internet*, procurando perceber sob qual paradigma teórico atuavam. Aproveitaria o ensejo também para mediar o conhecimento das crianças e fomentar aprendizagens artísticas junto com os alunos. Formaríamos então uma comunidade de aprendizes em contação de histórias, vivenciando a contação pelos olhares dos colaboradores, aprendendo juntos, compartilhando perguntas e de sobremaneira fortalecendo a consciência crítica, fugindo do modelo **Tia Cecília de contar histórias** [grifo nosso], podendo escolher outras referências nessa arte de maneira crítica.

Acredito que a oficina é uma organização participativa de ensino e aprendizagem por meio do qual é possível relacionar teoria e prática de uma temática de maneira transdisciplinar. Essa estratégia do campo da prática de ensino utilizada nas atividades de contação de história na escola apresenta o desafio da transposição do espaço presencial para o espaço virtual. Na oficina o espaço de construção e reconstrução dos conceitos acontece de forma horizontal, não há um professor, mas um mediador que ajuda a despertar a criatividade e a vontade de envolvimento com o objeto do conhecimento lançando mão de recursos diversos para sensibilização, possibilitando vivenciar ideias e experienciar novidades, acontece uma forma de união dos diferentes saberes.

Conceito utilizado para caracterizar o professor que trabalha com a mediação pedagógica, significando uma atitude e um comportamento do docente que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos. A ideia de professor mediador surgiu com o desenvolvimento, a partir da década de 70, da 'pedagogia progressista', caracterizada por uma nova relação professor-aluno e pela formação de cidadãos participativos e preocupados com a transformação e o aperfeiçoamento da sociedade. Dessa forma, a função do professor deixa de ser o de difundir conhecimento para exercer o papel de provocar o estudante a aprender a aprender. Esse conceito também está presente na perspectiva da escola cidadã, idealizada por Paulo Freire, na qual o professor deixa de ter um caráter estático e passa a ter um caráter significativo para o aluno. (MENESES, 2001, n.p)

Por meio da oficina proposta para as crianças ouvirem histórias e vivenciarem novas experiências estéticas, a aprendizagem significativa e a práxis, como indissociabilidade de

teoria e prática, acontecem como processo mediado, tornando possível a produção em forma de performance, capaz de demonstrar o que foi apreendido durante o tempo planejado. De acordo com Anastasiou e Alves (2007) adotamos o quadro conceitual para oficina considerando os contadores de histórias convidados como especialistas juntamente com a Tia Cecília.

QUADRO 1: ESTRATÉGIA OFICINA (LABORATÓRIO, WORKSHOP)

Descrição	É a reunião de um pequeno número de pessoas com interesses comuns, a fim de estudar e trabalhar para o conhecimento e aprofundamento de um tema, sob a orientação de um especialista. Possibilita o aprender a fazer melhor algo, mediante a aplicação de conceitos e conhecimentos previamente adquiridos.
Operações de pensamento (predominantes)	Obtenção e organização de dados/interpretação/aplicação de fatos e princípios a novas situações/decisão/planejamento de projetos e pesquisas/resumo
Dinâmica da atividade	O professor organiza o grupo e providencia com antecedência ambiente e material didático necessário à oficina. A organização é imprescindível ao sucesso dos trabalhos. O grupo não deve ultrapassar a quantidade de 15/20 componentes. Pode ser desenvolvida por meio das mais variadas atividades: estudos individuais, consulta bibliográfica, palestras, discussões, resolução de problemas, atividades práticas, redação de trabalhos, saída de campo, etc.
Avaliação	Participação dos estudantes nas atividades visadas, expressas nos objetivos da oficina. Pode-se propor autoavaliação, avaliação descritiva ou pelos produtos no final do processo.

Fonte: ANASTASIOU e ALVES, 2007, p. 96.

A pesquisa de campo aconteceu com base numa proposição de oficinas de contação de histórias para alunos de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I de uma escola de tempo integral de Luziânia-GO. A delimitação dos alunos se dá pelo fato deles serem mais autônomos, já terem a escrita e leitura consolidadas, além de muitas vezes não serem privilegiados com atividades de caráter lúdico, pois estão numa fase próxima da adolescência.

Em virtude da pandemia de COVID -19, algumas alterações foram necessárias para exequibilidade segura da pesquisa de campo. O ambiente escolar desde março ficou fechado e as aulas suspensas. Essa realidade consta no Parecer do Conselho Nacional de Educação nº005/2020, divulgado em 28 de abril. A pandemia de Covid-19 inviabilizou o início pesquisa de campo, que foi realizada de fato entre outubro e dezembro de 2020.

Em síntese, a abordagem da pesquisa é qualitativa, apoiada na Pesquisa Educacional Baseada em Arte e a/r/tografia, com pesquisa bibliográfica e de campo, com a adoção de comunidade de práticas formada por outros contadores de histórias. A proposição arte/educativa usou como metodologia a oficina e o papel da Tia Cecília seria de mediar o processo durante o tempo virtual de aprendizagem na plataforma do *Google Meet* utilizando grupo no *WhatsApp* para a comunicação mais direta com crianças e suas famílias.

Pandemia, redes de contadores, grupos de *WhatsApps*, contraditórios e efêmeros, não há como esquecer como a poética de Larrosa Bondia (2002) e a definição de experiência como tudo aquilo que nos toca e nos atravessa, nos acontece de forma singular. Sob o olhar da a/r/tografia e da tecnologia, a prática de experiências tornou-se de fato um espaço para enfrentar inseguranças e deixar a Arte fazer suas conquistas, desvendar caminhos para uma docência diferenciada e sustentada em bases fortalecidas. Assim, a vivência de artista, performando como cibercontadora e de docente mediando um processo de pesquisa em Arte fluíram e confluíram dando significado e (re)significando o processo de ensinar-aprender-ensinar.

1.2 – A CENA COMO DESTINO: Uma jornada em busca de perguntas

Minha vida é andar por esse país
Pra ver se um dia descanso feliz
Guardando as recordações das terras onde passei
Andando pelos sertões e dos amigos que lá deixei
Luiz Gonzaga.

Viajando para longe sem sair do lugar... apresento autores que discutem a arte de contar histórias e contribuem significativamente para formação do artista da palavra. Nomeamos assim os contadores de histórias em concordância com Duarte Jr. (1991) que enaltece a palavra como qualidade relacionada à “[...] dimensão simbólica do mundo humano” (DUARTE JR., 1991, p. 16). Pela palavra, diz o autor, transcendemos a uma consciência reflexiva, capaz de transformar algo em imagem por meio dos símbolos e conceitos.

[...] A palavra é o primeiro elemento transformador do mundo de que se vale o ser humano. Por ela, o mundo é ordenado num todo significativo. Com a palavra o homem organiza o real, atribuindo-lhe significados. Toda a massa de sensações e percepções é filtrada pela linguagem humana e recebe uma significação. (DUARTE JR., 1991, p. 17-18)

Ampliar os conceitos pela Arte representa uma constante busca para o artista-pesquisador-professor, as palavras e a sabedoria de quem já viajou, escreveu, podem ser chaves para compreender mais sobre o percurso de investigação e as aprendizagens que buscamos. Acessamos textos e autores como Saramago (1996) que nos movem:

Conhecemos sempre muito mais dos outros quando já nos passaram pela porta da rua ilusões parecidas. Lembramo-nos de que estivemos sentados no degrau, a ver passar o mundo, e ver chegar-se uma ideia pelo nosso lado, percebendo-se logo que aquilo era conosco por sinais que não enganam – e depois, vá lá saber-se, ou hesitamos, ou

a ideia perdeu as pernas, continuamos sentados, a cuspir a saliva da decepção e a inventar a desculpa que daremos a nós próprios mais tarde. SARAMAGO, 1996, p.65)

A atuação como professora na biblioteca escolar possibilitou o encontro com a formação para atuar melhor como contadora de histórias. Nesse sentido, há uma busca para entender o processo da contação de histórias como prática artística arquivilena que possui caráter teatral, com texto oral ou escrito, por um artista da narrativa, o contador de histórias e o seu público. Esses elementos: artista, texto e público se revelam na escola pela criação de narrativas cênicas. (CÉSPEDES, 1995). O conceito cunhado por esse estudioso cubano apresenta o ato artístico de narrar como narração oral cênica:

Com a narração oral cênica – que nada mais é que uma renovação e resgate da antiga arte de contar oralmente (histórias), criando uma nova forma de arte na cena, uma arte cênica, comunicacional (pois é oralidade) – pela primeira vez aplicam-se intencionalmente à oralidade narrativa artística as leis gerais da comunicação e as leis gerais da cena – não as leis específicas do teatro; com a narração oral cênica e sua ação no sentido de revalorização de toda a oralidade, tanto a cotidiana como a artística, nossas sociedades começam a buscar um equilíbrio entre o tempo e a importância atribuídos à escritura, à literatura e aos meios de comunicação de massas, (inclusive o das outras artes relacionadas com a imagem), e o tempo dedicado à oralidade. [tradução nossa] (CÉSPEDES, 1995, p. 76)

Como professora-viajante, fui carinhosamente acolhida na casa virtual das “gentes das maravilhas” (MATOS, 2014, p.01), povo contador de histórias da Bahia, no Curso de Extensão *Formação de Narradores Orais: Conta comigo!* promovido pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) no segundo semestre de 2020. Soube do curso por meio do *Instagram* do @observatoriodecontação, um dos primeiros contatos que fiz ao iniciar o mestrado.

Durante a pandemia, a viagem aconteceu remotamente, e considero que recebi presentes especiais que contemplaram diretamente o objeto de pesquisa muito além do esperado e previsto por meio das pesquisas realizadas e de todo o levantamento bibliográfico; o diálogo e as experiências que passaram a compor a bagagem. Houve um tempo de imersão na arte da narrativa, na contação de histórias que fluiu como o curso das águas de um rio. A professora Luciene Souza Santos em seu doutoramento, estudou a contação e apontou que “[...] contar histórias pode ser uma metáfora para todo ato de narrar.” (SANTOS In SANTOS, APOEMA e ARAPIRACA, 2018, p. 297)

Enquanto professora encontrei no trabalho de Souza (2018) fortes indícios para crer que o entendimento que havia construído sobre contação estava inadequado. Entendia que o momento preparado para compartilhar histórias lidas ou contadas era a contação, com adereços, cenários, figurinos, elementos lúdicos e sonoros que saiam do livro em direção aos alunos. E o

grande conflito epistemológico aconteceu ao encontrar a concepção enunciada por Souza (2018) ao realizar as considerações em sua tese de doutorado, postula que:

[...] contar histórias não prescinde da experiência para se corporificar, pois ela é mais que suscitar a voz de um texto decorado, é o rememorar de imagens internas. Levando isso em consideração, a partir de todo percurso realizado, concebemos como contação de histórias a narração enunciada pela voz naquilo que singulariza o texto oral: localmente planejada, presença de hesitação, pausas, silêncios. Nós como contadoras de histórias, percorremos instâncias comuns de formação: o resgate da memória afetiva, a interação com a performance narrativa apreendida com os contadores de histórias – tradicionais ou contemporâneos, com os próprios livros de histórias e com a literatura especializada, que traz os modos de narrar, além da experiência de performance que costumam ocorrer em espaços de educação formal e não-formal. SANTOS *In* SANTOS, APOEMA e ARAPIRACA, 2018, p. 297-298)

Quando ela diz “[...] nós como contadoras de histórias” (SANTOS *In* SANTOS, APOEMA e ARAPIRACA, 2018, p. 297-298) recordei uma questão que fora levantada durante uma oficina¹² de formação ministrada para professores sobre as possibilidades da utilização das histórias na escola: Professores são contadores de histórias? É necessário possuir uma formação acadêmica para exercer esse ofício? Na oportunidade, deixei a questão em aberto para que cada professora ali presente pudesse assumir-se ou não contadora de histórias.

Há muito a dizer sobre experiência formativa, saber da experiência e formas de vivenciar a arte da narrativa pelas histórias lidas e ouvidas. Encerrado o ciclo formativo na Bahia (remoto), me despedi do curso de *Formação de Narradores Orais* dando continuidade à busca por pistas teóricas, cênicas e subjetivas acerca da arte narrativa e suas nuances.

A arte de contar histórias não é um privilégio deste tempo. Imagina-se que ela nasceu juntamente com a humanidade e acompanhou o homem e suas gerações. Vivemos em uma sociedade letrada e este é o seio dos contadores de histórias contemporâneos, que estão imersos nas palavras escritas. O contexto em que as histórias se apresentam são diversos: na escola, nas livrarias, teatros, cursos de formação, hospitais entre outros.

Uma forma de saber como um tema é tratado é investigando seu estado da arte ou estado de conhecimento¹³. Para esse levantamento inicial, foram consideradas três bases de busca na *Internet*, as quais: SciELO, Google Acadêmico e Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Na primeira base, o SciELO, foi possível perceber que havia uma baixa produção voltada ao objeto especialmente na área da Arte e da Educação. O Google Acadêmico, apesar de apresentar

¹² Durante o mestrado ministrei algumas oficinas de contação de histórias para professores. Essa, em especial, foi realizada na Escola Espírita Gilson Mendonça Henriques, em Luziânia-GO, em setembro de 2019.

¹³ Os dados foram utilizados na produção de um artigo para o II Seminário Internacional em Artes da Cena (SEMINAR) em novembro de 2019.

uma quantidade maior por descritor¹⁴ (palavra-chave de busca), para o contexto da escola e do teatro, há pouca produção. O Banco de Teses da CAPES apresenta um número também pouco significativo. Essas análises demonstram a importância de discutir sobre a arte de contar histórias e a contação de histórias na escola, considerando o contexto educacional e artístico. A tabela I aponta os quantitativos de produção acadêmica sobre o tema de entre os anos de 2005 até 2019¹⁵.

TABELA 1 – DEMONSTRATIVO DE PESQUISAS OU TRABALHOS COM APROXIMAÇÃO DO OBJETO ARTE DE CONTAR/CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

PERÍODO	BASE DE DADOS	DESCRIPTOR/TERMO DE BUSCA	QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES
2006 a 2019	SCIELO ARTIGOS	“contação”	19
		“arte de contar histórias”	04
	GOOGLE ACADÊMICO ARTIGOS, E-BOOKS, DISSERTAÇÕES E TESES	“contação”	14.700
		"contação de histórias na escola" and "arte de contar histórias"	42
		“contação de histórias na escola”	97
		“arte de contar histórias”	2.800
		“contação de histórias e teatro”	20
		"arte de contar histórias" and "tecnologia"	1.370
2005 a 2019	CAPES-TESES E DISSERTAÇÕES	“arte de contar histórias” Sem filtro	44
		“arte de contar histórias” com filtro	14
		“Contação de histórias na escola”	2

Fonte: Elaboração da pesquisadora em novembro de 2019.

Ler histórias é uma prática bastante comum e na escola aparece especialmente como elemento mediador e incentivador da leitura e da escrita, porém as atividades com as histórias possibilitam aprendizagens diversas e complexas que ultrapassam o ler. Salienta-se que as histórias contadas apresentam gêneros e traços estilísticos que podem estar entrelaçados e interligados pela palavra. Se o conto for levado da narrativa para a encenação já possibilita o encontro com o gênero dramático por meio de personagens e do diálogo.

¹⁴ O termo refere-se às palavras-chave de caráter descritivo que possibilitam mapear um determinado tipo de produção acadêmica em diferentes dimensões do conhecimento.

¹⁵ Trabalho apresentado no II – Seminário Internacional em Artes da Cena (SEMINAR), em novembro de 2019.

A maneira pela qual é comunicado o mundo imaginário pressupõe certa atitude em face deste mundo, ou, contrariamente, a atitude exprime-se certa maneira de comunicar. Nos gêneros manifestam-se, sem dúvida, tipos diversos de imaginação e de atitudes em face do mundo. [...] Pertencerá à Lírica todo poema de extensão menor, na medida em que nele não se cristalizarem personagens nítidos e em que, ao contrário, uma voz central – quase sempre um ‘Eu’ – nele exprimir seu próprio estado de alma. Fará parte da Épica toda obra – poema ou não - de extensão maior em que um narrador apresentar personagens envolvidos em situações e eventos. Pertencerá à Dramática toda obra dialogada em que atuem os próprios personagens sem serem, em geral, apresentados por um narrador. [...] Se nos é contada uma estória (em versos ou prosa), sabemos que se trata de Épica, do gênero narrativo. (ROSENFELD, 2002, p. 17)

A arte de contar histórias, arte da narrativa ou arte da palavra e da escuta (MACHADO, 2015) surge a partir da experiência humana, de fatos vividos que serviam como uma forma de manter vivas memórias de povos e culturas.

Dentre as obras levantadas, umas das primeiras publicações data de 1915, escrita pela inglesa Marie L. Sheldlock intitulada *The Art of the story-teller*, com a visão de professora e contadora de histórias, abordou tal arte e seus elementos, tais como aspectos essenciais, artifícios da narração, dificuldades, seleção de material, visando instruir professores nessa Arte.

Contar histórias é quase a arte mais antiga do mundo – a primeira forma consciente de comunicação literária. No Oriente, ele ainda sobrevive, e não é incomum ver a multidão na esquina sustentada pela simples narração de uma história. No Ocidente, há sinais de crescente interesse por essa arte antiga [...] Um dos sinais mais seguros de uma crença no poder educacional da história é a sua introdução no currículo da escola. (SHELDLOCK, 2016, p.11.)

Uma autora brasileira muito referenciada é Maria Betty Coelho Silva que, em 1986, publicou o livro *Contar histórias uma arte sem idade*. Esse texto aborda a arte de contar histórias partindo da simples narrativa e apresentando formas de trabalhar com as histórias para a promoção da leitura. A arte de contar histórias passou a ser analisada por Silva (1986) especialmente pela valorização da oralidade e da literatura infantil. Essa autora inspirou a criação do Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil Maria Betty Coelho Silva (CELLIJ) em 1995, na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP). O CELLIJ é responsável por diversos projetos de leitura financiados, sob a coordenação da Professora Livre Docente Renata Junqueira de Souza.

Em louvor a esta arte, é meu intuito reativar o interesse por sua importância, reavivando-a na lembrança dos que me escutam. Afinal, quem não se lembra de alguma história ouvida na infância? Perde-se na noite dos tempos – ou seria madrugada? – a origem da arte de narrar. Fico a pensar no homem primitivo – a entrada da caverna, noite de luar, fogueira acesa para aquecer o corpo. De que falariam entre

si? Da faina do dia, caçadas, peixes que pescaram, chuva, sol, contendas troféus, estrelas distantes que talvez fossem deuses, lendas contadas pelos antepassados. Certamente esse homem primitivo fazia silêncio para ouvir aquele que melhor contasse uma história e haveria de ser o que melhor a revestisse de detalhes, sem fugir ao essencial, o que tivesse mais dons de graça, fantasia, aquele que contasse com emoção – como se estivesse vendo o que sua própria fala evoca na imaginação dos companheiros... (SILVA, 1986, p. 08)

Até o momento, os estudiosos citados trazem a nomenclatura **arte de contar histórias** [grifo nosso], arte essa que exalta suas características de ordenamento, estrutura simbólica e de fortalecimento do sujeito com seu contexto e com o desconhecido por meio do ato criador e recriador. De acordo com Silva (1986, p.09)

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria-prima especialíssima, a palavra, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância da história para elas.

Contar histórias exige arte no que tange a estética, a forma e o cuidado para encantar o público. Para tanto, é necessária a disponibilidade do narrador, pois na condição de artista-professora entendo que deve haver preparação e fundamentação para emocionar e sensibilizar as pessoas por meio das histórias. Silva (1986) em seu livro explica que “[...] nem toda história vem no livro pronta para ser contada. A linguagem escrita, por mais simples e acessível, ainda requer a adaptação verbal que facilite sua compreensão e a torne mais dinâmica, mais comunicativa.” (SILVA, 1986, p. 13)

Dentre os pesquisadores da arte da palavra, encontramos a socióloga Regina Machado, professora de Artes na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Sob a orientação de Ana Mae Barbosa, criadora da Abordagem Triangular no Brasil, Regina Machado preocupada com a formação dos professores de Artes e os seus fundamentos teórico-práticos elaborou a tese *Arte-educação e o conto de tradição oral: elementos para uma pedagogia do imaginário* (1989). Relatou que, após atuar com histórias formando professores de Arte, passou a se interessar por contos da tradição oral, especialmente os orientais.

A fragmentação conceitual, a desvinculação entre teoria e prática, a ausência de objetivos claros, a confusa ligação da arte com a vida da maioria desses professores, tem me levado há muito tempo a procurar uma forma de compreender, fundamentar e propor um trabalho com Arte educadores, que lhes propicie, antes de mais nada, a conquista da significação de sua prática pedagógica. Tal significação é conquistada pelo professor de Arte, quando sua formação integra teoria e prática dentro de uma atividade criadora, na qual reflexão e imaginação se constituem nos dois lados de uma mesma moeda, realizando a completude de uma experiência de aprendizagem. (MACHADO, 1989, p. 04)

Em 2004, Regina Machado apresentou aprofundamentos sobre a arte de contar histórias na obra *Acordais: Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*, relançada em 2015, em uma edição revisada e ampliada com o título *A arte da palavra e da escuta*. No estudo, a autora defende a abordagem teórico-poética:

Um fundamento teórico-poético pode ser constituído pelo sujeito como configuração de uma aprendizagem significativa. Nesse modo de aprender, as formulações se tornam significativas a partir da experiência conjunta do pensamento e do encontro das imagens poéticas pessoais despertadas pelo contato com formas artísticas. (MACHADO, 2015, p. 12)

A arte de contar histórias tem como essência a palavra em forma de texto oral ou escrito e com ela possibilidades de diálogo com outras linguagens artísticas como a música e a pantomima, por exemplo. A partir da literatura oral ou literatura escrita, as histórias revelam-se como potencial narrativo-cênico para o desenvolvimento da memória, da aprendizagem, das linguagens literárias e teatrais que comungam o espaço do imaginário individual e coletivo, como acontece nas comunidades indígenas, quilombolas, ciganas e outras.

Celso Sisto (2001), contador de histórias e estudioso dessa arte, defende o ato de contar como Arte no livro *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias* no qual apresenta a expressão “texto oral” (SISTO, 2001). Observou em sua prática com as histórias e com a educação de crianças que “[...] a fruição conjunta das histórias revelava-se ritual e mistério. Os segredos daqueles que conheciam as histórias passavam a ser um bem comum.” (SISTO, 2001, p. 15). Essa afirmação aponta que as histórias são fonte de memória ancestral e aprendizagem, encontro da disponibilidade do narrador direcionada à emoção dos ouvintes sendo, pois, alvo da própria emoção, alcançando lugar na subjetividade de um coletivo. “Ao narrar a estória deles imitará talvez, quando falam, as suas vozes e esboçará alguns de seus gestos e expressões fisionômicas.” (ROSENFELD, 2002, p.25)

A pesquisadora Cléo Busatto (2013) apresentou em sua dissertação de mestrado o termo **contação de histórias** [grifo nosso] como um “neologismo, uma expressão que se refere ao ato de contar histórias.” (BUSATTO, 2013, p.09).

[...] narração oral de histórias ou contação de histórias é outra coisa. Aqui entra em cena o sujeito-narrador oral e sua técnica peculiar, que é envolver o ouvinte usando como suporte apenas o seu corpo e a sua voz. [...] Pois, se contar histórias é uma arte, uma necessidade humana, então o artista da palavra materializada precisa ter um domínio profundo da técnica a ponto de interiorizá-la e não precisar conscientemente dela durante a sua apresentação. Nesse momento de fruição artística o que transparece não é a técnica, mas, antes, a vida. (BUSATTO, 2013, p. 35)

Os nossos antepassados não sabiam técnicas, mas, imprimiam vida aos momentos de contar de histórias. E na sala de aula, o que pode ser chamado de história? Apresento apontamentos de dois autores que pesquisaram esse contexto, Professora Gilka Girardello, no Sul do Brasil e Geoff Fox, no Sul da Inglaterra, texto publicado no livro *Baús e chaves da narração de histórias*, no ano de 2006.

Usamos a palavra ‘histórias’ para falar tanto do conto cuidadosamente preparado por um narrador experiente, quanto de uma piadinha familiar recontada por uma criança de sete anos. Não estamos lidando, por exemplo, com as distinções entre mitos e lendas, contos de fadas e contos folclóricos, usando o termo ‘contos tradicionais’ para abranger todas essas histórias. (FOX e GIRARDELLO *In* GIRARDELLO, 2006, p. 119)

As crianças gostam de histórias e elas podem encantar! Inicialmente não conhecia teorias complexas, fazia a contação acontecer de acordo com o que desejava ensinar, mas tinha certeza que a arte seria a melhor amiga nessa viagem pelo campo do imaginário infantil. “É sem fim o ziguezague das histórias, da voz para os livros e de volta à voz, através do campo aberto da memória, da experiência e da imaginação.” (GIRARDELLO, 2014, p. 13) Vale ressaltar que contar histórias é ocupar a cena, não como metáfora, mas como ação teatral manifestada com o olhar, o gesto e a escuta.

A narração oral é sempre um exercício cênico. Mesmo que não se ocupe o espaço ‘sagrado’ do teatro e do palco. Mesmo que se conte sentado ou de qualquer outro jeito. Seja qual for a posição que se assuma para contar, ela deve estar a serviço da melhor funcionalidade da história. E funcionalidade aqui significa ‘dar um estatuto literário’ ao texto oral, transformá-lo em ‘objeto’ de arte, dizê-lo com todas as nuances possíveis, fazê-lo chegar ao ouvinte como uma labareda (e isso não exclui o humor! Labareda pode ser chicote, pode ser cócega!) Converter o narrar num espetáculo. (SISTO *In* GIRARDELLO, 2006, p. 92).

As histórias moram nas tradições e também no folclore. Falamos de vários estudiosos da arte de contar histórias e gostaria de trazer uma artista que muito me ajudou a dinamizar as aulas por meio de canções e histórias. Bia Bedran, um exemplo de contadora de histórias contemporânea, sempre unindo cantar e contar; compartilha seus estudos e experiências no livro *A arte de cantar e contar histórias: Narrativas orais e processos criativos* (2012) narrando sobre o encontro com as narrativas na infância, ressalta que “[...]o estímulo à criação, o acolhimento e o diálogo com os fazeres da criança representam uma grande parte de sua realização íntima, social e profissional.” (BEDRAN, 2012, p.26) E ainda:

[...] se recorrermos à memória de nossa infância, verificamos que talvez tenha sido dentro da noite, na penumbra de um quarto, na proximidade aconchegante da presença de um narrador primeiro que grande parte das situações simbólicas em nossas vidas pôde se apresentar. Assim foi meu encontro com a arte narrativa e o canto entremeando o enredo dos contos. Aconteceu muito cedo, na infância ainda não alfabetizada, quando a forma de ler o mundo se apresentava através das histórias contadas e cantadas por minha mãe. (BEDRAN, 2012, p. 49)

Para descrever seu processo criativo, Bia Bedran, foi inspirada pelo trabalho de Câmara Cascudo, folclorista brasileiro que recolhia e registrava contos pelo nordeste brasileiro, e a literatura oral realizando as adaptações necessárias em suas performances. Parece segredar baixinho, como se fosse seu método de se conectar às histórias:

[...] Analisando a narrativa em seu estado original em que foi transcrita, e num segundo, transformando o conto num ‘reconto’, isto é, adaptando-o para a linguagem oral novamente. Chamo de reconto pois apenas o tema da história é conservado em sua essência. Outro texto (oral) começa a surgir, somado ao corpo, à voz, ao gesto do narrador. O tema do conto vai aos poucos sendo acrescido de pequenos detalhes que enfeitam, sem excessos, a atuação do narrador. Detalhes que surgem naturalmente a cada vez que pratico narrá-lo em voz alta, buscando descobrir as ênfases, as pausas, enfim, o ritmo que o conto pede. (BEDRAN, 2012, p.63)

Na escola, sempre rodeada por livros, buscava silêncio para ser ouvida e percebi que havia dado muito mais valor à escrita que à oralidade. Na sala de aula, os alunos adoravam pedir para que eu lesse uma história. Era mágico para eles, mas o fazia sem a devida preparação. Não era contadora de histórias, estava apenas cumprindo um combinado com as crianças. Se terminassem a tarefa, contava uma história... uma forma de barganha. E Bia vem e segreda novamente ao meu ouvido “[...] o ato de contar histórias nos dá amor e coragem para encarar a vida e concede um estímulo sábio às outras pessoas para que conquistem a autonomia de seguir seus próprios caminhos.” (BEDRAN, 2012, p. 27)

Na atuação como professora procuro não fazer com que os alunos decorem textos, mas que procurem formas de se afeiçoar ao texto narrado, passando a amá-lo por ser engraçado, divertido ou triste. Essa prática de leitura/narrativa faz com que as crianças se sintam atraídas. Cabe afeição, respeito ao momento da história e a percepção da importância e do alcance delas no interior de cada ouvinte que se dispõe a dar espaço para as narrativas.

Antes de sermos contadores de histórias, somos buscadores de histórias. Conta-se, que certa vez, foi dado para um cego o direito de escolher qualquer habilidade em substituição ao sentido da visão. Depois de pensar, o cego disse que escolheria ter a habilidade de contar histórias, porque por meio delas poderia tocar o coração das pessoas¹⁶. Contar histórias é a arte

¹⁶ História da tradição oral.

que congrega todas as bênçãos! Ao fazer uma escolha, não temos interesse em tornar o conhecimento como lugar único. Queremos caminhos difusos, tortuosos, invisíveis, pequenos... histórias margeadas por narradores muitas vezes desconhecidos. Para Benjamin (1987) não é o passado que ilumina o presente e nem o presente que ilumina o passado, passado e presente se conectam e se reordenam, se reorganizam em novos lugares, em outros sentidos.

1.3 – A BELEZA DO ENCONTRO: memórias de viagem

De todo o amor que eu tenho
Metade foi tu que me deu
Salvando minh'alma da vida
Sorrindo e fazendo o meu eu
Maria Gadú

O curso de Formação de Narradores Orais da Universidade Estadual de Feira de Santana na Bahia (UEFS) faz parte da viagem formativa pela *Internet*. A partir da sua proposta foi possível buscar memórias sobre quem me contava histórias, apresentado como um griô¹⁷. Imediatamente, recordei três pessoas: meu pai Moisés, meu Tio Donizar e minha mãe, Dona Marinalda.

Meu pai Moisés, me refiro assim a ele, pois ocupou lugar de pai de criação, tenho um pai biológico, o Ricardino... Sim, meu pai Moisés adorava as piadas, fazíamos roda para escutar, ele era expressivo e no final, arregalava os olhos e abanava as mãos, se preocupava em manter nossa audiência a partir das suas expressões gestuais.

Meu tio Donizar inventava histórias. Ele também cantava. Havia um personagem inventado, o Tibúrcio, um beerrão que vivia arrumando confusões. Esse tio era o mais legal porque dedicava atenção de uma forma muito criativa. Gostava de dizer de um jeito engraçado “Ah, eu bebo é café.”

Já as memórias que tenho de minha mãe são das histórias de vida. Contava como exemplo os fatos ocorridos desde antes do meu nascimento. Muito detalhista, contava, considerando a subjetividade e as impressões sobre as pessoas. Era minha mãe quem contava histórias de sua vida e infância como lições de aprendizado, com a intenção de proteger as filhas das maldades do mundo, especialmente a mim, que era sonhadora e aluada.

¹⁷ Termo utilizado em português para definir o indivíduo que retém a memória de um grupo, no feminino, griote. Em alguns países da África são conhecidos como griot, contadores de histórias, responsáveis por repassar as narrativas como tradição.

Uma das histórias que minha mãe contou foi sobre o *Noivado da Dona Creusa*¹⁸, minha avó. Sob essa inspiração nasceu uma produção artística em vídeo-contação, fruto da participação em maio de 2020, nas oficinas de contação ofertadas pela *Federação do Teatro de Goiás* do projeto #ocupafeteg.

Imagem 1: Cena do vídeo-contação: O noivado de Dona Creusa



Fonte: YouTube Cissa Amorim, 2020.

Diante dessas três fortes lembranças sobre quem me contou histórias na infância, elegi um Griô: a minha mãe, Dona Marinalda. “Griôs e outros mestres da tradição figuram ao lado dos tios e avós, ou mais velhos, que contavam histórias, na chegada da noite, em volta da fogueira.” (APOEMA *In* SANTOS, APOEMA e ARAPIRACA, 2018, p. 47)

O papel do *Griot* ou *Djeli* na sociedade africana era o de mediador de conflitos e animador público. A sociedade africana está ancorada nas memórias dos ancestrais e não está vinculada à escrita. A professora Dra. Keu Apoema¹⁹ falou sobre Hampâté Bá com enorme entusiasmo durante o curso de Narradores Orais. Contou que em sua pesquisa de campo do

¹⁸ Exibido no evento *Historias para cambiar el mundo em red*, junho/2020. Vídeo-contação disponível no YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=cZlgZ6upRig&t=31s>

¹⁹ Keu Apoema é pesquisadora das narrativas orais. Realizou uma palestra no curso de extensão *Formação de Narradores orais: Conta comigo!* em setembro de 2020.

Doutorado visitou, durante alguns meses, Burkina Faso, país do continente africano, com o objetivo de estudar de perto os costumes e as histórias daquele povo contadas pelos velhos, mantenedores das histórias enraizadas na oralidade. Assim, sobre tradição oral, Hampâté Bá explica que:

A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconsertam a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Na tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento, recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (HAMPÂTÉ BÁ In MEDEIROS e MORAES, 2015, p. 156-157)

Amadou Hampâté Bá, pensador tradicionalista africano, em seu texto *A tradição viva* publicado em 2010 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e no livro organizado por Medeiros e Moraes (2015), faz reflexões importantes sobre a constituição do contador de histórias nas sociedades tradicionais, colocando as tradições orais e as sociedades que guardam suas memórias por meio da oralidade num campo epistemológico amplo, pontuando diferentes características de sua organização e, sobre a palavra como elemento de sublimação de uma cultura. Enquanto os nobres faziam uso sério da palavra, sem direito a se quer mentir, os *griots* ou *dieli* (na língua Bambara) “[...]espécie de trovadores ou menestrelis que percorrem o país ou estão ligados a uma família” tinham status especial “[...] tem o direito de ser cínicos e gozam de grande liberdade de falar.” (HAMPÂTÉ BÁ In MEDEIROS e MORAES, 2015, p. 174)

Os griots músicos, que tocam qualquer instrumento [...] normalmente são excelentes cantores, preservadores, transmissores da música antiga e, além disso, compositores; os griots embaixadores e cortesãos responsáveis pela mediação entre as grandes famílias em caso de desavenças; estão sempre ligados a uma família nobre ou real, às vezes a uma única pessoa; griots genealogistas, historiadores ou poetas (ou os três ao mesmo tempo) que em geral são igualmente contadores de histórias e grandes viajantes, não necessariamente ligados a uma família. (HAMPÂTÉ BÁ In MEDEIROS e MORAES, 2015, p. 174-175).

No Brasil, o Projeto de Lei de 1786/2011 designa quem são os griôs, a saber “Art. 1º Esta Lei institui a Política Nacional Griô, voltada para a proteção e o fomento à transmissão dos saberes e fazeres de tradição oral.” (BRASIL, 2014, p. 01). Embora se proponha a valorizar

a cultura, essa iniciativa causou bastante desacordo, principalmente ao campo das definições e o enquadramento generalizado de artistas como griôs.

Os primeiros povos do Brasil também reconhecem no termo Griô a definição de um lugar social e político na comunidade para transmissão oral dos seus saberes e fazeres, a exemplo dos Kaingang do Sul, dos Tupinambá das Aldeias Tukun e Serra Negra (BA) e os Pankararu de Pernambuco, os Macuxi em Roraima, e tantos outros que participam da Rede Ação Griô Nacional contam sobre os Morubixabas, Kanhgág Kanhró... e o Griô contempla todos. (BRASIL, 2014, p.01)

Certamente, cada um dos griôs ocupa lugar na minha composição artística. Os sorrisos ouvindo meu pai e meu tio iluminam minha memória e fazem com que eu busque nas histórias pontos de humor. Mas, pela intenção de dar significado e pelas marcas fortes no meu jeito goiano de contar, escolhi a minha mãe como uma referência. A melhor definição de griô que relacionar ao nosso estudo está ligada a uma pessoa que agrega as histórias em seu saber-fazer. Seria o professor um griô? Ou seriam os velhos os griôs? Griô é uma personalidade conhecida e reconhecida por contar histórias enquanto vive e a partir delas orienta a vivência dos mais jovens, ou dos que buscam por exemplos metafóricos.

De acordo com Walter Benjamin (1994) no seu texto *O narrador* todos somos contadores de histórias. Alemão, crítico literário e colecionador, revela a importância de valorizar as experiências para contar boas histórias, pois “[...] a experiência que se transmite oralmente é a fonte da qual bebem todos os contadores de histórias.” (BENJAMIN, 2018, p. 21)

Há contadores-artistas espalhados pelo mundo e essa arte vem se reconstruindo inclusive como profissão. Atualmente, a arte de contar histórias dispõe dos recursos intermediáticos e *Internet* para registrar e dar visibilidade às novas formas de contar histórias. Nos tempos de isolamento social, contadores de histórias atravessaram essa pesquisa por intermédio das redes sociais.

O narrador muito mais que se exprimir a si mesmo (o que naturalmente não é excluído) quer comunicar alguma coisa a outros que, provavelmente, estão sentados em torno dele e lhe pedem que lhes conte um ‘caso’. Como não exprime o próprio estado de alma, mas narra estórias que aconteceram a outrem, falará com certa serenidade e descreverá objetivamente as circunstâncias objetivas. A estória foi assim. Ela já aconteceu – a voz é de pretérito – e aconteceu a outrem (João, Maria) e em geral não ‘eu’. (ROSENFELD, 2002, p. 25)

Contar histórias na escola parte quase sempre de livros. Ler histórias é um exercício solitário, já contar é uma atividade coletiva fundamental para apurar os sentidos da escuta e a

sensibilidade mnemônica e imaginativa. Matos e Sorsy (2009) abordam a visão de cultura oral e cultura escrita por sua importância para a formação da consciência humana e da aprendizagem, as quais alcançam a audiência por sentidos diferentes.

Enraizado na oralidade, o conto popular tem sua base de comunicação a percepção auditiva da mensagem, enquanto o literário, enraizando-se na escrita, tem sua base de comunicação a percepção visual da mensagem. Além disso, o conto literário é produção de um autor que nele irá imprimir seu estilo pessoal e sua própria visão de mundo. Os contos tradicionais, cuja origem parece encontrar-se nos mitos primitivos, que por muitos séculos orientam o homem em sua busca de conhecimento do cosmo e de si mesmo, não são obra de um só autor. Resultam da produção coletiva de um povo que os cria a partir das representações de seu imaginário coletivo e, ao mesmo tempo, encontra neles o alimento para nutrir esse mesmo imaginário. (MATOS e SORSY, 2009, p. 02)

Para conseguir compreender sobre a diferença entre contos da tradição oral e histórias de autores, as ditas literárias, busquei nos escritos de Gislayne Matos e Inno Sorsy (2009) as quais apontam que a recepção das histórias passa pelo sentido da visão e da audição de formas diferentes. Pela visão, o livro se revela nas suas ilustrações que são também composição estética e textual, sendo atraentes aos olhos de quem vê. Já na contação é a audição que inicia o contato com a audiência.

Na escola o professor lê e conta histórias usando apenas a voz, outros sons, o corpo, recursos visuais; as utiliza para dramatizar, realiza direção de arte e muitas vezes ouve-se pelos corredores “não sei contar histórias, não tenho criatividade.” Alguém da escola acaba eleito como foi a Tia Cecília a ser o contador de histórias da escola.

Antes livre e entregue aos ventos pela ação da oralidade, depois aprisionada pela escrita, ela agora continua sua viagem e sua evolução por meio da “recriação” de cada contador, porque, como o vento leva o barco, a voz do contador é que sempre colocou os contos no caminho. Como numa viagem, é importante partir, estar no caminho e chegar, não se pode privilegiar nenhum momento. (MATOS, 2014, p. 08)

Mas, a pergunta que se coloca é: ler e contar são ações diferentes? É uma ação normal um professor pegar um livro e dizer que vai contar uma história. Nesse momento, os alunos se aquietam e entram em um momento de conexão com o imaginário. O livro é um recurso para quem conta histórias, parte da cultura letrada, mas contar parte da cultura oral, do ato de narrar a partir de um enredo, porém de maneira que o texto original não se perca. Dessa forma, ler e contar são ações diferentes e complementares para a sociedade letrada.

A tabela organizada apresenta pistas para a compreensão acerca de dois tipos de texto, oral e escrito. Creio que tal informação é válida para perceber que ambos são fundamentados

em relações que visam nutrir o campo do imaginário e são formas que estão sempre em constante mudança, sem alterar o seu valor.

**TABELA 2 - CARACTERÍSTICAS DOS CONTOS TRADICIONAL
E LITERÁRIO DE ACORDO COM SORSY E MATOS (2009).**

Conto tradicional	Conto literário
Enraizado na oralidade; Baseia-se na comunicação; Percepção auditiva da mensagem; Origem nos mitos primitivos; Orientavam os homens; Resultam da produção coletiva de um povo; Criado a partir de um imaginário coletivo; Nutrição para o imaginário; Arte popular; Armazenado na memória; Busca de conhecimento do cosmos e de si; Função das personagens socialmente determinadas; Apresenta imagens arquetípicas.	Enraizado na escrita; Base na comunicação escrita; Percepção visual da mensagem; Produção autoral; Imprime estilo pessoal e visão particular de mundo; Suporte nos livros; Aceita inovações; Arte refinada; Maneja as palavras escritas; Personagens relacionados à própria individualidade; Exploração da dimensão psicológica.

Fonte: Organizado pela autora, 2020.

A obra de Bajard (1994) discutiu desde o surgimento da escrita até o uso teatral da palavra, por isso lançamos mão de algumas concepções que ele postulou a partir de estudos no campo da linguagem e da comunicação. Assim, levantou a concepção do “ler em voz alta” (BAJARD, 1994, p. 74) e ainda pontuou que: “1-Oralar, para a atividade de identificação das palavras através da voz. 2- Ler, para a atividade silenciosa de construção de sentido a partir do significante gráfico. 3- Dizer, para a atividade de comunicação vocal de um texto preexistente.” (BAJARD, 1994, p. 74)

A leitura em voz alta foi e ainda é muito utilizada para avaliar se a criança realmente consegue decifrar as palavras. Esse autor, aponta também que a dicção correta já foi fortemente cobrada na escola, porém, com o tempo acabou sendo substituída pela leitura silenciosa, cumprindo a leitura em voz alta apenas o caráter avaliativo.

Além das qualidades de leitura aprofundada, os defensores da ‘leitura em voz alta’ lhe atribuem virtudes que é preciso examinar de perto. Trata-se de atividade que envolve convivência, o que não é o caso da leitura silenciosa, que é uma leitura para si. A ‘leitura em voz alta’ é partilhável. Ela comunica a emoção e, através desta, o gosto de

ler. [...] É portanto, uma atividade formativa. É por isso que o professor deve fazer dela sua prática cotidiana; sua paixão de ler deve conduzir a criança ao prazer do texto. [...] Assim o professor deve saber comunicar sua emoção. 'Ler (em voz alta) é ainda se colocar em harmonia com os sentimentos expressos pelo autor, traduzi-los e comunicá-los em torno de si: um sorriso, uma voz emocionada, olhos marejados de lágrimas são manifestações eloquentes.' (BAJARD, 1994, p. 50)

Tais ponderações são importantes para perceber que há diferenças entre o ler e contar. Esse autor coloca o dizer em destaque, cuja função também é informativa e teatral. Essa teatralidade do dizer e sua estética podem alcançar a contação de histórias? Eu era criança e a escola tinha como costume escolher alunos para recitar poemas no pátio. A sensação de **frio na barriga** [grifo nosso] é conhecida por mim desde aquele dia. De acordo com Bajard (1994) ler é uma coisa e voz alta é outra, um exercício não substitui o outro.

É preciso praticar a voz alta e a leitura. Cada uma tem a sua função, cada uma exige capacidades específicas, cada uma é uma entrada particular na língua escrita e na cultura. [...] o dizer inclui igualmente a proferição do texto aprendido de cor. O ator ao dizer no palco, não faz nenhuma leitura concomitante. As crianças pequenas, sem saber ler, podem recitar um poema. Da mesma maneira, na tradição oral, os textos se transmitem de pais a filhos sem a mediação de qualquer ato de leitura. Nessas situações, trata-se de transmissão de textos pela voz. [...] De um lado, o conceito de dizer não remete mais às atividades de leitura e, de outro, inclui a prática da recitação e da arte de contar. (BAJARD, 1994, p. 80-81)

A contação como uma obra teatral, não está presa ao texto, mas segue sua direção por meio de uma encenação, que permite o hibridismo, ou seja, uso de outras linguagens da Arte na cena, como a música e os fantoches, por exemplo. Assim, cada contação é única, pois está inacabada e depende da improvisação, do contexto histórico, da interação com o público entre outros fatores. Cada vez que se conta uma história é um acontecimento com uma estética única.

Perdurando através de diferentes encenações, o texto é um de seus componentes. [...] Duas encenações sucessivas do mesmo texto são, portanto, duas obras teatrais distintas. [...] Para dizer um conto não se requer nenhuma motivação externa. O professor pode propor essa atividade em qualquer momento, sem que ela dependa de um determinado projeto. (BAJARD, 1994, p. 92-93)

Infelizmente não temos bibliotecas em todas as escolas e menos ainda um profissional que esteja ali para apresentar contos, poemas, cordéis escritos para encantar ouvidos ávidos. Ler e contar são como as águas que correm ao encontro do mar do encantamento permitindo a perpetuação dos valores absolutos do amor, do perdão, da amizade, da bondade e tantos mais capazes de nos tornar cada dia mais humanos.

SEGUNDO ATO: O príncipe Eldani²⁰

As mais belas histórias nascem na imaginação quando a gente deixa o coração se apaixonar. Talvez essa história tenha mesmo acontecido. O príncipe existe de verdade. É lindo, forte e inteligente, talvez nem tanto.

Era uma vez, num lugar distante daqui um lindo príncipe chamado Eldani. Quando precisava falar em público ficava vermelhinho igual pimentão maduro e acabava se escondendo atrás de pilhas e pilhas de livros que costumava ler. Suspense, drama, quadrinhos, mas suas leituras favoritas eram os poemas... Ah, eles o faziam viajar em rimas e versos sonhando mudar o mundo.

O príncipe cresceu, tinha poucos, mas fiéis amigos. Um dia, Eldani teve de assumir um papel muito importante no reino. Mas, como poderia? Ninguém podia nem olhar para ele que já ficava todo vermelho e se escondia! Em um desses momentos de esconde-esconde, ele avistou um livro desconhecido. A cor dourada da capa chamou sua atenção, e com meio sorriso no rosto achou o livro diferente dos outros, sentia uma energia boa só de tocá-lo. Logo que abriu as primeiras páginas, ouviu alguém chamando seu nome, era uma voz doce que sussurrava: - Eldani, Eldani ...

- Mas de onde veio essa voz? Se perguntava com o coração quase saindo pela boca... Ouvia de novo e nada.

O príncipe era inteligente, mas meio lento sabe! Respirou fundo e encheu o peito de uma coragem que jamais havia sentido e respondeu: - Sou eu! E a voz começou a fazer várias perguntas para o príncipe, parecia querer conhecer o que ele sentia e pensava. Que tipo de perguntas alguém pode fazer quando deseja conhecer alguém? Era pergunta daqui, responde de lá... eis que o príncipe foi se abrindo, se abrindo e resolveu levar o tal livro consigo para continuarem conversando. Era o início de uma longa amizade.

Diariamente eles conversavam e o livro passou a se encantar pelo príncipe mesmo sabendo que ele era meio estranho. Tinha chulé, mas não contava para ninguém, ele também tinha vergonha de sorrir porque tinha um buraquinho no dente... Eh! Não existem pessoas perfeitas e no fundo a gente sempre tem uma esquisitice aqui ou ali.

²⁰ A história foi recontada por três contadoras a partir de um desafio da Rede Brasil histórias de Todos os Cantos em julho de 2020. Cada contador deveria recontar uma história autoral. Águia Zarpelon, colaboradora da pesquisa recontou <https://youtu.be/tzrJz6NeBRM> . Também foi recontada por Josiane Silva https://youtu.be/eSx1kfxxi_k e Patrícia Trindade <https://youtu.be/eral6DhJSxQ> .

Todos os dias o livro falava com o príncipe e eles se compreendiam. E falavam sobre tudo. Pouco a pouco, o livro passou a fazer parte da história de Eldani.

Certo dia, o príncipe teve que enfrentar uma dura batalha. Não poderia levar seu livro, mas se lembrava das longas conversas e de tudo que aprendeu. Na verdade, a batalha era ir ao reino vizinho pedir a mão da linda princesa para o rei. Mas, e se o olhassem e ele virasse pimentão de novo? O coração do príncipe batia quase fora do peito... Tum, tum, tum, tum! Pé ante pé caminhou até o salão nobre.

Ao entrar ali, se deparou com um enorme espelho. Ao ver sua imagem refletida respirou fundo e firmou o passo até o rei se lembrando do último conselho do livro falante “não tenha medo de enfrentar o silêncio, ele pode ser sua melhor companhia”. Lembrou-se das longas conversas com o livro encantado e seguiu firme sem ficar vermelho pela primeira vez na vida.

O rei, ao ouvir o pedido solene de Eldani para casar com sua filha, disse: - Claro que darei a mão dela em casamento, mas saiba que a pobrezinha esqueceu como falar. Por algum motivo, depois de uma chuva muito forte, ela nem sequer sussurrou. Não sabemos o porquê. Imediatamente o príncipe começou a ficar vermelho como um pimentão, era medo, era vergonha sei lá. Mas, se lembrou da doce voz que vinha do livro sempre dizendo para dar uma chance às coisas novas.

No dia seguinte, se casaram. Antigamente ninguém enrolava o outro para casar ou teria sérios problemas...Na primeira noite juntos, os dois envergonhados... O príncipe resolveu dar uma olhadinha no seu livro. E não ouviu nada. Ué... Que estranho! Por que será que a doce voz do livro estava muda? Ele se deitou ao lado da esposa, respirou fundo e disse: - Seremos felizes... Com barulho ou com silêncio.

Naquela hora, o livro se abriu e uma forte luz encheu o quarto. Como uma fumaça brilhante, a luz entrou pelas narinas da princesa que, pela primeira vez depois de muito tempo fez uso das palavras para explicar: Minha voz ficou presa no livro por tamanha timidez, há muito tempo. Me reconheci na sua timidez, você confiou em mim mesmo sem saber sobre minha existência. E disseram de mãos dadas: - Seremos felizes! E foram felizes, mas sem silêncio, porque na verdade a princesa apesar de doce falava pelos cotovelos.

2.1 – COMPANHEIRAS DE VIAGEM: a infância na bagagem da professora

Fechei os olhos e pedi um favor ao vento:
 Leve tudo que for desnecessário.
 Ando cansada de bagagens pesadas.
 Daqui para frente apenas o que
 couber no bolso e no coração.
 Autor desconhecido.

A Arte é movida por uma doce paixão... Por isso, entre o fazer e o criar, em meio a Pesquisa Viva e seu processo envolvendo encontros, pessoas e aprendizagens como artista-pesquisadora-professora, sucedeu um belo amor, que não teve força para crescer e acontecer, mas, que se transfigurou na história do Príncipe Eldani. Talvez tenha algo de real ou pode apenas ser parte do voo onírico para ousar escrever um conto... Percebo-me enquanto escrevo. Sou artista contadora de histórias. Tenho encanto pelas experiências que tive oportunidade de viver e de ouvir dos mais velhos e das crianças. “Quem ouve uma história se encontra na companhia do contador; mesmo quem a lê participa dessa companhia.” (BENJAMIN, 2018, p. 45).

O processo de criação da história de Eldani está ligado a um sentimento, porém, não se perde a noção de criação artística com uma ligação importante ao modo de pensar das crianças, buscando por meio de um conto apresentar um tema para a reflexão, usando de uma linguagem tangível. A experiência de criar uma história passou por vê-la contada por outras contadoras. Percebi com Águida, Josi e Patrícia foram respeitosas com a história e criativas ao enchê-la de alma:

[...] a arte não procura transmitir significados conceituais, mas dar expressão ao sentir. E dar expressão de maneira diversa da de um grito, de um gesto, de um choro. Porque a expressão nela está formalmente estabelecida, isto é, concretizada, lavrada numa forma harmônica. Assim, a arte concretiza os sentimentos numa forma, de maneira que possamos percebê-los. As formas da arte como que ‘representam os sentimentos humanos.’ (DUARTE JR., 1991, p. 44)

No exercício das perguntas *insight* que a a/r/tografia reúne pela viagem, ergo a voz para declamar: - Quem é você, Infância? Onde moras? De onde vens? Que cultura tens? Te vejo por trás das telas a brincar. Não corres mais, e o pique-esconde, onde está? Parece mesmo que esqueceu que teu corpo é o teu primeiro brincar! Infância, não demores voltar, sinto saudades de contigo conversar, falar sobre bichos, sonhos e imaginar, um mundo diferente no qual as pessoas podem encontrar a paz.

Quando eu era criança, gostava de subir no pé de pequi que ficava em um terreno na frente da minha casa e me pendurava com várias coleguinhas da rua. Ficávamos por ali cantando músicas da Xuxa. As crianças de hoje não podem brincar na rua por causa dos perigos e são muito bons em fazer amigos nas redes de jogos *online*. A violência de alguns desses jogos até reflete a realidade social, ao mesmo tempo passa a normalizar a morte e a violência. Além disso, existe uma necessidade de namorar cedo, talvez uma influência da erotização infantil. Como ajudar essa infância a experimentar o simples e a viver novamente a ideia de mundos inventados e paraísos? A escola como lugar de difusão do conhecimento pode possibilitar o resgate das experiências por meio da Arte por meio da imersão em uma cultura lúdica.

Tal imersão na cultura lúdica destina-lhe ferramentas imprescindíveis para a sua aprendizagem: a imaginação, a inteligência, a sensibilidade e o domínio da linguagem. [...] Nesse processo de formação integral do ser humano, por meio da aprendizagem de novas formas de linguagem e de conhecimento de mundo, a arte apresenta contribuições para a aprendizagem significativa da criança: possibilita a ampliação da percepção estética, desenvolve o uso de variadas linguagens (oral, escrita, corporal, visual, dramática, sonora, dentre outras) e incentiva as relações sociais e os vínculos afetivos. (CANDA, 2012, p. 125)

Como a infância tem sobrevivido ao mal-estar que o mundo vem passando na pandemia da COVID-19? Até pouco tempo, o brincar era nos horários de recreio na escola. Na rua, poucos se arriscavam por causa da violência, os perigos eminentes. A correspondência com tempos de guerra, faz com que a obra de Walter Benjamin seja posta como relevante e de sobremaneira, pelos 80 anos de sua trágica morte, seja celebrado como filósofo e pensador da Escola de Frankfurt que em seus escritos contribuiu para a crítica literária e a relação com a infância por meio dos brinquedos e coleções despertassem a necessidade de dialogar sobre esse tempo da vida (BENJAMIN, 2009). A complexidade da teoria benjaminiana, forte para relacionar a arte de contar histórias como elemento ligado à sabedoria e aos bons conselhos de quem conhece mais da vida.

Contar histórias, na verdade, não é apenas uma arte, é muito mais uma dignidade, se é que não é, como no Oriente, um ofício. Contar termina em uma sabedoria, assim como por outro lado a sabedoria muitas vezes se revela numa narrativa. O contador de histórias é, portanto alguém que sempre sabe dar conselhos. E, para recebê-los é preciso que também se conte algo a ele. (BENJAMIN, 2018, p. 62)

Histórias vividas são memórias porosas em constante construção. Conhecer mais sobre a obra de Benjamin, me levou até o *II Colóquio Internacional Walter Benjamin Memória e*

*Atualidade*²¹, promovido pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), que movimentou a memória e a teoria filosófica por meio da atualidade do pensamento teórico contido na breve passagem por esse mundo.

O contexto das histórias na transmissão radiofônica para crianças aponta a técnica como algo importante para a democratização e a difusão da cultura. As histórias chegavam pelo rádio, de acordo com Jarek²² (2020) Walter Benjamin era locutor de rádio e enxergava a possibilidade de relação das histórias com tensões e contradições, evitando a moralização, pois, por meio delas era possível pensar na sociedade e no trabalho. A ideia de narrativa é diferente do romance e ambos diferem da informação.

Muitos são os estudiosos que se referem a Benjamin ao trazer o tema da arte de contar histórias ligado especialmente à figura do narrador (BUSATTO, 2012; BEDRAN, 2013; MATOS, 2014). foi radialista, estudioso e era ainda um colecionador. Eu tentei colecionar papéis de carta uma vez por volta dos 08 anos. Mas era caro, então passei a colecionar adesivos de chicletes. Eu os grudava atrás da porta do quarto da minha mãe. Eram do tipo decalques... Cheguei a ter uns 12 monstrinhos daquela coleção. Parece mesmo que colecionar seja algo próprio das crianças. Talvez ter livros e mais livros depois de adulta revele uma lacuna desse tempo.

O texto de Benjamin (1982) cujos fragmentos formam o livro *Infância em Berlín hacia 1900* procuram apresentar em forma de crônicas um tempo que aconteceu ou mesmo que estava posto na memória do autor. Sabe-se que os textos eram cacos de memórias. Recordando a metáfora da bagagem do viajante, saltam as palavras de Benjamin (1982, p. 15)

Importa pouco não saber orientar-se em uma cidade. Já perder-se em uma cidade como quem se perde na floresta exige aprendizado. As placas das ruas devem, então, falar aos errantes como o estalar dos galhos secos [...] esta é a arte que aprendi tarde, realizando assim o sonho de que os labirintos do papel dos meus cadernos fossem os primeiros vestígios. (tradução nossa)

Algumas experiências da infância de Benjamin são postuladas nesse texto, quase um quebra-cabeça, com uma historiografia a partir da memória narrativa que ele desejava que seu filho, Stefan descobrisse a partir do olhar o próprio pai. Talvez Benjamin estivesse traçando

²¹ Evento online realizado em forma de palestras e mesas de discussão entre 28 de setembro e 28 de novembro de 2020, transmissão pelo YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/c/GTHist%C3%B3riasdasFilosofias/videos>

²² Márcio Jarek é professor pós- doutorando pesquisador da teoria de Walter Benjamin. Palestra proferida em 03 de outubro de 2020, durante o II Colóquio Internacional Walter Benjamin *Memória e atualidade*. Disponível em <https://youtu.be/Nn73jZKay9M>.

para o filho caminhos filosóficos de uma infância anterior ao terror da guerra, ou estivesse apenas divagando.

As histórias surgem junto com o homem e habitam o imaginário das diferentes culturas, algumas de tradição oral, outras já letradas. Considerando as experiências e a sabedoria coletiva, Benjamin (2018) se mostra preocupado com a extinção do narrador de histórias. O progresso advindo do capitalismo e a busca constante por bens materiais poderiam ser motivos para o empobrecimento das experiências. Quem nunca brincou na rua não poderá contar histórias sobre esse fato!

Para Benjamin (2018) havia dois tipos de narrador: o camponês sedentário, aquele que estava ali naquela terra e a conhecia profundamente e também às suas histórias familiares; e o narrador marinho comerciante, aquele que vem de longe, pois, “[...] quem viaja muito, tem sempre muito o que contar.” (BENJAMIN, 2018, p.21) A arte de contar histórias vem sendo aperfeiçoada, está longe do que um dia foi. Os contos recolhidos estão nos livros e os livros estão em busca de vozes que deem vida às palavras contidas em suas páginas.

Na escola, a Tia Cecília assemelha-se a este contador sedentário. É uma artista da casa e quando recebemos um artista de fora, o marinho, os alunos ouvem com atenção, mas não abandonam a contadora da casa. Ocupa também o lugar do contador viajante quando se apresenta em outros lugares. Recordo que li uma história que contava sobre a chegada de uma televisão em uma determinada aldeia. O pajé, que era o contador de histórias da tribo, foi deixado de lado por causa da novidade. Porém não se abalou. Com o passar do tempo, a audiência do pajé retornou, e sabe por quê? Porque apenas o pajé conhecia as histórias que eles gostavam ou precisavam ouvir (MACHADO, 2015, p. 54). Eis que “[...] o contador de histórias pode ser assim considerado com um mestre ou como um sábio. [...] o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria.” (BENJAMIN, 2018, p.57)

Livros, *e-books*, *performances-live* são novidades associadas a fazeres contemporâneos, mas não há tempo para ouvir histórias, o conteúdo é extenso, a grade curricular é uma prisão, as crianças não querem mais ser crianças, querem apenas jogos em rede, onde estarão as experiências para desenvolver a sensibilidade?

E para esse estudo, quem é o narrador? O narrador é um comunicador, que atua com sabedoria e arte, usando a voz, o corpo e as leituras dos livros e do mundo para expressar a força da palavra em forma de experiência estética encantada.

Imagem 2 - Contação de história projeto *Tia Cecília conta*



Fonte: própria autora, 2018.

A tia Cecília costumava explicar as histórias, e ainda explica, mas após algumas oficinas de contação, passou a explicar menos, oportunizando ao aluno liberdade para interpretar a partir das próprias experiências e paisagens internas. Assim, “[...]ele é livre para interpretar a história com quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.” (BENJAMIN, 2018, p. 29)

2.2 – BUSCANDO POR CONTADORES DE HISTÓRIAS: um achado

Caminhando contra o vento,
Sem lenço e sem documento,
Eu vou!
Caetano Veloso, 1968.

Bagagem... Na viagem: sonhos e encontros! Carinhosamente, chamei de Dona Rabeca a formadora da oficina de contação de histórias *Caixola nos Ares*²³ Adriana Napolli Corso. Por

²³ Ciclo de oficinas formativas sobre Contação de Histórias promovida pelo Fundo de Incentivo à Cultura e Ministério do Turismo realizada online de junho a dezembro de 2020. Adriana Napolli Corso, artista-educadora e atriz, parte da trupe do *Caixola nos ares* e *Teatro a bordo*.

meio dela, conheci o texto da antropóloga Maria de Lourdes Patrini *A renovação do conto*. Patrini (2005), pesquisou na França por 30 anos e o que chamamos de conto ou de história essa autora chama de reconto.

O contexto histórico apresentado por Patrini (2005) tornou evidente o retorno à cena pela qual passaram os contadores de histórias a partir do Movimento Revolucionário de Maio de 1968, o qual abarcou várias ações revolucionárias na França e em outros países onde os manifestantes pediam o fim da repressão. O Brasil sentiu esse movimento em um período de ditadura militar que se estendeu até 1986. E foi a partir desta luta, que a Palavra retornou às bocas dos contadores de histórias, e eles renasceram nas bibliotecas e escolas por todo o mundo. O conto como Arte e manifestação desta é caracterizado por Patrini (2005, p. 48):

O conto, uma das experiências estéticas das mais democráticas, pode favorecer uma desalienação em relação aos bens simbólicos. A reabilitação do fantástico recupera a referência não mediada das experiências pessoais, mas sim a relação íntima, ativa e participante entre o contador e o ouvinte, pois o conto valoriza a palavra humana e traz também o calor de uma presença, uma verdadeira necessidade que os homens têm e que não encontram da mesma forma em outros meios de comunicação.

Largos passos encontrando o passado para compreender o presente. Pensemos que a sociedade tem se organizado de diferentes formas ao longo da história da humanidade. Dantes a memória de um povo era passada de boca a ouvido, de geração em geração, aqui temos a sociedade tradicional. Com o surgimento da escrita, as memórias passaram a ficar registradas em livros. Atualmente, somos regidos pela cultura letrada, mas existe um vínculo com a oralidade por meio das tradições folclóricas, dos textos que ainda não foram escritos. As histórias, os contos, perduram mesmo com as tecnologias digitais e continuam encantando, o que pode ser percebido durante apresentações em *lives* para adultos e crianças, como aconteceu durante a pandemia pelas redes sociais.

Apoema (2018) chama o conto de peregrino “como um viajante que transita da tradição para a contemporaneidade, sujeito a intempéries do caminho, sem perder, no entanto, certa estrutura e funcionalidade que o mantém inteiro no decorrer do tempo.” (APOEMA *In* SANTOS; APOEMA; ARAPIRACA, 2018, p. 41) Entende que tradição e contemporaneidade são categorias que atingem os contos e a contação de histórias porque há uma ligação intrínseca entre a oralidade e a escrita, uma vez que o texto passa da palavra falada à palavra escrita e remete a novas formas de apropriação. As formas de contar passam a acompanhar a evolução tecnológica, se modernizam e, de acordo com a autora, continuam a nutrir-se das palavras dos

antigos, ancoram o contar na voz, reavivando o texto enquanto narram, experienciam a partir da memorização e ganham espaço na cena teatral por meio de performances.

A contemporaneidade surge com outro contador de histórias, não raro jovem, urbano e preocupado com uma formação mais sistemática, não mais através da tradição, que, ao menos por agora, sabendo-se que há a necessidade de maiores aprofundamentos, poderíamos definir simplesmente como transmissão oral de geração a geração, de boca a ouvido, na troca direta entre indivíduos. (APOEMA In SANTOS, APOEMA, ARAPIRACA, 2018, p. 41)

Entendemos que o século XXI está repleto de outra manifestação de contadores, outra linhagem, carregada de buscas, livros, palavras e tecnologia. Angulosa e não importa se no palco ou na tela “[...] a palavra falada, a palavra querida, a palavra revelada que criava a história, fundava a magia e fazia um outro mundo acontecer.” (BUSATTO In PRIETO, 2011, p. 103), e ainda:

O contador contemporâneo atua no regime de oralidade secundária, ou seja, encontra-se inserido no contexto de uma cultura letrada, se apropria da escrita, da impressão e das novas tecnologias. (BUSATTO, 2006, p. 29)

O contador de histórias do século XXI é um performer, um realizador, um artista. Ele atua numa área muito próxima as artes cênicas, sem dúvidas, mas contar histórias não é como atuar numa peça de teatro. O que separa narração oral do espetáculo cênico são marcas frágeis, quase imperceptíveis, já que os elementos constitutivos de cada uma delas são praticamente os mesmos. São marcas pontuadas por pequenos detalhes, que parecem distinguir a contação de histórias do teatro. O olhar é uma delas. (BUSATTO, 2006, p. 32)

Pensando na realidade de **falta de presença física** [grifo nosso] que a pandemia sujeitou os contadores de histórias, outra forma de estar presente se fez necessária, a presença virtual. Diante do ir e vir da tecnologia digital, Cléo Busatto, como uma visionária que, desde 2006 discutia esse assunto no livro *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*, reforça que:

[...] a arte, que pedia um tempo e corpo presente para se desenvolver e envolver, se integrou à velocidade da virtualidade, assumindo novas feições, como as histórias mediadas pelo digital [...] imprimiu se nela uma sofisticação técnica, com detalhes que fazem diferença, como um texto mais elaborado sintaticamente, imagens visuais e paisagens sonoras nítidas, e apresenta um sujeito contador com domínio dos recursos vocais e corporais. (BUSATTO, 2013, p. 09-10)

Existe um jogo, um aspecto lúdico inerente à forma como o contador de histórias se apresenta. Aqui, ora falamos professor ora contador de histórias, visto que ambos podem possuir essa função na escola em diferentes momentos de sua prática pedagógica, porém sem a

consciência disso. O contato com as histórias e a interação humana no momento da construção de uma contação com a plateia como experiência estética, marca quem ouve, se estiver em condição de compreender as palavras ditas.

O texto de Sisto (2001) fala sobre pretextos para contar histórias, uma vez que fazer arte com as palavras remete ao dizer teatral que se constitui por elementos além do texto, a saber “[...] acústica, olhar, gesto, figurino, cenário.” (BAJARD, 1994, p. 96)

Quando a Tia Cecilia é convidada para contações na Educação Infantil, um recurso muito utilizado para contar histórias são os bonecos, os fantoches pretos, Maria e José. Eles são apresentados para iniciar algumas histórias e até encenar. O José aparece para motivar as crianças a dançarem *A casa do Zé*, cantiga movimentada e que termina com um toque de vamos nos organizar para ouvir a história. A dança antes da contação funciona como um aquecimento, deixa os alunos relaxados e mais concentrados.

Ouvidos atentos e olhar aberto. Como conseguir essa audiência? Bajard (1994) pontua que o olhar é um sentido fundamental na emissão e na recepção comunicativa. Veio à tona uma memória afetiva acerca de uma dinâmica que realizava em sala de aula chamada *O congresso das cores*. As cores faziam uma reunião sobre a vida, os dons e os talentos; cheio de charme surgiu o BRANCO, dizendo: - *Os olhos são o espelho da alma, e que o mais importante era saber ensinar olhar o outro com ternura*. - E, representado por uma pessoa, sai olhando a cada participante nos olhos.

A fuga do olhar manifesta recusa de entrar em relação. Além disso o olhar deve estar disponível à resposta do ouvinte e entender seu feedback. Um trabalho lento e paciente é necessário para aprender a olhar o outro numa confiança recíproca. Um texto sabido de cor facilita a situação, pois o olhar se torna livre para se consagrar à comunicação. (BAJARD, 1994, p.100)

O corpo diz de como nos sentimos. Numa contação de histórias, o gesto é um dos pilares. Nessa expressão, há uma teatralidade e uma estética que encanta o espectador servindo como passagem para o imaginário. Ao produzir a voz e acompanhar a palavra pelo gesto “[...] o contador deve aceitar que o público identifique seu corpo ao corpo do personagem.” (BAJARD, 1994, p. 101)

A primeira ouvinte que tive foi a pequena Juju. Atualmente, está com 23 anos, já é médica e me atrevi a perguntar que recordações guardava sobre as histórias que eu lia e contava. Perguntei: - Você considera que fui sua primeira contadora de histórias? Que memórias você tem de mim nesse sentido? Ela então me respondeu por mensagem:

Magia. Curiosidade. Me recordo dos sentimentos que tinha e algumas cenas marcadas de sua estante de livros. Me lembro de sua voz, trazendo encanto às histórias, prendendo minha atenção e tornando tudo mágico e esclarecedor. Lembro de você me ensinar, de me desafiar a conhecer. Lembro de seu zelo e seu respeito pelos livros e a leitura, que devia ser algo muito especial, um momento especial. Lembro da sua pronúncia de palavras, precisa, musicada. Lembro de gostar de tudo isso.

Esse depoimento sobre a influência positiva das histórias e de como elas alcançam o nosso coração e as memórias afetivas remonta ainda mais a importância, a estética e a poética expressa por essa arte, independente se está ancorada na literatura oral ou escrita. É um hábito que não podemos deixar de lado, pois marca profundamente a vida daqueles que são por ela tocados.

Se há um lugar para estar é na memória, um entrelugar, espaço criado para ser único e nele cabem todas as nossas histórias. Mesmo em distância física a história proporciona o encontro “[...] definido aqui como espaço metafórico em que narrador e ouvinte habitam ao mesmo tempo. [...] É um terceiro lugar, um lugar ainda vazio que será habitado pela primeira vez, por ambos, no instante presente da história narrada.” (TIERNO *In* TIERNO, p. 22, 2009)

2.3 – LUGAR PARA O REPOUSO: Arte e o fazer escolar

O olho vê,
a lembrança revê e
a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo!
Manuel de Barros

A atuação na escola de tempo integral e sua organização em dois períodos colaborava para a constante adoção de práticas arte/educativas. A tia Cecília conduzia o tempo pedagógico com práticas artísticas de expressão com música, teatro e contação de histórias. Ali, crianças de 1º ao 5º ano viviam um tempo dedicado à infância.

[...] é correto afirmar que a atividade artística autoriza a intensificação da identidade pessoal e cultural, por meio do conhecimento de mundo, acirrado na relação com o outro. E nesse processo contínuo de criar, fruir e contextualizar, é evidente que a criança aprende de forma prazerosa, em consonância com suas necessidades de criação, em relação ao contexto cultural assimilado nas interações com sua família, bairro, cidade. [...] Em um país como o nosso, com profundas contradições sociais, encontramos classes diferentes de criança, o que nos mobiliza a pensar em ‘infâncias’ e não em uma infância brasileira. (CANDA, 2012, p. 126)

Esse momento de andar de mãos dadas com a infância durante a viagem me reporta ao trabalho de campo que foi desenvolvido e a escolha dos alunos para preparar a proposição arte/educativa nas oficinas de contação de histórias. O desafio era de atrair alunos do 4º e 5º ano para as oficinas, pensando no fazer artístico mais elaborado, ousando fomentar neles o desejo de serem contadores de histórias. A concepção educativa enunciada por essa troca de experiências em uma oficina direcionada para a infância, aponta caminhos poéticos para a humanização e a sensibilização de cada uma delas, atuando sobre a construção do próprio conhecimento, combinando aprender e ser criança/artista.

Junto com a tese da poesia da infância, a concepção educativa que atravessa a tessitura de sugestões é a de que educar é formação humana, é humanização. Formação que se desenvolve na convivência com outros sujeitos. [...] a mais significativa dimensão dessa experiência educativa é o encontro humano, a interação humana, a convivência de ensinar e aprender, que é também criação e recriação de sentido. (SEVERINO e TAVARES, 2019, p.21)

Assim como as atividades de leitura-estudo e a utilização de uma personagem influenciaram a aprendizagem por meio da brincadeira, a contação de histórias regada a música, interpretação e atividades colaborativas permitem que as crianças exercitem sua capacidade criativa e atuem como autores e espectadores, equilibrando a vida real e vida virtual, além da manutenção da infância pela escola.

Influenciados de forma direta ou indireta pelos meios de comunicação e pelo consumismo, as crianças estão, precocemente, deixando de brincar com as bonecas e carrinhos e aderindo a outros jogos, ao mesmo tempo em que os adultos, também influenciados por estes fatores, deixam de oferecer brinquedos que proporcionam a brincadeira de faz-de-conta, acreditando que a criança não se interessa mais por eles. (DECICO, 2006, p. 21)

Sônia Kramer (2006) em seus estudos sobre a infância e sua singularidade enfatiza alguns conceitos benjaminianos que me fazem recordar quando eu desmontava relógios e brinquedos que tinha para saber o que havia dentro deles, uma curiosidade própria desse tempo “as crianças são mestras na arte do levantamento de hipóteses e da poesia. Nosso desejo é que saibamos fazer uso de tanta sabedoria e sensibilidade e possamos resgatar por meio da inteireza do encontro, as experiências humanas tão escassas nos dias atuais.” (SEVERINO e TAVARES, 2019, p.12) (Re) significar passa por colocar novamente a infância em seu lugar de direito e afetividade.

Reencontrar o sentido de solidariedade e restabelecer com as crianças e os jovens laços de caráter afetivo, ético, social e político exigem a revisão do papel que tem sido desempenhado nas instituições educativas. Na modernidade, a narrativa entra em extinção porque a experiência vai definhando, sendo reduzidas as vivências, em reação aos choques da vida cotidiana. Experiências narrativas ajudam a compreender processos culturais (também educacionais) e seus impasses. Mais do que isso, esses conceitos contribuem para práticas com crianças e para estratégias de Formação que abrem o espaço da narrativa, para que crianças, jovens e adultos possam falar do que vivem, viveram, assistiram, enfrentaram. (KRAMER, 2006, p. 17-18)

Ao idealizar oficinas de contação para compartilhar momentos de escuta sensível com as crianças da escola de tempo integral e pensar sobre as reverberações desse momento indicamos o lugar da infância e sua poética. Não vislumbramos romantizar esse tempo; com o contexto da COVID-19 o tempo se tornou virtual, passando pelas diferentes mídias. Desse modo, realizar pesquisa com crianças é considerar que ela elabora sentidos a partir do seu contexto, como produtora de culturas e linguagens. É preciso que haja uma escuta ética e sensível.

Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas [...] reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nelas produzidas. A infância, mais que estágio, é categoria da história: dos pontos existe uma história humana porque o homem tem infância. As crianças brincam, e isso é o que as caracteriza. (KRAMER, 2006, p. 15)

Entre *lives*, estudos e performances, a professora-viajante se apresentava em performances criando aberturas para novas experimentações e conhecimentos no campo da Arte de contar histórias. A infância e a Arte dialogam, evocam uma necessidade humana (FISCHER, 1996) e o direito à literatura como parte da constituição da humanidade, pensando então que fruir a arte, fazer arte e contextualizar a arte ajudam o sujeito a ser/estar no mundo.

Toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento. (FISCHER, 1966, p. 19)

A poética que existe na infância, no tempo *kairós* – tempo oportuno - de ser criança envolve o mundo das histórias. Gosto de histórias que mexem com minha sensibilidade. Não as escolho por indicação de faixa etária analisada por outros profissionais, mas sim, pelo valor que ela pode vir a ter na vida de quem empresta os ouvidos para a narrativa. Retomo então o

pensamento sobre a Arte como um direito da criança como sujeito integral que sente, atua e cria e sua importância para a infância.

[...] a arte oferece benefícios para o desenvolvimento do ser humano, sendo que a sua produção e a sua fruição são importantes para a elevação dos padrões cognitivos e sensíveis do sujeito em formação cultural. Tais benefícios referem-se à ampliação da habilidade de expressão, à libertação de pensamentos rotineiros fundados em preconceitos sociais, ao questionar e desmistificar valores sociais, favorecendo ainda a constituição de campo de diálogo entre o particular e o universal, o local e o global, o individual e o coletivo. (CANDA, 2012, p. 122)

A abordagem a/r/tográfica e a condição de Pesquisa Viva dão a perceber pontos fundamentais que podem contribuir para transformações e fortalecer a importância das histórias na escola. Dedico-me não só a pesquisar, mas a perceber as conexões possíveis que se apresentam no percurso teórico-prático. Ao trilhar o caminho para a/r/t percebi a condição fundamental para contar boas histórias: escutá-las sensivelmente. O sentido da audição precisa ser trabalhado na escola juntamente com o respeito aos turnos de fala, pois, “[...] a criança, o sujeito, deve ser pensado em todas as suas necessidades específicas. Ele precisa ser visto, escutado, sentido para que dessa forma fique mais próximo a sua compreensão.” (CERQUEIRA e SOUSA *In* CERQUEIRA, 2011, p. 26)

O ato de narrar está envolto à sensibilidade, por meio de uma escuta atenta, generosa e sensível. Quem escuta a história participa do momento de criação pela expressão de gestos, palavras, ações e emoções. Ocupar o entrelugar artista-pesquisadora-professora na escola contempla aprender a escutar os sujeitos e compreendê-los sem julgar inclusive pelas expressões do silêncio. O momento da narrativa apresenta um espaço subjetivo de construção da experiência entre as crianças e o contador de histórias. De acordo com Cerqueira e Sousa (2011) a capacidade de escuta precisa estar ligada à sensibilidade, visto que nos dá a compreender mais o outro e a trazer boas histórias para fruir ou aprender valores absolutos na coletividade.

A escuta sensível é exatamente essa proposta de troca mútua, entre quem fala e quem escuta, em que ambos os sujeitos se doam para que haja a aceitação total da complexidade e completude do ser humano. O processo da escuta sensível é uma prática que necessariamente precisa acompanhar as diversas fases da evolução humana, pois ela também é uma das promissoras para o desenvolvimento integral do sujeito, na medida em que este constitui-se como tal na relação com o outro. (CERQUEIRA e SOUSA *In* CERQUEIRA, 2011, p. 16)

Nesse percurso de estudo, estive em contato com a arte de contar histórias e com contadores de diversos lugares do país. Um dos aspectos que me chamou à atenção foi a generosidade da escuta demonstrada entre esses pares mesmo de forma virtual em grupo de *WhatsApp*. Na oportunidade, me aproximei de Ana Selma Cunha, contadora de histórias residente em Belém-PA. Em sua pesquisa de mestrado aborda um tópico sobre a escuta sensível a partir dos estudos de Duarte Júnior (1991). Ao buscar essa fonte, além da educação dos sentidos e do despertar da sensibilidade, o autor traz contribuições sobre a experiência estética por meio da arte-educação, que em nosso trabalho escrevemos em contiguidade, arte/educação. E explica que “[...] na experiência estética a consciência se coloca de maneira diferente da forma com que se coloca na vida cotidiana.” Ainda:

O que ocorre na experiência estética, contudo, é que a consciência procura apreender o objeto desvinculando-se dos laços condicionantes da linguagem conceitual. Nela o homem apreende o mundo de maneira total, sem a mediação parcializante dos conceitos linguísticos. Na experiência estética ‘suspendemos’ nossa percepção analítica, ‘racional’, para sentir mais plenamente o objeto. Deixamos fluir nossa corrente de sentimentos, sem procurar transformá-la em conceito, em palavras. Sentimos o objeto, e não, pensamos nele. No momento desta experiência ocorre como que uma ‘suspensão’ da vida cotidiana, uma ‘quebra’ nas regras da ‘realidade’. (DUARTE JR., 1991, p. 58-59)

O momento dedicado à escuta de uma contação de histórias apresenta-se cheio dessa premissa de suspensão da vida, uma nuvem de encantamento parece envolver a todos ali reunidos. Presenciei crianças assistindo a um vídeo no qual eu contava uma história intitulada *O que você vai fazer quando tudo isso passar*²⁴? Assistiam atentas, compenetradas, tanto que se surpreenderam quando perceberam que um dos meninos estava chorando. Intervi conversando com o grupo sobre os sentimentos que a história ou mesmo sua trilha sonora pode provocar em cada pessoa. O contato com a contação de histórias como obra de arte coletiva promove a educação e o desenvolvimento dos sentimentos.

A arte é, por conseguinte, uma maneira de despertar o indivíduo para que este dê maior atenção ao seu próprio processo de sentir. A arte é ainda um fator de agilização da nossa imaginação, pois na experiência estética a imaginação amplia os limites que lhe impõe cotidianamente a inteligência. [...] a arte se constitui num estímulo permanente para que nossa imaginação flutue e crie mundos possíveis, novas possibilidades de ser e sentir-se. (DUARTE JR., 1991, p. 66-67)

²⁴ Vídeo-contação exibido em 23/11/2021 no FUGA 14 - XIV Festival Universitário de Artes Cênicas de Goiás FUGUINHA - Programação para a Infância e a Juventude. Disponível em <https://youtu.be/y3lhqDxoexc>.

Na escola de tempo integral o momento da história é um tempo de ativar a imaginação. Tomo emprestada a metáfora do livro de Gilka Girardello (2014) contar histórias na escola abre uma clareira no bosque da imaginação e da escuta sensível a partir da vivência lúdica.

Vamos fazer de conta que a vida de cada uma daquelas crianças na sala de aula é um bosque úmido de folhas e galhos, cheio de aventura, perigo, romance, heroísmo, medo, rotina e todos os matizes da condição humana. Quando as crianças brincam umas com as outras, um bosque entremeia-se com o outro, formando um só: a experiência cultural da infância. Na sala de aula essa cultura é fértil, brota o tempo todo, no cochicho da menina com a amiga da fileira de trás, no menino que mostra ao colega o desenho que fez. Contar e ouvir histórias agem como uma pequena clareira nesse bosque, um espaço onde se vê a luz das estrelas, onde as crianças podem exercitar de forma especial seus poderes de enxergar longe, além do que a vista alcança. (GIRARDELLO, 2014, p. 10)

A experiência/proposição arte/educativa passou pela percepção da diversidade da infância. Percebi também a enorme dificuldade de trocar experiências com as crianças, pois não se davam a oportunidade de realizar uma narrativa, e quando a fala era delas aparecia um embaraço generalizado.

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres de histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte da narrativa está em evitar explicações. (BENJAMIN, 1994, p. 28)

Embora não seja a leitura literária a maior bagagem da qual nos valem nesse estudo, vivemos em uma sociedade letrada, envolvida pela multimodalidade dos textos, ou seja, “[...] texto, leiaute, imagens e gráficos se articulam, de forma a constituir um *design* que pauta o dia a dia de nossa sociedade.” (RIBEIRO, 2016, p. 33) Caminhamos para a digitalização de escritos em nuvens de dados e a forma de hipertextos, ou seja, no ambiente digital textos se conectam e acontece uma leitura não linear, que considera *hiperlinks* que podem ser percorridos de acordo com o interesse do leitor. (PRZYBYLSKI, 2018)

Algumas histórias moram na nossa memória e outras moram nos livros! Essa ação silenciosa de ler livros é algo bastante valorizado pela escola. Atuando na biblioteca escolar também valorizava esse tempo de estar em contato com esse objeto mágico. Enquanto as oficinas eram na escola, para cada turma, deixava um tempo programado (COELHO, 2000), por volta de 20 minutos para que os alunos pudessem ter contato com livros e gibis. Para muitos, o único momento reservado para ler era aquele, ou outro que o professor regente dedicasse em sala.

Diante da aquisição e consolidação da leitura na escola, podemos pensar mais sobre as possibilidades e articulações com a contação, sabendo que essa prática precisa ser valorizada. Mas, levanto uma questão: - *E se a leitura não for incentivada para além da escola?* Aparece então um dos maiores objetivos da escola: Ler, escrever e contar. Também fica mais claro o porquê dos alunos do último ano do Ensino Fundamental I tratarem a contação com certa evasiva. Porém, alguns gostam muito de histórias e a partir delas organizam também sua bagagem cultural. Uma mãe me relatou sobre o desempenho de sua filha, que participava das oficinas na biblioteca na escola de tempo integral durante o 4º e 5º ano, atualmente, cursando o 7º ano. Contou-me, feliz e orgulhosa, que a filha é destaque na escola e que realiza apresentações artísticas sem nenhum embaraço. Ela passou pelas oficinas de leitura com a Tia Cecília de 2018 até 2019. Já havia ali potencial, mas ela fora instigada na fase certa, incentivada pela escola e apoiada pela família.

A contação, como arte da presença, precisou se adaptar à realidade das telas. A pandemia de COVID-19 impediu o contato entre as pessoas e isso fez com que a cibernarração acontecesse com mais frequência pelas diferentes redes sociais. Pierre Levy cunhou o conceito de cibercultura, que a partir da visão de Martino (2015) resume:

[...] o termo que designa a reunião de relações sociais, das produções artísticas, intelectuais e éticas dos seres humanos que se articulam em redes interconectadas de computadores, isto é, no ciberespaço. Trata-se de um fluxo contínuo de ideias, práticas, representações, textos e ações que ocorrem entre pessoas conectadas por um computador - ou algum dispositivo semelhante – a outros computadores. (MARTINO, 2016, p. 27)

Felizmente a possibilidade de interação pelas redes reuniu contadores de histórias. O plano de estudos previa ir até eventos onde pudesse interagir com outros artistas, em minha cidade não há contadores de histórias. Desse modo, a conexão aconteceu via *link* em um grupo de contadores formado por Fátima Beatriz Colares, de Aracaju. O grupo ganhou nome de *Rede Brasil Histórias de Todos os Cantos* e foi ali que conheci *as gentes das maravilhas*.

Nesse coletivo, embalada pelo movimento dos contadores de histórias entendi que contar histórias era apreciar o contar de outros também. Percebia a dificuldade das artistas mais idosas em produzir vídeos de qualidade e promovemos a 1ª oficina de edição de vídeos para contadores da Rede. Foram três semanas desenvolvendo habilidades no uso de aplicativos que dariam mais qualidade ao trabalho técnico.

Imagem 3: Oficina de vídeo para Contadores de Histórias.



Fonte: Instagram da autora, 2020.

Enquanto contribuía com a formação, criava laços de pertença e amizade com artistas da palavra de vários lugares do país. Penso que registrar esse momento da viagem de estudos é fundamental porque a partir daí ideias de (re)significação sobre a contação e o fazer docente foram se formando.

Diante da complexidade e da composição literária/narrativa desse trabalho, processual, dialógica e performática com nuances e bases em Arte, elegemos uma metodologia que possibilita interpretações e análises a partir de compromissos da pesquisa. Para continuar a viagem/formação/pesquisa, o entrelugar da a/r/tografia acolhe e capacita o olhar atento para outros saberes-fazeres e seus aspectos conceituais.

Diversos momentos formativos em Arte/educação aconteceram durante a viagem. Fischer (1996) discutia em seu texto intitulado *A necessidade da Arte* sobre o trabalho do artista. As palavras dele são profundas e apontam uma significância maior do que eu imaginava “O trabalho para um artista é um processo altamente consciente e racional, um processo ao fim do qual resulta a obra de arte como realidade dominada, e não – de modo algum – um estado de inspiração embriagante.” (FISCHER, 1966, p. 14) Demorei a compreender essa força e poder da arte!

TERCEIRO ATO: O sonho das janelinhas

Houve um tempo que as pessoas não podiam mais se encontrar. Uma época que distanciou todo mundo e esfriou os corações. Sombrio, o bruxo, lançou uma maldição sobre a Terra para que as pessoas nunca mais se tocassem e passassem a ter medo umas das outras.

Em uma cidadezinha, vivia uma professora chamada Cecília. Era sonhadora que ela só! A maior alegria dessa pró era poder contar histórias e ouvir as histórias do seus alunos e alunas. Como faz bem, é bom você saber que a Tia Cecília amava cantar, dançar e também usar roupas divertidas. Tinha um jeito bom com a criançada. Parecia que tinha rolado no mel... as crianças estavam sempre atrás dela: Tia, tia, tiaaaaaa!

Nesse tempo duro, a tia Cecília pensou e pensou como poderia ficar perto das crianças sem abraçá-las? Seria impossível. Por um tempo ela matutou para tentar uma solução para o problemão, mas era apenas uma professora vestida com roupas engraçadas. Certa noite, chovia fininho, Tia Cecília vestiu seu pijama de unicórnio e teve um sonho muito estranho. No sonho, ela estava em uma sala cheia de janelinhas e cada janelinha tinha uma criança sorrindo. Acordou intrigada e pensativa. Seria um aviso?

A tia Cecília ficou adoentada, doentinha do coração. Era a saudade que estava apertando por dentro, já havia mais de um ano que ela não via seus alunos e a cada dia que passava recordava o tal sonho. Um dia, levantou, se arrumou e de frente ao espelho falou sozinha: - Tem que ter um jeito! Não sei mais ficar sem as crianças e sem contar histórias.

Mandou uma mensagem para a diretora da Escola, a Dona Veruska. Elas conversaram muito e a tia Cecília sugeriu uma forma de se reaproximar das crianças: -Já sei! Vou convidar as crianças para uma plataforma diferente: O Google Meet.

A diretora avisou que as crianças estavam muito diferentes e que a escola havia sido modificada por causa da maldição do Sombrio, com aulas somente pelo WhatsApp em grupos fechados. Mas, havia uma forma de lutar contra o feitiço usando exatamente a internet. O feitiço ia virar contra o feiticeiro!

A tia Cecília mandou um convite especial para as crianças... e algumas se interessaram, foi alegria, alegria! Afinal, cada criança é uma luz e pode vencer as trevas. Muitas crianças queriam participar, mas o bruxo Sombrio limitava o acesso de muitos controlando até os dados que usavam. Mas, algumas crianças tinham tanta saudade que isso quebrou a maldição do bruxo.

Depois que a tia Cecília criou a sala virtual, resolveu convidar artistas para também cantarem e contarem histórias, sozinha ela não daria conta porque a maldição afetava o coração dela também. Somente a amizade e a colaboração poderiam tirar a tia Cecília dessa.

Ela conseguiu criar uma sala secreta e se reunia com as crianças uma vez por semana. Cantavam, ouviam histórias e espantavam o mau humor. Elas aprenderam a contar histórias. Outras, ainda tinham medo e vergonha, mas, usaram o livro como escudo. Quando a tia Cecília fez um print da tela e viu as crianças cada uma em uma janelinha, lembrou-se imediatamente do sonho e pensou alto: - Que os sonhos bons sempre se tornem realidade!

Assim me contaram, assim contem uns aos outros, porque foi tudo verdade!

3.1 – ENSAIO PARA ENTRAR EM CENA: o lugar da contação

A ida a campo é um momento marcante na investigação, pois propicia a produção de conhecimento a partir de um determinado recorte do objeto de estudo em contato com os sujeitos pesquisados. Desse modo, é na pesquisa de campo que o pesquisador terá uma ampliação da sua visão em relação ao objeto previamente recortado pelo aporte teórico. No campo, o pesquisador se aproxima dos sujeitos da pesquisa na realidade empírica a ser investigada. (NETO *In* MINAYO, 1994)

Antes de apresentar nossa viagem ao campo para provocar novos conhecimentos, faz-se necessário ainda trazer elementos das Artes da Cena para refletir acerca da teatralidade na contação. É importante pensar que a produção de imagens durante o processo da criação da cena, da história que é contada, passa a ter elementos importantes e a/r/tográficos por meio da visualidade.

O momento da história é a contação, essa viagem ao mundo imaginário que a palavra dita proporciona a quem ouve. Os elementos que podem ser utilizados pelo contador, além da voz/corpo compõem um espaço cênico aconchegante, especialmente para as crianças. Esses recursos visuais e lúdicos formam um acervo arte-educativo, encontrando a pedagogia do teatro. Até o momento, a questão cênica é colocada como um elemento de criatividade para apresentar as histórias. Quando estava na biblioteca e aia contar alguma história, buscava formas de atrair a atenção das crianças, com músicas e com a preparação do ambiente. O figurino seria um item chamativo para a história, ou não, se o enredo falasse de festa poderia me apresentar bem elegante, despojado se trouxesse uma aventura, se falasse de caipira, levava um chapéu, tudo na intenção de contextualizar a cena e surpreendê-los pelo primeiro olhar.

A escola valoriza os textos e se apropria dos gêneros textuais para aprofundar conteúdos. Professores carecem reconhecer a relevância de apresentar histórias mantidas pela oralidade e as obras literárias para seus alunos, percebendo que assim como o currículo formal exige preparo para ser ministrado, as histórias lidas ou contadas precisam ser planejadas para compor a formação de sujeitos mais críticos e atuantes, assim:

Muitas professoras leem em voz alta para seus alunos, mas não se animam a contar histórias sem o apoio dos livros. Outras ao contrário, sempre contam histórias, mas raramente leem para as crianças, como se ler fosse uma forma mais pobre de comunicação com elas do que a narração mais cênica. Cada forma tem seu próprio valor, sua força estética, e é importante que ambas façam parte da vida da sala de aula. (GIRARDELLO, 2014, p. 24)

Na escola as professoras são carinhosamente chamadas de tia. Freire (1987) mostra-se contrário a essa nomenclatura que mistura parentesco com profissão. Alerta ainda sobre a substituição da professora pela tia, que atua como parente e faz tudo por amor aos sobrinhos e por isso não se posiciona, não ousa. Mas, o sangue corrente em minhas veias é da professora sim! Que ousa, que luta por seus direitos e procura de forma lúdica e amorosa caminhos para que as crianças se aproximem da Arte. Freire explica:

[...] minha intenção neste texto é mostrar que a tarefa do ensinante, que é também aprendiz, sendo prazerosa é igualmente exigente. Exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico, emocional, afetivo. É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar. (FREIRE, 1987, p. 08)

Manter o codinome **tia** [grifo nosso] revela uma amorosidade e ligação enquanto professora-personagem (DECICO, 2006) com licença para inventar, criar, fazer coisas engraçadas e provocar nas crianças o desejo de participar. Não havia uma vontade maior do que o de abrir possibilidades e tornar o mundo imaginário palpável.

Como parte da preparação científica, passamos pelo lugar da tradição oral e da literatura escrita. Ambas coabitam na sociedade letrada em que vivemos, alcançam um patamar híbrido que se desloca ora para a atuação do contador ora para a conexão com o texto. Nesse sentido, alcanço a concepção teatral que a contação, na pessoa do contador contemporâneo, utiliza como aliança: texto (oral-escrito), público e o palco.

A presença da teatralidade na contação de histórias liga os elementos cênicos uma vez que “[...] uma das marcas específicas da teatralidade é constituir uma presença humana entregue ao olhar do público.” (PAVIS, 1999, p. 06). Encontrei no *Dicionário de Teatro*, de Patrice Pavis, estudioso francês, algumas concepções sobre a contação na cena teatral. Porém, cabe entender que em uma concepção contemporânea, o hibridismo das linguagens da Arte, aponta novos fazeres e o contador contemporâneo pode não estar somente apoiado sobre o tripé olhar, corpo, voz, pode contar ainda com as tecnologias digitais, o que passa a ampliar seu fazer artístico.

Arte teatral é uma aliança de palavras que contém em germe todas as contradições do teatro: é uma arte autônoma que tem suas próprias leis e que possui um a especificidade' estética? Ou não passa da resultante - síntese conglomerado ou justaposição - de várias artes como a pintura, a poesia, a arquitetura, a música, a dança e o gesto? (PAVIS, 1999, p. 25)

Quem é, por sinal, o contador de histórias? E o que é a contação de histórias? Ao longo das reflexões passo por três perspectivas apresentadas por Hernández (*In* DIAS e IRWIN, 2013, 48) a saber: a literária, na qual “[...] o investigador sustenta histórias, e não só as coleta, que se mostra como um personagem vulnerável e necessariamente em crise; a artística, “[...] as imagens visualizam um contexto, enquanto o texto produz um contraponto a partir de outro ‘lugar’ sobre esse mesmo contexto”; e, performativa “[...] propõe um tipo de narração que fala a partir de si mesmo e não de si mesmo.”

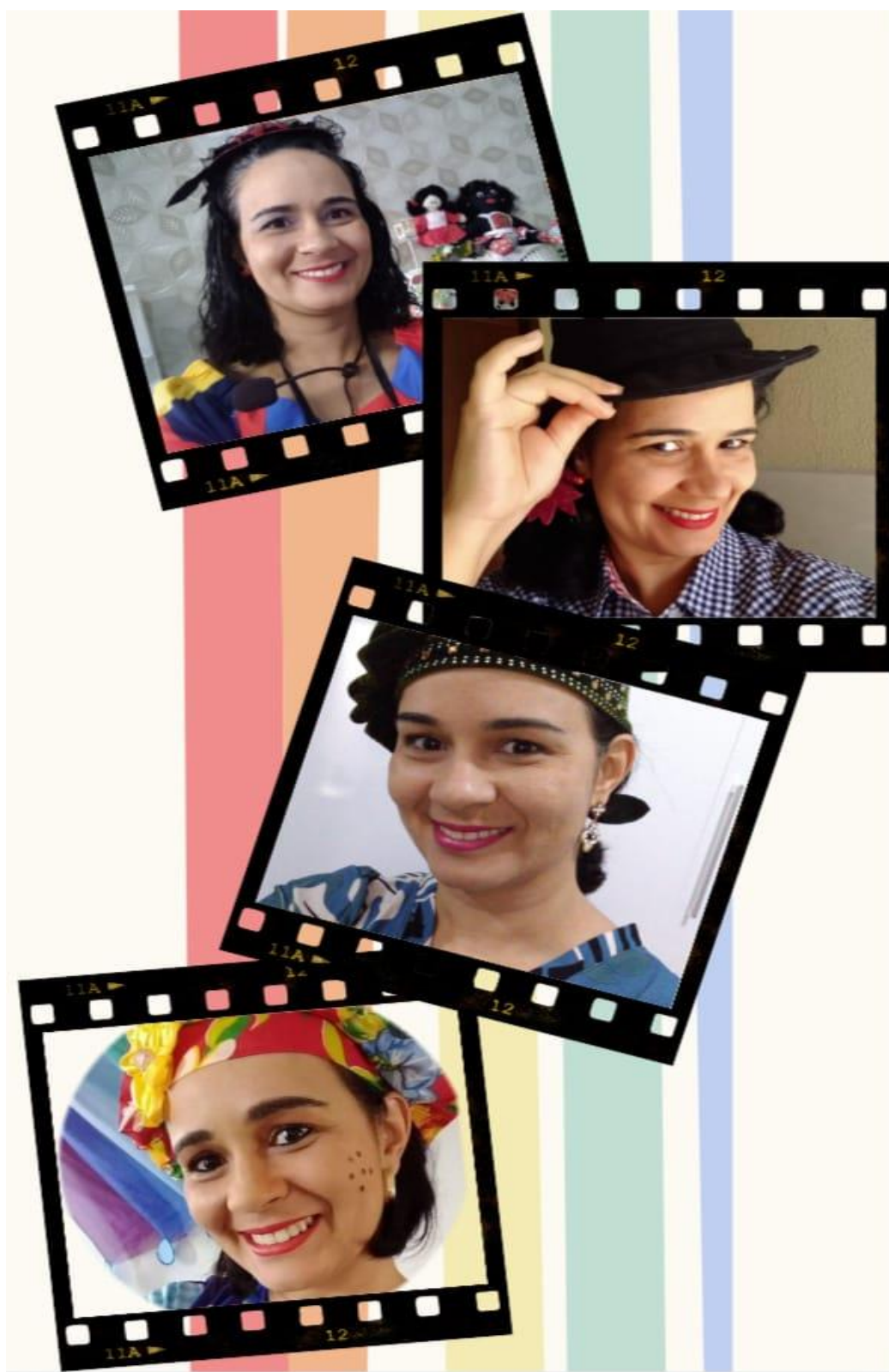
Durante a pesquisa de campo, procurei questionar os contadores que colaboraram com as oficinas sobre como, quando e por que passaram a contar histórias. Apresentamos 07 contadoras e um contador de histórias no terceiro ato, juntamente com sua contribuição performática para nossa investigação. As origens perpassaram a infância – desde sempre alguém contava histórias ou por causa da profissão docente – sempre contava histórias para os alunos, profissão artística – já era ator/atriz e se apaixonou pelo fazer da contação. Me parece pertinente pensar sobre esse fazer do contador de histórias, apresentando-o em concordância com Pavis (1999, p. 66) como um *performer*:

O contador de histórias é um artista que se situa no cruzamento de outras artes: sozinho em cena (quase sempre), narra sua ou uma outra história, dirigindo-se diretamente ao público, evocando acontecimentos através da fala e do gesto, interpretando uma ou várias personagens, mas voltando sempre a seu relato. Reatando os laços com a oralidade, situa-se em tradições seculares e influencia a prática teatral do Ocidente confrontando-a com tradições esquecidas da literatura popular, como o relato do contador de histórias árabe ou do feiticeiro africano. O contador de histórias (que muitas vezes compõe seus próprios textos) procura estabelecer contato direto com o público reunido numa praça, por ocasião de alguma festa, ou nas salas de espetáculo; ele é um *performer** que realiza uma ação e transmite uma mensagem poética diretamente recebida pelos ouvintes-espectadores.

Durante a viagem formativa, percebi que estava me constituindo contadora de histórias e que era uma artista. Assumi essa vertente da atuação depois de um tempo no mestrado. Esse lado artista me parecia comum a toda professora primária, já que a docência exige cores, cola, recorte e muita criatividade. A primeira vez que preparei crianças para uma encenação teatral foi no ano de 2002, estava iniciando a carreira no magistério.

O contato com autores e textos relacionadas à formação para atuar como contadora de histórias tem reverberado em novas investigações pensando o texto, o contador de histórias e o seu público. Essa triangulação da arte narrativa ou da arte de contar histórias parece nítida em seu exercício cênico, pois a contação de histórias é um acontecimento com dinâmica e linguagem próprias conduzidas pela narratividade.

Imagem 4- Quantas sou em performance?



Fonte: Própria autora, 2020.

O que acontece muitas vezes na escola é a necessidade de envolver os alunos nessa proposta de contação de histórias pela improvisação ou pela adaptação do texto pelo professor que conta a história e em seguida figura como um encenador, ou seja, adapta e dirige a atuação dos alunos potencializando a teatralidade. Enquanto narrador, o que impera é o pretérito da ação, a voz usada é a de terceira pessoa. O **era uma vez** [grifo nosso] já aconteceu e sofre adaptações necessárias para que alunos e alunas sejam imbuídos das personagens que podem vir a falar e agir. Para perceber que a arte de contar histórias possui características importantes que se relacionam com as práticas de ensino no teatro, buscamos o apoio teórico de autores da pedagogia do teatro como Desgranges (2018).

A existência de procedimentos de ensino na escola e os procedimentos estéticos na atividade teatral da contação de histórias suscitam algumas reflexões com base na pedagogia do teatro. O trabalho de Desgranges (2018) elucida os procedimentos estéticos e aponta o que se torna cada vez mais necessário a um processo de criação artística. Nesses termos, consideramos o contador de histórias um artista que une literatura, arte da palavra e o teatro, arte da expressão.

A cena surge como um empreendimento teatral imbuído de linguagem própria. As histórias que são narradas pelo contador assumem caráter de atravessar a subjetividade da audiência, alcançando-a por meio da voz/corpo, do olhar e do silêncio:

Assim como as manifestações teatrais vêm apresentando modificações marcantes desde as últimas décadas do século XX até os dias atuais, os modos de ensino e aprendizagem de teatro requerem propostas que façam frente às questões estéticas e históricas que movimentam o fazer teatral na contemporaneidade, pois as modificações observadas no modo de fazer e pensar teatro solicitam revisões necessárias nas propostas de aprendizagem dessa arte. (DESGRANGES *In* CONTIERO, SANTOS e FERNANDES, 2018, p. 22)

Como preparar uma contação de histórias? Basta que o professor leia a história com entonação para alcançar objetivos curriculares? Como tornar esse momento em um tempo de aprendizagem? Desgranges (2018) aponta que existem procedimentos estéticos, dentre eles, a pesquisa é um elemento fundamental para que o processo de criação aconteça de maneira consciente, uma vez que quem assume o papel de artista precisa conhecer a dimensão estética e histórica de seu campo de atuação. Ao realizar a pesquisa da história que será narrada e até adaptada para a interação entre artista e público, ocorre o desenvolvimento da segurança e a inovação dos recursos vislumbrando uma produção artística que seja capaz de sensibilizar os

ouvintes, diverti-los, atraí-los para o espetáculo singular. Desse modo, uma mesma história pode ser contada inúmeras vezes que a cada vez apareça como obra única:

Ao se colocar em pesquisa, o artista quer sair do seu lugar em uma busca que se faz tão necessária quanto vital em direção ao desconhecido, uma trilha movida pelo desejo de aprendizagem. Essa sede de conhecimentos, de partir em busca do que não sabe, demanda que se coloque em risco, pois não consegue assegurar para onde o processo de investigação o levará. A realização da pesquisa para o artista é antes colocar a si mesmo em investigação, visitar subjetividades estranhas, deixando-se atravessar pelo processo em curso. (DESGRANGES In CONTIERO, SANTOS e FERNANDES, 2018, p.25)

A pesquisa, portanto, representa o que se quer descobrir para trabalhar na criação artística. Esse processo gera transformações e atravessamentos complexos para a escolha da narrativa. Certamente, ao contar a história do *Príncipe Adil e os leões*, Regina Machado (2015) pesquisou e se deixou afetar pelo contexto da obra considerando os aspectos não apenas explícitos na narrativa, mas os implícitos que podem atingir o ouvinte/espectador propiciando uma experiência estética lúdica e uma conscientização sobre a resolução dos problemas que enfrentamos no nosso dia a dia. Algumas histórias parecem tocar mais o contador pela sua composição e ainda pela proximidade da realidade ao contexto social do contador. Assim, pela pesquisa como procedimento inicial de criação é possível pensar na história a partir de:

[...] processos que podem partir do estudo de obras de arte, de jogos de investigação da linguagem teatral ou de questões de interesse coletivo, e que precisam estar sempre adequados aos objetivos e ao contexto educacional relativos a cada grupo específico. (DESGRANGES In CONTIERO, SANTOS e FERNANDES, 2018, p.26)

Sendo ouvinte ou até narrador, o aluno é agente fundamental na contação de história no espaço escolar, assumindo parte da beleza da atividade em sua realização. Apontamos então com procedimento estético a ação artística do público. De acordo com Desgranges (2018, p. 27) “[...] as mais variadas propostas se estabelecem como deflagrações de dramaturgias cênicas”, sabendo que a criança passará por um envolvimento ainda maior permitindo ser parte da história expressando sua participação na execução da contação de histórias, apresentando um fazer híbrido e inventivo, capaz de potencializar o processo de criação que acontece antes, na preparação do espaço e indumentárias que poderão ser usadas e, durante a narrativa cênica. Um exemplo simples é convidar um aluno para imitar o ratinho da fábula *O leão e o rato*. A partir de como se expressa é possível enriquecer mais ainda o enredo tornando-o diferente, triste ou engraçado:

Para pensar a noção de público no processo como procedimento que possa ressoar nos processos de aprendizagem teatral, podemos destacar a relevância de trazer para o espaço do ensino, a partir de propostas variadas, o estudo e o debate acerca de questões da vida social, de modo que as dinâmicas de investigação e apropriação da linguagem teatral possam se dar em diálogo com assuntos da vida lá fora. (DESGRANGES *In* CONTIERO, SANTOS e FERNANDES, 2018, p.28)

Além da pesquisa e da participação do público na ação criadora do ato cênico, trazemos também o estado de improvisação. Salientamos que improvisar não se aproxima de deixar a atividade artística ao acaso, mas sim lançar mão do que acontece para que se possa escrever o não pensado e ler o não escrito, possibilitando a reflexão e a sensibilidade por meio do exercício cênico.

Além de constituir-se em atividade que propõe o desenvolvimento da percepção crítica, pois, durante o processo, os participantes são incentivados a estar atentos aos nós das questões, a lançar ‘porquês’ às situações apresentadas: por que isso é assim? Poderia ser diferente?” (DESGRANGES *In* CONTIERO, SANTOS e FERNANDES, 2018)

Outro ponto enfatizado pelo autor como procedimento estético é a colaboração “[...] participação integrada, e em situação de igualdade, das várias artes, em seus diferentes domínios linguísticos”. (DESGRANGES *In* CONTIERO, SANTOS e FERNANDES, 2018, p.32)

A biblioteca gera movimento na escola. A cada oficina os alunos se sentem participantes, integrados ao processo de criação artística que é iniciado com uma música movimentada e o anúncio da história do dia é seguido da pergunta: - Tia Cecília, vai ter teatro da história? - Os alunos sempre perguntavam se a história contada poderia virar uma encenação ou uma história dramatizada.

Tal atividade é apresentada na obra de Betty Coelho Silva (1986, p. 59) como enriquecedora “[...] a história funciona então como agente desencadeador da criatividade, inspirando cada pessoa a manifestar-se, expressivamente de acordo com a sua preferência.” Cabe apontar que a história escolhida para o trabalho pedagógico na oficina precisa promover a atuação dos alunos. Essa referência da atividade posterior à contação representa o brincar com a história. De acordo com a autora:

Há enredos que se prestam melhor à dramatização, isto é, enredo de repetição, movimentados e fáceis de guardar, pois a dramatização logo após a narrativa não é ensaiada, os participantes escolhem o próprio papel, resolvem entre si as situações de modo convincente, sem ser necessário caracterizações de vestuário e cenário. [...] O narrador deixa-os agir livremente e criativamente. Os espectadores é que interferem, corrigindo falas, atitudes num perfeito entrosamento. Todos riem muito e há ocasião

em que a mesma história é dramatizada seguidamente por dois, três elencos diferentes. (SILVA, 1986, p. 60)

A experiência da contação de histórias e as dramatizações eram vontade das crianças que se manifestava possível de atender mesmo de maneira improvisada. A escolha do livro literário e as adaptações necessárias no texto poderiam ser realizadas antes da contação ou seguidamente. O envolvimento dos alunos com a história se tornava mais profundo e o trabalho alcançava lugares além da leitura em voz alta. A definição de encenação de Lehmann (2002) foi citada por Desgranges (2018) apresenta a importância de produção da teatralidade para além do texto:

Se a encenação ‘deve ser considerada como prática artística específica, como uma escritura cênica que não deve ser comandada pela lógica do texto escrito’ (LEHMANN, 2002, p.09) ou se a escrita teatral se faz para além do texto, e se constitui como um texto geral que se apropria de vários registros linguísticos, utilizados sob uma perspectiva eminentemente teatral, sob uma lógica que é própria a esta arte, esse aspecto característico da cena recente pode ser também observado a partir dos modos de produção desta teatralidade. (DESGRANGES *In* CONTIERO, SANTOS e FERNANDES, 2018, p.32)

A pesquisa ora desenvolvida aponta para pistas e questões específicas do campo das Artes da Cena no que tange ao fazer artístico/ formativo na escola. Desse modo, o nosso olhar precisa ser como o da coruja, que pousada fica alerta ao que se manifesta a sua volta. Percebo a potencialidade educativa dos contos (MATOS, 2015) e como professores e professoras artistas podem criar possibilidades pela contação na escola como o primeiro palco da criança, se for na Educação Infantil contando e encantando, no Ensino Fundamental, mostrando o caminho dessa Arte que envolve palavra, corpo e público, suscitando o protagonismo de cada um para que enfrente seus medos e reconheça suas potencialidades. Tomo emprestada a indignação de Celso Sisto (*In* PAROLIN, 2009, p. 70) ao dizer que:

Parafraseando São Paulo, apóstolo, eu diria: ainda que eu trabalhasse a leitura, se eu não contasse bem histórias, eu nada conseguiria! O que eu quero defender com isso é a seguinte ideia: professor tem que ser contador de histórias. E dos bons! Não só da Educação Infantil às primeiras séries do Ensino Fundamental, não, porque é exatamente aí que as exigências se tornam maiores e os desafios mais ousados. Quanto mais se afasta das primeiras leituras e da infância, mais o leitor precisa ser estimulado, monitorado, para que seu desejo e gosto não se percam na lassidão e no vácuo!

Os questionamentos vêm sendo elaborados e amadurecidos para perceber a partir da experiência de docente que intenciona sempre contribuir com o processo de aprendizagem do alunado. Esse processo pode ser alcançado pelas narrativas e pela teatralidade potencial que o

encontro das linguagens artísticas possibilita. A aprendizagem passa a ser mobilizada e se efetiva na ação singular que a Arte marca no coração de quem a conhece. Não aparece isolada, mas múltipla e transdisciplinar, complexa, acima de tudo, possível de ser ouvida, sentida, compartilhada pelas crianças sob a égide da pergunta: - Tia Cecília, vai ter teatro hoje?

Os processos de aprendizagem concebidos sob a égide da colaboração, compreendida não apenas a partir das relações entre os participantes, mas também entre as diversas linguagens artísticas, operam uma investigação da arte teatral não subordinada ao texto dramático, que é substituído pela palavra improvisada. E por propostas que envolvem a experimentação de como essas diferentes linguagens artísticas podem ser articuladas para a composição de escritas cênicas. (DESGRANGES *In* CONTIERO, SANTOS e FERNANDES, 2018, p.33-34)

É perceptível que quando o trabalho teatral da contação está vinculado ao enredo e ao contexto, a expressão e a participação dos alunos mostram-se maiores. Apresentar uma história para as crianças demanda pesquisa de textos e perceber o que caberá ao processo criativo. O fato de planejar a história a torna mais potente, mas concordo com Desgranges (2018) sobre o fato de ser uma obra inacabada, pois, está sempre se renovando, reinventando e agregando elementos. A palavra “inacabamento” é empregada por Freire (1996) remete ao ser humano em constante aprendizado, uma vez que a docência como profissão aparece como uma busca incessante por conhecimentos, bem como o fazer artístico fundamentado em constante estudo da prática, diálogo com a obra e a plateia. Na ação cênica o inacabamento se expressa pela incompletude da obra que se realiza, transforma-se e reorganiza-se em/na relação com a plateia.

Sob a perspectiva do efeito estético, os dois modos de inacabamento podem ser vinculados, que a incompletude da obra, proveniente da lacuna entre o projeto inicial do artista e o efetivamente realizado, pode ser relacionada com as recentes propostas de atuação feitas pelo espectador. Estamos tratando do inacabamento intrínseco a todos os processos de criação, como versão sempre inconclusa os objetos artísticos, que parecem solicitar contínuo e inesgotável aprimoramento aos olhos do criador. (DESGRANGES *In* CONTIERO, SANTOS e FERNANDES, 2018, p.34)

O público é fundamental na atividade de contação. É por meio dele que a inspiração se une à vontade na cena. De acordo com a reação dos alunos é possível pensar rapidamente em novas maneiras de compor a história que parecia completa, mas acaba sendo reescrita pela performance do artista-contador e do público ativo e atuante, as crianças. Questiono: - Quem quer participar aqui na frente? - Imediatamente muitos se agitam levantando as mãos. O querer participar se torna uma ferramenta de poder e controle. Quando elas são convidadas à frente para falar ou mesmo para segurar um objeto, grande parte diz: - Eu! – mas, busco exatamente

a criança que não levantou a mão. Forma de controle? De fato! O encantamento dos pequenos admite pequenos acordos.

Diante da reflexão sobre procedimentos estéticos, o foco nesse momento será a performatividade. Na contação presencial eu gosto de perceber a reação das crianças quando dou início cantando e fazendo os gestos. Logo em seguida, pego uma caixa redonda, uma barrica enfeitada e tento tirar de lá de dentro algo que esqueci. Enquanto isso, dialogo e mostro os objetos estranhos que lá estão, toda hora dizendo: - Mas essa não é a história, me digam quando for. - E começam a sair objetos dali: brinquedos, panos, escova de cabelo, espelho e, quando tiro uma cueca e cheiro, a gargalhada é geral. Posso oferecer para que alguém venha sentir o odor também, mas nessa hora eles se esquivam, até que enfim encontro o que eu procurava, enormes óculos de plástico para poder enxergar melhor as crianças e o livro onde mora a história que pretendo contar ou ler.

Assim, Desgranges (2018) apresenta Paul Zumthor sobre a performatividade. O que é percebido durante a atuação e no seu contexto adquire caráter performativo, pois:

A noção de performatividade pode ser concebida em processos de aprendizagem teatral a partir dos tantos elementos e fatos que, não necessariamente em primeiro plano, permeiam ou interferem nos percursos investigativos desenvolvidos em contexto educacional. (DESGRANGES *In* CONTIERO, SANTOS e FERNANDES, 2018, p.37)

A todo momento surgem pistas sobre o fazer do contador de histórias e sua teatralidade. Eis que ele lê e interpreta realizando a encenação de um texto oral ou escrito utilizando sua voz, olhar e conjunto de expressões apoiado ou não por outros elementos cênicos. A história escolhe o contador, provoca nele a afetividade e se abre para o ato criativo. O contador de histórias contemporâneo, de acordo com Busatto (2013) encontra-se no movimento da performance:

A contação de histórias, como a performance, é uma linguagem artística multidisciplinar, pois envolve letra feito voz, movimento feito imagem visual, som feito paisagem sonora. Na narração oral, como na performance, considera-se o corpo do artista como objeto de arte. Com isso quero dizer que algumas vezes o contador de histórias transforma seu corpo em cenário da ação, traz o texto impresso na pele, cria corporalmente abre para si enquanto narra, imagens dos espaços por onde a história desliza. (BUSATTO, 2006, p. 32-33)

Essa reflexão com base nos estudos da pedagogia do teatro, surge para refletir acerca dos tipos de procedimentos pedagógicos e estéticos que perpassam a atividade de contar histórias. Por mais que uma contação seja planejada, não estará pronta, pois tem como

característica o inacabamento. O momento preparado em seu caráter pedagógico se concretiza no fazer junto com o público pela colaboração. A noção de performance aparece para aguçar a percepção do artista que pode atuar improvisando em seu contexto com base nas reações do público, por exemplo, quando passa um carro barulhento, o contador lança mão desse elemento na performance compondo momentos únicos.

Ao conhecer um pouco sobre o trabalho do diretor de teatro, também chamado de encenador, algumas ideias com base no trabalho de Jean-Jacques Roubine (1982) e suas experiências registradas no livro *A linguagem da encenação teatral*. Quem produz o momento da contação de histórias? Faz a escolha dos elementos cênicos, dirige o trabalho de atuação, improvisação, escolhe o repertório e atua? O contador de histórias! Na escola, o professor! Salientamos que o contador é o encenador de si, pois, dirige e sustenta o momento de espetáculo.

Nos últimos anos do século XIX ocorreram dois fenômenos, ambos resultantes da revolução tecnológica, de uma importância decisiva para a evolução do espetáculo teatral, na medida em que contribuíram para aquilo que designamos como surgimento do encenador. Em primeiro lugar, começou a se apagar a noção das fronteiras e, a seguir, a das distâncias. (ROUBINE, 1982, p.21)

Nesse tempo, as fogueiras deram lugar à iluminação elétrica. Estamos nos anos 2000 e essa fala de Roubine veio ao meu encontro, num tempo em que por causa de uma triste pandemia e o necessário afastamento social a *Internet* aparece como elemento de ligação entre as pessoas. Já era considerada uma ponte, mas, mediante o risco de contágio de COVID-19 a noção de fronteiras e distâncias se apagou, especialmente, para os contadores de histórias que saíram do lugar de artistas presenciais para artistas virtuais.

O contador de histórias, o professor e o encenador tomam espaços muito próximos, pois organizam, orientam e atuam na cena. Não os apresentamos como **aqueles que sabem mais** [grifo nosso], mas como aqueles capazes de iniciar processos de ligação entre os tempos, espaços e vidas narradas de cor, de coração, com base em histórias recolhidas da tradição oral ou mesmo em textos autorais. “Doravante, o encenador é o gerador da unidade, da coesão interna e da dinâmica da realização cênica. É ele quem determina e mostra os laços que interligam cenários e personagens, objetos e personagens, objetos e discursos, luzes e gestos.” (ROUBINE, 1982, p.39)

Pensando nessa forma de dirigir um espetáculo de contação, montar os recursos a partir de um enredo, recordei da minha primeira atividade na Escola de Tempo Integral, agosto de 2018, ao contar histórias para 07 turmas. Achei que não conseguiria, que sentiria dores na

garganta, mas, consegui realizar usando uma técnica de teatro de sombras. Arrumei um banner escuro e montei as silhuetas da história *Feliz aniversário, Lua*²⁵ (FRANK ASCH, 2005) em papel branco. As crianças gostaram muito e descobri algo sobre voz e sobre performance. Professores estão sendo *bricoleurs* quando mesmo sem ter ou sentir que possuem o que precisam, realizam o melhor com o que possuem no momento. O conceito de bricolagem aparece na a/r/tografia significando fazer o possível com o que se tem. Assim: “Bricolagem, categoria que advém da palavra francesa *bricoleur*, é uma estratégia que passou a descrever um processo de promoção do conhecimento que se apropria das possibilidades disponíveis para a realização de saberes em um determinado momento.” (GUNTHER In DIAS e IRWIN, 2013, p. 222)

A bricolagem no processo de planejamento e concretização das oficinas *online* se incorporou ao contexto vivido. Nessa proposição arte/educativa, o nosso melhor foi trazer a voz de outros contadores mais experientes, atuantes pela *Internet*, visando contribuir com o processo auto formativo por meio da generosa partilha de histórias enquanto eram alvo da observação das crianças no processo de apreciação da sua Arte, para desenvolver uma percepção estética, capacidade de escolha performática pautada na liberdade de compor sua forma de contar histórias ao final das oficinas. A tia Cecília, além de conduzir as discussões como mediadora, deveria instigar esse amadurecimento para que as crianças sentissem confiança e segurança para desenvolver-se durante as propostas por meio da escuta sensível, da observação, dos questionamentos no processo compartilhado em forma de uma comunidade de práticas.

3.2 – A CENA COMPARTILHADA: comunidade de práticas

Mas eu não estou sozinha nesta estrada, onde as histórias são vagalumes que sinalizam com poesia, mistério e sabedoria os caminhos de todas as gentes e contam desde sempre, a história de nossa história no mundo. Muitos escritores, poetas, filósofos, teóricos e artistas populares me ajudam a pensar o valor desta antiga arte milenar, onde a palavra é indicadora de rumos passados, presentes e futuros, são unânimes em relacionar a arte narrativa com a arte de viver.

Bia Bedran

²⁵ Narração produzida por Bia Bedran. Disponível em <https://youtu.be/k-7ZVJ4RJ6U>

A imprevisibilidade do cenário educacional propiciou uma nova forma de atuar na pesquisa de campo e incluir novos sujeitos no processo. A partir do compromisso investigativo da abertura, considerando um tempo de imersão e viagem-remota por lugares, conhecendo pessoas, surgiu o engajamento com artistas da palavra atuantes pelas redes sociais.

Tivemos a proposta de 10 encontros com um grupo de alunos da escola de tempo integral, realizados entre outubro e dezembro de 2020, os quais chamamos de oficinas para conhecer mais sobre a arte de contar histórias, ouvindo e contando histórias. Assim, a Tia Cecília convidou contadores de histórias de diferentes lugares do país para trazer reflexões por meio de seus saberes-fazer. A ideia de comunidade de prática a/r/tográfica (IRWIN *In* DIAS e IRWIN, 2013) aparece como um compromisso no desenvolvimento da pesquisa e na produção de dados.

A/r/tógrafos reconhecem que nenhum pesquisador, ou artista, ou educador existe em si mesmo nem existe somente dentro de uma comunidade, pois, de fato, ocorrem ambas as coisas. Nós somos seres plurais singulares [...] Comunidades de prática estão em todos os lugares, e muitas pessoas pertencem a diversas delas. [...] uma comunidade de prática a/r/tográfica é uma comunidade de investigadores trabalhando como artistas, pesquisadores e pedagogos compromissados com o engajamento pessoal em uma comunidade de pertença que problematizam e refletem acerca da diferença. (IRWIN *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 157)

Inicialmente, não haveria abertura para a participação de outros artistas no processo investigativo, porém, considerando a importância da relação contígua entre aprender/ensinar/processo, saber/fazer/criar, ouvir/escutar/falar, textos/intertextos/contextos e narrar/performar/encantar por que não gerar o espaço para novas experiências estéticas além das que a tia Cecília apresentava?

Porque a vida não é uma marcha ou um fluxo uniforme e ininterrupto. É feita de histórias, cada qual com seu enredo, seu início e movimento para seu fim, cada qual com seu movimento rítmico e particular, cada qual com sua qualidade não repetida que a perpassa por inteiro. (DEWEY, 2010, p. 110)

A a/r/tografia apresenta o conceito de Comunidades de Práticas, que acontece a partir da relação entre artistas que se reconhecem, se citam, pois estão voltados para objetivos educacionais “[...]comprometidos, então com atos de criação, transformação e resistência.” (IRWIN e SPRINGGAY *In* DIAS e IRWIN, 2013, p.144) Cada contador ou contadora convidado daria sua contribuição para a formação da artista-professora-pesquisadora e para o grupo de alunos; concomitantemente traria nova linguagem, novas experimentações a partir de

seu lugar de fala. A escolha desses colaboradores aconteceu a partir de afinidades e de algumas atuações artísticas que tivemos via redes sociais.

Ao iniciar o processo de Pesquisa Viva, considerando a a/r/tografia enquanto espaço de pertença/metodologia passei a investigar sobre o significado da concepção das comunidades de prática a partir da identidade com contadora de histórias a/r/tógrafa. A condição de professora me levou à condição de artista em contiguidade, por isso precisava buscar “as gentes das maravilhas” (MATOS, 2014) entendendo que “[...] apenas uma existência-em-comum torna possível uma existência-em-separado.” (IRWIN *In* DIAS e IRWIN, 2013, p.156)

Busquei e encontrei pessoas-artistas que me acolheram e apoiaram na jornada, pois, a pesquisa a/r/tográfica pressupõe engajamento nas suas próprias investigações e com o outro gerando constelações. Eu não era mais uma estrela brilhando só, estava junto das outras.

Nesse fazer em pesquisa de campo, houve oportunidades de pesquisar juntos no momento de planejamento para as oficinas, enquanto se criavam compreensões mais densas do fabricar sentidos, entendendo que o reconhecimento das práticas de cada colaborador foi o que motivou que fossem convidados a contribuir com suas experiências. Parece ainda mais clara a formação de uma comunidade a/r/tográfica de contadores de histórias, definida pelo ato de aproximação, pela condição de relação e pertença desde a entrada e engajamento na *Rede Brasil Histórias de todos os Cantos* como primeiro encontro.

A pesquisa a/r/tográfica requer compromissos com o papel artista-pesquisador-professor e Irwin (2013) destaca o ser/estar no mundo, o inquérito, o negociar um engajamento social em uma comunidade de pertença e o criar práticas que problematizem e reflitam a diferença.

O compromisso de ser/estar no mundo se apresenta por meio de uma postura indagadora e interdisciplinar, compartilhada por um exercício de liberdade dialógica que fomenta conhecimentos explícitos, implícitos e tácitos. A poética do **tornar-se** [grifo nosso] configura uma constante na comunidade de práticas, assim como acontece com o contador de histórias e, a aprendizagem se dá nesse processo de conscientização por meio também do compartilhamento de ideias, ciclo infinito de pesquisas, pois ser artista é ser um investigador movimentando-se com a aprendizagem em, pela, com e das Artes. “Uma comunidade de prática a/r/tográfica é uma comunidade de investigadores que trabalham como artistas e pedagogos comprometidos com o engajamento pessoal dentro de uma comunidade de pertença [...]” (IRWIN *In* DIAS e IRWIN, 2013, p.157)

Para interagir, aprofundar e sofisticar as performances e meu fazer artístico pude me apropriar de novas formas de realizar performances e assim, em engajamento comunitário,

reconhecer o valor e a potência do trabalho de cada um dos colaboradores que compuseram a comunidade, citando-os e aos trabalhos que realizam.

Muitas vezes, enquanto pesquisava algo para as oficinas, também me preparava para realizar alguma *live* ou performance em vídeo, isso passou a compor uma rotina de vida criativa em construção. Ao contemplar e assistir os outros contadores ativava a minha própria forma de criar. Vale compreender mais sobre negociar um engajamento social em uma comunidade de pertença, lembrando das oficinas das quais participei e até sobre o fato de ter sido, por um tempo, uma das mediadoras/administradoras/zeladoras do grupo *Rede Brasil*. Naquele tempo estava imersa na pesquisa e ali, dentre 250 pessoas, me destaquei por ser proativa e interagir no grupo com uma certa paixão perceptível, além da curiosidade inquieta.

Quando busquei outros contadores tinha o olhar da professora que deseja ensinar mais aos alunos por meio das histórias. Não entendia esse momento como um tempo destacado para envolver a todos em uma experiência estética, mas queria que aprendessem algum conteúdo. Com o passar do tempo percebi que, o foco da *a/r/tografia* não seria responder a uma única pergunta inicial, mas também oportunizar novas perguntas para uma investigação que se metamorfoseia com o tempo. Então passei a perceber que precisava ser uma contadora de histórias que entende o lugar dessa Arte no mundo.

Assim, as performances passaram a ser mais potentes, documentadas, assim como as oficinas realizadas com as crianças por meio de vídeos, diário de campo, imagens para registrar o percurso. Convidei a cada um dos artistas para compor essa comunidade durante as oficinas de pesquisa e o compromisso com investigação pessoal passou a ser também coletiva. A cada oficina um artista é convidado a colaborar e contar uma história para as crianças. Antes do evento, um diálogo com a pesquisadora para pensar em que história poderia ser contada para o grupo e alinhar a conversa com as crianças. O tempo planejado passava por um primeiro momento com a Tia Cecília para contar uma história, fazer um dinâmica e orientar as crianças sobre o que seria abordado. O convidado era recebido e contava sua história, em seguida as crianças ficavam livres para entrevistá-lo. A mediação sobre o momento era realizada pela Tia Cecília instigando as crianças a pensarem na forma como a história foi contada.

O chão da escola passou a ser virtual. Como atuar na formação de crianças pelas histórias nessa nova realidade de ensino? E foi na instabilidade que nós mudamos e aprendemos a lidar com a linguagem da tecnologia digital. Meu papel de mediadora/observadora/aprendiz em investigação se deu mediante transformação a cada oficina e experimentação estética. A nossa comunidade nos fez conectados em contiguidade, mas revelando a singularidade do fazer

inventivo de cada um que deixou uma sementinha e se abriu a ensinar e aprender algo com aquele tempo de pesquisa com as crianças.

Gente de lugares diferentes, linguagens diferentes, aqueles contadores **marinheiros** [grifo nosso] como poderia dizer Walter Benjamin (2018) em *O narrador*, iam contribuir para outros questionamentos contínuos: Que história contar? O que desejo ensinar com essa história? O que fazer para que eles se interessem por esse fazer artístico mais refinado? Como potencializar a proposição? Escutar também é ler? Contar é escrever? E as transformações seguiram e seguem...

O planejamento²⁶ de cada oficina aconteceu de maneira compartilhada. A ideia era que as crianças ampliassem seu repertório de histórias por meio da escuta sensível, percebendo como o contador/a utilizava a voz e o corpo, se usava recursos visuais, sonoros, elementos cênicos como figurino ou bonecos, e realizando uma entrevista para saber sobre se fazer artísticos. Cada um dos colaboradores passou a compor o que a a/r/tografia chama de comunidade de práticas, pois, cabe entender que “[...] os artistas não criam no vazio. O trabalho deles está necessariamente relacionado ao dos outros.” (IRWIN e SPRINGGAY In DIAS e IRWIN, 2013, p. 143)

O registro de todas as oficinas consta em vídeo e nos relatos do Diário de Campo. Nesse espaço, apresento as contribuições dos colaboradores da pesquisa a quem vinculo o conceito de “[...] uma comunidade de prática a/r/tográfica é uma comunidade de investigadores que trabalham como artistas e pedagogos comprometidos com o engajamento pessoal dentro de uma comunidade de pertença.” (IRWIN In DIAS e IRWIN, 2013, p. 160)

A Tia Cecília em um movimento contíguo buscava outros contadores de histórias para se reconhecer, encontrar a sua identidade artística e alcançar pertencimento. *A Rede Brasil Histórias de Todos os Cantos* foi uma oportunidade de interagir.

A professora e contadora de histórias Raquel Santos, de Itumbiara - GO, potencializou a atuação contando histórias no canal do *YouTube* e realizando eventos com outros contadores. Na primeira oficina realizou a leitura animada do livro *O grúfalo*. As crianças puderam interagir com ela e fazer perguntas sobre a vivência de contadora-artista e ficaram encantados com o uso das vozes que ela fez para os personagens e com a caracterização com grandes laços na cabeça.

Ana Selma Cunha, de Belém – PA, professora e contadora de histórias há mais de 20 anos, pauta-se nas histórias de tradição oral para contar e apresentou as narrativas contextualizadas com a Amazônia *Os dois compadres* e *A formiguinha*. Mostrou brinquedos de

²⁶ Os planejamentos constam nos apêndices do trabalho. Foram fundamentais para a proposição e permanente evolução das oficinas e atividades realizadas.

miriti ou buriti, brinquedos feitos com madeira de um coqueiro semelhante a isopor. As crianças notaram uma diferença cultural desde o primeiro momento pela forma com ela se expressava. Perguntaram sobre os mitos da Amazônia, puderam perceber que boto, saci, Iara, são personagens de outras terras e que o nosso folclore é fruto de uma diversidade cultural.

Imagem 5: Comunidade de práticas – os contadores de histórias colaboradores.



A professora e contadora de histórias Águida Lázaro Zarpelon, de Luís Eduardo Magalhães-BA, contou para as crianças a história africana: *Por que as girafas não cantam?* Para aguçar o imaginário, usou objetos que tomavam o lugar dos recursos visuais. As crianças experimentaram imaginar e criar uma história usando objetos inusitados também.

Apenas, Letícia Mourão ou Conta Lelê, de Planaltina - DF, conheci a partir de seu trabalho no *Instagram*, desde o início da pandemia passou a produzir vídeos de histórias para seu canal do *YouTube*. Atriz, contadora e secretária escolar levou para a turma uma oficina com a história *A vaidade de Lolita*. Deixou as crianças encantadas com seus lenços coloridos e as músicas no momento da história.

O contador de histórias Gilberto Alves, de Taguatinga - DF, também atua com voluntário na *Associação Viva e Deixe Viver*. Com jeito bem-humorado envolveu as crianças em uma narrativa sobre a história recontada *Minha mãe é um mico*. Narrou a história envolvendo as crianças e pedindo a participação delas. No final, a turma se surpreendeu quando o Gil mostrou que aquela história morava em um livro. Ficaram bastante à vontade com a forma de interação.

A contadora de histórias Juliana Thaís, de Ibitinga -SP, atua em associação cultural em sua cidade. Encantou as crianças com a histórias de Sylvia Orthof *Galo, galo, não me calo* e *O bicho mais poderoso do mundo*. Na ocasião as crianças puderam confeccionar um chocalho e um instrumento feito com garrafa pet.

A bibliotecária e contadora de histórias Dayane Bezerra, de João Pessoa -PB, trouxe o conto popular *Deus é bom*, usando colheres de pau. Mostrou um enorme chocalho de chaves e mostrou como as crianças poderiam fazer um fantoche de rolo de papel higiênico.

Considerando o contexto digital, Sirlei Peletti, de Araquari – SC, professora e cibercontadora de histórias apresentou para a turma como criar vídeos legais usando aplicativos. De todos os contadores, ela era a que tinha menos tempo nessa arte, considerando que passou a usar a personagem *Princesa Poesia* a partir do advento da pandemia.

Tivemos uma oficina para conversar e avaliar as aprendizagens na qual as crianças puderam se preparar para uma roda de histórias com apresentações; poderiam ler ou contar histórias, usar performances, músicas e chamar convidados para compartilharem o momento. Para deixar as crianças mais seguras, promovi ensaios individualizados, desta forma, teriam maior desenvoltura, planejando junto com a professora como atuar.

3.3 – Ô, DE CASA, POSSO ENTRAR? Pesquisa de campo mediada pela Internet

Todos estamos matriculados
na escola da vida,
onde o mestre é o tempo.
O saber a gente aprende
com os mestres e os livros.
A sabedoria se aprende
é com a vida e com os humildes.
Cora Coralina

A poética da viagem e todo esforço formativo parecem findar na experiência de campo. O papel de artista-pesquisadora-professora tem sido preparado para uma práxis que percebe o chão da escola como um lar. Nossa chegada foi mediada por meios tecnológicos e o momento pedagógico é delicado, a comunicação não acontece sincronamente, ou seja, o tempo pedagógico não acontece em tempo real. Percebemos que a participação de contadores de histórias de lugares diversos do país traria uma riqueza de linguagens e olhares para a experiência estética da pesquisa e para a pesquisadora e as crianças, traria novos conhecimentos em relação à performance. Após meses de licença para formação teria algumas dificuldades e frustrações. As tensões de completar o percurso revelam ainda incertezas e acontecimentos fora de nosso domínio. Eis o relato!

A escola lócus da nossa pesquisa é a 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin na cidade de Luziânia, Goiás. A escolha dela em detrimento de outra da rede municipal se deu pela forma diferenciada que a unidade realiza o trabalho pedagógico, pois atende o alunado em tempo integral com oficinas pedagógicas no contraturno. Vale lembrar, que foi também nessa unidade de ensino que o *Projeto Tia Cecília conta* se desenvolveu com foco em leitura, literatura infantil e teatro na oficina desenvolvida na biblioteca escolar.

A pesquisa de campo teve uma alteração considerável em virtude da suspensão das aulas presenciais e medida de distanciamento social em prevenção à contaminação com o Corona Vírus, causador da grave crise sanitária que assolou vários países, inclusive o Brasil. A pandemia da COVID-19, nome dado à doença, obrigou sistemas de ensino federal, estadual e municipal a tomarem decisões para proteção da vida. Dentre as decisões governamentais tomadas, foi necessário pensar sobre o funcionamento das instituições de ensino a partir do mês de março de 2020. A pesquisa de campo era esperada para início de maio, porém, a 1ª Escola de Tempo Integral, manteve-se fechada, bem como todas as unidades de ensino de Luziânia – GO. Desse modo, ao entrar em contato com a gestão, a informação era de que não havia previsão para o retorno presencial. A escola suspendeu as aulas no dia 19 de março de 2020.

A retomada das aulas foi realizada somente em 19 de maio de 2020, com atividades apenas no período matutino e de forma remota, ou seja, os alunos permaneciam em casa e eram orientados pelo professor regente em grupo de *WhatsApp*. A mediação tecnológica foi necessária para que o ano letivo não ficasse prejudicado. As oficinas foram suspensas e houve um período de adaptação para alunos e professores se entenderem por meio das mídias.

Em respeito ao período de adaptação e em convergência com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), as oficinas aconteceriam a partir de 21 de outubro. Desse modo, mesmo em situação de incerteza sobre os rumos da retomada das aulas presenciais, replanejamos a atuação de forma virtual com a formação de uma turma com alunos do 4º e 5º ano, mantendo a possibilidade de ter 35 alunos e realizar as atividades em oficina mediada pelo *Google Meet*.

A gestão escolar concordou com o novo formato que foi o de realizar as 10 (dez) oficinas de contação de histórias no contraturno. A sensibilização e convite para participar foram feitas em formato de vídeo e cartaz explicativo encaminhado pelos professores regentes de 4º e 5º ano nos grupos de *WhatsApp* das turmas da escola. O vídeo foi repassado aos pais, que responderam ao Termo de Livre Esclarecido (TALE) em formulário *online* autorizando a participação do aluno/aluna na pesquisa, e posteriormente em formulário próprio.

Para formalizar o início dos trabalhos, foi confeccionado um novo convite, reforçando que apenas os alunos autorizados previamente poderiam participar da proposição e um vídeo tutorial ensinando os alunos a baixarem o aplicativo *Google Meet*. Essa explicação é importante, pois na rede municipal apenas alguns professores acessavam salas virtuais nesse formato. A utilização frequente é do *WhatsApp* pela facilidade de interação, baixo uso de dados e publicação de diferentes mídias sem perda.

As vagas para participar das oficinas *online* foram disponibilizadas para alunos maiores, cuja leitura e escrita já possibilitavam outras formas de interação autônomas. E essa foi uma grande dificuldade visto que a contação algumas vezes é vista de forma pejorativa como **momento de ouvir historinha** [grifo nosso].

O atravessamento de informações gerou preocupações sobre o quantitativo de crianças participantes. Das 35 vagas, 34 foram preenchidas e 16 crianças participaram no decorrer da proposta, porém apenas 08 crianças participaram da culminância do trabalho. Vários problemas foram elencados: falta de *Internet* banda larga, dificuldade de usar a plataforma *Google Meet*, celular compartilhado, falta de celular, desinteresse.

Diante do enorme desafio de realizar a pesquisa de campo virtualmente, o pensamento de oportunidade gerada faz recordar a importância da experiência na qual o sujeito constrói e reconstrói sua experiência” (DEWEY, 2010).

Oficina 01

Na primeira oficina, tivemos a presença de 12 alunos, iniciei com uma conversa informal e algumas hipóteses sobre a contação de histórias, o que é e como se faz. Expliquei para as crianças que nossas oficinas seriam para formar contadores de histórias. Eles ficaram assustados, disseram da vergonha de serem alvo de vários olhares. As crianças se apresentaram e uma a uma disseram o motivo de estarem participando, cada um com seu motivo, mas o mais marcante foi **a saudade da escola e das histórias** [grifo nosso]. Os alunos estavam bem tímidos e a tela parecia tê-los deixado engessados. Depois de acolhê-los com uma música e falar sobre a proposta de conhecer novas histórias e outros contadores, recebemos a primeira convidada.

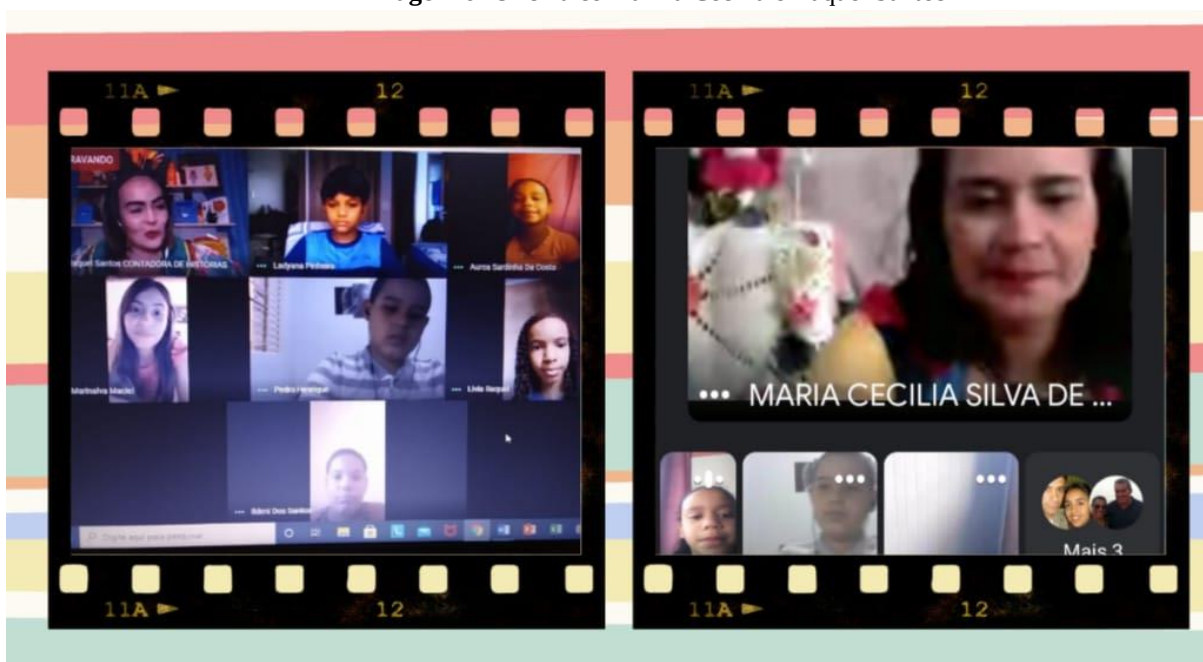
Tivemos a participação da Contadora de histórias Raquel Santos de Itumbiara. Eles a receberam bem e estavam ansiosos para ouvir as histórias. Meu papel foi mais de mediadora. Preferi participar instigando-os a fazerem perguntas à convidada, orientando o uso do *Google Meet*. Ela, também professora, trouxe conhecimentos importantes sobre o fazer do contador de histórias que pode ou não usar adereços, pode ou não usar o livro. Ela contou com apoio do livro a história *O Grúfalo* de Julia Donaldson. É uma fábula interessante, que mostra a esperteza de um ratinho que se tornou o mais temido da floresta. O momento da história foi bastante reverenciado por eles. Raquel contou e mostrou que estava com o apoio do livro. A performance dela chamou atenção pela forma como usou a voz imitando as vozes dos animais.

As crianças acompanharam com entusiasmo e acharam engraçado o enredo. A contadora respondeu às perguntas dos alunos: - *Como você decora a história? E como você faz para imitar as personagens? Você já viajou para o exterior? Você já contou história em teatro? Para quantas pessoas?* A resposta foi satisfatória para eles, pois esclarecia como ela memorizava as partes da história, para dizê-la de cor. Lia bastante, juntava as frases e depois gravava um áudio e escutava diversas vezes. Mas, disse também que algumas histórias não exigem decorar, que parece que elas vêm morar na memória da gente pelo coração. Escuta uma vez e já fica guardada. Quanto à personalização das vozes das personagens, respondeu que se o bicho é pequeno, procura uma voz fininha, se o bicho é grande, procura uma voz grossa e assim vai distribuindo os sons.

Percepção em relação à dinâmica da oficina com a colaboração da Raquel: Os alunos aceitaram bem ouvir contações de histórias de outros contadores. Acharam uma proposta interessante inclusive aprender a contar histórias e realizar uma apresentação em forma de *live*. Eles se mostraram tímidos, mas ao mesmo tempo pareciam absorvidos pelo momento. As questões levantadas sobre ler e contar, decorar uma história por exemplo, deixou os presentes

bastante envolvidos. Foi criado um grupo de *WhatsApp* para estreitar a comunicação com os alunos. Iniciávamos um tempo de trocas e muitas descobertas.

Imagem 6- Oficina com a Tia Cecília e Raquel Santos



Fonte: Própria autora, 2020.

Para manter o vínculo e o diálogo com as crianças, solicitei que fizessem uma pesquisa com os pais para saber a história do seu nome e produzissem um pequeno vídeo. Cinco crianças realizaram a proposta e foi importante para se perceberem como sujeitos da própria história. Os vídeos foram publicados no grupo de *WhatsApp* e as crianças comentaram os vídeos uns dos outros achando o quanto era interessante saber a história do nome. A história do nome da Alicya foi comovente. Órfã, teve a escolha dos nomes por parte das avós materna e paterna. Ela não sabia. Creio que a atividade ajudou a trazer memórias boas para ela. Foi interessante, porque a partir dali pareciam estar mais à vontade para narrar pequenos fatos. Acreditamos que a pequena quantidade de crianças a desenvolver a atividade mostra o quanto ficavam apavorados com a exposição de sua própria imagem.

Oficina 02

Os alunos receberam previamente o *link* da oficina no grupo de *WhatsApp*. Dessa vez, a convidada para contar histórias é a amazonida Ana Selma Cunha. Nesse dia, apenas 05 (cinco) alunos participaram. Após uma conversa informal no *Meet*, fomos conversando sobre o contexto das histórias na vida das crianças de antigamente. Esse gatilho foi importante porque

levou à pergunta: - *Por que as histórias não eram escritas para as crianças?* E eu levei o diálogo explicando que os adultos tratavam as crianças como adultos em miniatura.

Logo depois, falamos sobre a importância da música para preparar o momento para as histórias. Sugeri que cantássemos a música *Toc, toc, toc, alguém deseja entrar, é uma história que acaba de chegar, conte até três que ela já vai começar*, motivei que cantassem e falei sobre contar histórias para as crianças menores. Os alunos se esforçaram em cantar, mas não percebi empolgação, talvez um tanto de timidez por estar ali em evidência na tela. Falei um pouco sobre os Irmãos Grimm e que foram os precursores na recolha de histórias. Apresentei uma história desenhada que foi recebida com entusiasmo pelas crianças.

Imagem 7- Oficina com Ana Selma e Tia Cecília.



Fonte: Própria autora, 2020.

O mistério do *Castelo encantado*, a história desenhada, foi uma ideia bem recebida pelas crianças, como uma forma de memorização de uma história. Motivando a discussão, perguntando se a história foi lida ou contada até que eles pudessem inferir que cada contador adapta o conto como deseja. Conversamos sobre o Pará e Ana Selma trouxe muitas informações sobre o Estado. Se apresentou como professora e contadora de histórias. Destacou em sua fala sobre a inspiração à contação de histórias. Um projeto realizado nos anos 2000 com alunos que apresentavam dificuldade e fizeram pesquisa sobre as histórias que os mais velhos contavam. As crianças recontaram as histórias e deram um nome indígena para o grupo: *Tuerarupi*. Nesse

grupo, as crianças podiam contar histórias de cor e chegaram a se apresentar em eventos importantes.

Ana Selma abordou que os contos são ricos em cultura e que os contadores também são encantados pelas histórias. Os alunos foram questionados se Ana Selma conta de memória ou se lê. Ela explicou que conta de cor, porque a história decorada é mais que aprendida, ela passa duas vezes pelo coração. Ela tentou situar as crianças em relação ao espaço geográfico da Amazônia. Falou das histórias de rio. Mostrou o instrumento feito de miriti, tronco de um coqueiro, o pau de chuva. Aguçou a curiosidade dos alunos que queriam saber o que tem dentro... Ela falou que o que há dentro é a chuva da mata guardada, e que esse recurso pode ser usado para contar histórias das águas. Mexeu e remexeu o pau de chuva.

E começou a narrar a história de quando a cobra grande engoliu um banquinho, um cacho de bananas, um saco de farinha e um menino no rio. Quando o compadre atirou na cobra que abriram sua barriga, lá estava o menino sentado no banquinho, comendo banana com farinha, e finalizou, dizem que essa é história de pescador e essa história entrou por uma porta e saiu pela outra, quem quiser que conte outra.

Os alunos aplaudiram e viram a cobra grande confeccionada com madeira de miriti, ficaram encantados com o barco e o papagaio. Falou da tradição do artesanato de miriti e os brinquedos daquela terra, reforçou que a infância e os brinquedos fazem parte do imaginário das crianças. Questionou as crianças sobre as lendas da nossa região, e um dos alunos descreveu o *Saci Pererê*, e continuou dizendo que tem um jeito de prender o Saci e perceber suas travessuras. Falamos um pouco de folclore e das lendas. Perguntaram para a contadora: - *Quantos anos têm que conta histórias?*

Instigando os alunos a perguntar. Sara, uma das alunas, ficou assustada quando o compadre jogou o menino na boca da cobra por causa do movimento da contadora. Discutimos como os gestos foram importantes para representar os momentos da história. As histórias vão mexendo com a emoção das pessoas. E os gestos levam a criança a imaginar-se na história. Ana Clara, outra aluna, perguntou se é difícil se vestir de personagem, inventar as histórias. Ana Selma falou que prefere mais fazer a narração *per si* que não gosta muito de se vestir de personagem.

Falou que muita gente prefere se vestir do personagem para se sentir livre para contar, que usa os objetos elementos como metáfora, nesse caso o objeto se transforma, o que Naschold (2015) define como a história objeto-metafórica:

A contação objeto-metafórica de histórias constituir-se-ia em uma base promissora da compreensão do sentido pelo fato de as crianças, por seu intermédio, estabelecerem mais relações com o seu universo e, conseqüentemente, guardarem de forma mais efetiva os personagens da história e as situações vivenciadas por eles, possibilitando esses aspectos o desenvolvimento da argumentação infantil. (NASCHOLD *et al*, 2015, p. 280)

O teatro de objetos comunga dessa ideia de metáfora, por meio dos estudos do marionetista francês Phillippe Genty:

[...] Genty define o Teatro de Objetos como uma vertente do Teatro de Animação que se vale de objetos prontos, no lugar de bonecos, deslocando-os da sua função e conferindo-lhes novos significados, sem transformar, porém, a sua natureza, explorando uma dramaturgia que se vale da linguagem simbólica, em detrimento da importância da manipulação propriamente dita. (VARGAS, 2018, p. 428)

Ana Selma trouxe ainda o relato de que prefere a voz para impactar os ouvintes. A oficina durou por volta de uma 1h12min, entre informes e retomada, tentando trazer à tona a participação deles. Foram questionados se estavam gostando da dinâmica, afirmaram que sim. Mas, temia que a dinâmica estivesse envolvendo-os pouco. Isso me levou a pensar num caminho mais breve nas próximas. Como motivar a participação deles? Será que estão aprendendo? Que tipo de sentimentos irão demonstrar?

Oficina 03

A última oficina me deixou bastante aflita. A baixa frequência das crianças mexeu muito comigo. Estariam elas cansadas? Ou os pais? Será que a comunicação não estava sendo assertiva? E a metodologia? Passei a levantar várias questões de foro íntimo, angústias de alguém que está em pesquisa, num tempo em que nada é tão previsível. Então a ideia que surgiu foi a de tentar oportunizar a participação deles, reduzir o tempo *online*, movimentar o corpo e atuar na criatividade. Conversei com Águida sobre a contação de histórias coletiva, inventada, usando objetos. É uma prática bastante usada por uma famosa contadora de histórias *Fafá conta*. Ela costuma usar almofadas para representar elementos da história. Essa ideia é conceituada como simbolização objeto-metafórica por Naschold (2015) me levou a pensar numa forma de brincar criando histórias.

Na oficina, apresentei a convidada, falei um pouco sobre ela, professora e contadora de histórias da Bahia. E lancei o desafio: a brincadeira é: *Parece que é, mas não é*. Em 30 segundos o aluno deveria encontrar um objeto para fazer parte da história, mas algo metafórico. Exemplifiquei com um chapéu que não se tem, mas no lugar, uma bacia pode simbolizar um

chapéu. Entenderam e criamos uma narrativa coletiva: a caixa virou baú de tesouro, o vaso de plantas virou chapéu, o *mouse* virou rato, a boneca virou apenas brinquedo, o espantalho se transformou em mágico, a luminária virou pessoa e a fita durex virou pulseira.

O final da história foi uma deixa para Águida, nossa ilustre convidada, que contou usando a simbolização objeto-metafórica a lenda *Como a girafa perdeu a voz*: - Como é a voz dos bichos? Gato: miau, cachorro: au-au, passarinho: piu-piu, girafa? Então, numa época, a girafa falava, falava, falava, apostou uma corrida com o tigre, ganhou, e ficou muito convencida, o macaco colocou uma resina nas folhas da árvore e depois de comer, a girafa nunca mais conseguiu falar e nem nenhum de sua descendência.

Contando assim parece bem simples, mas, a girafa era um pincel, o tigre, um carretel e o macaco um pregador de roupa, a árvore era o pescoço da contadora. Eles amaram a experiência. Algo tão simples que os levou a perceber o valor da imaginação e da criatividade.

Imagem 8- Oficina com Águida e Tia Cecília.



Fonte: Própria autora, 2020.

O tempo foi menor, mas com mais qualidade. Houve a participação de 08 (oito) crianças. Até a próxima oficina, a proposta é escolher uma fábula ou anedota e gravar um áudio fazendo uma leitura dramática, ou seja, ler buscando fazer a devida expressão nas falas das personagens. A princípio essa atividade partiria da leitura de um texto que pudesse ser dramatizado. Mediante

uma breve pesquisa no *Google*, postei no grupo de *WhatsApp* três opções: *A formiguinha e a neve*, *A raposa e a cegonha* e *O índio e o jabuti*, todas em prosa. Os textos foram escolhidos por sua possibilidade de dramatização na leitura e mudanças na voz para as personagens, exercício importante para a narração-cênica. Ler e depois contar parecia ainda bastante desafiador para eles. A essa altura o grupo era já bem reduzido e o vínculo pelo *Google Meet* era bastante fraco, por isso a ideia de encaminhar um tipo de dever de casa para que sentissem que havia uma responsabilidade.

Enunciado da proposta:

Bom dia!!! Três ideias de texto para gravar. Técnica: leia o texto várias vezes, coloque expressão na fala dos personagens, pode criar uma voz, só grave o áudio depois que praticar bastante. Não pode parecer que você está lendo, é bom que pareça que você está falando o texto de cor "de coração".

Áudio Alícia: Tia Cecília, pode fazer uma piada, né?

Áudio Kauan: Oh tia, eu posso contar um cordel que eu fiz?

Tia: Pode! Que legal!

Áudio Kauan lendo: Amizade Não há palavras para explicar [...]

Para minha surpresa, o texto não tinha sido criado pelo aluno, mas somente registrado. Interessante trazer para eles a concepção de autoria, de criação própria e também falar sobre plágio. Será essa postura do aluno uma forma de simplesmente realizar uma tarefa dada ficando livre dela? Ou será mesmo que o aluno imagina que a professora não chegará a pesquisar as fontes? Questões a se pensar. A partir desse acontecimento abordei a importância de respeitar a autoria do texto informando que quando a história é retirada de um livro devemos citar a fonte, não podemos tomar o texto como nosso, passei a usar a expressão *inspirado no texto de*, assim seria mais fácil saber a fonte de inspiração, eles gostaram da expressão.

Me surpreendi muito com algumas das produções dos alunos. Transcrevo a fala da aluna Ana Clara e a forma como ela se dirigiu a mim para perguntar se poderia ler um texto diferente dos que foram propostos. A forma de comunicação foi via *WhatsApp*.

Ana Clara - Tia eu procurei tanto, mas tanta história, que eu não gostei de nenhuma e eu vou... não é nem uma história, é explicando sobre o que é ser negro, e se não der certo a senhora me avisa.

Lendo para mostrar a escolha:

Ser negro...
Não se resume à questão de pele.
Não se resume à questão dos cabelos
Crespos
Ser negro é...
Sentir negro num país miscigenado
Assumir as suas raízes
Ser negro é ter...
Coragem.
Atitude.
Ser negro é...
Lutar para ser igual nas diferenças.
Acreditar que não é inferior a ninguém.
Ser negro...
Ter princípios.
Valorizar a beleza.
Ser capaz.
Fazer acontecer nesse país onde pessoas
Ainda são influenciadas por ideias pré-
Concebidas
Enfim...
Ser negro é “ser humano”

Tia – Que lindo! Olha, Ana Clara, tem várias histórias nesse contexto assim da pessoa negra, sabe, muitas histórias. Inclusive eu gosto de algumas. Tem uma que chama “O cabelo de Lelê”, ela é muito bonita. E as histórias que vêm da África são histórias muito tocantes, muito bonitas. Eu gostei muito da sua escolha, a sua leitura não ficou tão boa, você precisa melhorar bastante e a leitura que a Tia queria, era uma leitura que tivesse um diálogo, mas a sua escolha realça o quanto você é sensível, realça tanto que você pensou em algo que parecesse com você pra você fazer essa leitura, fico muito feliz[...]

Ana Clara e o irmão se inscreveram para as oficinas, porém só tinham um celular, por isso cada um tinha que ficar em uma oficina, sábado ou quarta. Desde a inscrição ela afirmava que estava na oficina com as palavras: - *Tia, é que amo a senhora, adoro suas histórias, amo a senhora.* É um laço afetivo forte e que vem sendo capaz de quebrar barreiras. A timidez é uma delas. Percebi na narrativa dessa aluna uma necessidade de se identificar e se ligar com alguma leitura que pudesse torná-la representada. O texto escolhido por ela não era o que foi solicitado pela proposta e a sua fluência leitora está em desenvolvimento, mas a sensibilidade de se identificar com um texto é uma habilidade fundamental para a apropriação das narrativas para

serem contadas. Realizei as intervenções para que ela pudesse se manifestar melhor por meio da voz. Por ser tímida, gordinha e negra e ter um amor tão grande dentro de si, demonstrou ser capaz de superar as barreiras impostas pela sociedade, e relacionando o aprendizado com a capacidade de escolher e se identificar a partir de seu contexto.

Ao realizar o tempo de oficina com as crianças, percebi que o fruir acontece no tempo de ouvir as histórias, o fazer deles no último dia, contando coletivamente uma história envolvendo objetos foi marcante, expressaram alegria e entusiasmo com o momento, e ao mesmo tempo tiveram que contextualizar percebendo o enredo possível a partir da deixa de uma fala para outra.

Oficina 04

Iniciei a oficina pedindo que os alunos trouxessem para a cena um objeto que escolheriam ser caso não fossem crianças. Depois cada um teve que justificar a escolha. Essa prévia seria importante para a entrada da História *A nuvenzinha triste* recontada por Bia Bedran. A tia Cecília contou a história de usando imagens.

A contadora de histórias convidada, foi Letícia Mourão, a Lelê. Eu conheci o trabalho dela divulgado pela *Rede Brasil*, a procurei no *Instagram* e nos aproximamos. A forma como realiza a contação é bastante híbrida, essa característica se dá pela forma como ela organiza as linguagens da Arte nas produções. A formação dela é na área do teatro, provavelmente por isso realiza uma mistura do teatro com a contação. Envolve várias pessoas nas performances, usa cenário e muita tecnologia aplicada ao produto final exposto em seu canal do *YouTube*. Um trabalho muito rico do ponto de vista cênico, pois conta dramatizando, melhor dizendo, interpreta as personagens e o narrador, faz uso de maquiagem e figurino, trocas de roupa durante a história e representa as personagens, difere do contador que usa só a voz e o corpo.

A performance dela foi sobre o livro *A vaidade da Lolita*, autoria de Tio Gaspa. Iniciava cantando e tocando o pandeiro: *Samba, samba, samba, olelê. Olha vem história, olelê, olha, vem história, olalá, espero que você goste!* Lolita era uma minhoca marrom que queria ter as cores de todos que conhecia na superfície. Viu o Sol e quis ser amarelinha como ele. E Lelê cantava: - *Amarelinha, ela ficou, e ficou se achando a tal.* E quis também o azul do céu, o vermelho das flores, o verde das flores, e sempre cantava, fazendo caras e bocas. Usava uma minhoca que ia sendo enfeitada com laços coloridos enquanto dançava. Assim, quando ficou colorida, despertou a ganância de um colecionador de bichinhos diferentes. Ela foi salva por um banho de na lagoa que tirou as cores, devolvendo sua característica original.

As crianças estavam envolvidas pela forma como ela realizou a narrativa, encenando com uma minhoca de meia, cantando e repetindo falas de maneira acumulativa. Tanto a Lelê, quanto as crianças estavam fixadas pelo teor do enredo. No momento das perguntas:

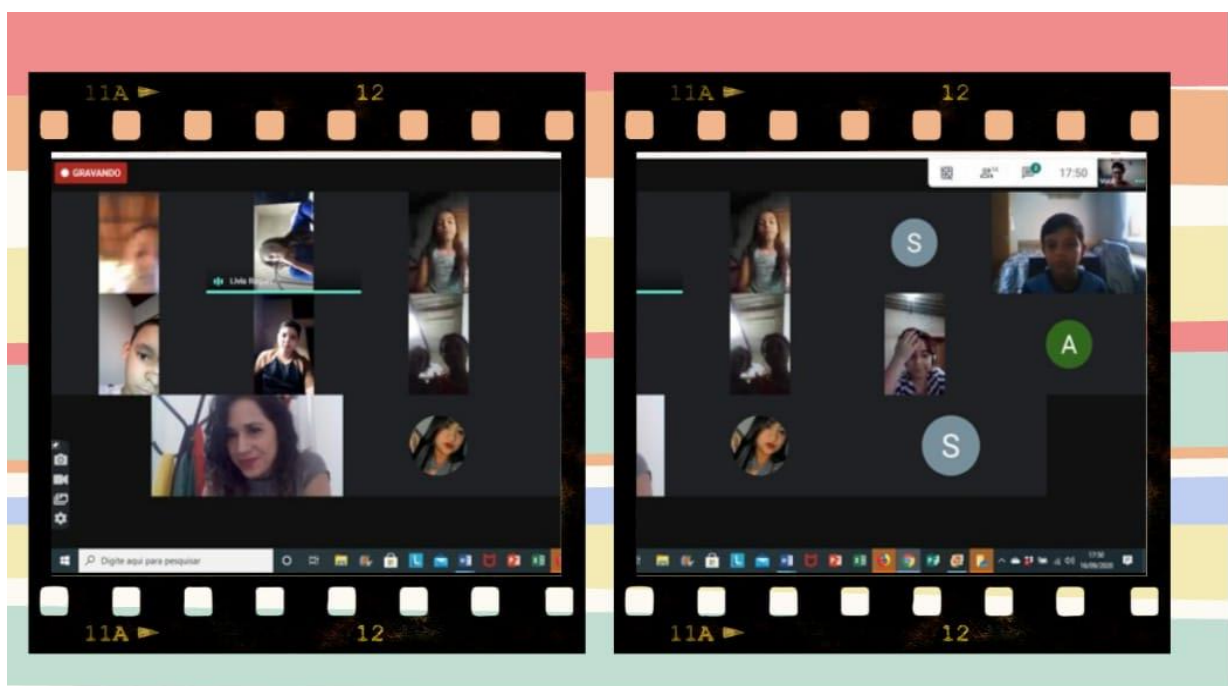
- *É muito difícil fazer as vozes dos personagens? Como é sua vida de contadora?*

Mas, no momento que perguntei o que ela tinha de diferente das contadoras anteriores, a aluna Sara respondeu: - *Ela atua!*

E completei: - *Exatamente, ela encena, dá uma ênfase aos personagens.*

Com essa experiência, acreditei que a discussão com eles sobre a teatralização da história, a encenação seria bastante produtiva.

Imagem 9- Oficina com Conta Lelê e Tia Cecília



Fonte: própria autora, 2020.

Oficina 05

A proposta para a semana seria um desenho de uma história que a criança gostava ou que havia gostado durante o tempo da pesquisa. Serviu como um gatilho importante para uma roda de conversa, na qual os alunos poderiam expor suas escolhas, considerando os padrões de começo, meio e fim da narrativa.

A quinta oficina partiu da curiosidade de saber sobre como as crianças conceberam as representações de suas histórias preferidas, atividade adotada para a semana. Desde a última oficina os alunos encaminharam para o grupo do *WhatsApp* os desenhos que fizeram. Natália desenhou sobre a história que conheceu com a contadora Lelê *A vaidade de Lolita*, Maria Lara

desenhou *O castelo de açúcar*. Kauan havia me pedido para fazer um desenho digital. Permiti considerando que seria uma produção interessante, mas quando ele postou o desenho no grupo, gerou revolta por parte dos outros alunos.

Fala de Alicya em áudio no grupo: Kauan não é pra desenhar ne internet não. É pra desenhar num papel e a folha completa! Não pode copiar da internet, que eu saiba, que eu saiba não, que eu sei!

Entendi que realmente não havia sido algo em condições iguais. Falei com ele individualmente, afirmou que não havia papel para desenhar, pois estava numa roça. A mãe dele também me procurou justificando que ele havia realmente feito o desenho no telefone celular. Essa questão parece simples, mas o fato de não haver papel era uma realidade. O material escolar durante a pandemia se tornou algo bastante raro.

Recebi duas produções das irmãs Mirely e Maria Clara, contendo um texto escrito e o desenho. Mirely escreveu uma história a partir do *Grúfalo* a qual intitulou *O grúfalo, o rato e o papagaio*, a irmã representou uma história chamada *A floresta animada*. Nas duas escritas, pode-se perceber o esforço delas em produzir um texto com base em narrativas outras. Acredito que para elas foi um exercício importante, pois até aquele momento havia sido o único que apresentaram, são bastante tímidas, embora procurassem participar interagindo com os colegas. É bonito ver como as duas dividem harmoniosamente o celular do irmão para participar, o cenário delas é de uma casa bem humilde, mas fazem questão de participar.

Depois de alguns dias, Kauan tornou a apresentar um desenho, agora a ilustração da *fábula do porco-espinho*, a mãe fez questão de perguntar o que achei do desenho e respondi: - *Muito bom, quero conhecer essa fábula. Com boa vontade tudo é possível.*

Embora tenha usado dessa fala, como professora, entendo que a condição de estudar mediada pela *Internet* para alunos de escola pública é bastante precária o que remete a trabalhos com baixa qualidade ou até mesmo a não realização dos mesmos. Recorro a Canário (2006) quando diz sobre a construção do futuro da educação, se referindo à escola:

A construção de uma 'outra' educação que represente uma saída positiva para as dificuldades atuais supõe a nossa capacidade de agir em dois sentidos [...] no sentido de superar a forma escolar, e por outro agir no sentido de reinventar a organização escolar, o que implica em um terceiro eixo de ação, o de construir uma nova legitimidade para a educação escolar. (CANÁRIO, 2006, p. 17)

Figura 4 – Desenhos motivadores de narrativas



Fonte: Própria autora, 2020

O trabalho do Ravi com o desenho foi apoiado pela mãe. Ilustrou a fábula *A raposa e a cegonha*, com esse mesmo mote realizou a leitura dramática em áudio. Nesse caso, fiquei a pensar sobre algo, o gosto pessoal, dias atrás ele me dissera que gostava de histórias de assombro.

Alicya é das alunas a mais falante. Encaminhou, um desenho com a legenda: - Não ficou bonito mais foi. - E alguém em seguida perguntou qual era o título, ao que a menina respondeu: - *A história da florzinha*. O manejo com as crianças na cultura digital era ainda novidade para mim. Poderia ter solicitado que colocassem no grupo o *link* com cada história assistida, mas, não me ocorreu essa ideia.

O Carlos Henrique desenhrou sobre a fábula *O jabuti e a fruta*, conto popular que haviam trabalhado com o professor regente, achei bem pertinente trazer um conto do livro didático. O último desenho recebido foi o da Sara, fez uma representação do conto clássico *O patinho feio*.

Ana Clara justificou que não sabia desenhar e não quis fazer a atividade. Conversei com ela, mas resistiu. Não poderia obrigar. Considero que cada representação em forma de desenho traz à tona uma estética e a criatividade que não está apegada ao tecnicismo ou em saber ou não desenhar, mas em uma forma de expressar-se a partir do contexto vivido. A partir da fala e orientação da professora de como realizar o trabalho, os alunos apontam o como fazer para os colegas, demonstrando certeza sobre a estética mínima para esse trabalho.

O dia era diferente, pois, as crianças iam conhecer o primeiro contador do sexo masculino. Nesse encontro, o tema era *contar e ouvir histórias tem que ser legal para quem conta e para quem escuta*. contei com a colaboração do contador de histórias de Brasília Gilberto Alves. Esse contador de histórias possui uma particularidade, é bem engraçado, usa fantasia e cenário, conta histórias em hospitais pela *Associação Viva e Deixe Viver* e por meio da *Associação Amigos das Histórias de Brasília*, professor de Educação Física, pai de 4 filhos e avô de 3 netos de diferentes idades. Tem um jeito muito peculiar bastante “meninão”, se mistura com as crianças e arranca sorrisos graciosos.

Pareciam ansiosos pelo início. No primeiro momento cantamos e fizemos um acordo sobre ouvir primeiro o convidado, em seguida, cada um contaria a história que inspirou o registro em forma de desenho.

No começo, Gilberto fez caras e bocas para se mostrar ali presente, e quando eu quis que ele comesse antes de ouvir os alunos, afirmou que ia ficar quietinho porque adorava ouvir histórias. Isso certamente incentivou os alunos a se esforçarem em narrar sobre a história do desenho. Uns com mais, outros com menos detalhes, os 09 alunos presentes fizeram uso da palavra, ouviram uns aos outros de forma bastante sensível e paciente. A cada fala, me colocava

como forma de intervenção, questionando: - Ele/ela leu ou contou? - E trazia o conceito que aprendi de Gislayne Matos e Inno Sorsy (2014) que a história/conto terá sempre um esqueleto. Quis ilustrar para as crianças dizendo que o conto pode ser mais ou menos detalhado, mas que sempre terá um esqueleto, uma parte rígida, que não mudará.

Façamos uma analogia entre o corpo humano e o conto. Ambos têm em comum um esqueleto, músculos e tendões. Mas um conto escrito seria a escultura de um corpo, enquanto, contado, ele seria como o corpo vivo. Os movimentos, os gestos e as expressões do corpo, o ritmo e a entonação da voz e o contato visual que o contador estabelece com seus ouvintes faz com que o conto adquira vida. [...] Para que haja equilíbrio no corpo humano, o esqueleto deve ser rígido, ainda que as possibilidades de flexão sejam evidentes nas articulações. No conto o esqueleto equivale à estrutura de base, essencial e portadora da mensagem e que também precisa ser rígida. (MATOS e SORSY, 2014, p. 18)

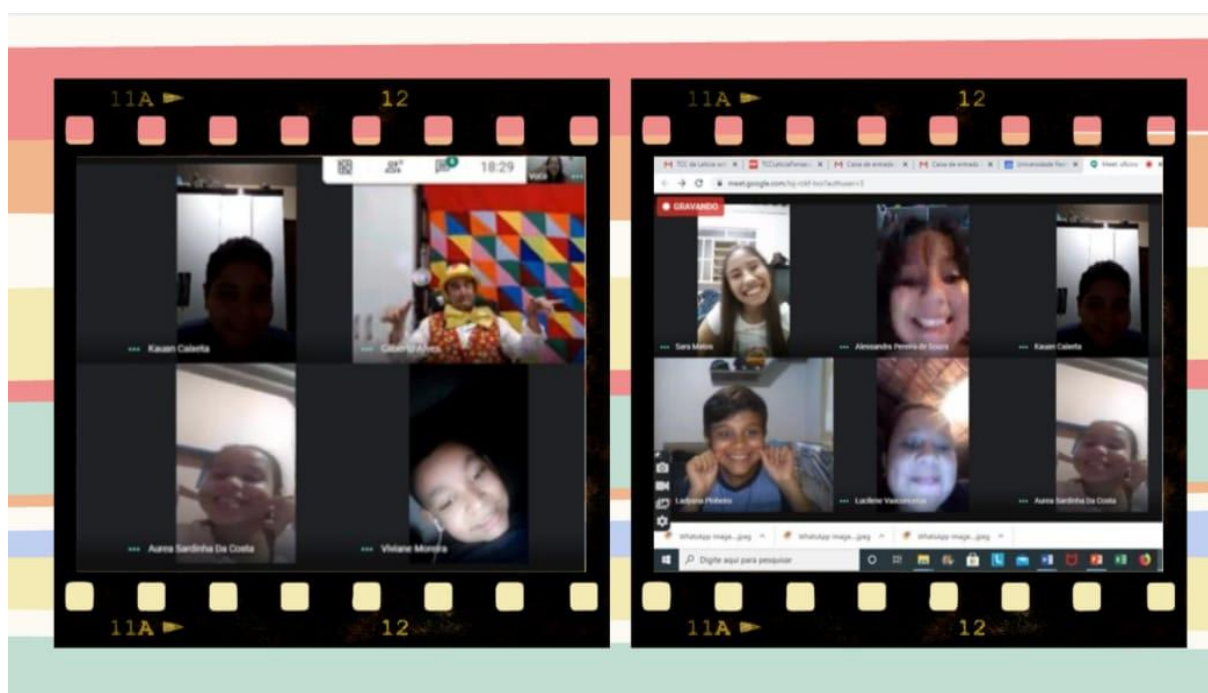
Os músculos. São as imagens que o contador utiliza para desenvolver a trama. [...] O sangue e a respiração. São as intenções que conduzem a contação da história. [...] O coração. É a intenção contida no conto, seu aspecto essencial que motiva as ações dos personagens. [...] (MATOS e SORSY, 2014, p. 20)

Reforcei que cada contador tem seu jeito próprio de fazer. Iniciando pela Natália, que não recordou do desenho que fez, mas lembrou-se do que fez para o *Dia da árvore*. Ao recordar disse que desenhou sobre a história da *Lolita* porque gostou e achou a história legal. Kauan trouxe a fábula do *Porco-Espinho* escrita em uma folha e fez a leitura timidamente, porém sabia que era livre para contar lendo. Sara narrou partes da história do *Patinho feio*, a princípio não estava segura, mas após ser encorajada foi levando o que recordava. Me pareceu importante para ela chegar no fim. Ela tem uma dicção muito boa, a voz limpa, excelente para narrar.

Gustavo ia ler o conto *João e Maria*, mas falou que era longo... eu pedi que trouxesse as partes que achou mais importantes, o fez de forma bastante organizada narrando começo, meio e fim, sem interrupções, ressaltando o quanto os irmãos eram inteligentes por terem se livrado da bruxa. Ele havia enviado ao grupo o desenho, pouco antes do início da oficina. Parecia inquieto e desatento às vezes, mas me surpreendia quando perguntava e demonstrava interesse ao fazer todas as atividades. Carlos Henrique e Ana Clara dividiram o telefone celular na oficina. Ele narrou como lembrava a história da *Fruta Misteriosa*. O percebi bem à vontade para falar. A irmã seguiu falando sobre a história que fez e perguntei sobre o desenho. Mostrou, mas não enviou ao grupo, pois, parecia um pouco insatisfeita, talvez envergonhada, pois havia afirmado não saber desenhar. Alicya não soube ao certo a história, ficou hesitante, insegura. Não se achou criativa no desenho. Ravi foi o mais relutante, perguntou se era obrigado a falar, mas no final preferiu o suporte do texto escrito. Leu, mas ficou bem tímido na frente de plateia.

Maria Lara fez uma narrativa sobre uma história que foi pesquisada no canal da nossa colaboradora e contadora de histórias Lelê: *O castelo de açúcar*. Notei que ela se posicionou para narrar, algo solene, e só interrompeu a narrativa quase no finalzinho, usando algo do tipo “pera ai, tia” para se lembrar. Achei que o processo dela foi bem organizado, pautado numa pesquisa e produção, perguntei se havia ensaiado, disse que não. Certamente, aconteceu o que Patrini (2015) chama de apropriação da história como um processo de afeição, pelo qual a história escolhe o contador, que tem a história passa duas vezes por si pelo coração e pela memória tornando-se de cor.

Imagem 10 - Oficina Gilberto e Tia Cecília



Fonte: Própria autora, 2020.

Quando Gilberto tomou a palavra, contou uma história que mais parecia um causo, sobre como tinha ganhado troféu de mico na escola, ia narrando e as crianças sorrindo, pareciam estar se identificando com o enredo, inclusive Ravi colocou no *chat* “bem-vindo ao meu mundo”. Ao finalizar a narrativa, surpreendeu as crianças com o livro que continha a história *Minha mãe é um mico*. Eles se envolveram tanto no enredo que comentaram: - Nem parecia que era de livro! A vida que é transmitida à história é parte do poder que o contador tem de tornar sua a história contada. Gil deu às crianças mais que uma história lida, transformou-a em contação!

Uma ligação muito forte da minha prática artística é com a música. O cantar me acompanha nas atividades, sempre buscando o envolvimento das crianças. Para ajudar nessa

dinâmica, utilizo um pequeno rádio e um microfone. As músicas são previamente selecionadas e arquivadas em *pen drive*. Essa forma de atuar com a música no início das atividades tem acompanhado atividades na escola e em performances externas.

Oficina 06

Para falar um pouco sobre a relação das histórias com a música *convidei* a contadora de histórias de Ibitinga – SP, Juliana Thaís para contar e cantar. Iniciamos a nossa oficina com a alegria do encontro. Os alunos já estavam bastante habituados com a acolhida, um a um.

A proposta do dia era de fazer um instrumento musical com garrafa pet, os alunos estavam bastante interessados. Mostrei a música “Segredo da casa amarela” como exemplo de canção que se agarra aos nossos ouvidos, por isso relataram sobre a saudade de dançar comigo como fazíamos na biblioteca. Recebemos com carinho a Juliana que apresentou o *ukulele* e falou um pouco sobre a música no contexto das histórias. Mostrou instrumentos que utiliza para usar os sons: flauta doce, xilofone, triângulo e chocalho de cabaça. Para performar ela contou a história de Silvia Orthof *Galo, galo, não me calo*. Logo depois, mostrou como fazer o instrumento da garrafa quebrada. No momento da oficina, Kauan mostrou que fez um chocalho com a garrafa, fez questão de enfeitar com um rótulo colorido.

Embora algumas crianças estivessem com garrafas, duas crianças não tinham quem cortasse. Perguntaram se poderiam fazer quando tivessem o material. Essa realidade é recorrente na escola pública. Muitas vezes, para garantir que a tarefa fosse realizada, o professor acaba não fazendo atividades diferenciadas ou transformando sua própria casa em depósito, reunindo materiais pensando em produções com as crianças.

Fiquei um tanto pensativa sobre a forma como estava propondo a atividade. As crianças não se justificavam sobre as faltas. Algumas que eram frequentes não estavam se comunicando nem pelo grupo. Embora estivesse com grupo aberto e a comunicação fosse de livre acesso, as crianças faltosas não procuravam. Procurei individual no número privado e fui bloqueada. Esse processo me levou a pensar sobre algumas questões que estão fora do domínio da escola. O contexto de ter uma oficina fora do horário de aula, de realizar outras atividades, de depender do telefone dos responsáveis, poderiam ser motivo para a evasão.

Oficina 07

Recebemos a Encantadora de Histórias, Dayane Bezerra de João Pessoa - PB. Recebi os alunos, que pareciam felizes por estar ali. Preparei para que eles pudessem dançar como faziam na biblioteca. Iniciei apresentando o fantoche do Zé, que manipulei para trazer a música

A casa do Zé. As crianças se movimentaram com a música e cantaram. Em seguida, recebemos a Dayane que chegou cantando e com um chapéu típico de sua região.

Apresentou-se contando sua história de vida, usou uma bela casinha para dizer que começou a contar histórias em sua casa, no quarto e que os alunos que ouviam, eram os batons da sua mãe. Foi um exemplo de história de vida para motivar e incentivar os estudos. Logo depois, contou a história *O pescador, o anel e o rei*, conto da tradição oral usando recursos visuais: fantoches de colher de pau.

As crianças, especialmente a Maria Lara havia feito um meioche (fantoche de meia), o apresentou contando como o fez. Foi bem significativo, pois mostrou criatividade. A Alicya havia mostrado um fantoche que fez de garrafa, mas ficou constrangida de mostrar quando viu as possibilidades. O Kauan confeccionou um palitoche de borboleta (fantoche no palito de picolé). Dayane mostrou um fantoche feito de papel e pano, mostrou fantoches feitos de colheres de plástico. Demonstrou como fazer um fantoche de rolo de papel higiênico. As perguntas para ela foram: - *Como superar a timidez para contar as histórias? Há quanto tempo conta histórias?* Sara perguntou: - *De onde você tira as ideias, a criatividade?* Foram todos respondidos, Dayane enfatizou a importância de ler muito, observar a Arte em volta e não ter medo de praticar.

Oficina 08

A 8ª oficina contou com a colaboração da Professora Sirlei Pelleti de Araquari-SC. O tema era *a produção de vídeos usando aplicativos*. Mostraram-se tímidos quando foi pedido que acolhessem a convidada com um gesto. Ela usou *Slides* e teve uma fala muito didática e explicativa. Os alunos gostaram da exposição dela. Nesse dia não ouviram histórias. Falamos sobre a produção de vídeos e eles disseram que já usam o aplicativo *TikTok*. Após a fala da convidada, eles perguntaram se ela já atuava contando histórias. De todos os convidados ela era a única que iniciou as contações apenas pela *Internet* a partir de março de 2020. Concluímos então, que a Sirlei é uma professora que conta histórias, assim como muitos que por ali passaram. Com a pandemia, tem desenvolvido habilidades de produção e edição de vídeos. Em sua fala, diz que “aprendeu fuçando”. Alicya sempre adorava quando se falava de tecnologia e aplicativos novos. Pediu a lista dos que a convidada mostrou.

Oficina 09

O ciclo de oficinas está quase finalizando e o 9º encontro não teve convidados. Bastante interessante, pois, questionei o que acharam dos convidados e da dinâmica. Gustavo disse “tia,

é bom trazer convidados, mas por que você mesma não conta as histórias pra gente?” Expliquei sobre o fato de também estar no processo de aprendizagem sobre a arte de contar histórias e que esses momentos foram importantes porque não teríamos como conhecer o trabalho e as performances de tantos contadores se não fosse assim, até mesmo por falta de tempo. Atuei mediando, organizando a proposta e intervindo na escuta ativa das crianças e dos convidados, dinamizando o processo, mas, para eles era como se eu não tivesse de fato contado histórias como na biblioteca.

Comentei sobre o curso de formação de narradores orais e contei a história *O homem sem sorte*. Eles acompanharam com os olhares e a Nathália ia acompanhando com os gestos. Andar- esfregando as mãos, chuva – movimentando os dedos. Eles compreenderam bem que os gestos também dão vida às histórias, a manifestação do tripé do contador: olhar, gesto e voz. Não explorei a história e seu enredo, mas, ouvi: - *Tia, o homem tinha que ter pegado o tesouro e casado com a mulher*. Respondi: - *É, às vezes ficamos correndo atrás da sorte, mas ela está bem na nossa frente*. Questionei sobre fazermos uma roda de histórias para encerrar o ciclo de oficinas, não se opuseram, combinei também realizar apoio individual. Kauan mostrou uma história que desejava ler. Mais uma vez retomamos a ideia de ler e contar como ações distintas e complementares.

Não é proibido ler, mas precisamos trazer para a memória os enredos a partir da leitura. Ravi e Ana Clara são os mais tímidos, eles têm dificuldade de gravar vídeos por isso. Mas, Ravi me surpreendeu com um relato solto sobre a irmãzinha. E contou, sorrindo, como a irmã faz bagunça no quarto. Estimulei-o perguntando mais e mais. O senti solto para falar e novamente apontei que podemos ter histórias de tradição oral, essas que são passadas de boca-em-boca, as histórias de autor e as histórias de vida, das aventuras e experiências que vivemos. Quanto à preparação da roda de histórias, deixei livre escolha da história para contar.

Perguntei sobre o contador ou contadora que foi mais marcante. Alicya falou: - *O sinhozinho!* - Se referindo ao Gilberto. Os demais disseram que a preferência foi pela Lelê e a história da Minhoca Lolita. Vale questionar: Por que os alunos se encantaram pela forma como ela conta? A contação que ela faz está para a contação teatralizada com música e repetição, elementos sonoros, elementos cênicos coloridos e uma presença cênica forte, imitando as vozes e transitando entre personagens e narração. Como presença, entendemos como Pavis (2008, p. 305): “‘Ter presença’, é, no jargão teatral, saber cativar a atenção do público e impor-se; é, também, ser dotado de um ‘quê’ que provoca imediatamente a identificação do espectador dando-lhe a impressão de viver em outro lugar, num eterno presente.”

Aqui destaco que crianças nessa faixa etária gostam de histórias e de narrativas acumulativas e que a fase adulta ainda não chegou. Usar da contação aliada ao teatro e à música encanta ainda mais. Ravi disse: *-Eu assisti e curti todos os vídeos dela.* E o que vocês aprenderam, questionei. As respostas vinham acompanhadas de suspiros: *- Muita coisa.* Mas, muita coisa é o que? Responderam: *- A leitura, a escrita, a imaginação.*

Me pergunto: Por que crianças do 4º e 5º ano pensam que não tem imaginação? Gustavo mencionou que não ia poder jogar *videogame* porque não cumpriu o tempo de leitura diária estabelecido pelo pai. Que teria que ler 3 horas seguidas. E respondi que escolhendo a história para contar poderia negociar com o pai. Falei de contar mais uma história e pediram para contar *A girafa sem sono.* Fiz a leitura do livro, mostrando as figuras. Para a roda de histórias, fizemos um trato usando o dedinho mindinho em um ato de compromisso de nos preparamos para o momento e de não faltar. A ideia é dar apoio individual pelo *WhatsApp*, realizando ensaio com hora marcada.

Alicya enviou o *link* de um vídeo com a história *As doze princesas dançarinas* que desejava contar. Nathália se manifestou sobre contar *A branca de neve* e disse que daria para contar sem ler. O grupo foi se firmando ao longo das oficinas e mesmo com a dificuldade de conexão, 09 (nove) crianças, sendo três de 4º ano e os demais de 5º ano se mantiveram no processo.

Percebi que os alunos estavam um pouco tímidos para realizar uma apresentação solo. A ideia era potencializar, a partir das histórias, o uso da voz/corpo para realizar uma contação. Mas, seria fundamental trabalhar individualmente para tentar apoiar o processo criativo para contar. Assim, um tempo individual poderia ajudar na escolha da melhor forma de apresentação.

Certo dia, conversava com uma das professoras do 4º ano que me disse que estava ansiosa para ver o produto das oficinas de contação. A *a/r/tografia* aponta a pesquisa em arte como um processo que gera transformações ao longo da jornada. Sinto que o fato de não serem oficinas presenciais, também por parecer um trabalho desvinculado da escola, tem gerado uma apreensão de minha parte. Questões como: Por que os alunos não se sentiram atraídos pelo trabalho? Será que o processo de ensino remoto tem provocado certo esgotamento a ponto de gerar tamanho desinteresse? A escolha pelos alunos maiores pode ter sido errada? Busquei entender essas perguntas com a gestão da escola. Infelizmente nossa pesquisa coincidiu com um tempo muito difícil do ponto de vista pedagógico. Muitas crianças sem condições estruturais para enfrentar aulas em período remoto. Creio que outro problema era a forma de comunicação por grupo de *WhatsApp*, muitos não ficam atentos aos comunicados.

Ensaaios individuais

Os ensaios foram realizados de acordo com a disponibilidade das crianças via *Google Meet*, com duração de 30 minutos até 1h30min. De maneira geral, falei sobre a diferença entre ler e contar, de como memorizar a história, de modos de expressão por meio da voz/corpo. Em todos os alunos percebi timidez e insegurança de proceder a leitura em voz alta para ensaiar comigo.

Gustavo – Aluno do 4º ano, assíduo nas atividades e realizou todas as propostas. Escolheu a história do *Vampiro Dagoberto*. Não apresentou dificuldades para escolher, visto que já tinha costume com o texto. Parecia bem apoiado pela família. Disse que não queria se fantasiar para narrar. Lemos o texto e depois pedi que recordasse as passagens/momentos da história e colocasse seu jeito nas expressões. Orientei sobre a câmera e o posicionamento.

Maria Lara – Aluna do 5º ano, assídua nas oficinas. Escolheu o texto literário *A joaninha que perdeu as pintinhas*, de Ducarmo Paes. Perguntei se ela tinha o livro. Ao saber que não, tirei fotos do texto para que pudesse desenvolver a leitura até o momento do ensaio. Estava bastante positiva, disse que ia preparar uns palitoches da história. Apoiei a criatividade. No ensaio, senti que os palitoches a estavam atrapalhando, mas seria uma escolha de utilização. Ela já havia memorizado quase todo o texto da história, mas mesmo assim, demonstrava insegurança. Dias depois, me procurou dizendo que não usaria os palitoches, deixei livre. Procurou-me novamente dizendo que ia sair com a prima e que não sabia se voltaria a tempo da apresentação. Encorajei-a dizendo que daria tudo certo, que não ficasse insegura. Mas, não deu nenhuma certeza de participar. Fiquei um tanto angustiada com esse posicionamento e me senti de mãos atadas. O que fazer? Diante do cenário de desistências recorrentes, não poderia impor que participasse. Próximo ao horário combinado, liguei, mas não consegui contato.

Sara – Aluna do 5º ano. Ela escolheu uma fábula – gênero textual que estão trabalhando em Língua Portuguesa - *A raposa e as uvas*. Fez a leitura e se mostrou à vontade com o texto. Sugeri que ela pudesse utilizar seus recursos de expressão facial para contar. Ela se destaca muito nas atividades, demonstra criatividade e desenvoltura, parece realmente gostar das histórias. Sugeri cantarmos a música da *Raposa que gostava de comer capim*. Ela fica muito animada com as propostas.

Nathália – Aluna do 4º ano. Escolheu contar *A Branca de Neve e os sete anões*. Ela é falante, sempre tem algo para contar. Teve a presença da mãe no ensaio dizendo que a filha tem preguiça de ler. Leu e repassou narrando os momentos da história. Memorizou bem o conto clássico. Embora seja um conto que integra a infância, percebi que sua narrativa seria um

desafio de fato, especialmente pela timidez dela. Destaquei para ela a importância da expressão em sua performance.

Carlos Henrique – Aluno do 4º ano. Escolheu a história *João e o pé de feijão*. Gosta da história e demonstrou estar à vontade com o texto narrado. Orientei a posição da câmera e a expressividade.

Ana Clara – Aluna do 5º ano. Ela é bastante tímida e apresenta dificuldades na leitura. Escolheu uma fábula *O sapo e o coelho* para narrar. Esteve insegura na leitura e a deixei livre para ler ou contar. Até o último momento queria trocar a história, mas percebi que não seria algo favorável, pois o texto era simples, só precisava de entonação e expressividade. No dia da apresentação informou por áudio que não iria participar, pois estava na casa da avó e o livro com o texto escolhido, estava na casa da mãe.

Ravi - Aluno do 5º ano. Assíduo, bastante tímido. Apresenta Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e costuma usar medicação controlada. A mãe é professora, tem deixado a oficina sob a responsabilidade dele. Embora eu tivesse ido em busca de ensaiar com ele, não foi possível, segundo a mãe, por indecisão dele próprio. A mãe mencionou que o deixaria de fora para aprender a ter responsabilidade. Mas, ele decidiu realizar a leitura do livro *Em cima daquela serra*, texto poético e rimado, uma leitura animada, não me opus. A mãe explicou que ele é inseguro e precisa do suporte do livro. Afirmou que iria entrar na roda sem que o filho percebesse, para não o deixar constrangido. Ensaiei no último dia e já havia trocado de história justificando que o outro texto era grande. Realizou a leitura, avaliou como ainda insegura. Dei ideia de uma introdução usando um barco de papel. Ele até aceitou.

Alicya- Aluna do 5º ano. Ela escolheu a história *As princesas bailarinas*. Achei o conto um tanto complexo, mas atendi ao desejo dela. Ensaíamos a partir da leitura. Ela percebeu diferenças no conto do vídeo e do texto, deixei que fizesse adaptações trazendo o texto para uma linguagem mais próxima do cotidiano. Enquanto técnica de memorização, repassei a ordem dos momentos, no total 17. No ensaio seguinte, ela disse que tentou ensaiar com a tia e com a avó, mas que não estava conseguindo. Escolheu um texto de Monteiro Lobato, e leu de última hora, com muita dificuldade. Até que resolveu ler uma história mais simples que estava acessível no momento. O processo de leitura, mesmo assim ainda não atingiu a necessária fluência. Dias depois, ela encaminhou um áudio iniciando com uma música, a leitura e um fechamento.

Kauan – Aluno do 5º ano. Assíduo e participativo. A princípio disse que ensaiaria, depois não se comunicou mais. Entrei em contato e ele disse que já estava ensaiando sozinho e

que não precisaria de auxílio. A história que escolheu e afirmou que irá contar será a fábula *O pastorzinho e o lobo*.

Oficina 10 – Roda de histórias

Dia da roda de histórias. Atividade era aberta para os espectadores. Ficaram livres para encaminhar o convite virtual aos convidados. As crianças pareciam ansiosas. Abri a sala minutos antes. Gustavo foi o primeiro a chegar. Estavam presentes Gustavo, Sara, Nathália, Kauan, Ravi, Carlos Henrique e Pedro Henrique, esse esteve afastado das oficinas justificando que estava acompanhando a recuperação de uma tia e pediu para ler uma história. Preparei o ambiente, tínhamos na sala 19 pessoas. Os alunos estavam atentos, realizei uma retrospectiva apresentando a proposta arte/educativa e as contações com a oportunidade de conhecer vários contadores do Brasil.

Iniciamos cantando *Ciranda, cirandinha*. Passei a palavra aos alunos. Ninguém queria iniciar, um começou a jogar para o outro, tímidos, então resolvi dar início contando a história *As princesas dançarinas*. Essa história foi escolhida pela Alicya, mas desistiu por achá-la complexa. Como já havia estudado o texto, atuei com a simples narrativa ou narrativa oral cênica (CÉSPEDES, 1995).

A atividade seguiu com o Kauan que leu com tranquilidade a fábula *O pastorzinho e o lobo*. A escolha deles por fábulas se deu especialmente porque estão trabalhando com esse gênero textual em sala (remotamente).

Em seguida, Gustavo contou a história do *Vampiro Dagoberto*. Havia se apropriado muito bem do texto e colocou nele seu jeito de narrar. Carlos Henrique realizou a narrativa do João e o pé de feijão, disse que estava nervoso, mas contou a história de memória e adaptando ao seu jeito.

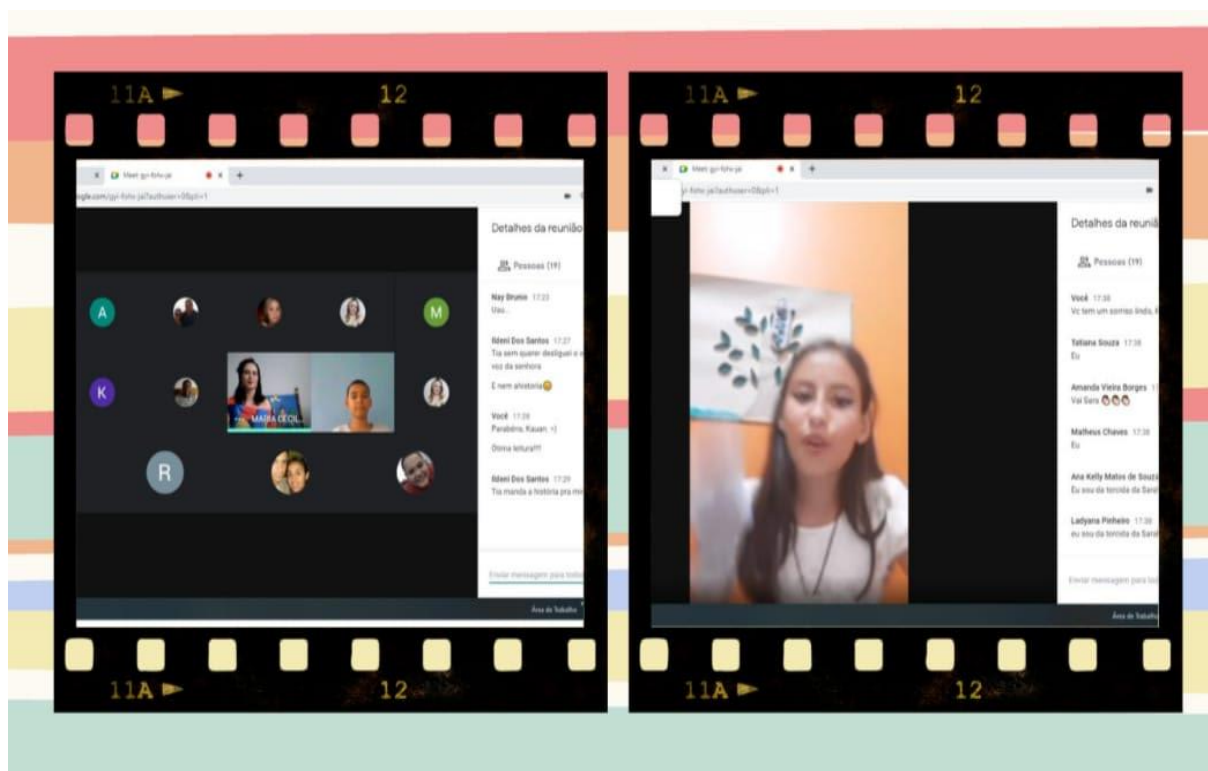
Ravi realizou a leitura da história *Léo e a baleia*, bastante tímido, esqueceu do barquinho e leu ainda gaguejando um pouco e finalizou com *Vitória, vitória, acabou a história*, um suspiro, eu o elogiei por superar a timidez, ele abriu o microfone e disse: - *Hoje minha vergonha está 10!*

Sara foi a seguinte. Demonstrou uma preocupação com a estética e a ambientação, preparou um fantoche de meia, um cenário, usou um belo vestido e maquiagem. Se preparou bem, havia um espaço preparado na casa da avó para sua atividade, da plateia presente, grande parte eram seus familiares.

Ela estava bem nervosa, mas cumprimos o ensaiado. Cantamos e dançamos juntos a música *Raposa que gostava de comer capim*, depois ela iniciou a fábula *A raposa e as uvas*. No

chat, as mensagens de incentivo eram como aplausos. Ela apesar de nervosa realizou a contação com harmonia e uma forma estética equilibrada.

Imagem 11 – Roda de histórias



Fonte: Própria autora, 2020.

O Pedro Henrique trouxe um conto longo. Não havíamos ensaiado, finalizou em 10 minutos, leitura bem fluente. Fiquei pensando sobre a escolha dele: uma história longa assim para ser usada na sala de aula necessitaria ter um preparo para a escuta sensível, poderia ainda ser lida aos trechos. Aquele foi o momento que ele teve para ser ouvido, isso foi importante com certeza. Assim que finalizou, se ausentou da sala.

A Nathalia foi a última, havia chorado de medo durante todo o dia, relatou a mãe. Para mim foi uma surpresa a postura dela. Se apresentou, cumprimentou os presentes e leu lindamente a história *A Branca de Neve e os sete anões*, mesmo com interrupções, pois, Gustavo pediu silêncio após Pedro Henrique afirmar por duas vezes que estava sem áudio antes de se ausentar. Ao final o microfone ficou aberto para as manifestações dos participantes. Familiares parabenizaram pela atividade, adultos e crianças dizendo o quanto os alunos foram corajosos. Sobre o frio na barriga, uma delas disse que estará com a gente a vida toda, mas vamos dominando-o com o tempo.

As crianças agradeceram muito e Gustavo se pronunciou dizendo: - *Tia, obrigado por ter inventado essa coisa pra gente contar histórias*. Eu sorri! Afinal, estava demonstrada a satisfação deles em terem apreciado, feito e contextualizado a arte de contar histórias. Quando Benjamin (2018) disse que não havia mais narradores, denota uma grande preocupação que chegou até nossa proposição. O caminho trilhado até as performances protagonizadas pelas crianças nos levam a compreender que é nesse lugar que precisamos ter mais zelo e cuidado, para que não se transforme em uma experiência diluída e mecânica. Buscamos um caminho diferente, singular para o encantamento delas com a Arte, mola propulsora para o desenvolvimento pessoal criativo e crítico.

QUARTO ATO: O batizado

*O batizado*²⁷

Era um casal com mais ou menos quinze dias de casados, e então, apareceu uma festa na casa dos pais do marido, e eles resolveram ir.

Chegando lá, a mulher foi logo perguntando pro marido se ela podia dançar, o marido respondeu:

- Pode uai, você está na casa da minha família, na casa dos meus pais. Você pode dançar a noite inteira. Que eu gosto mesmo é de jogo. Eu vou lá pro paiol, vou jogar a noite inteira, e você pode dançar a noite inteira.

E assim se fez. A mulher dançou com um, dançou com outro, dançou com mais um e com mais outro. Mas quando foi mais ou menos meia-noite e meia, chegou um boiadeiro bonito, dum chapéu enorme, e a mulher foi logo se interessando no rapaz e começou a dançar com ele. Dançou uma música, duas, e de repente, ela tirou a aliança, ah, mas ela entregou pra sua cunhada. A cunhada foi logo contar pro irmão, e o irmão foi avisar o marido. O marido, que num era bobo e nem nada, ficou espionando pela janela, de modo que ninguém via ele, mas ele via tudo que estava acontecendo.

E assim se fez. Ele resolveu não fazer nada, foi pra casa com a esposa. A mulher achou meio estranho que o homem estava quieto, ele resolveu fazer um café. Fez almoço, mas ele continuou quieto, foi então que ele pensou: “Ai, minha

²⁷ História recolhida pela pesquisadora e contadora de histórias Ângela Barcellos Café, em Pirenópolis-GO. Registrada no material do projeto de videoaulas produzidas para o curso de EaD de Licenciatura em Artes Cênicas da UFG, 2012. Tive oportunidade de conhecê-la na oficina #ocupafeteg em junho de 2020 e recontá-la no evento Romaria Nacional das Histórias, promovida online pelo Grupo Gwaya-UFG em 2021. Disponível em <https://youtu.be/ifibcq-n3Go> Inicia em 46” a 55”.

Nossa Senhora, será que ele viu eu dançando com o boiadeiro? É hoje que esse homem vai me bater.”

De repente, a cachorra começou a fazer um barulhão na casa, e eles foram ver, nasceram quatro cachorrinhos, um mais bonitinho que o outro. O marido foi logo virando e dizendo:

- Oê vai batizar esses cachorros!

Ela disse:

- Meu bem, eu num sei batizar nem gente, vo batizar cachorro?

Ele falou:

- Batiza...

Ela, com muito medo de apanhar, foi então que decidiu batizar. Ela pediu pro marido que começasse o batizado, já que ela não sabia batizar. Ele, então, pegou uma bacia, colocou no meio da sala e começou o batizado.

- Eu vi, fiz que num vi. Te batizo com o nome de Davi.

Ela pegou um outro cachorrinho, e falou:

- Fiz uma vez, eu num faço mais. Te batizo com o nome de Tomás.

Ele pegou a terceira cachorrinha e falou:

- Quem faz uma vez, faz duas, faz três. Te batizo com nome de Inês.

Ela então pegou o último cachorrinho e foi logo falando:

- Juro e peço perdão. Te batizo com nome de Leão.

Assim, foi terminando o batizado e o marido perdoou a sua esposa, mas decidiu, então, inventar uma festinha e levar a esposa, pra testá-la. Chegando na festa, a mulher ficou quietinha, foi lá pra cozinha e de lá não saiu. Assim, a história foi terminando, entrou por uma porta, e saiu por outra.

4.1 – ROTEIRO DE ANÁLISE: compromissos conceituais da pesquisa

Somos o resultado
dos livros que lemos,
das viagens que fazemos
e das pessoas que amamos.
Airton Ortiz

Recordei com carinho deste pensamento de Ortiz, um jornalista viajante, certamente cheio de histórias para contar. Penso que ele reúne a importância da nossa jornada/pesquisa “como se fosse uma jornada de transformação.” (SINNER *et al* In DIAS e IRWIN, 2013, p. 107) Há muito o que refletir sobre os livros, a jornada e as pessoas que passaram a ter espaço cativo em minha constituição de contadora de histórias. Gostaria de trazer para esse momento ponderações que passam pela bagagem dos compromissos da pesquisa sob a ótica da a/r/tografia por meio dos *renderings* e pela abordagem triangular – ler/apreciar, fazer, contextualizar a Arte - na arte/educação. Apontamos como eixos de análise cada um dos *renderings*, ou seja, compromissos/práticas conceituais da a/r/tografia, os quais nos acompanharam durante o nosso fazer pesquisa produzindo dados pela Arte: contiguidade, Pesquisa Viva, metáfora e metonímia, aberturas, reverberações e excessos. Enquanto compromisso, enraizada na experiência em tempo de pandemia, apresentamos o (re)significar como novo compromisso.

A produção e o enorme volume de dados a partir dos formulários *online*, do diário de campo e das transcrições das oficinas nos levam a fazer escolhas importantes com vista a construirmos significados sentindo que nossa contribuição em forma de ação-reflexão-ação (FREIRE, 1996) é fundamental para as Artes e para a Educação.

A escola recebeu a pesquisa em um tempo de pandemia, um contexto inédito para tal intento, com isso tivemos a oferta de 35 vagas para as oficinas, mas com a finalização de apenas 07 (sete) alunos. Das desistências, entendemos que muitos não estavam disponíveis para ouvir histórias e se envolver na proposição. Passamos fortemente pela abordagem triangular, apreciando, contextualizando e fazendo arte por meio das performances e do estímulo ao protagonismo dos que ficaram para ouvir e compartilhar da experiência estética. A presença da pesquisadora buscou a intersecção com os sujeitos da investigação dentro de um potencial colaborativo na comunidade de práticas. (SINNER *et al* In DIAS e IRWIN, 2013)

A contação enquanto proposição trouxe a oportunidade de novos olhares. Os alunos são crianças que nasceram no mundo letrado, no contexto da digitalidade. O mundo se tornou virtual. As relações que estabelecemos com o pequeno grupo, por meio da contação, apontaram

a necessidade de estar preparado para mudanças bruscas. Assim, enfrentamos a pandemia da COVID-19 em plena pesquisa usando as mídias digitais.

O contador de histórias é o artista que em um fazer híbrido “[...] empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado.” (BUSATTO, 2012, p. 09) A contação de histórias é um ato relacional entre sujeitos que aprendem juntos, participando e evoluindo, seja em contexto de narração cênica ou ouvindo as prosas de novidades entre vizinhos na frente da casa ao cair da tarde. “A aprendizagem, portanto, nunca é previsível e é compreendida com uma participação no mundo, um tipo de coevolução dos que aprendem juntos.” (IRWIN e SPRINGGAY *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 145)

4.2-RETOMANDO A QUESTÃO INICIAL: o que aprendemos?

A Pesquisa Educacional Baseada em Arte aplica-se à problemática relacionada à educação, nessa investigação abordamos a contação de histórias como proposição arte/educativa enquanto fomento ao desenvolvimento cognitivo e perceptivo de crianças de 09 a 11 anos, alunos de 4º e 5º ano de uma escola de tempo integral de Luziânia-GO. O elemento motivador do estudo passa pelo ambiente escolar em um contexto de pandemia, no qual todo o sistema educativo formal passava por ensino remoto, ou seja, as atividades escolares mediadas por aplicativos e plataformas digitais. A evasão escolar alcançou níveis altos porque as questões de ordens infra estruturais, como falta de aparelho telefônico, *Internet* limitada, dificuldade de apoio familiar, alteraram a rotina e dificultaram o acesso das crianças.

A questão inicial da pesquisa com vistas a investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, enquanto proposição arte/educativa na cena, pode gerar aprendizagens e sentidos no desenvolvimento perceptivo de alunos do último ano do Ensino Fundamental I?

A pesquisa educacional baseada em arte e a/r/tografia nos ajudam a responder tal questão a partir do entrelugar de artista/pesquisadora/professora no processo *Inquiry-Laden*, ou seja, “[...] focado na abertura de espaços para abordar problemas e diferenças através de atos criativos” (SINNER *et al In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 107). Mas, precisamos pensar nela a partir do processo/percurso investigativo e não dos resultados, uma vez que, por sua natureza rizomática, “[...] perguntas levam a intervenções, investigações e possibilidades e inevitavelmente, surgem situações que se desdobram ou são reconhecidas.” (SINNER *et al In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 107) Afinal, o que mais fizemos foi ouvir e contar histórias, nessa análise do percurso não seria diferente. Se a escolha de textos e imagens é intento da a/r/tografia,

o nosso é apresentar o contador de histórias, aquele que “[...] cria imagens no ar materializando o verbo transformando-se ele próprio nesta matéria fluida que é a palavra.” (BUSATTO, 2012, p. 09) Daí, cremos que nesse trajeto de narrar estamos sempre criando imagens.

No contato com pesquisa de campo, buscamos responder a essa questão com o instrumento formulado por Ogle (1986). Originalmente intitulado estratégia K-W-L, tem por objetivo realizar tempestades de ideias sobre um tema antes e depois da intervenção de ensino. Realizamos as perguntas via formulário *Google* antes do início das oficinas à 33 inscritos. Para ilustrar as questões: 1- *O que sei sobre a contação de histórias?* 2- *O que quero saber com a contação de histórias?* criamos a representação da imagem em forma de nuvem de palavras. Uma representação pertinente na a/r/tografia.

Tendo em conta que a intertextualidade tem a estrutura de um rizoma, desenvolvendo-se através de conexão de nódulos, poderemos iniciar um exercício de análise fazendo associações entre vários significados atribuídos através de palavras-chave, etiquetas, rótulos ou *tags*[...] uma “nuvem” gerada através de processos colaborativos de associação através de palavras-chave. Recorro ao calão internetiano para descrever o processo. Uma nuvem de *tags* reúne um determinado *website* disposto em ordem alfabética, e o volume de conteúdos que o *site* apresenta em cada *tag* é mostrado proporcionalmente pelo tamanho da fonte. (EÇA *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 78-79)

As perguntas iniciais do formulário - *O que sei sobre a contação de histórias?* E *o que quero saber sobre a contação de histórias?* - Deram origem à primeira representação em forma de nuvem de palavras. A a/r/tografia se preocupa com a produção de imagens e a visualidade de conceitos por meio delas. O que elas mostrarão faz parte das interpretações da pesquisa, mas podem se conectar ao espectador e sua vivência propiciando retornos, memórias despertando-o para encantar-se com a sua estética como texto.

As palavras em destaque foram as mais repetidas pelas crianças. Destacamos que o desejo comum se remete a *aprender muitas histórias*. Para o grupo que esteve acompanhando o processo das oficinas, podemos afirmar que por meio da escuta sensível, puderam sim aprender muitas histórias. Vou além de saber as histórias e seu conteúdo, mas de terem sido tocados, afetados e despertados no momento da história, para a uma construção de memórias afetivas.

“[...] Pela arte somos levados a conhecer melhor nossas experiências e sentimentos, naquilo que escapam à linearidade da linguagem.” (DUARTE JR. 1991, p. 65) Podem ainda revelar que os alunos já possuíam uma linguagem próxima sobre essa arte. A escola vincula contar histórias com a prática da leitura. Mas, a contação precede e ainda ultrapassa a leitura, pois, por ela, nas vias da oralidade acontecem as relações com o texto falado, significando o que pode ser registrado pela escrita. Valorizar o que a criança conta, certamente formará bases sólidas para que se interesse por ler, decodificar e interpretar o que está escrito nos livros.

Chamo a atenção para *aprender a contar histórias*: Nessa resposta fica a pista para o saber/fazer. Enquanto *aprender várias histórias*: denota a carência de repertório, curiosidade, despertar para uma infinidade de possibilidades; no campo do sensível aparece a resposta *aprender a ignorar quem nos machuca*: diante de determinados comportamentos que ferem o coração, as histórias têm também a função de ensinar a lidar com os sentimentos bons e ruins. As crianças, muitas vezes, não conseguem expressar os sentimentos em palavras e acabam generalizando *muita coisa, tudo, nada*.

O desenvolvimento de capacidades a partir da proposição anunciada aconteceu de forma subjetiva e a arte com experiência certamente trouxe novos conhecimentos que não são possíveis de serem mensurados nessas páginas; ecoarão pela vida e pela trajetória das crianças e da pesquisadora por meio de relações afetivas, enfrentamento de problemas e produções criativas que envolvem a performance em contar histórias. A contação é fomento e provocação a ser/estar no mundo fazendo bricolagem, ou seja, fazendo o melhor dentro do que é possível ser feito. Não lamentamos que a pesquisa tenha tomado rumos cibernéticos, mas cremos que por essas vias a aprendizagem se alargou.

As respostas prontas que a escola oferece são alvo de crítica de Duarte Jr. (1991) ao afirmar que:

[...] Já observamos que na ‘vida prática’ nosso intelecto guia as relações em torno das relações práticas e funcionais já estabelecidas; pouco nos resta para o ‘sonho’, a ‘fantasia’. E isto também é reforçado pelo ambiente escolar, na medida em que as respostas ali já estão prontas, restando ao educando apenas a sua assimilação. Na escola não se cria, mas se reproduz aquilo que já existe. (DUARTE JR., 1991, p. 67)

Em um segundo momento, os alunos inscritos deveriam responder à questão *O que quero saber sobre a contação de histórias?* Obtivemos 18 respostas, e podemos inferir que estes estavam dispostos a participar e conhecer mais sobre a proposição. Chamo à atenção para a palavra *imaginar*, recorrente na nuvem, pois, alunos de 4º e 5º ano sentem falta de fazer

viagens imaginárias. Percebemos que a proposta forçava as práticas imaginativas de maneira positiva, pois, “[...] pela arte a imaginação é convidada a atuar.” (DUARTE JR., 1991, p. 67)

Figura 6 - O que quero saber sobre a contação de histórias?



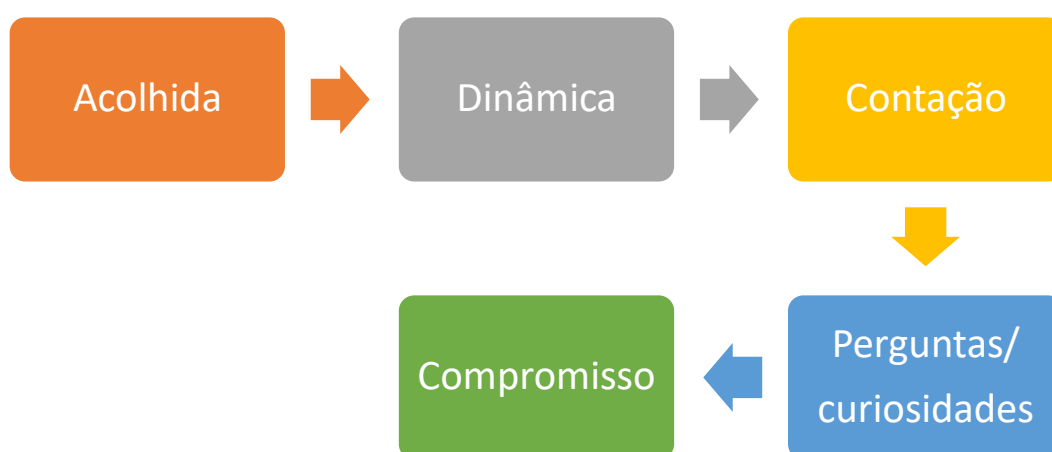
Fonte: Formulários de inscrição, 2020.

A proposição com oficinas de contação buscava responder a essa questão, porém, a liberdade dada pela abordagem a/r/tográfica apontou o entrelugar artista-pesquisadora-professora, alcançando a complexidade rizomática, nos levando a fazer outras perguntas para entender sobre a contação de histórias enquanto saber auto formativo (eu), heteroformativo (nós) e ecoformativo (contexto). (CANÁRIO, 2006) Aqui, vinculamos a aprendizagem ao que

a abordagem triangular reconhece como bússola por meio dos eixos: ler/apreciar, produzir/fazer e contextualizar a Arte.

Passamos por apreciar a Arte junto à comunidade de práticas composta pelos contadores convidados, que ali estavam para compartilhar histórias com experiência estética, contextualizada pelo momento de curiosidades e para as crianças produzissem oralmente como protagonistas, considerando que deveriam escolher a sua maneira de performar. A estrutura da oficina aparece ilustrada na figura.

Figura 7: Estrutura das oficinas.



Fonte: Organização da pesquisadora, 2021.

Pensar sobre uma prática arte/educativa calcada no imaginário e na ludicidade: primeiro, **não é a criança que se desinteressa pelo faz-de-conta**, segundo, **os adultos cobrarem seriedade, o apelo ao racional**, terceiro, **nós, adultos, somos responsáveis por proporcionar o mundo de magia e encantamento não apenas na fase pré-escolar, mas em qualquer fase da nossa vida** [grifos nossos]. Desses três elementos podemos pensar na contação de histórias como uma atividade necessária a todas as crianças e que pode também potencializar os conhecimentos e habilidades pela arte, o que apresenta Betty Coelho Silva (1986) umas das primeiras autoras a pensar na arte de contar histórias para todas as idades. Afirma que:

A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o

ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens, mas sem perder o senso crítico, que é estimulado pelos enredos. (SILVA, 1986, p. 11)

Após o processo de escuta sensível, atividades de diálogo, desenho e representação, foram realizadas performances pelas crianças, lendo ou contando histórias. A avaliação foi sistematizada de acordo com a terceira questão adaptada do instrumento de Ogle (1986) - *o que aprendi e o que senti na roda de histórias?* - e usando formulário *online*, 07 das 08 crianças que participaram da *Roda de Histórias* registraram suas respostas. Adaptamos o instrumento de Ogle (1986) buscando pensar na complexidade da ideia de despertar sentidos por meio de uma proposição arte/educativa transformada em experiência estética.

TABELA 3 – O QUE APRENDI E O QUE SENTI NA RODA DE HISTÓRIAS.

APRENDI	SENTI
Eu aprendi a ler melhor, a falar melhor.	Muita vergonha e feliz.
A ler melhor e contar histórias.	Um pouco feliz e envergonhado.
Muitas coisas.	Nervoso no momento, depois achei bem legal.
A fluir a minha imaginação.	Um artista.
A aprender a contar história.	Feliz.
Aprendi a gostar de ler e de contar histórias.	Com muita vergonha, mas também senti muita emoção.
Eu aprendi que todos nós podemos contar uma história sem ter vergonha de contar um ao outro.	Eu me senti maravilhada por ler a história Branca de Neve.

Fonte: Quadro SQA final – etapa de avaliação, 2020.

Algumas falas das crianças nos remetem a pensar mais sobre o compromisso firmado para a pesquisa com as famílias. Tivemos adesão de 33 crianças, mas finalização com apenas 07 delas. Para a performance, duas não compareceram, mesmo tendo ensaiado com a professora. Abandonaram o processo em sua finalização. Isso aponta para um ponto negativo: a importância dada ao que as crianças fazem. As famílias deveriam estar interessadas no progresso das crianças, motivando e responsabilizando-as a cumprirem o compromisso com a pesquisadora. Porém, o cenário educacional caótico em tempo de pandemia, ocupou o espaço e as oficinas, para elas, não tiveram a devida importância. Ao passo que podemos ainda pensar que ambas fizeram escolha de não participar por falta de coragem, no caso de uma delas, e outra porque precisava resolver problema de saúde.

O comportamento e a atitude do grupo que finalizou a proposição se reverteram em uma espécie de coragem para narrar. O pensamento de Duarte Jr. corrobora para perceber a importância da contação em educar os sentimentos, refinando-os. Destarte:

[...] significa estimulá-los a se expressar, a vibrar diante de símbolos que lhes sejam significativos. Conhecer as emoções e ver nelas os fundamentos de nosso próprio ‘eu’ é a tarefa básica que toda escola deveria propor, se elas não estivessem voltadas somente para mão-de-obra para a sociedade industrial. (DUARTE JR. 1991, p. 67)

As crianças a partir da proposição realizaram um tempo de preparação ouvindo histórias e percebendo de maneira crítica as performances de contadores e também de sua professora-viajante. Os encontros foram formativos propondo “[...] um tipo de narração que fala a partir de si mesmo e não de si mesmo.” (HERNANDÉZ *In* DIAS e IRWIN, 2013, p. 52)

Acredito que a pergunta inicial sobre o que as crianças podem aprender de fato com uma proposição arte/educativa passa por algumas percepções que podem compor nossa reflexão acerca da experiência. Uma proposição aparece como um norteador para atuação docente, pela concepção de Pesquisa, o processo é imprevisível, uma vez que deve estar sensível ao olhar do professor. Nesse caso, minha angústia a cada oficina ressoava em novas tentativas para atrair as crianças.

Sendo uma proposta aberta e inacabada, a contação de histórias irá cativar apenas aqueles capazes de se ligar a essa Arte com perseverança. Essa afirmativa tenta explicar o tipo de valor que cada um pode dar à contação enquanto Arte ou apenas entretenimento; alguns sentirão desejo de realizá-la, outros apenas de fruir dela, não desmerecemos nenhum dos lugares, uma vez que estando em cena ou na plateia podemos ser afetados pela experiência de maneiras diferentes. Não se pode mensurar o que cada um sente e nem como foi afetado pela experiência dado seu grau de subjetividade. Na infância, Juliana, minha sobrinha, amava as histórias que eu contava, sentia-se estimulada, mas o mérito de gostar de ler e de ter se tornado médica não é dado às histórias, há um conjunto complexo a ser analisado. Quanto aos alunos envolvidos, certamente terão sementes desse tempo plantadas em suas memórias ou não.

A constante adaptação da proposta é realmente necessária, pois, a Pesquisa Viva exige o envolvimento dada sua singularidade. As crianças apresentaram dificuldade de se manter nesse tipo de proposta sem o incentivo do professor regente, pois a comunicação era realizada via grupo de *WhatsApp*. A escola vincula atividade às recompensas e às avaliações em forma de notas, não foi o procedimento adotado na pesquisa, exceto no final com a produção individual como produto do esforço e empenho individuais. Aqueles que permaneceram foram

impactados pelas histórias e sentiram um pouco do poder delas além de sentirem-se artistas, superando medos e a timidez, atuando com protagonismo de acordo com a própria capacidade.

Os alunos, sujeitos da pesquisa, realizaram uma imersão em Arte durante o tempo que estávamos na sala virtual. Ouvindo e questionando sobre as histórias e o fazer de um contador de histórias ali presente, se aproximavam da infância que se esvai com tempo e as responsabilidades. Estar na oficina durante uma hora era também uma responsabilidade que muitos, mesmo desejosos, não puderam cumprir por falta de recursos materiais. Uma mãe me relatou que a filha deixou de fazer até as atividades da rotina escolar porque não havia nenhum *smartphone* na casa. Duas alunas que participavam juntas, acabaram deixando também porque a mãe chegava do trabalho depois do horário marcado.

Porém, entendo que o contexto desfavorável à pesquisa e a desvalorização da Arte como conhecimento foram surpreendidos pela poética da persistência que mesmo de maneira remota e não-presencial foram sementes plantadas pela Arte em cada coração que por ali passou, porque, mesmo virtualmente, os olhos e ouvidos atentos foram portas abertas para a Arte em seu caráter transformador.

4.3- OS *RENDERINGS* NA BAGAGEM: compromissos conceituais

A pesquisa aqui também chamada de investigação alcançou a flexibilidade de rizoma integrando conhecimentos, fazeres e pessoas com a ideia de Pesquisa Viva, cheia de percalços, deslocamento de relações, apoio mútuo no fazer artístico, busca imparável por conhecimento, esse que vem por meio do saber da experiência, e tal achado se deu no percurso do encontro, das perguntas e compromissos firmados em forma de vivências pela *Internet* e presenciais. Enquanto lia e buscava respostas, já recebia convites para palestras e falas motivadoras para professores acerca da importância de contar histórias na escola. A ideia de entrelugar, híbrido de a/r/tógrafa do campo da contação de histórias foi sendo construída ao longo da jornada, entre descobertas e experimentações, frustrações e rupturas apresentando uma forma diferente de fazer pesquisa, no qual a Arte é o mote e a razão da busca, sustento, sonho e poesia.

Nesta análise, elucidamos compromissos conceituais da a/r/tografia como abordagem metodológica em destaque para o ser/estar no mundo olhando as pegadas que deixamos nesse tempo de investigação. De forma complexa, alguns deles se interpenetram, relacionando-se, mas buscamos aspectos que sobressaem a cada conceito.

Contiguidade

A professora se percebe artista e pesquisadora. Pode parecer um lugar-comum tal afirmativa, mas, até 2018 era apenas uma professora que lia e mediava histórias. Precisava se constituir como artista-pesquisadora. Não sabia realmente como isso se daria no processo investigativo. Durante a vida acadêmica, passeava pela Arte como prática de ensino e necessitava de uma data comemorativa, evento, usando as histórias como pretexto para o ensino formal.

A entrada no mestrado despertou a importância de passar pela formação das Artes da Cena como da artista da palavra, apesar das limitações vocais. Esse feito atravessou um tempo de contiguidades desfrutando do conceito de bricolagem, ou seja, fazendo o melhor possível com aquilo que tinha. Assumindo a responsabilidade de artista/pesquisadora/professora cujos “[...] processos e resultados estão marcados pelo engajamento social.” (IRWIN e SPRINGGAY In DIAS e IRWIN, 2013, p. 145)

A identidade que foi sendo adquirida enquanto artista contadora de histórias a partir da tia Cecília começou a amadurecer no realinhar da pesquisa e sua performance no contexto da digitalidade e em meio às poéticas do isolamento²⁸. Escrevemos sobre a produção de conteúdo digital em vídeos-contação, *lives* e *podcast*, um formato de áudio digital. Esse momento de pandemia afetou a experimentação estética, mas ao mesmo tempo, abriu novas portas de produção artística.

Percebemos, no que tange ao encontro com a Rede Brasil e os contadores que atuaram a composição da comunidade de prática o compromisso em contiguidade, compartilhando como críticos amigos, pois, a a/r/tografia é inerentemente sobre o eu como artista/pesquisador/professor; O fazer no entrelugar artista/ pesquisadora/ professora acabou fortalecido pelo contato humano/virtual a partir de outros sotaques e atuações artísticas. Era preciso aprender e apreender a contação, não apenas pelos livros, mas pela experimentação estética. Durante a pandemia, atuando como Tia Cecilia, mas com o passar do tempo e as experiências, passou a realizar atividades de contação como Cissa Amorim. A conquista de uma identidade aconteceu pouco a pouco. A artista parecia ter saído de uma crisálida com fortes asas, para altos voos.

²⁸Cenário digital e a contação de histórias: (re)significa(ções) de um projeto artístico-pedagógico. Artigo publicado na revista FundArte, Qualis A2. Disponível em <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/838>. Acesso em maio de 2021.

Metáfora e metonímia

Os desenhos do início do trabalho são representações de sentidos e sentimentos apresentadas como conceitos visuais. Um apresenta uma trajetória, um emaranhado de palavras que combinei durante a investigação. A pesquisa é um percurso cheio de tensões e angústias, mesmo sendo delimitado por um objeto e um objetivo, é um espaço amplo que demanda decisões precisas. O lugar de pesquisadora não me pareceu confortável, mas, conflituoso. O caminho se tornou um mapa. A viagem precisava de um mapa para a professora-viajante, outra metáfora que acompanhou o processo. Nem todos podem viajar. No início eu nem sabia como completaria a viagem do mestrado dada a distância física do campus. E foi a partir da pandemia que o ciberespaço oportunizou as viagens.

Encontros, desvios e lugares remotos em busca de aprender mais sobre contação de histórias, termo esse ligado ao contador de histórias contemporâneo, dono de fazeres híbridos, canta, conta, toca instrumentos, dança, atua e encena, encanta como artista da palavra, a “pá que lavra e ara²⁹” a terra que percorremos (ZANELLA, 1998). Pelas vias da *Internet*, passei pelo Cariri - CE, por Feira de Santana – BA, por Belém -PA, por cidades goianas: São Luiz de Montes Belos e Itumbiara. Passei pelo Mato Grosso, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais. Visitei lares nas *lives* que participei contando histórias e fazendo amigos pela Arte.

As histórias que iniciam cada seção evocam a ficção metonímica a partir da produção criativa de textos, ou da aproximação deles, como no caso da Boneca de Sal que ilustra a imersão da pesquisadora no mar da Arte. A Arte é o mar! A boneca é o mar! Na história da professora-viajante aparecem as questões existenciais acerca de uma artista em constituição. A história nasceu no conflito de desejar contar uma história que sintetizasse o processo de busca. O Príncipe Eldani aparece como a manifestação do sentimento na pesquisa. As longas conversas sobre sabedoria e conhecimento, a capacidade de conhecer alguém com olhar de infância e encantamento. O período sombrio vem representado pelo sonho, o voo onírico que apresenta o contexto da pesquisa de campo numa linguagem tangível, narrativa, envolvendo sensações e sentidos para o ser/estar mesmo com mais de 600 mil mortes contabilizadas no país, mostrando que temos vida para seguir em frente apesar das tormentas.

Assim, a professora-viajante cumpriu compromisso a/r/tográfico por esta via entretecida às relações de significante e significado em uma terceira interpretação buscando dar sentido ao mundo com relações acessíveis aos sentidos. (IRWIN e SPRINGGAY *In* DIAS e IRWIN, 2013)

²⁹ Conheci essa metonímia durante o evento da Semana Municipal dos contadores de história de São Paulo, da qual tive o prazer de participar presencialmente em novembro de 2021 como Cissa Amorim, contadora de histórias goiana.

Aberturas

O compromisso conceitual das aberturas, ou rasgadas na pesquisa aparecem por causa da pandemia, que nos tirou do lugar de previsibilidade. A ideia inicial era de desenvolver com as crianças oficinas de contação na escola para que se desenvolvessem e pudéssemos mensurar os resultados. O contexto **anormal** [grifo nosso] gerou uma abertura para conhecer e fazer parte de uma Rede de Contadores de Histórias, muito mais que o previsto inicialmente, passando por *lives/lugares* em busca de respostas nos griôs, nas memórias e desenvolvimento de performances que sustentariam a ideia de ser contadora de histórias contribuindo pelo âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão universitárias para a valorização deste ofício, intercambiando experiências.

Não me formei só, mas pelo coletivo de artistas que passaram por mim na viagem trocando em uma comunidade de práticas. Todos os contadores que colaboraram com a pesquisa de campo eram fortemente ligados à educação formal como professores, exceto Juliana Reame que lida com o contexto de educação não-formal. O lugar de fala desses colaboradores se mantém pela Arte, pela pesquisa e pelo ensino, por isso todos cabem na concepção do entrelugar artista/pesquisador/professor. As histórias são retroalimentadas pela pesquisa dos contadores, que criam a partir de seus contextos.

Reverberações

As reverberações se movem, fazem com que nossa compreensão de mundo mude e se transforme. As ações que tivemos durante o estudo/viagem/pesquisa passaram pelo lugar de artista nas *lives* e vídeos-contação, os cursos que passei para aprender sobre a arte narrativa, as leituras e processos criativos para realizar performances como na Romaria Nacional da Histórias, contando a história “O batizado”, recolhida em Pirenópolis-GO por Ângela Barcellos Café³⁰.

Tive a rica oportunidade de ministrar um curso para 40 professores da rede pública, entre maio e julho de 2021, cujo título era *Práticas arte/educativas: Regando os canteiros da criatividade pela contação de histórias*. Busquei metáforas e movimento em um curso com duração de 40 horas apontando, com base nos estudos teórico-práticos, a importância de realizar práticas arte/educativas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental contextualizando, apreciando e fazendo a Arte, procurando elementos criativos e fazeres que nutrem o imaginário da infância.

³⁰ Ângela Barcellos Café foi professora no curso de Licenciatura em Artes Cênicas da UFG. Atualmente é contadora de história e pesquisadora do Instituto de Artes da UnB.

Outra reverberação importante foi a elaboração e desenvolvimento do Projeto de extensão universitária *Unidos pelas Histórias*. Pudemos colocar em prática mais uma vez o conceito de comunidade de práticas na contação de histórias. De fevereiro a agosto de 2021, tivemos 14 contadoras e um contador de histórias das 05 regiões brasileiras desfrutando de um tempo de leitura teórica para subsidiar as práticas. Tive o apoio da minha orientadora, professora Valéria e de duas experientes contadoras: Ana Selma Cunha do Pará e Ivani Magalhães, de São Paulo. A experiência foi apresentada em dois eventos acadêmicos: na UEG, campus Inhumas – GO e no Congresso de Pesquisa e Extensão (CONPEEX). O trabalho recebeu reconhecimento do Conselho Universitário da UFG em uma sessão solene em dezembro de 2021.

Encontrei **as gentes das maravilhas** [grifo nosso] presencialmente na Semana Municipal dos Contadores de Histórias de São Paulo, durante a qual seria entregue o Troféu Baóba, conhecido como Óscar dos Contadores de Histórias 2021. Acompanhei Ana Selma, agraciada com a premiação. Ah! Doce lembrança do dia 05 de novembro quando levei histórias para 30 idosas de um Centro Desportivo logo pela manhã. Poderia ter me apresentado em um palco, mas ali no chão da quadra de esportes contei, cantei e fiz com que elas encenassem. Não estive lá como Tia Cecília, mas, creio que aquele lugar me batizou com nome de Cissa Amorim. Ouvi os depoimentos delas, dizendo que ressuscitei memórias da infância. Aquele dia, renovei meu fazer como artista de verdade. Não que antes não fosse, mas o fato de estar ali presencialmente gerou confirmações: Gosto do chão! Prefiro estar ensinando, por isso, levei para elas movimentos de catira, dança típica do nosso Goiás, as ouvi, dialogamos. Vi sorrisos por trás das máscaras. Essa viagem coroou nossa pesquisa e pude andar entre os contadores de histórias, escritores de livros de referência como a Gislayne Matos.

Terminaria feliz essa viagem/pesquisa a partir dessas reverberações, inclusive com a pesquisa de campo. Feliz pelas crianças que finalizaram comigo as oficinas, com os colaboradores e com a proposta. Mas, não, ficou uma inquietação imensa sobre a experiência da pesquisa de campo, a evasão das crianças e a falta de comunicação com a escola.

Enquanto reverberação, gostaria de trazer o resultado da minha inquietação como artista/pesquisadora/professora após a pesquisa de campo. Em 2021, retornei ao trabalho após 17 meses de licença para a formação *stricto sensu*. Assumi uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental I, com 34 alunos que já estavam com perdas pedagógicas consideráveis para a série/ano por causa da pandemia. Depois do tempo de diagnose percebi que a proposta das oficinas poderia retornar para, de fato, entender o porquê das desistências e das questões relativas à contação de histórias.

De fevereiro a dezembro de 2021 coloquei em prática um formato novo de projeto orientado pelas demandas pedagógicas e pela pesquisa de campo realizada em 2020. Semanalmente as crianças tinham tempo de oficina com a Tia Cecília para ler e contar histórias. Dessa vez, além da Arte, trouxe como mote também a intencionalidade do currículo escolar e da recuperação da leitura, processo esse frágil e ainda não consolidado. Inspirada pela necessidade de aplacar o tempo sombrio intitulamos o projeto *Tia Cecilia e sua turma em: leitura colorida, palavras grávidas de mundo*. O ponto de partida foi a leitura em suas facetas iluminadas pela contação. Ou seja, ler colorido é dar vida ao texto e realizar excelentes momentos de contação.

Essa segunda experiência acalmou as angústias geradas pela anterior. Tínhamos um horário por semana para o tempo com a Arte e as histórias, lidas ou contadas. Das 34 crianças, 22 conseguiam acompanhar a atividade. Isso mostrou que independente de ser o professor regente ou não, haveria evasão por questões estruturais, especialmente por causa da *Internet*. Não era desinteresse, era de fato falta de condições.

As atividades eram constantemente motivadas por meio do grupo de *WhatsApp*, reforçadas com avisos durante a semana e também até minutos antes do evento. Entendi que apenas postar um cartaz no grupo não era suficientemente motivador, por isso, era preciso lembrar as crianças do compromisso. Talvez na primeira experiência essa questão tenha ficado falha, não por desinteresse do professor regente, mas pelas demandas do cotidiano.

Enquanto professora regente com a turma, adotei medidas de incentivo, ganhavam livros para compor um acervo pessoal. Ao final do projeto, cada aluno, ganhou pelo menos 07 livros literários. Os pais eram participativos e os alunos, com muita desenvoltura, realizaram diversos momentos de leitura e contação inclusive publicados no *Instagram @tiaceciliaconta*. Essa experiência pós pesquisa de campo fomentou em mim o desejo de atuar mais e melhor como artista/pesquisadora/professora. O vínculo com os alunos foi outro diferencial. Estávamos juntos diariamente e as atividades propostas eram encadeadas, motivadas pela necessidade das crianças para ler, se emocionar e contar com apoio direto de aparatos tecnológicos digitais como aplicativos, livros digitais, produção e edição de vídeos.

Cada experiência é única e nos atravessa singularmente. Mas, muitos entendimentos surgem a partir das reverberações de uma investigação em Artes. Antes que se fechem as cortinas, precisava trazer esse relato, para que outros pesquisadores não desistam por causa de frustrações e tropeços na primeira experimentação. A Arte retroalimentou minha prática e me tornou mais forte para questionar e enfrentar as barreiras.

Excessos

Durante a proposição muitos momentos foram de angústia e dúvida. Apresento tais tensões como excessos nesse tempo de aprendizagem. As questões ligadas a esse *rendering* “[...] abrem oportunidade para complicar o simples e simplificar o complexo, questionando como as coisas chegam a ser e qual a natureza do seu ser.” (IRWIN e SPRINGAY In DIAS e IRWIN, 2013, p. 149) As questões levantadas durante o processo de registro da viagem tem por objetivo envolver o leitor no processo, para que assim, se embrenhasse nesse complexo fazer pesquisa. Por muitas vezes estive imersa em antidepressivos, pedindo aconselhamentos, buscando abraços para compreender o processo de pesquisar dando lugar ao erro e à falibilidade, sem ter que dar conta de tudo. Impossível não sofrer! Bebi na fonte da experiência, me tornei ainda mais contadora de histórias, mais professora pela viagem/pesquisa oportuno crescimento pessoal, social e afetivo para mim e para quem vier conviver comigo pela Arte.

Em relação ao contexto de pandemia, cabe bem como excesso. O que não foi possível mudar, colocamos ao nosso favor percorrendo o caminho pelas redes virtuais. Pela *Internet*, experienciei a vida de cibercontadora, antes tímida, passei a realizar performances cada vez mais segura, desfrutando de fluidez frente à tela, ministrando palestras e grandes *lives* pelo *YouTube*, cito a comemoração ao Dia das Crianças³¹ promovida pela Secretaria Municipal de Educação de Barra do Garças - MT, com mais de 3.300 acessos. Crianças desfrutando de histórias enquanto a Tia Cecília fazia Arte!

Os que comigo conviveram nesse tempo, relataram quanto trabalho, esforço e dedicação nesse percurso de ação-reflexão-ação, a práxis freireana (FREIRE, 1996). A relações conceituais estão ligadas às percepções desse mundo feito de palavras, gente, onde a poesia se faz na caminhada, no processo. O produto da Arte em mim é a mudança no olhar e ouvir de pessoas que ao conviverem comigo passam a crer no poder de pertencer, constituir-se alguém que encanta pela paixão que expressa. A paixão por tudo isso provavelmente seja o maior excesso!

(Re) significar

Uma das palavras-chave do enunciado de nossa investigação é (re)significar. Durante o percurso da viagem revisitei muitas memórias que se tornaram gatilhos poéticos para a produção de poemas, em destaque “A Arte em mim” que remonta a história de uma cantora acometida de um cisto na prega vocal e sua retomada artística com a contação de histórias.

³¹ Estreou dia 08/10/2021. Dia das crianças com a Tia Cecília. Disponível em <https://youtu.be/I5a8aZ1iKy0> .

Consideramos as contribuições da a/r/tografia para a narrativa de nosso processo do início ao fim. Quando utilizei essa palavra no título não a tinha como um *rendering*, embora soubesse que seria um tempo de imersão, jamais pensei que tocaria tão profundamente no significado de minha história.

A Arte em mim

O sonho: ser cantora lírica.
 Aos 12 anos trabalhava de doméstica para pagar o curso de canto.
 Percorria 10km de bike por dia,
 ganhava R\$60,00 e pagava R\$12,60 pelo curso.
 A exaustão tomou conta. Abandona...
 Cantava na Igreja Católica porque tinha coral,
 então, salmista por 15 anos.
 A Ave Maria da noiva com italiano perfeito...
 O último evento em que ouviram sua voz
 Enlace de um ilustre vice-prefeito, em 2012.
 Em 2013, um cisto na prega vocal direita.
 Readaptação de função.
 Nunca mais canta.
 Fica perdida, busca sentido.
 Em 2018, por causa do sonho de outra pessoa,
 passa a contar histórias na escola.
 Perdendo o medo...
 A contação de histórias (re) fez a artista
 devolveu a sua alma.

Cissa Amorim.

A cada contação, um exercício cênico diferente, uma poética adequada ao momento e sua efemeridade. Há 08 anos cantava em dois corais e ainda ministrava aulas no turno matutino e vespertino. As consequências do desgaste foram um cisto na prega vocal direita, fenda em ampolheta e sulco a prega vocal. Desde então passei a trabalhar como formadora na Secretaria de Educação. Em 2017, retornei para a escola mesmo com os problemas vocais. De escola em escola tentei me adaptar. Mas, a voz estava realmente adoecida. Senti por vezes que tinha perdido o sentido da vida porque não poderia mais cantar. Cantava na liturgia da igreja católica, era salmista e no coral era uma boa soprano. O tempo passou e depois de fonoterapias e uma reorganização da modulação vocal, comecei a contar histórias. Mas, como não poderia projetar muito a voz, ganhei um rádio com microfone de lapela e entrada para *pen drive*.

O compromisso de (re)significar está ligado à história vivida e sua releitura a partir de mudanças de pensamento e atitude. O tempo de repensar meu papel como agente de cultura

entremeado pelo contexto histórico da pandemia, mobilizando esforços para atuar, apoiar, formar, independente de minha pouca experiência dentre os contadores. As contribuições levando o que eu sabia de tecnologia nas edições de vídeo, nas indicações de leituras, participando de eventos *online* forjaram em mim uma força de mudar que não pensei ter inclusive para enfrentar com todo esforço um curso de mestrado em outra cidade, em outra seara com conceitos que não eram parte de minha vivência como pedagoga. Me espantei pelo fato de pesquisar livros de autores vivos em um percurso traçado por um projeto entretecido de mudanças.

A necessidade de olhar o próprio trabalho com maior importância dando a ele o real significado passa pela (re)significação das práticas. Percebi a necessidade individual de conhecer mais acerca da contação para poder ensinar melhor, porém sem me preocupar com o rigor, dando espaço para as crianças construírem caminhos de aprendizagem formativa, artística e afetiva. A história alcança lugares inimagináveis e intangíveis. Encontrei um lugar entre as histórias mesmo tendo um comprometimento vocal. Lidei com ensino, pesquisa e extensão expandindo o movimento de estudo pelo constante compartilhamento com meus pares: os contadores, os professores e as crianças.

FECHANDO AS CORTINAS: considerações líquidas

Se não houver frutos,
valeu a beleza das flores;
se não houver flores,
valeu a sombra das folhas;
se não houver folhas,
valeu a intenção da semente.
Henfil

Quando as cortinas se fecham, o artista está pronto para falar sobre o espetáculo e os sentidos em uma roda de conversa, recebendo as manifestações do seu público, seus questionamentos e curiosidades acerca do processo. O contexto de criação foi sombrio, mas, reforçamos com uma frase de Henfil, fizemos o melhor dentro do que foi possível realizar. Esse pensamento de fazer valer a pena me acompanha desde a infância; tenho guardado um cartão postal com esses versos, embora utópicos, para quem pesquisa são fonte de motivação. Trazemos considerações líquidas³² sobre uma Pesquisa Viva, pensando na condição de ser/estar no entrelugar de artista/pesquisadora/professora.

Contar, encenar e (re)significar a partir dessa experiência teórico/prática passou a ser uma práxis a/r/tográfica, na qual a todo tempo estou fazendo Arte, vivendo e respirando por meio dela, contagiando pessoas, plantando sementes, elaborando um legado para ser deixado para meus pacientes leitores. A motivação individual e o compromisso social motivaram o percurso.

Retornarei à biblioteca. Lugar de ser feliz e se encantar pela Arte. Não é tão simples contar histórias, exige mais que saber ler com entonação, é uma capacidade trabalhada por meio muito estudo, dedicação e sentimento amor pela Arte e pelas crianças. A Escola de Tempo Integral possui espaço para o fazer híbrido da arte/educação na biblioteca. Desejamos que ainda seja possível expandir essa realidade via políticas públicas para outras escolas. Que a formação de professores se preocupe com a contação de histórias, fomento para desenvolver a cognição e a percepção. Que as histórias humanizem mais, reúnam mais propostas interdisciplinares, que elas não sejam transformadas em pretexto, mais gerem contextos de ação e protagonismo infantil mediados por telas ou pela mediação de um professor ou professora especializado e sensível, capaz de entender e potencializar a aprendizagem e as percepção dos sentidos.

³² Recordamos a teoria de Zygmund Bauman (1999) sobre a modernidade líquida “leve, fluida, dinâmica”. O sentido adotado é de inconcluso.

Realizamos uma viagem chamada pesquisa, o transporte nesse momento são os livros e a inspiração para adotar caminhos largos ou estreitos, atravessar tempo de crescer e refletir usando textos e imagens, percebendo que solidão é parte do processo, mas nele não é possível estar só. Chamei para perto Saramago (1996) e a *Bagagem do Viajante...* O autor emprestou a metáfora e prontamente a colocamos a serviço do registro poético das descobertas que atravessam a função de arte/educativa, tocando a vida de pessoas e sua subjetividade.

Por meio das histórias, as artes da cena passaram a fazer parte da bagagem. A busca por respostas, nos levará a outras perguntas e essas novamente serão pensadas no contexto da educação e da arte, por meio do entrelugar artista/pesquisadora/professora, expresso pela a/r/tografia.

Os momentos formativos/investigativos em Arte/educação acompanharam a viagem. Reiteramos a necessidade da arte no fazer educativo formal, na escola, intencional, mas, fluido, permitindo fruir apenas e ensinar sempre que oportuno. Estive próxima de artistas da palavra imagética, encantadores de gente, pesquisadores e fazedores de histórias, criadores de experiências. Não mais me sentirei só na caminhada, pois sou acompanhada pelo poder das narrativas entendendo delas como essenciais e constitutivas para a cena da vida docente.

O trabalho com a infância remete-nos a um legado. Deixo um pedaço de mim por meio das histórias. Palavras de gratidão: - *Tia, obrigado por ter inventado essa coisa pra gente contar histórias*. Retribuição em forma de um enunciado que traduzo pelo pensamento de que foram valiosos momentos com os contadores, questionamentos válidos. As crianças conseguiram enfrentar o medo! Trazer a contação para as crianças dessa idade em formato de oficina foi um grande desafio. Atuei como contadora, algumas vezes como professora e como artista da palavra, do corpo/voz, da imaginação, da criatividade, da esperança.

A intenção de aprender sobre a arte de contar a partir da abordagem triangular apreciando, fazendo e contextualizando a Arte me levou a pensar sobre o direito de fruir das histórias. Mesmo em pandemia, foi garantido a esse grupo a fruição e a participação em atividade arte/educativa, prevista em documentos oficiais, cito a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que em seu Artigo 206 aponta os princípios do ensino “[...] II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber.”

A pandemia, de certa forma, favoreceu uma experiência de pertença via *WhatsApp* e pelas redes, especialmente oportunizando me unir a outros contadores, favorecendo um sentido maior que a docência e o trabalho pedagógico motivado pelas histórias em contiguo movimento. Conhecer-me e realizar performances como artista, favoreceu repensando o caráter utilitário da literatura na escola, percebendo como a Arte por si só reverbera e é relevante porque alcança a

humanização dos sujeitos. A a/r/tografia, com seus compromissos de abertura, contiguidade e comunidade de práticas passou a integrar um modo de vida em Arte/Educação.

As reverberações ressoarão pelo tempo no fazer artístico de cada contador de histórias que pode apoiar a pesquisa, o valor da Arte Narrativa se modificou de forma extraordinária, passando a integrar naturalmente o momento sem necessitar de pretexto para tal. A amorosidade, sensibilidade, paciência e segurança fizeram parte do processo de aprender a contar e ouvir histórias.

A partir dos *renderings*/compromissos, alcancei o espaço viajado virtualmente utilizando metáforas, contiguidades, aberturas. Cada momento da pesquisa alcançou mais do que era esperado. Parafraseando Manuel de Barros quando diz “O olho do contador de histórias vê, a lembrança revê, a imaginação da criança transvê, é preciso transver o mundo.” A relação entre o contador, as histórias e as crianças ultrapassa o limite daquilo que julgamos comum ou ordinário. O saber-fazer da Educação Baseada em Arte exige preparo, formação, conhecimento, técnica e reconhecimento da importância das histórias, não como ferramenta pedagógica a serviço de um objetivo determinado, mas como instrumento que harmonicamente pode criar melodias, ou como um automóvel que se torna imanente ao seu condutor, ou seja, a Arte passa a fazer parte de quem a utiliza.

O compromisso é continuar a formação enquanto artista/ pesquisadora/professora, entrelugar no qual encontrei (re) significações importantes. Ampliando o olhar para as possibilidades e a escuta sensível, o Projeto *Tia Cecília conta* terá uma nova forma de pensar os saberes-fazer. Essa será uma outra história!

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Maria Cecília Silva. Projeto Didático Tia Cecília conta. *In: **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Carlos Alberto Brandão Ferreira***. Luziânia – GO, 2018.
- ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessati. Estratégias de Ensino. *In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessati. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. Joinville: UNIVILLE, 2007. p. 68-100.
- BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BAJARD, Elie. **Ler e dizer**: compreensão e comunicação do texto escrito. São Paulo: Cortês, 1994.
- BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias**. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **A arte de contar histórias**. Trad. e org. Patrícia Lavelle. São Paulo: Hedra, 2018.
- BENJAMIN, Walter. **Infancia en Berlín hacia 1900**. Trad. Klaus Wagner. Madrid: Ediciones Alfaguara S.A., 1982.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. Obras escolhidas I.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução, apresentação e notas Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades- Editora 34, 2009.
- BOCCA, José. **O bicho mais poderoso do mundo**. São Paulo: Ática, 2020.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, p.20-28.
- BRASIL. **Projeto de Lei 1786/2011 Institui a Lei Griô**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2011. Disponível em <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=511689> Acesso em: 30 ago. 2020.
- BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BUSATTO, Cléu. **A arte de contar histórias no século XXI**: Tradição e ciberespaço. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BUSATTO, Cléu. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

CAFÉ, Ângela Barcellos. O batizado. *In*: CARMANI, Ale; GERMANI, Joana.(Orgs.) **Era uma vez uma história contada outra vez**. (Encarte do projeto) Goiás: CIAR/UFG, 2012.

CANÁRIO, Rui. Escola: crise ou mutação? *In*: CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 11-50.

CANDA, Cilene Nascimento. **A Arte como direito da infância e a sua inserção no ensino fundamental de nove anos**. REP – Revista Espaço pedagógico, v. 19, n.1, Passo Fundo, 2012a. p. 121-134, jan/jun. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/2830> . Acesso em: 11 dez. 2020.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira; SOUSA, Elane Mayara. Escuta sensível: o que é? *In*: CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira (Org.) **(Con) Textos em escuta sensível**. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 15-52.

CÉSPEDES, Francisco Gárrzón. Oralidade, narração oral e narração oral cênica. Revista Latino-Americana de Teatro. ISSN 0023-8813. Vol. 29, nº 1: outono de 1995. Disponível em: <https://journals.ku.edu/latr/article/view/1081> Acesso em: 15 jun. 2020. p. 69-82

CHARRÉU, Leonardo Verde. Revista Diacrítica, n. 33, (1) p. 87–103. <https://doi.org/10.21814/diacritica.298> , 2019. ISSN: 0870-8967 (versão impressa) ISSN: 2183-9174 (versão eletrônica). DOI: doi.org/10.21814/diacritica.298. Disponível em: <http://diacritica.ilch.uminho.pt/index.php/dia/article/view/298> Acesso em: 20 de out. 2021.

CUNHA, Ana Selma Barbosa. O sensível na escola: oralidade e performance em Jacques Flores, Academia do Peixe Frito. Dissertação de mestrado. Belém: Universidade da Amazônia, 2019.

CUNHA, Fernanda Pereira. **E-arte/educação**: educação digital crítica. São Paulo: Annablume; Brasília: Capes, 2012.

DECICO, Cristina. A professora-personagem como mediadora da leitura em sala de aula. *In*: HERNANDEZ, Márcia Strazzacappa (Org.) **Era uma vez uma história contada outra vez**: educação, memória, imaginação e criação. Campinas, SP: Librum Editora, 2013. p. 24-35.

DECICO, Cristina. **O encanto do encontro**: o jogo de faz-de-conta nas relações de ensino. 2006. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação,

Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252187> . Acesso em: 6 jan. 2020.

DESGRANGES, Flávio. Processos de criação teatral e processos de aprendizagem: interfaces possíveis. *In*: CONTIERO, Lucinéia; SANTOS, Fernando Freitas dos; FERNANDES, Matheus Vinícius de S. (Orgs.) **Pedagogia do Teatro**: prática, teoria e trajetórias de formação docente. Natal, RN: EDUFRN, 2018. p.22-38.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, Selo Martins, 2010.

DIAS, Belidson. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em Artes: uma introdução. *In*: DIAS, Belidson e IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFMS, 2013. p. 21-26.

DONALDSON, Júlia. **O grúfalo**. Trad. Gilda de Aquino. 2. ed. São Paulo: Brinque Book, 1999.

DUARTE JR.. João-Francisco. **Por que arte-educação?** 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

EÇA, Teresa. Perguntas no ar sobre metodologias de pesquisa em arte educação. *In*: DIAS, Belidson, IRWIN, Rita L. (Orgs.) **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 71-82.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**: uma interpretação marxista. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

FOX, Geoff, GIRARDELLO, Gilka. A narração de histórias na sala de aula. *In*: GIRARDELLO, Gilka (Org). **Baús e chaves da narração de histórias**. 3.ed. Florianópolis: SESC/SC, 2006. p. 116-155.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 16. Ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não! Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 1997.

GASPA, Tio. **A vaidade de Lolita**. 2.ed. São Paulo: Esp. vida & consciência, 2007.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque**: contar histórias na escola. Campinas-SP: Papirus, 2014.

GÜNTHER, Luisa. A gente faz o que pode com o que tem: ligeiras notas sobre bricolagem. *In: DIAS, Belidson, IRWIN, Rita L. (Orgs.) Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/t/ografia*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 221-234.

HAMPÂTÉ BÁ, Amadou. A tradição viva. *In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes, MORAES, Taiza Mara Rauen. Contação de Histórias: Tradição, poéticas e interfaces*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. p. 155-191.

HERNÁNDEZ, Fernando. A investigação baseada em arte: propostas para repensar a pesquisa em educação. *In: DIAS, Belidson, IRWIN, Rita L. (Orgs.) Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/t/ografia*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 39-62.

HERNÁNDEZ, Fernando. Minha trajetória pela perspectiva narrativa da pesquisa em educação. *In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.) Pesquisa narrativa: Interfaces entre histórias de vida, arte e educação*. Santa Maria: Editora UFSM, 2017. p. 49-74.

IACOCCA, Liliana. **A girafa sem sono**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2015.

IRWIN, Rita e SPRINGGAY, Stephanie. A/r/t/ografia como forma de pesquisa baseada na prática. *In: DIAS, Belidson, IRWIN, Rita L. (Orgs.) Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/t/ografia*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 137-154.

IRWIN, Rita. A/r/t/ografia. *In: DIAS, Belidson, IRWIN, Rita L. (Orgs.) Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/t/ografia*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 27-38.

IRWIN, Rita. Comunidade de prática a/r/t/ográfica. *In: DIAS, Belidson, IRWIN, Rita L. (Orgs.) Pesquisa Educacional Baseada em Arte: a/r/t/ografia*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 155-168.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. *In: BRASIL, Ministério da educação. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. (Orgs.) Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006. p. 13-24.

MAÇANEIRO, Scheila Mara. **De como as cadeiras se movem**: escrevendo meu movimento, movimentando minha escrita, uma experiência a/r/t/ográfica em dança. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP, 2013.

MACHADO, Regina Stela. Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da abordagem triangular. *In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira (Orgs.) A abordagem triangular no ensino das Artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 64-79.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MACHADO, Regina. **Arte educação e o conto de tradição oral**: Elementos para uma pedagogia do imaginário. Tese de doutorado. ECA: USP, 1989.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes, redes. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**: sua dimensão educativa na contemporaneidade. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete professor mediador. In: **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/professor-mediador/>. Acesso em: 21 abr. 2022.

NASCHOLD, Ângela Chuvas, PEREIRA, Antônio, Vera Wannmacher, PINHO, André Luís Santos de. Metáforas, alfabetização e pesquisa na educação integral de crianças. In: NASCHOLD, Ângela Chuvas, PEREIRA Antonio, GUARESI, Ronei, PEREIRA, Vera Wannmacher (Orgs). **Aprendizado da leitura e da escrita**: a ciência em interfaces. Natal: Edufrn, 2015. *E-book*.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In MINAYO, Maria Cecília (Org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OGLE, Donna M. K-W-L. *A teaching model that develops active reading of expository text. The reading teacher*. vol. 39, n.6, p.564-570,1986.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; CHARRÉU, Leonardo Augusto. **Contribuições da perspectiva metodológica "investigação baseada nas artes" e da a/r/tografia para as pesquisas em educação**. Educ. rev. vol.32 no.1 Belo Horizonte Jan./Mar. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000100365&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 20 jul. 2020.

ORTHOF, Sylvia. **Galo, galo, não me calo!** 6.ed São Paulo: Formato, 2009.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PRZYBYLSKI, Mauren Pavão. **Cybernarrativa pós-contemporânea: Pensando o narrador oral urbano-digital**. Curitiba: Appris, 2018.

RACHEL, Isadora. **As doze princesas dançarinas**. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais: leitura e produção**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. 49.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

ROUBINE, Jean-Jacques. **A linguagem da encenação da teatral**. Trad. Yan Michauski. Rio de Janeiro: Zaar Editores, 1982.

SANTOS, Luciene Souza; APOEMA, Keu; ARAPIRACA, Mary Andrade. (Orgs.) **Contaçon de histórias: seguindo o curso de suas águas**. Feira de Santana, BA: UEFS Editora, 2018.

SARAMAGO, José. **A bagagem do viajante**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

SEVERINO, Antônio, TAVARES, KÁTIA. **A poética da infância: conversas com quem educa crianças**. Cachoeira Paulista, SP: Editora Passarinho, 2019.

SHEDLOCK, Marie L. **A arte de contar histórias**. Trad. Paulo Bocca Nunnes. Sapucaia do Sul: Aedos Editora, 2016.

SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

SINNER, Anita *et al.* Analisando as práticas de novos acadêmicos: teses que usam metodologia de Pesquisa Baseada em Artes. In: DIAS, Belidson, IRWIN, Rita L. (Orgs.) **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/t/ografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 99-124.

SISTO, Celso. A literatura frequenta a escola...mas quem conta as histórias? In: PAROLIN, Isabel (Org.) **Sou professor! A formação do professor formador**. Curitiba: Editora Positivo, 2009. p. 67-73.

SISTO, Celso. O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê). In: GIRARDELLO, Gilka (Org.) **Baús e chaves da narração de histórias**. 3.ed. Florianópolis: SESC/SC, 2006. p. 82-96

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

SOUZA, Elizeu Clementino, MARTINS, Raimundo, TOURINHO, Irene. Entrelaçamentos entre histórias de vida, arte e educação. In: MARTINS, Raimundo, TOURINHO, Irene, SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.) **Pesquisa narrativa: Interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Editora UFSM, 2017. p. 13-24.

TIERNO, Giuliano. Pegadas reflexivas acerca da arte de contar histórias: a teia do invisível. *In: TIERNO, Giuliano (Org.) A arte de contar histórias: abordagem poética, literária e performática*. São Paulo: Ícone, 2010. p. 13-28.

VANCONCELOS, Soraia. **Minha mãe é um mico**. São Paulo: Miguilim, 2016.

VARGAS, Sandra. **A força poética na memória dos objetos**. Urdimento, Florianópolis, v.2, n.32, p. 425-434, setembro 2018. Disponível em: <DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573102322018425>> Acesso em: 20 set. 2021.

VASSALO, Márcio. **A professora encantadora**. São Paulo: Abacatte Editorial, 2010.

APÊNDICES

Apêndice I – Planejamento das oficinas

Planejamento da oficina nº 1
Local: ambiente virtual – Google Meet
Público alvo: Alunos de 4º e 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, Luziânia-Go
Ação proposta: Realizar uma oficina de contação de histórias com os alunos.
Objetivo: 1-Proporcionar momentos de apreciação da estética da contação de histórias e de ampliação de repertório a partir do diálogo, observação e escuta acerca da prática artística de contadores de histórias atuantes nas redes sociais. 2-Sensibilizar sobre a arte de contar histórias como prática artística arquivimlenar e contemporânea pelas redes sociais em tempo de isolamento social.
Desenvolvimento:
1º Momento - Acolher os alunos na sala do Google Meet, link previamente enviado.
2º Momento - Orientar os alunos sobre o uso da sala: vídeo aberto e microfone fechado por causa de interferências. Pedir que os alunos digam o nome, a idade, professor e turma.
3º momento - Lançar para o grupo duas perguntas: O que você sabe de contação de histórias? O que quer saber? https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSf3W-i1Ys68aCnabhjkyZUxgZevE00Ig6TbyE8XsomWSmXduw/viewform?usp=sf_link - formulário para a diagnose.
Essa atividade pode ser realizada em forma de escrita, oralização e também respondida pelo Google forms, disponível no chat. Quem não puder fazer, deve realizar no caderno e enviar uma imagem via WhatsApp.
4º momento - Será proposta uma vivência de contação com a convidada Raquel Santos de Itumbiara -GO.
5º momento - O espaço ficará aberto para perguntas sobre a arte de contar que a Raquel se propõe a fazer.
6º momento – Como vamos dar continuidade às oficinas? Dia, horário? Vamos ter tarefas?
7º Momento – Encaminhamentos: Atividade da semana: Visitar o canal do YouTube da Raquel Santos e anotar como ela usa a voz, o corpo para contar histórias.

Planejamento da oficina nº 2
Local: ambiente virtual – Google Meet
Público alvo: Alunos de 4º e 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, Luziânia-Go
Ação proposta: Realizar uma oficina de contação de histórias com os alunos percebendo que as histórias carregam cultura do lugar e a tradição de contar é uma parte da memória do contador.
Objetivo: Sensibilizar sobre a arte de contar histórias como prática artística arquimilenar e contemporânea pelas redes sociais em tempo de isolamento social. Fomentar a aprendizagem por meio da apreciação de histórias contadas em diferentes performances.
Desenvolvimento:
1º Momento - Acolher os alunos na sala do Google Meet, link previamente enviado.
2º Momento - Orientar os alunos sobre o uso da sala: vídeo aberto e microfone fechado por causa de interferências. Retomar a oficina passada perguntando se visitaram o canal da Raquel, caso sim, abrir a fala. Perguntar se investigaram a história do nome.
3º momento – Lançar para o grupo as perguntas: Mas como podemos usar o corpo e a voz para contar histórias? Atividade 1- História desenhada. A chave do Castelo.
4º momento - Será proposta uma vivência de contação com a convidada Ana Selma Cunha de Belém do Pará. Os alunos ficam livres para interagir com a convidada.
5º momento - O espaço ficará aberto para perguntas sobre a arte de contar.
6º momento – Atividade da semana: A história do nome. Pesquisar o significado, gravar um vídeo simples e enviar no grupo. Orientar a atividade.
7º Momento – Encaminhamentos: Assistir vídeos no canal da contadora Ana Selma Cunha, perceber como ela conta: figurino, adereços, uso da voz e da expressão. Ela lê ou ela conta? Produzir um vídeo ou áudio com a história do nome, ler o livro digital.
Referências História desenhada “A chave do castelo” https://youtu.be/lhn4uoaoAio Música adaptada Toc, toc, toc, alguém deseja entrar É uma história que acaba de chegar Conte até 3 para a história começar.

Planejamento da oficina nº 3
Local: ambiente virtual – Google Meet
Público alvo: Alunos de 4º e 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, Luziânia-Go
Ação proposta: Realizar uma oficina de contação de histórias com os alunos refletindo que objetos do nosso dia-a-dia podem servir como metáforas ilustrativas que atuam na imaginação de quem ouve.
Objetivo: Sensibilizar sobre a arte de contar histórias como prática artística arquivilena e contemporânea pelas redes sociais em tempo de isolamento social. Fomentar a aprendizagem por meio da apreciação de histórias contadas em diferentes performances.
Desenvolvimento:
1º Momento - Acolher os alunos na sala do Google Meet, link previamente enviado.
2º Momento - Orientar os alunos sobre o uso da sala: vídeo aberto e microfone fechado por causa de interferências. Retomar a oficina anterior, como foi a experiência de gravar vídeo da história do nome.
3º momento – Apresentar os slides com os desafios. Como ser um grande contador de histórias? Jogo dos 7 erros. (não fizemos) Atividade coletiva: achar um objeto em sua casa e construir uma história coletiva com ele.
4º momento – Apresentação da convidada Águida Zarpelon
5º momento - O espaço ficará aberto para perguntas sobre a arte de contar.
6º momento – Atividade da semana: Gravar um vídeo contando alguma história que goste. Pode pesquisar no YouTube e usar o recurso que achar melhor.
7º Momento – Encaminhamentos: Assistir vídeos no canal da contadora Águida Zarpelon, perceber como ela conta: figurino, adereços, uso da voz e da expressão. Ela lê ou ela conta?
Referências Como se tornar um grande contador de histórias. https://leiturinha.com.br/blog/como-se-tornar-um-contador-de-historias/ Acesso em 05/09/2020.

Planejamento da oficina nº 4
Local: ambiente virtual – Google Meet
Público alvo: Alunos de 4º e 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, Luziânia-Go
Ação proposta: Realizar uma oficina de contação de histórias com os alunos destacando a atuação do ator/atriz como contador de histórias o que dá outras características para a performance.
Objetivo: Sensibilizar sobre a arte de contar histórias como prática artística arquivilena e contemporânea pelas redes sociais em tempo de isolamento social. Fomentar a aprendizagem por meio da apreciação de histórias contadas em diferentes performances.
Desenvolvimento:
1º Momento - Acolher os alunos na sala do Google Meet, link previamente enviado.
2º Momento - Orientar os alunos sobre o uso da sala: vídeo aberto e microfone fechado por causa de interferências. Retomar a oficina anterior, como foi a experiência de gravar uma leitura dramática.
3º momento – Contar a história da “Nuvenzinha triste” usando imagens.
4º momento – Apresentação da convidada Letícia Mourão.
5º momento - O espaço ficará aberto para perguntas sobre a arte de contar e o teatro.
6º momento – Atividade da semana: Expressão com o uso de imagens. Desenhar uma história de sua preferência, tirar a foto e enviar no grupo.
7º Momento – Encaminhamentos: Assistir vídeos no canal da contadora Letícia Mourão, perceber como ela conta: figurino, adereços, uso da voz e da expressão. Ela conta ou encena?
Referências BEDRAN, Bia. A nuvenzinha triste. Disponível em https://youtu.be/hpbKnxpLb3c . Acesso em 15 set. 2020.

Planejamento da oficina nº 5
Local: ambiente virtual – Google Meet
Público alvo: Alunos de 4º e 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, Luziânia-Go
Ação proposta: Realizar uma oficina de contação de histórias com os alunos destacando na importância de que seja um momento alegre e prazeroso para quem conta e para quem ouve.
Objetivo: Sensibilizar sobre a arte de contar histórias como prática artística arquivilena e contemporânea pelas redes sociais em tempo de isolamento social. Fomentar a aprendizagem por meio da apreciação de histórias contadas em diferentes performances.
Desenvolvimento:
1º Momento - Acolher os alunos na sala do Google Meet, link previamente enviado.
2º Momento - Orientar os alunos sobre o uso da sala: vídeo aberto e microfone fechado por causa de interferências.
3º momento – Retomar a oficina anterior e pedir que os alunos contem do seu jeito as histórias que retrataram por meio de desenho.
4º momento – Apresentação do convidado Gilberto Alves de Brasília.
5º momento - O espaço ficará aberto para perguntas sobre a vida e a atividade artística do contador.
6º momento – Atividade da semana: Ensaiar e gravar uma história contada ou lida em vídeo, usar a criatividade, pode criar cenário, figurino... Orientar essa produção.
7º Momento – Encaminhamentos: Assistir histórias no canal Brinqueação.
Referências MATOS, Gislayne, INNO, Sorsy. COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. 7.ed. São Paulo: Moderna, 2000.

Planejamento da oficina nº 6
Local: ambiente virtual – Google Meet
Público alvo: Alunos de 4º e 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, Luziânia-Go
Ação proposta: Realizar uma oficina de contação de histórias com os alunos destacando que a música pode ser uma auxiliar importante para quem conta.
Objetivo: Sensibilizar sobre a arte de contar histórias como prática artística arqui milenar e contemporânea pelas redes sociais em tempo de isolamento social. Fomentar a aprendizagem por meio da apreciação de histórias contadas em diferentes performances.
Desenvolvimento:
1º Momento - Acolher os alunos na sala do Google Meet, link previamente enviado.
2º Momento - Orientar os alunos sobre o uso da sala: vídeo aberto e microfone fechado por causa de interferências.
3º momento – Retomar a oficina anterior trazendo o tema de histórias com música. Como está próximo ao dia das crianças, espera-se que o tempo seja suficiente para ouvir histórias e também sugerir a construção de um instrumento com garrafas pet.
4º momento – Apresentação da convidada Juliana Thaís de Ibitinga- São Paulo
5º momento - O espaço ficará aberto para perguntas sobre a vida e a atividade artística da contadora.
6º momento – Reforçar a atividade da semana: Ensaiai e gravar uma história contada ou lida em vídeo, usar a criatividade, pode criar cenário, figurino... Orientar essa produção.
7º Momento – Encaminhamentos: Assistir histórias no canal da Juliana.
Referências RIBEIRO, Jonas. Ouvidos Dourados: a arte de ouvir histórias (...para depois contá-las) 3.ed. São Paulo: Ave Maria, 2001.

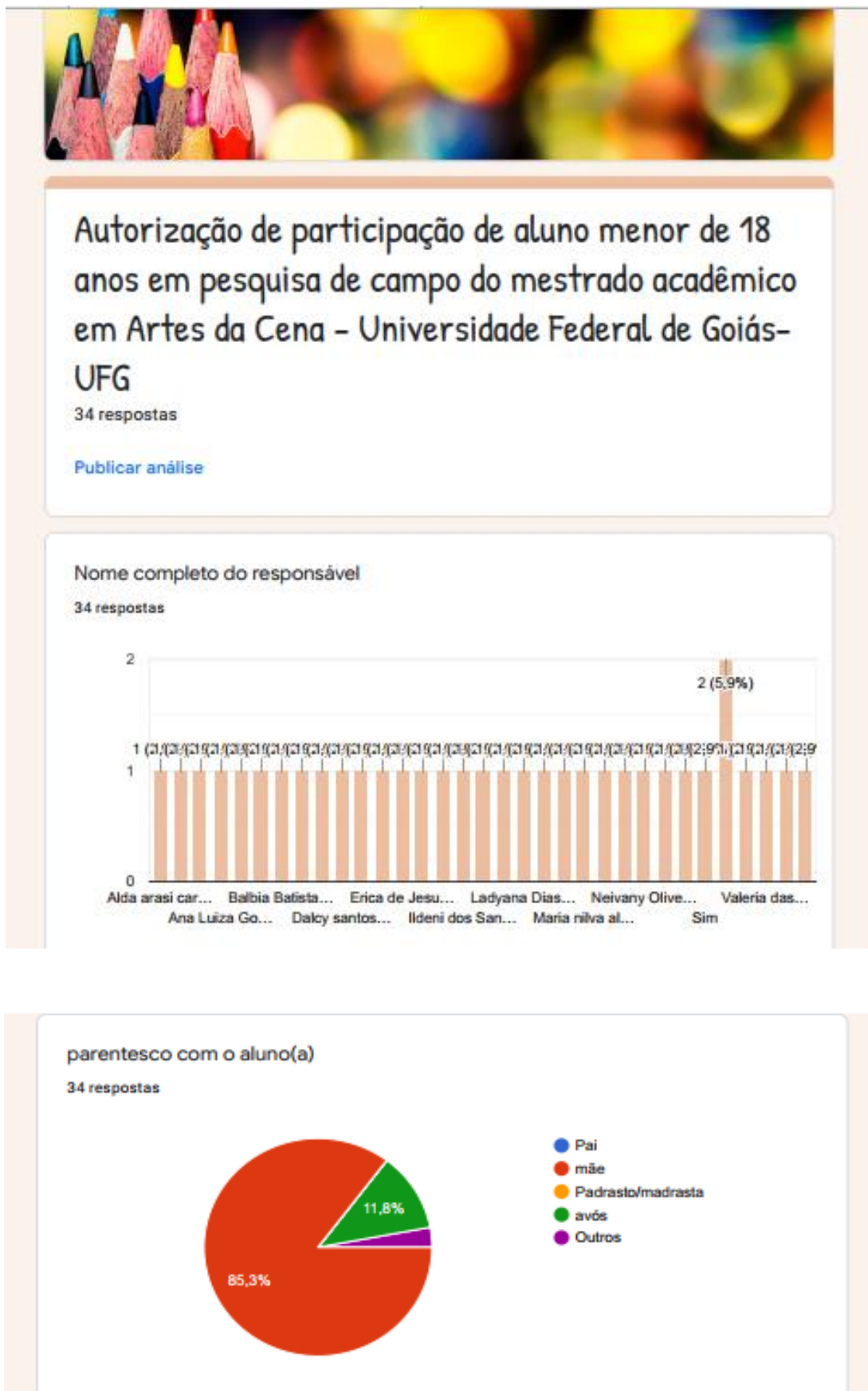
Planejamento da oficina nº 7
Local: ambiente virtual – Google Meet
Público alvo: Alunos de 4º e 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, Luziânia-Go
Ação proposta: Realizar uma oficina de contação de histórias com os alunos apresentando possibilidades de criação de personagens com fantoches.
Objetivo: Sensibilizar sobre a arte de contar histórias como prática artística arquivilena e contemporânea pelas redes sociais em tempo de isolamento social. Fomentar a aprendizagem por meio da apreciação de histórias contadas em diferentes performances.
Desenvolvimento:
1º Momento - Acolher os alunos na sala do Google Meet, link previamente enviado.
2º Momento – Propor um momento de dança, de acordo com a música que lembrarem da escola.
3º momento – Retomar a oficina anterior falando das possibilidades de criar nas histórias, soltar a imaginação usando recursos como os fantoches. Nos ajudam a improvisar e vencer a timidez.
4º momento – Apresentação da convidada Dayane Bezerra de João Pessoa – PB.
5º momento - O espaço ficará aberto para perguntas sobre a vida e a atividade artística da contadora.
6º momento – Reforçar a atividade da semana: gravar um vídeo-contação.
7º Momento – Confeccionar fantoche para brincar de teatro.
Referências RIBEIRO, Jonas. Ouvidos Dourados: a arte de ouvir histórias (...para depois contá-las) 3.ed. São Paulo: Ave Maria, 2001. SILVA, Betty Coelho. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: 1986 SOUZA, Renata Junqueira, MOTOYAMA, Juliane Francischeti M., VAGULA, Vânia Kelen Belão (orgs). A arte narrativa na infância: práticas para o teatro da leitura e a contação de histórias. São Paulo: Mercado das letras, 2015.

Planejamento da oficina nº 8
Local: ambiente virtual – Google Meet
Público alvo: Alunos de 4º e 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, Luziânia-Go
Ação proposta: Realizar uma oficina de contação de histórias com os alunos apresentando algumas possibilidades para criar e editar vídeos.
Objetivo: Sensibilizar sobre a arte de contar histórias como prática artística arquivilena e contemporânea pelas redes sociais em tempo de isolamento social. Fomentar a aprendizagem por meio da apreciação de histórias contadas em diferentes performances.
Desenvolvimento:
1º Momento - Acolher os alunos na sala do Google Meet, link previamente enviado e propor a dinâmica de uma história contada com gestos.
2º Momento – Propor um momento de conversa informal trazendo os fazeres tecnológicos que os alunos estão habituados.
3º momento – Retomar a oficina anterior sobre fantoches. Falar sobre a contação em formato de vídeo e live.
4º momento – Apresentação da convidada Sirlei Piletti de Araquari - SC
5º momento - O espaço ficará aberto para perguntas sobre a vida e a atividade artística da contadora.
6º momento – Avaliação do encontro.
Referências RIBEIRO, Jonas. Ouvidos Dourados: a arte de ouvir histórias (...para depois contá-las) 3.ed. São Paulo: Ave Maria, 2001. SILVA, Betty Coelho. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: 1986 SOUZA, Renata Junqueira, MOTOYAMA, Juliane Francischeti M., VAGULA, Vânia Kelen Belão (orgs). A arte narrativa na infância: práticas para o teatro da leitura e a contação de histórias. São Paulo: Mercado das letras, 2015.

Planejamento da oficina nº 9
Local: ambiente virtual – Google Meet
Público alvo: Alunos de 4º e 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, Luziânia-Go
Ação proposta: Realizar uma oficina de contação de histórias e proceder avaliação do processo ao longo da pesquisa de campo.
Objetivo: Sensibilizar sobre a arte de contar histórias como prática artística arqui milenar e contemporânea pelas redes sociais em tempo de isolamento social. Fomentar a aprendizagem por meio da apreciação de histórias contadas em diferentes performances.
Desenvolvimento:
1º Momento - Acolher os alunos na sala do Google Meet, link previamente enviado e contar uma história “O homem sem sorte”
2º Momento – Propor um momento de conversa informal levantando questões, buscando sugestões para um encerramento das oficinas.
3º momento – Retomar as performances, histórias e perceber a opinião dos alunos sobre a dinâmica realizada nas oficinas.
4º momento – Organização individual para a roda de histórias e encerramento das atividades.
Referências FISCHER, Ernst. A necessidade da arte: uma interpretação marxista. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

Planejamento da oficina nº 10 Culminância “Roda virtual de histórias”
Local: ambiente virtual – Google Meet
Público alvo: Alunos de 4º e 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, Luziânia-Go, aberto às famílias.
Ação proposta: Realizar uma roda virtual de contação de histórias a partir da escolha estética das crianças entre contar ou ler histórias.
Objetivo: Contextualizar a arte de contar histórias como prática artística arquivilinar e contemporânea pelas redes sociais em tempo de isolamento social. Exercitar uma performance como criança contadora de histórias.
Desenvolvimento:
1º Momento - Acolhida com música, iniciar a roda com a história “As princesas bailarinas”, deixar os alunos à vontade para se apresentar.
2º Momento – Propor um momento avaliação e apreciação das pessoas convidadas.
3º momento – Momento de agradecimento e orientação sobre as questões: O que aprendi com as oficinas? Como me senti contando histórias?
Referências FISCHER, Ernst. A necessidade da arte: uma interpretação marxista. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

Apêndice II – Formulário online para participação nas oficinas



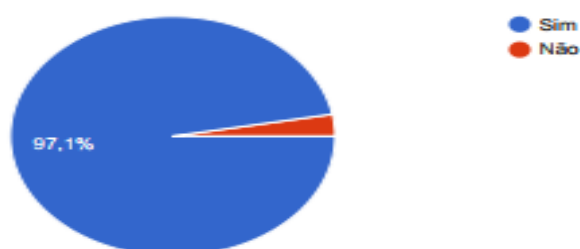
Autorizo a participação do menor na pesquisa de mestrado da tia Cecília.

34 respostas



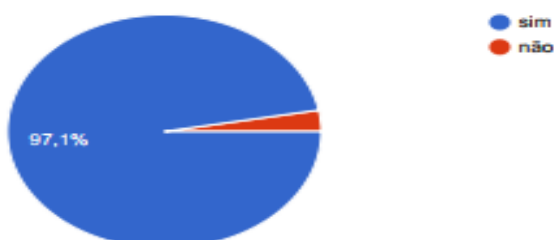
Autorizo gravação do menor em vídeo, imagem ou áudio para fins de pesquisa de mestrado e produção de trabalhos acadêmicos. Mesmo assim, nossa intenção é preservar o anonimato, procurando não identificar o aluno(a).

34 respostas



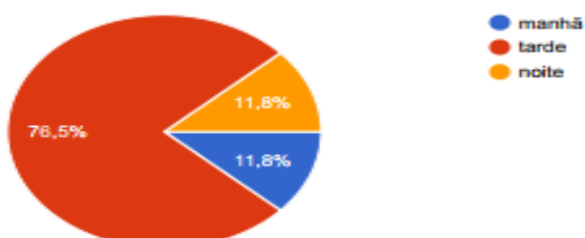
Estou ciente que essa atividade é complementar e não substitui a frequência em aulas remotas.

34 respostas



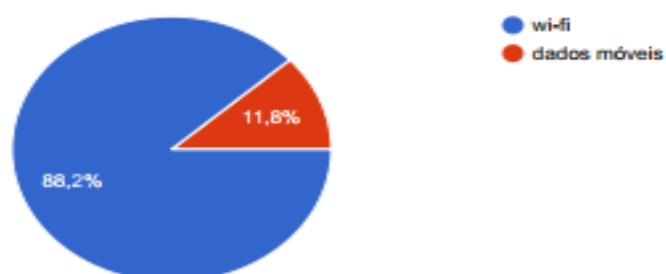
Que horário a oficina ofertada pode ter melhor proveito para o seu aluno(a), marque.

34 respostas



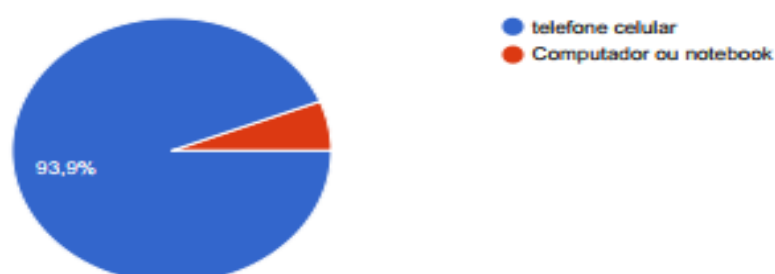
Seu acesso à internet é:

34 respostas



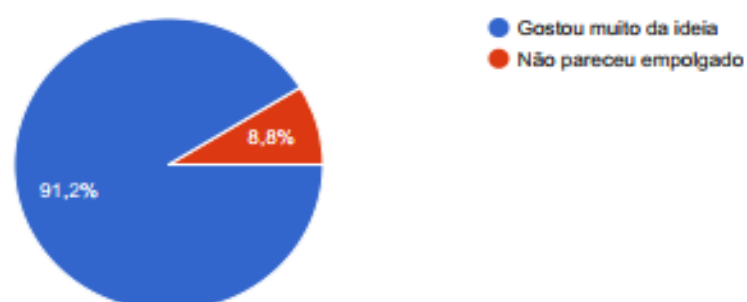
O acesso ao Google Meet será via:

33 respostas



Marque o sentimento que seu filho(a) demonstrou em poder participar das oficinas

34 respostas



Apêndice III – Avaliação inicial SQA: o que sei e o que quero aprender sobre a contação de histórias?

O que sei sobre contação de histórias?

18 respostas

Aprender a ler se divertir interpretar e etc.

Contação de historia é onde uma pessoa pode contar um montão de historia

Eu ainda não tive a oportunidade de participar, mais logo logo irei participar!

Muito legal

Contos

Muita legal

.Incentivar as crianças aprender a ler.

Que tem que ter começo meio e fim a história que tem que pensar bem tem que imita os personagens

Que é muito importante saber ler e conta história

Que as historias são muito boas eu adoro ler

Elas insinam muitas coisas importantes

Momentos mágicos e de viagens literárias

São interessantes, legais ,divertidas, engraçada , e sempre no final a moral da história

.

Sei contar a história e imaginar a história.

Historia são muito boa eu adoro ler e o sentido da historia

São histórias de contos de fadas para nós aprendermos.

Sobre a contação a pesquisa da historia e eu gosto muito de ler

Sei que precisa de muita atenção e imaginação para ser um grande contador de

O que eu quero aprender sobre contação de histórias?

18 respostas

Muita coisa

As historias

Eu quero aprender várias coisas que eu ainda não aprendi sobre histórias!!

Muitas coisa

Farias coisas

As historia

Quero aprender contar escola histórias no futuro para minhas filhas.

Imitação de personagens

A ler melhor para contar história

Sobre a pesquisa da historia

Muito mais coisas importantes

Que maneira atrair as pessoas contando histórias e como interpretar as contrações

Eu quero aprender sobre diferentes história, personagens e a criatividade

Ter mais emterese .

Interpretação de texto.

A pesquisa oque acontece na historia

Eu quero aprender porque é legal e interessante.

Muita coisa

Apêndice IV – Avaliação SQA – Final – O que aprendi sobre a contação de histórias?



O que você aprendeu com as oficinas de contação de história?

7 respostas

Eu aprendi a ler melhor a falar melhor

A ler melhor e contar histórias

Muitas coisas

A fluir a minha imaginação

A aprender a contar história

Aprendi a gostar de ler e de contar histórias

Eu aprendi que todos nós podemos conta uma história sem ter vergonha de contar um ao outro.

Como se sentiu ao realizar a apresentação lendo ou contando uma história na Roda de histórias?

7 respostas

Muita vergonha e feliz

Um pouco feliz e envergonhado

Nervoso no momento depois acho bem legal

Um artista

Feliz

Com muita vergonha, mas também senti muita emoção.

Eu me senti maravilhada por ler a história Branca de Neve.



Apêndice V - Cartazes de divulgação das oficinas

Convite para ingressar nas oficinas



Oficina 01 – Tia Cecília e Raquel Santos



Oficina 2 - Ana Selma e Tia Cecília.

**E o trabalho de
pesquisa continua**

oficina nº 2 contação
de Histórias com a Tia
Cecília e a convidada
especial, a contadora
de Histórias do Pará
Ana Selma Cunha

Venha aprender
sobre essa Arte!

Sábado, 24 de outubro de 2020, às 14:00.

Sala virtual do Google Meet




Oficina 4 - Águida e Tia Cecília.

**OFICINA Nº 3
CONTAÇÃO COM A TIA
CÉCILIA
CONVIDADA ESPECIAL
DIRETO DA BAHIA:
ÁGUIDA ZARPELON**

em pesquisa!

Vamos brincar de criar histórias?
Sábado 28/10/2020, às 17:30 horas pelo Google
Meet!



Oficina 4 - Lelê e Tia Cecília



**Oficina de contação
nº 4 com a
Tia Cecília**

Arte de contar Histórias
em parceria com o
teatro e a tecnologia

NOSSA CONVIDADA É A ATRIZ E
CONTADORA DE HISTÓRIAS DE
BRASÍLIA

Letícia Mourão
Oi, eu sou a Lelê
e vou contar uma
história pra você!

Oficina 5 - Gil e Tia Cecília



**oficina nº5
contação de Histórias**

Contar Histórias tem que ser legal
para quem conta e para quem escuta!

tia Cecília convida o contador
de Histórias Gilberto Alves do
canal Brinquação.

Diversão garantida!

**Quarta, 04/11/2020, às 17:30
via Google Meet**

Oficina 6 - Ju e Tia Cecília



Oficina 7 - Dayane Bezerra e Tia Cecília



Oficina 8 - Sirlei, Princesa Poesia e Tia Cecília



Cartaz - Divulgação da semana de ensaios



Cartaz - Convite Roda de Histórias



Apêndice VI – Amostras do Diário de Campo da pesquisa

A intenção de aprender sobre a arte de contar a partir da abordagem triangular apreciando, fazendo e contextualizando a arte me levou a pensar sobre o direito de fruir das histórias.

Mesmo em pandemia, foi garantido a esse grupo a fruição e a participação em atividade arte-educativa, prevista em documentos oficiais, cito a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que em seu Artigo 206 aponta os princípios do ensino “(...) II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber.”

Esse princípio se mantém na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 – LDBEN. Em tempo de aulas remotas, sem interação e com muitas atividades para realizar, fico feliz que algumas crianças tenham aceito o chamado para participar comigo dessa viagem pela arte e pelas histórias. Ficou claro o

carinho e a saudade que eles têm da rotina escolar e dos momentos prazerosos na biblioteca. As produções realizadas em forma de vídeo, desenho, escrita e gesto, tiveram como objetivo realizar um exercício de percepção estética mediante o fruir das histórias. A expectativa para as apresentações está grande e espero que nesse dia possam se surpreender como produtores de arte e cultura.

Preparação para contar.

Percebi que os alunos estavam um pouco tímidos para realizar uma apresentação solo. A ideia era potencializar, a partir das histórias, o uso da voz/corpo para realizar uma contação. Mas, seria fundamental trabalhar individualmente para tentar apoiar o processo criativo para contar. Assim, um tempo individual

magro (com menos detalhes) mas que sempre terá um esqueleto que não mudará.

Reforcei que cada contador tem seu jeito próprio de fazer. Iniciando pela Natália, que não recordou do desenho que fez, mas lembrou-se do que fez para o dia da árvore. Ao recordar disse que desenhou sobre a história da Lolita porque gostou e achou a história legal. Kauan trouxe a fábula do Porco-Espinho escrita em uma folha e fez a leitura timidamente, porém sabia que era livre para contar lendo. Sara narrou partes da história do “Patinho feio”, a princípio não estava segura, mas após ser encorajada foi levando o que recordava. Me pareceu importante para ela chegar no fim. Ela tem uma dicção muito boa, a voz limpa, excelente para narrar.

Maria Lara fez uma narrativa sobre uma história que foi pesquisada no canal da nossa colaboradora e contadora de histórias Lelê “O castelo de açúcar”. Notei que ela se posicionou para narrar, algo solene, e só interrompeu a narrativa quase no finalzinho, usando algo do tipo “pera ai, tia” para se lembrar. Achei que o processo dela foi bem organizado, pautado numa pesquisa e produção, acredito que ensaiou uma narração anteriormente ou aconteceu o que Patrini (2015) chama de apropriação da história como um processo de afeição, pelo qual a história escolhe o contador, que tem a história passada duas vezes por si pelo coração e pela memória tornando-se de cor.

Gustavo ia ler o conto de “João e Maria”, mas falou que era longo... eu pedi que trouxesse as partes que achou mais importantes, o fez direitinho, sem interrupções, ressaltando o quanto os irmãos eram inteligentes por terem se livrado da

Apêndice VII – Termos de assentimento livre esclarecido (TALE) – crianças

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re)significar como proposição arte/educativa no chão da escola”. Meu nome é **Maria Cecília Silva de Amorim** sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a **Arte da cena nas contações de história**. Vamos conversar, eu irei te passar todas as informações e você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Combinado?

Se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Se você ou seus pais tiverem dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável (sua professora), via e-mail cissa24@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61) 992924110. Se ainda existir alguma dúvida *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

É importante você saber que...

1.1 A pesquisa “A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA” nasce do desejo de conhecer mais sobre a arte de contar histórias na vida do aluno(a). O objetivo central desta pesquisa é “investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I.” É necessário pesquisar sobre esse tema para alcançar mais conhecimentos no campo da arte e da educação e poder ajudar alunos, professores e professores que queiram fazer uso das histórias para ensinar.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

**PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC**

1.2 Serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados:

- Entrevista com algumas perguntas sobre o que você sabe sobre a arte de contar histórias e porque ela é importante na escola;
- Rodas de conversas, para construir experiências/vivências coletivas através do diálogo. "O que você sabe é muito importante para todos nós". Estes momentos serão gravados para registro e análise da pesquisadora.
- Diário de bordo para anotações e observações da pesquisadora.
- Fotografias e filmagens das aulas/vivências.
- Um questionário final. Quero saber se as experiências promovidas pela pesquisa contribuíram para sua vida e o que você aprendeu.

1.3 Durante as oficinas e vivências você será filmada(o) e fotografada(o). Você concorda?

 Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Pode ser que aconteça alguns riscos ou imprevistos durante as aulas: ficar cansada(o), cair, torcer o pé, ou e até mesmo você não gostar das atividades, Mas garanto que com essa experiência você irá conhecer a experimentar a contação de histórias de maneira criativa e terá autonomia para compartilhar seus pensamentos e saberes, pois vamos construir juntas(os) formas de contar e tocar os sentimentos das pessoas.

1.5 Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

1.6 Lembre-se: você é livre para escolher se quer ou não participar desta pesquisa e também pode sair a qualquer momento. Não ficarei triste com você ok!

1.7 Se houver alguma pergunta na entrevista que você não concorde, não precisa responder.

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

Assentimento da Participação na Pesquisa

Eu, Alicia Gabrielly J. Pereira, baixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável: Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia-GO, 30 de novembro de 2020.



Maria Cecília Silva de Amorim- pesquisador(a) responsável

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re)significar como proposição arte/educativa no chão da escola”. Meu nome é **Maria Cecília Silva de Amorim** sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a **Arte da cena nas contações de história**. Vamos conversar, eu irei te passar todas as informações e você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Combinado?

Se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Se você ou seus pais tiverem dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável (sua professora), via e-mail cissa24@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): **(61) 992924110**. Se ainda existir alguma dúvida *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone **(62)3521-1215**.

É importante você saber que...

- 1.1 A pesquisa **“A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA”** nasce do desejo de conhecer mais sobre a arte de contar histórias na vida do aluno(a). O objetivo central desta pesquisa é “investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I.” É necessário pesquisar sobre esse tema para alcançar mais conhecimentos no campo da arte e da educação e poder ajudar alunos, professores e professores que queiram fazer uso das histórias para ensinar.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

**PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC**

1.2 Serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados:

- Entrevista com algumas perguntas sobre o que você sabe sobre a arte de contar histórias e porque ela é importante na escola;
- Rodas de conversas, para construir experiências/vivências coletivas através do diálogo. "O que você sabe é muito importante para todos nós". Estes momentos serão gravados para registro e análise da pesquisadora.
- Diário de bordo para anotações e observações da pesquisadora.
- Fotografias e filmagens das aulas/vivências.
- Um questionário final. Quero saber se as experiências promovidas pela pesquisa contribuíram para sua vida e o que você aprendeu.

1.3 Durante as oficinas e vivências você será filmada(o) e fotografada(o). Você concorda?

(miruly) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

(_____) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Pode ser que aconteça alguns riscos ou imprevistos durante as aulas: ficar cansada(o), cair, torcer o pé, ou e até mesmo você não gostar das atividades, Mas garanto que com essa experiência você irá conhecer a experimentar a contação de histórias de maneira criativa e terá autonomia para compartilhar seus pensamentos e saberes, pois vamos construir juntas(os) formas de contar e tocar os sentimentos das pessoas.

1.5 Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

1.6 Lembre-se: você é livre para escolher se quer ou não participar desta pesquisa e também pode sair a qualquer momento. Não ficarei triste com você ok!

1.7 Se houver alguma pergunta na entrevista que você não concorde, não precisa responder.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambala
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

Assentimento da Participação na Pesquisa

Eu, Mirely de Almeida Santos, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável: Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia-GO, 30 de novembro de 2020.

Maria Cecília Silva de Amorim- pesquisador(a) responsável

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re)significar como proposição arte/educativa no chão da escola”. Meu nome é **Maria Cecília Silva de Amorim** sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a **Arte da cena nas contações de história**. Vamos conversar, eu irei te passar todas as informações e você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Combinado?

Se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Se você ou seus pais tiverem dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável (sua professora), via e-mail cissa24@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): **(61) 992924110**. Se ainda existir alguma dúvida *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone **(62)3521-1215**.

É importante você saber que...

1.1 A pesquisa “A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA” nasce do desejo de conhecer mais sobre a arte de contar histórias na vida do aluno(a). O objetivo central desta pesquisa é “investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I.” É necessário pesquisar sobre esse tema para alcançar mais conhecimentos no campo da arte e da educação e poder ajudar alunos, professores e professores que queiram fazer uso das histórias para ensinar.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Golânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

**PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC**

1.2 Serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados:

- Entrevista com algumas perguntas sobre o que você sabe sobre a arte de contar histórias e porque ela é importante na escola;
- Rodas de conversas, para construir experiências/vivências coletivas através do diálogo. "O que você sabe é muito importante para todos nós". Estes momentos serão gravados para registro e análise da pesquisadora.
- Diário de bordo para anotações e observações da pesquisadora.
- Fotografias e filmagens das aulas/vivências.
- Um questionário final. Quero saber se as experiências promovidas pela pesquisa contribuíram para sua vida e o que você aprendeu.

1.3 Durante as oficinas e vivências você será filmada(o) e fotografada (o). Você concorda?

(marco) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Pode ser que aconteça alguns riscos ou imprevistos durante as aulas: ficar cansada(o), cair, torcer o pé, ou e até mesmo você não gostar das atividades, Mas garanto que com essa experiência você irá conhecer a experimentar a contação de histórias de maneira criativa e terá autonomia para compartilhar seus pensamentos e saberes, pois vamos construir juntas(os) formas de contar e tocar os sentimentos das pessoas.

1.5 Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

1.6 Lembre-se: você é livre para escolher se quer ou não participar desta pesquisa e também pode sair a qualquer momento. Não ficarei triste com você ok!

1.7 Se houver alguma pergunta na entrevista que você não concorde, não precisa responder.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambala
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

Assentimento da Participação na Pesquisa

Eu,*Maria Clara S. de Oliveira*....., baixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **"A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA"**. Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável: Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia-GO, *30* de novembro de 2020.


Maria Cecília Silva de Amorim- pesquisador(a) responsável

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re)significar como proposição arte/educativa no chão da escola". Meu nome é **Maria Cecília Silva de Amorim** sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a **Arte da cena nas contações de história**. Vamos conversar, eu irei te passar todas as informações e você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Combinado?

Se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Se você ou seus pais tiverem dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável (sua professora), via e-mail cissa24@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61) 992924110. Se ainda existir alguma dúvida *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

É importante você saber que...

1.1 A pesquisa "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA" nasce do desejo de conhecer mais sobre a arte de contar histórias na vida do aluno(a). O objetivo central desta pesquisa é "investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I." É necessário pesquisar sobre esse tema para alcançar mais conhecimentos no campo da arte e da educação e poder ajudar alunos, professores e professores que queiram fazer uso das histórias para ensinar.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

1.2 Serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados:

- Entrevista com algumas perguntas sobre o que você sabe sobre a arte de contar histórias e porque ela é importante na escola;
- Rodas de conversas, para construir experiências/vivências coletivas através do diálogo. "O que você sabe é muito importante para todos nós". Estes momentos serão gravados para registro e análise da pesquisadora.
- Diário de bordo para anotações e observações da pesquisadora.
- Fotografias e filmagens das aulas/vivências.
- Um questionário final. Quero saber se as experiências promovidas pela pesquisa contribuíram para sua vida e o que você aprendeu.

1.3 Durante as oficinas e vivências você será filmada(o) e fotografada (o). Você concorda?

(Percebo) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Pode ser que aconteça alguns riscos ou imprevistos durante as aulas: ficar cansada(o), cair, torcer o pé, ou e até mesmo você não gostar das atividades, Mas garanto que com essa experiência você irá conhecer a experimentar a contação de histórias de maneira criativa e terá autonomia para compartilhar seus pensamentos e saberes, pois vamos construir juntas(os) formas de contar e tocar os sentimentos das pessoas.

1.5 Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

1.6 Lembre-se: você é livre para escolher se quer ou não participar desta pesquisa e também pode sair a qualquer momento. Não ficarei triste com você ok!

1.7 Se houver alguma pergunta na entrevista que você não concorde, não precisa responder.

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

Assentimento da Participação na Pesquisa

Eu, Pedro Henrique B. Oliveira, baixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável: Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia-GO, 30 de novembro de 2020.



Maria Cecília Silva de Amorim- pesquisador(a) responsável

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re)significar como proposição arte/educativa no chão da escola". Meu nome é **Maria Cecília Silva de Amorim** sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a **Arte da cena nas contações de história**. Vamos conversar, eu irei te passar todas as informações e você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Combinado?

Se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Se você ou seus pais tiverem dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável (sua professora), via e-mail cissa24@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61) 992924110. Se ainda existir alguma dúvida *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

É importante você saber que...

1.1 A pesquisa "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA" nasce do desejo de conhecer mais sobre a arte de contar histórias na vida do aluno(a). O objetivo central desta pesquisa é "investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I." É necessário pesquisar sobre esse tema para alcançar mais conhecimentos no campo da arte e da educação e poder ajudar alunos, professores e professores que queiram fazer uso das histórias para ensinar.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

**PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC**

1.2 Serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados:

- Entrevista com algumas perguntas sobre o que você sabe sobre a arte de contar histórias e porque ela é importante na escola;
- Rodas de conversas, para construir experiências/vivências coletivas através do diálogo. "O que você sabe é muito importante para todos nós". Estes momentos serão gravados para registro e análise da pesquisadora.
- Diário de bordo para anotações e observações da pesquisadora.
- Fotografias e filmagens das aulas/vivências.
- Um questionário final. Quero saber se as experiências promovidas pela pesquisa contribuíram para sua vida e o que você aprendeu.

1.3 Durante as oficinas e vivências você será filmada(o) e fotografada (o). Você concorda?

(marcos) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

(_____) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Pode ser que aconteça alguns riscos ou imprevistos durante as aulas: ficar cansada(o), cair, torcer o pé, ou e até mesmo você não gostar das atividades. Mas garanto que com essa experiência você irá conhecer a experimentar a contação de histórias de maneira criativa e terá autonomia para compartilhar seus pensamentos e saberes, pois vamos construir juntas(os) formas de contar e tocar os sentimentos das pessoas.

1.5 Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

1.6 Lembre-se: você é livre para escolher se quer ou não participar desta pesquisa e também pode sair a qualquer momento. Não ficarei triste com você ok!

1.7 Se houver alguma pergunta na entrevista que você não concorde, não precisa responder.

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

1.2 Serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados:

- Entrevista com algumas perguntas sobre o que você sabe sobre a arte de contar histórias e porque ela é importante na escola;
- Rodas de conversas, para construir experiências/vivências coletivas através do diálogo. "O que você sabe é muito importante para todos nós". Estes momentos serão gravados para registro e análise da pesquisadora.
- Diário de bordo para anotações e observações da pesquisadora.
- Fotografias e filmagens das aulas/vivências.
- Um questionário final. Quero saber se as experiências promovidas pela pesquisa contribuíram para sua vida e o que você aprendeu.

1.3 Durante as oficinas e vivências você será filmada(o) e fotografada (o). Você concorda?

(marcos) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

(_____) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Pode ser que aconteça alguns riscos ou imprevistos durante as aulas: ficar cansada(o), cair, torcer o pé, ou e até mesmo você não gostar das atividades. Mas garanto que com essa experiência você irá conhecer a experimentar a contação de histórias de maneira criativa e terá autonomia para compartilhar seus pensamentos e saberes, pois vamos construir juntas(os) formas de contar e tocar os sentimentos das pessoas.

1.5 Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

1.6 Lembre-se: você é livre para escolher se quer ou não participar desta pesquisa e também pode sair a qualquer momento. Não ficarei triste com você ok!

1.7 Se houver alguma pergunta na entrevista que você não concorde, não precisa responder.

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

Assentimento da Participação na Pesquisa

Eu, Maria Sara Vasconcelos de S., baixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **"A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA"**. Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável: Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia-GO, 30 de novembro de 2020.

M



Maria Cecília Silva de Amorim- pesquisador(a) responsável

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

Jana

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re)significar como proposição arte/educativa no chão da escola". Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a Arte da cena nas contações de história. Vamos conversar, eu irei te passar todas as informações e você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Combinado?

Se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Se você ou seus pais tiverem dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável (sua professora), via e-mail cissa24@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61) 992924110. Se ainda existir alguma dúvida sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

É importante você saber que...

1.1 A pesquisa "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA" nasce do desejo de conhecer mais sobre a arte de contar histórias na vida do aluno(a). O objetivo central desta pesquisa é "investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I." É necessário pesquisar sobre esse tema para alcançar mais conhecimentos no campo da arte e da educação e poder ajudar alunos, professores e professores que queiram fazer uso das histórias para ensinar.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas

Campus II - Samambaia

Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970

Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

1.2 Serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados;

- Entrevista com algumas perguntas sobre o que você sabe sobre a arte de contar histórias e porque ela é importante na escola;
- Rodas de conversas, para construir experiências/vivências coletivas através do diálogo. "O que você sabe é muito importante para todos nós". Estes momentos serão gravados para registro e análise da pesquisadora.
- Diário de bordo para anotações e observações da pesquisadora.
- Fotografias e filmagens das aulas/vivências.
- Um questionário final. Quero saber se as experiências promovidas pela pesquisa contribuíram para sua vida e o que você aprendeu.

1.3 Durante as oficinas e vivências você será filmada(o) e fotografada (o). Você concorda?

(Sou) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Pode ser que aconteça alguns riscos ou imprevistos durante as aulas: ficar cansada(o), cair, torcer o pé, ou e até mesmo você não gostar das atividades, Mas garanto que com essa experiência você irá conhecer a experimentar a contação de histórias de maneira criativa e terá autonomia para compartilhar seus pensamentos e saberes, pois vamos construir juntas(os) formas de contar e tocar os sentimentos das pessoas.

1.5 Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

1.6 Lembre-se: você é livre para escolher se quer ou não participar desta pesquisa e também pode sair a qualquer momento. Não ficarei triste com você ok!

1.7 Se houver alguma pergunta na entrevista que você não concorde, não precisa responder.

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

Assentimento da Participação na Pesquisa

Eu, Sara de Souza Matos, baixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável: Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia-GO, 30 de novembro de 2020.



Maria Cecília Silva de Amorim- pesquisador(a) responsável

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re)significar como proposição arte/educativa no chão da escola". Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a Arte da cena nas contações de história. Vamos conversar, eu irei te passar todas as informações e você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Combinado?

Se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Se você ou seus pais tiverem dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável (sua professora), via e-mail cissa24@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61) 992924110. Se ainda existir alguma dúvida sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

É importante você saber que...

1.1 A pesquisa "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA" nasce do desejo de conhecer mais sobre a arte de contar histórias na vida do aluno(a). O objetivo central desta pesquisa é "investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I." É necessário pesquisar sobre esse tema para alcançar mais conhecimentos no campo da arte e da educação e poder ajudar alunos, professores e professores que queiram fazer uso das histórias para ensinar.

EMAC/UGF - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

**PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC**

1.2 Serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados:

- Entrevista com algumas perguntas sobre o que você sabe sobre a arte de contar histórias e porque ela é importante na escola;
- Rodas de conversas, para construir experiências/vivências coletivas através do diálogo. "O que você sabe é muito importante para todos nós". Estes momentos serão gravados para registro e análise da pesquisadora.
- Diário de bordo para anotações e observações da pesquisadora.
- Fotografias e filmagens das aulas/vivências.
- Um questionário final. Quero saber se as experiências promovidas pela pesquisa contribuíram para sua vida e o que você aprendeu.

1.3 Durante as oficinas e vivências você será filmada(o) e fotografada (o). Você concorda?

(nathalia) ☒ Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

(_____) ☐ Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Pode ser que aconteça alguns riscos ou imprevistos durante as aulas: ficar cansada(o), cair, torcer o pé, ou e até mesmo você não gostar das atividades, Mas garanto que com essa experiência você irá conhecer a experimentar a contação de histórias de maneira criativa e terá autonomia para compartilhar seus pensamentos e saberes, pois vamos construir juntas(os) formas de contar e tocar os sentimentos das pessoas.

1.5 Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

1.6 Lembre-se: você é livre para escolher se quer ou não participar desta pesquisa e também pode sair a qualquer momento. Não ficarei triste com você ok!

1.7 Se houver alguma pergunta na entrevista que você não concorde, não precisa responder.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

Assentimento da Participação na Pesquisa

Eu, Nathália Louza O. Franco, baixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável: Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia-GO, 30 de novembro de 2020.

Maria Cecília Silva de Amorim - pesquisador(a) responsável

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambala
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re)significar como proposição arte/educativa no chão da escola". Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a Arte da cena nas contações de história. Vamos conversar, eu irei te passar todas as informações e você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Combinado?

Se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Se você ou seus pais tiverem dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável (sua professora), via e-mail cissa24@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61) 992924110. Se ainda existir alguma dúvida *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

É importante você saber que...

1.1 A pesquisa "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA" nasce do desejo de conhecer mais sobre a arte de contar histórias na vida do aluno(a). O objetivo central desta pesquisa é "investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I." É necessário pesquisar sobre esse tema para alcançar mais conhecimentos no campo da arte e da educação e poder ajudar alunos, professores e professores que queiram fazer uso das histórias para ensinar.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re)significar como proposição arte/educativa no chão da escola". Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a Arte da cena nas contações de história. Vamos conversar, eu irei te passar todas as informações e você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Combinado?

Se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Se você ou seus pais tiverem dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável (sua professora), via e-mail cissa24@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61) 992924110. Se ainda existir alguma dúvida *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

É importante você saber que...

1.1 A pesquisa "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA" nasce do desejo de conhecer mais sobre a arte de contar histórias na vida do aluno(a). O objetivo central desta pesquisa é "investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I." É necessário pesquisar sobre esse tema para alcançar mais conhecimentos no campo da arte e da educação e poder ajudar alunos, professores e professores que queiram fazer uso das histórias para ensinar.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

**PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC**

1.2 Serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados:

- Entrevista com algumas perguntas sobre o que você sabe sobre a arte de contar histórias e porque ela é importante na escola;
- Rodas de conversas, para construir experiências/vivências coletivas através do diálogo. "O que você sabe é muito importante para todos nós". Estes momentos serão gravados para registro e análise da pesquisadora.
- Diário de bordo para anotações e observações da pesquisadora.
- Fotografias e filmagens das aulas/vivências.
- Um questionário final. Quero saber se as experiências promovidas pela pesquisa contribuíram para sua vida e o que você aprendeu.

1.3 Durante as oficinas e vivências você será filmada(o) e fotografada(o). Você concorda?

(sim) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Pode ser que aconteça alguns riscos ou imprevistos durante as aulas: ficar cansada(o), cair, torcer o pé, ou e até mesmo você não gostar das atividades, Mas garanto que com essa experiência você irá conhecer e experimentar a contação de histórias de maneira criativa e terá autonomia para compartilhar seus pensamentos e saberes, pois vamos construir juntas(os) formas de contar e tocar os sentimentos das pessoas.

1.5 Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

1.6 Lembre-se: você é livre para escolher se quer ou não participar desta pesquisa e também pode sair a qualquer momento. Não ficarei triste com você ok!

1.7 Se houver alguma pergunta na entrevista que você não concorde, não precisa responder.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambala
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

Assentimento da Participação na Pesquisa

Eu, Kauan Caixeta Ribeiro, baixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável: Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia-GO, 30 de novembro de 2020.



Maria Cecília Silva de Amorim- pesquisador(a) responsável

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambala
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re)significar como proposição arte/educativa no chão da escola". Meu nome é **Maria Cecília Silva de Amorim** sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a **Arte da cena nas contações de história**. Vamos conversar, eu irei te passar todas as informações e você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Combinado?

Se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Se você ou seus pais tiverem dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável (sua professora), via e-mail cissa24@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61) 992924110. Se ainda existir alguma dúvida *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

É importante você saber que...

1.1 A pesquisa "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA" nasce do desejo de conhecer mais sobre a arte de contar histórias na vida do aluno(a). O objetivo central desta pesquisa é "investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I." É necessário pesquisar sobre esse tema para alcançar mais conhecimentos no campo da arte e da educação e poder ajudar alunos, professores e professores que queiram fazer uso das histórias para ensinar.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC**

1.2 Serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados:

- Entrevista com algumas perguntas sobre o que você sabe sobre a arte de contar histórias e porque ela é importante na escola;
- Rodas de conversas, para construir experiências/vivências coletivas através do diálogo. "O que você sabe é muito importante para todos nós". Estes momentos serão gravados para registro e análise da pesquisadora.
- Diário de bordo para anotações e observações da pesquisadora.
- Fotografias e filmagens das aulas/vivências.
- Um questionário final. Quero saber se as experiências promovidas pela pesquisa contribuíram para sua vida e o que você aprendeu.

1.3 Durante as oficinas e vivências você será filmada(o) e fotografada(o). Você concorda?

(Rosa) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

(_____) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Pode ser que aconteça alguns riscos ou imprevistos durante as aulas: ficar cansada(o), cair, torcer o pé, ou e até mesmo você não gostar das atividades, Mas garanto que com essa experiência você irá conhecer a experimentar a contação de histórias de maneira criativa e terá autonomia para compartilhar seus pensamentos e saberes, pois vamos construir juntas(os) formas de contar e tocar os sentimentos das pessoas.

1.5 Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

1.6 Lembre-se: você é livre para escolher se quer ou não participar desta pesquisa e também pode sair a qualquer momento. Não ficarei triste com você ok!

1.7 Se houver alguma pergunta na entrevista que você não concorde, não precisa responder.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambala
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

Assentimento da Participação na Pesquisa

Eu, Ravi Machado Pinheiro, baixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável: Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia-GO, 30 de novembro de 2020.



Maria Cecília Silva de Amorim- pesquisador(a) responsável

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re)significar como proposição arte/educativa no chão da escola". Meu nome é **Maria Cecília Silva de Amorim** sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a **Arte da cena nas contações de história**. Vamos conversar, eu irei te passar todas as informações e você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Combinado?

Se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Se você ou seus pais tiverem dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável (sua professora), via e-mail cissa24@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): **(61) 992924110**. Se ainda existir alguma dúvida *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone **(62)3521-1215**.

É importante você saber que...

1.1 A pesquisa "A **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**" nasce do desejo de conhecer mais sobre a arte de contar histórias na vida do aluno(a). O objetivo central desta pesquisa é "investigar, utilizando-se da *a/r/tografia*, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I." É necessário pesquisar sobre esse tema para alcançar mais conhecimentos no campo da arte e da educação e poder ajudar alunos, professores e professores que queiram fazer uso das histórias para ensinar.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

**PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC**

1.2 Serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados:

- Entrevista com algumas perguntas sobre o que você sabe sobre a arte de contar histórias e porque ela é importante na escola;
- Rodas de conversas, para construir experiências/vivências coletivas através do diálogo. "O que você sabe é muito importante para todos nós". Estes momentos serão gravados para registro e análise da pesquisadora.
- Diário de bordo para anotações e observações da pesquisadora.
- Fotografias e filmagens das aulas/vivências.
- Um questionário final. Quero saber se as experiências promovidas pela pesquisa contribuíram para sua vida e o que você aprendeu.

1.3 Durante as oficinas e vivências você será filmada(o) e fotografada(o). Você concorda?

(Sim) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

(_____) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Pode ser que aconteça alguns riscos ou imprevistos durante as aulas: ficar cansada(o), cair, torcer o pé, ou e até mesmo você não gostar das atividades, Mas garanto que com essa experiência você irá conhecer a experimentar a contação de histórias de maneira criativa e terá autonomia para compartilhar seus pensamentos e saberes, pois vamos construir juntas(os) formas de contar e tocar os sentimentos das pessoas.

1.5 Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

1.6 Lembre-se: você é livre para escolher se quer ou não participar desta pesquisa e também pode sair a qualquer momento. Não ficarei triste com você ok!

1.7 Se houver alguma pergunta na entrevista que você não concorde, não precisa responder.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambala
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

Assentimento da Participação na Pesquisa

Eu, Sérvica Pereira Ventura, baixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável: Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia-GO, 30 de novembro de 2020.



Maria Cecília Silva de Amorim- pesquisador(a) responsável

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re)significar como proposição arte/educativa no chão da escola". Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a Arte da cena nas contações de história. Vamos conversar, eu irei te passar todas as informações e você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Combinado?

Se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Se você ou seus pais tiverem dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável (sua professora), via e-mail cissa24@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61) 992924110. Se ainda existir alguma dúvida sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

É importante você saber que...

1.1 A pesquisa "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA" nasce do desejo de conhecer mais sobre a arte de contar histórias na vida do aluno(a). O objetivo central desta pesquisa é "investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I." É necessário pesquisar sobre esse tema para alcançar mais conhecimentos no campo da arte e da educação e poder ajudar alunos, professores e professores que queiram fazer uso das histórias para ensinar.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

**PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC**

1.2 Serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados:

- Entrevista com algumas perguntas sobre o que você sabe sobre a arte de contar histórias e porque ela é importante na escola;
- Rodas de conversas, para construir experiências/vivências coletivas através do diálogo. "O que você sabe é muito importante para todos nós". Estes momentos serão gravados para registro e análise da pesquisadora.
- Diário de bordo para anotações e observações da pesquisadora.
- Fotografias e filmagens das aulas/vivências.
- Um questionário final. Quero saber se as experiências promovidas pela pesquisa contribuíram para sua vida e o que você aprendeu.

1.3 Durante as oficinas e vivências você será filmada(o) e fotografada(o). Você concorda?

(Gustavo) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

(_____) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Pode ser que aconteça alguns riscos ou imprevistos durante as aulas: ficar cansada(o), cair, torcer o pé, ou e até mesmo você não gostar das atividades, Mas garanto que com essa experiência você irá conhecer a experimentar a contação de histórias de maneira criativa e terá autonomia para compartilhar seus pensamentos e saberes, pois vamos construir juntas(os) formas de contar e tocar os sentimentos das pessoas.

1.5 Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

1.6 Lembre-se: você é livre para escolher se quer ou não participar desta pesquisa e também pode sair a qualquer momento. Não ficarei triste com você ok!

1.7 Se houver alguma pergunta na entrevista que você não concorde, não precisa responder.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambala
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

Assentimento da Participação na Pesquisa

Eu, Gustavo Moreira da Cruz, baixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **"A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA"**. Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável: Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia-GO, 30 de novembro de 2020.



Maria Cecília Silva de Amorim- pesquisador(a) responsável

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re)significar como proposição arte/educativa no chão da escola". Meu nome é **Maria Cecília Silva de Amorim** sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a **Arte da cena nas contações de história**. Vamos conversar, eu irei te passar todas as informações e você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Combinado?

Se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Se você ou seus pais tiverem dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável (sua professora), via e-mail cissa24@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61) 992924110. Se ainda existir alguma dúvida *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

É importante você saber que...

1.1 A pesquisa "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA" nasce do desejo de conhecer mais sobre a arte de contar histórias na vida do aluno(a). O objetivo central desta pesquisa é "investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I." É necessário pesquisar sobre esse tema para alcançar mais conhecimentos no campo da arte e da educação e poder ajudar alunos, professores e professores que queiram fazer uso das histórias para ensinar.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

1.2 Serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados:

- Entrevista com algumas perguntas sobre o que você sabe sobre a arte de contar histórias e porque ela é importante na escola;
- Rodas de conversas, para construir experiências/vivências coletivas através do diálogo. "O que você sabe é muito importante para todos nós". Estes momentos serão gravados para registro e análise da pesquisadora.
- Diário de bordo para anotações e observações da pesquisadora.
- Fotografias e filmagens das aulas/vivências.
- Um questionário final. Quero saber se as experiências promovidas pela pesquisa contribuíram para sua vida e o que você aprendeu.

1.3 Durante as oficinas e vivências você será filmada(o) e fotografada(o). Você concorda?

(☒) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

(☐) Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Pode ser que aconteça alguns riscos ou imprevistos durante as aulas: ficar cansada(o), cair, torcer o pé, ou e até mesmo você não gostar das atividades, Mas garanto que com essa experiência você irá conhecer a experimentar a contação de histórias de maneira criativa e terá autonomia para compartilhar seus pensamentos e saberes, pois vamos construir juntas(os) formas de contar e tocar os sentimentos das pessoas.

1.5 Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

1.6 Lembre-se: você é livre para escolher se quer ou não participar desta pesquisa e também pode sair a qualquer momento. Não ficarei triste com você ok!

1.7 Se houver alguma pergunta na entrevista que você não concorde, não precisa responder.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

Assentimento da Participação na Pesquisa

Eu, Carlos Henrique P. Oliveira, baixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável: Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia-GO, 30 de novembro de 2020.



Maria Cecília Silva de Amorim- pesquisador(a) responsável

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re)significar como proposição arte/educativa no chão da escola”. Meu nome é **Maria Cecília Silva de Amorim** sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a **Arte da cena nas contações de história**. Vamos conversar, eu irei te passar todas as informações e você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Combinado?

Se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra ficará comigo.

Se você ou seus pais tiverem dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável (sua professora), via e-mail ciessa24@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): **(61) 992924110**. Se ainda existir alguma dúvida *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás**, pelo telefone **(62)3521-1215**.

É importante você saber que...

1.1 A pesquisa “A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA” nasce do desejo de conhecer mais sobre a arte de contar histórias na vida do aluno(a). O objetivo central desta pesquisa é “investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I.” É necessário pesquisar sobre esse tema para alcançar mais conhecimentos no campo da arte e da educação e poder ajudar alunos, professores e professores que queiram fazer uso das histórias para ensinar.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

**PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MUSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC**

1.2 Serão realizados os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados:

- Entrevista com algumas perguntas sobre o que você sabe sobre a arte de contar histórias e porque ela é importante na escola;
- Rodas de conversas, para construir experiências/vivências coletivas através do diálogo. "O que você sabe é muito importante para todos nós". Estes momentos serão gravados para registro e análise da pesquisadora.
- Diário de bordo para anotações e observações da pesquisadora.
- Fotografias e filmagens das aulas/vivências.
- Um questionário final. Quero saber se as experiências promovidas pela pesquisa contribuíram para sua vida e o que você aprendeu.

1.3 Durante as oficinas e vivências você será filmada(o) e fotografada(o). Você concorda?

(X) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Pode ser que aconteça alguns riscos ou imprevistos durante as aulas: ficar cansada(o), cair, torcer o pé, ou e até mesmo você não gostar das atividades, Mas garanto que com essa experiência você irá conhecer e experimentar a contação de histórias de maneira criativa e terá autonomia para compartilhar seus pensamentos e saberes, pois vamos construir juntas(os) formas de contar e tocar os sentimentos das pessoas.

1.5 Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

1.6 Lembre-se: você é livre para escolher se quer ou não participar desta pesquisa e também pode sair a qualquer momento. Não ficarei triste com você ok!

1.7 Se houver alguma pergunta na entrevista que você não concorde, não precisa responder.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - EMAC

Assentimento da Participação na Pesquisa

Eu, Ana Clara P. Oliveira, baixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável: Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia-GO, 30 de novembro de 2020.



Maria Cecília Silva de Amorim
Maria Cecília Silva de Amorim- pesquisador(a) responsável

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

Apêndice VIII – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e Artes Cênicas
Programa de Pós Graduação em Artes da Cena



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE - Pais/Responsáveis

Você, na qualidade de responsável pelo (a) Jessica Pereira Ventura, está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTEEDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Arte da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu(ua) filho(a) neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail cissa24@gmail.com ou através de contato telefônico para o número (61) 992924110, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu(ua) filho(a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre a contação de histórias na escola e de que maneira essa arte pode influenciar na aprendizagem do aluno(a) do ensino fundamental I.

A participação de seu(ua) filho(a) é importante para a realização desse projeto de pesquisa por estar num tempo de consolidação das aprendizagens e desenvolvimento de habilidades e competências sociais, comunicativas e artísticas fundamentais para o exercício da cidadania e a continuidade dos estudos.

Caso seu(ua) filho (a) sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

Serão utilizados alguns instrumentos para coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas sobre o tema, diário de bordo com as considerações sobre as vivências realizadas, plano de ação inicial, filmagens e registros fotográficos das oficinas/vivências, um questionário semi-estruturado para avaliar as aprendizagens e efeitos das vivências com as histórias.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que marque no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

☒ Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

☐ Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu (nome do responsável) Lívio Raquel Silva Pereira
abaixo assinado, autorizo meu(minha) filho(a)
Jessica Pereira Ventura,
a participar do projeto intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com participação do menor pelo qual sou responsável legal no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia, 30 de novembro de 2021.



Maria Cecília Silva de Amorim - Pesquisadora responsável

Testemunha 1

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós Graduação em Artes da Cena



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE -
Pais/Responsáveis**

Você, Ravi Machado Pinheiro, qualidade pai de _____ responsável pelo (a) _____, está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Arte da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu(ua) filho(a) neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail cissa24@gmail.com ou através de contato telefônico para o número (61) 992924110, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu(ua) filho(a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre a contação de histórias na escola e de que maneira essa arte pode influenciar na aprendizagem do aluno(a) do ensino fundamental I.

A participação de seu(ua) filho(a) é importante para a realização desse projeto de pesquisa por estar num tempo de consolidação das aprendizagens e desenvolvimento de habilidades e competências sociais, comunicativas e artísticas fundamentais para o exercício da cidadania e a continuidade dos estudos.

Caso seu(ua) filho (a) sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

Serão utilizados alguns instrumentos para coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas sobre o tema, diário de bordo com as considerações sobre as vivências realizadas, plano de ação inicial, filmagens e registros fotográficos das oficinas/vivências, um questionário semi-estruturado para avaliar as aprendizagens e efeitos das vivências com as histórias.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós Graduação em Artes da Cena



A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que marque no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

☒ Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

☐ Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu (nome do responsável) Laila Dias Machado
abaixo assinado autorizo meu(minha) filho(a)
Ravi Machado Pinheiro
a participar do projeto intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com participação do menor pelo qual sou responsável legal no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia, 30 de novembro de 2023.



Testemunha 1

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE -
Pais/Responsáveis**

Você na qualidade de responsável pelo (a) Kauani Caixeta Ribeiro, está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Arte da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu(ua) filho(a) neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail cissa24@gmail.com ou através de contato telefônico para o número (61) 992924110, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu(ua) filho(a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre a contação de histórias na escola e de que maneira essa arte pode influenciar na aprendizagem do aluno(a) do ensino fundamental I.

A participação de seu(ua) filho(a) é importante para a realização desse projeto de pesquisa por estar num tempo de consolidação das aprendizagens e desenvolvimento de habilidades e competências sociais, comunicativas e artísticas fundamentais para o exercício da cidadania e a continuidade dos estudos.

Caso seu(ua) filho (a) sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

Serão utilizados alguns instrumentos para coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas sobre o tema, diário de bordo com as considerações sobre as vivências realizadas, plano de ação inicial, filmagens e registros fotográficos das oficinas/vivências, um questionário semi-estruturado para avaliar as aprendizagens e efeitos das vivências com as histórias.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que marque no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

☒ Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

☐ Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu (nome do responsável) Valéria da Oros Caiseta Ribeiro
abaixo assinado, autorizo meu(minha), filho(a)
Kauan Caiseta Ribeiro
a participar do projeto intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com participação do menor pelo qual sou responsável legal no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia, 30 de novembro de 2023.



Maria Cecília Silva de Amorim - Pesquisadora responsável

Testemunha 1

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE -
Pais/Responsáveis**

Você, Maria Cecília Silva de Amorim, na qualidade de responsável pelo (a) filho(a) de Maria Cecília Silva de Amorim, está sendo convidado(a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Arte da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu(ua) filho(a) neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail cissa24@gmail.com ou através de contato telefônico para o número (61) 992924110, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu(ua) filho(a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre a contação de histórias na escola e de que maneira essa arte pode influenciar na aprendizagem do aluno(a) do ensino fundamental I.

A participação de seu(ua) filho(a) é importante para a realização desse projeto de pesquisa por estar num tempo de consolidação das aprendizagens e desenvolvimento de habilidades e competências sociais, comunicativas e artísticas fundamentais para o exercício da cidadania e a continuidade dos estudos.

Caso seu(ua) filho (a) sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

Serão utilizados alguns instrumentos para coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas sobre o tema, diário de bordo com as considerações sobre as vivências realizadas, plano de ação inicial, filmagens e registros fotográficos das oficinas/vivências, um questionário semi-estruturado para avaliar as aprendizagens e efeitos das vivências com as histórias.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que marque no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

☒ (X) Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

☐ () Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu (nome do responsável) Áurea Jardim da Costa.....
abaixo assinado, autorizo meu(minha) filho(a)
Alicya Gabrielly Franca Pereira.....
a participar do projeto intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com participação do menor pelo qual sou responsável legal no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia, 30 de novembro de 2023.



Maria Cecília Silva de Amorim - Pesquisadora responsável



Testemunha 1

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE -
Pais/Responsáveis**

Você na qualidade de responsável pelo (a)
Mirelly de Almeida Santana
está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Arte da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu(ua) filho(a) neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail *cissa24@gmail.com* ou através de contato telefônico para o número (61) 992924110, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu(ua) filho(a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre a contação de histórias na escola e de que maneira essa arte pode influenciar na aprendizagem do aluno(a) do ensino fundamental I.

A participação de seu(ua) filho(a) é importante para a realização desse projeto de pesquisa por estar num tempo de consolidação das aprendizagens e desenvolvimento de habilidades e competências sociais, comunicativas e artísticas fundamentais para o exercício da cidadania e a continuidade dos estudos.

Caso seu(ua) filho (a) sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

Serão utilizados alguns instrumentos para coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas sobre o tema, diário de bordo com as considerações sobre as vivências realizadas, plano de ação inicial, filmagens e registros fotográficos das oficinas/vivências, um questionário semi-estruturado para avaliar as aprendizagens e efeitos das vivências com as histórias.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que marque no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

☒ Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

☐ Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu (nome do responsável) Mirelly de Almeida R. Santana
abaixo assinado, autorizo meu(minha) filho(a) Mirelly de Almeida Santana,
a participar do projeto intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável **Maria Cecília Silva de Amorim** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com participação do menor pelo qual sou responsável legal no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia, 20 de novembro de 2023

Maria Cecília Silva de Amorim - Pesquisadora responsável

Testemunha 1

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que marque no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

☒ Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

☐ Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu (nome do responsável) Mirelly de Almeida R. Santana
abaixo assinado, autorizo meu(minha) filho(a) Mirelly de Almeida Santana,
a participar do projeto intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável **Maria Cecília Silva de Amorim** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com participação do menor pelo qual sou responsável legal no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia, 20 de novembro de 2023.

Maria Cecília Silva de Amorim - Pesquisadora responsável

Testemunha 1

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e Artes Cênicas
Programa de Pós Graduação em Artes da Cena



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE -
Pais/Responsáveis**

Você, Carlos Henrique Pereira Oliveira, na qualidade de responsável pelo (a) Henrique Pereira Oliveira, está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Arte da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu(ua) filho(a) neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail cissa24@gmail.com ou através de contato telefônico para o número (61) 992924110, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu(ua) filho(a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre a contação de histórias na escola e de que maneira essa arte pode influenciar na aprendizagem do aluno(a) do ensino fundamental I.

A participação de seu(ua) filho(a) é importante para a realização desse projeto de pesquisa por estar num tempo de consolidação das aprendizagens e desenvolvimento de habilidades e competências sociais, comunicativas e artísticas fundamentais para o exercício da cidadania e a continuidade dos estudos.

Caso seu(ua) filho (a) sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

Serão utilizados alguns instrumentos para coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas sobre o tema, diário de bordo com as considerações sobre as vivências realizadas, plano de ação inicial, filmagens e registros fotográficos das oficinas/vivências, um questionário semi-estruturado para avaliar as aprendizagens e efeitos das vivências com as histórias.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós Graduação em Artes da Cena



A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que marque no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

☒ Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

☐ Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu (nome do responsável) João Almir Pereira,
abaixo assinado, autorizo meu(minha) filho(a)
Carlos Henrique Pereira Oliveira,
a participar do projeto intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com participação do menor pelo qual sou responsável legal no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia, 30 de novembro de 2025.



Maria Cecília Silva de Amorim - Pesquisadora responsável

Testemunha 1

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE -
Pais/Responsáveis**

Você, Maria Cecília na qualidade de Mãe responsável pelo (a) filho(a) Maria Cecília Franco, está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Arte da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu(ua) filho(a) neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail cissa24@gmail.com ou através de contato telefônico para o número (61) 992924110, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu(ua) filho(a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre a contação de histórias na escola e de que maneira essa arte pode influenciar na aprendizagem do aluno(a) do ensino fundamental I.

A participação de seu(ua) filho(a) é importante para a realização desse projeto de pesquisa por estar num tempo de consolidação das aprendizagens e desenvolvimento de habilidades e competências sociais, comunicativas e artísticas fundamentais para o exercício da cidadania e a continuidade dos estudos.

Caso seu(ua) filho (a) sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

Serão utilizados alguns instrumentos para coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas sobre o tema, diário de bordo com as considerações sobre as vivências realizadas, plano de ação inicial, filmagens e registros fotográficos das oficinas/vivências, um questionário semi-estruturado para avaliar as aprendizagens e efeitos das vivências com as histórias.



Serviço Público Federal
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e Artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que marque no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

() Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

() Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu (nome do responsável) Alessandra Pereira de Souza
abaixo assinado, autorizo meu(minha) filho(a)
Nathalie Souza Oliveira Franco
a participar do projeto intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com participação do menor pelo qual sou responsável legal no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia, 30 de novembro de 2023.



Maria Cecília Silva de Amorim - Pesquisadora responsável

Testemunha 1

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE -
Pais/Responsáveis**

Você, na qualidade de responsável pelo (a) Maria de Jesus Mate, está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Arte da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu(ua) filho(a) neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail cissa24@gmail.com ou através de contato telefônico para o número (61) 992924110, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu(ua) filho(a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre a contação de histórias na escola e de que maneira essa arte pode influenciar na aprendizagem do aluno(a) do ensino fundamental I.

A participação de seu(ua) filho(a) é importante para a realização desse projeto de pesquisa por estar num tempo de consolidação das aprendizagens e desenvolvimento de habilidades e competências sociais, comunicativas e artísticas fundamentais para o exercício da cidadania e a continuidade dos estudos.

Caso seu(ua) filho (a) sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

Serão utilizados alguns instrumentos para coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas sobre o tema, diário de bordo com as considerações sobre as vivências realizadas, plano de ação inicial, filmagens e registros fotográficos das oficinas/vivências, um questionário semi-estruturado para avaliar as aprendizagens e efeitos das vivências com as histórias.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós Graduação em Artes da Cena



A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que marque no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

☒ Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

☐ Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu (nome do responsável) Marivalva Maciel da Silva Mates
abaixo assinado autorizo meu(minha) filho(a)
Lara de Souza Mates,
a participar do projeto intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com participação do menor pelo qual sou responsável legal no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia, 30 de novembro de 2023.



Maria Cecília Silva de Amorim - Pesquisadora responsável



Testemunha I

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós Graduação em Artes da Cena



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE -
Pais/Responsáveis**

Você, Maria Lara Varoncelos de Queiroz, na qualidade de responsável pelo (a) filho(a), está sendo convidado(a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Arte da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu(ua) filho(a) neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail cissa24@gmail.com ou através de contato telefônico para o número (61) 992924110, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu(ua) filho(a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre a contação de histórias na escola e de que maneira essa arte pode influenciar na aprendizagem do aluno(a) do ensino fundamental I.

A participação de seu(ua) filho(a) é importante para a realização desse projeto de pesquisa por estar num tempo de consolidação das aprendizagens e desenvolvimento de habilidades e competências sociais, comunicativas e artísticas fundamentais para o exercício da cidadania e a continuidade dos estudos.

Caso seu(ua) filho (a) sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

Serão utilizados alguns instrumentos para coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas sobre o tema, diário de bordo com as considerações sobre as vivências realizadas, plano de ação inicial, filmagens e registros fotográficos das oficinas/vivências, um questionário semi-estruturado para avaliar as aprendizagens e efeitos das vivências com as histórias.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que marque no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

☒ Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

☐ Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu (nome do responsável) Lucilene de Vasconcelos Moreira
abaixo assinado, autorizo meu(minha), filho(a)
Maria Lara,
a participar do projeto intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com participação do menor pelo qual sou responsável legal no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia, 30 de novembro de 2025.



Maria Cecília Silva de Amorim - Pesquisadora responsável

Testemunha 1

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE -
Pais/Responsáveis**

Você _____ na qualidade de _____, responsável pelo (a) _____

está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Arte da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu(ua) filho(a) neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail cissa24@gmail.com ou através de contato telefônico para o número (61) 992924110, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu(ua) filho(a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre a contação de histórias na escola e de que maneira essa arte pode influenciar na aprendizagem do aluno(a) do ensino fundamental I.

A participação de seu(ua) filho(a) é importante para a realização desse projeto de pesquisa por estar num tempo de consolidação das aprendizagens e desenvolvimento de habilidades e competências sociais, comunicativas e artísticas fundamentais para o exercício da cidadania e a continuidade dos estudos.

Caso seu(ua) filho (a) sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

Serão utilizados alguns instrumentos para coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas sobre o tema, diário de bordo com as considerações sobre as vivências realizadas, plano de ação inicial, filmagens e registros fotográficos das oficinas/vivências, um questionário semi-estruturado para avaliar as aprendizagens e efeitos das vivências com as histórias.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que marque no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

☒ Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

() Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu (nome do responsável) João Almir Pereira,
abaixo assinado, autorizo meu(minha) filho(a)
Ana Clara Pereira Oliveira,
a participar do projeto intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com participação do menor pelo qual sou responsável legal no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia, 30 de novembro de 2023.

João Almir Pereira



Maria Cecília Silva de Amorim - Pesquisadora responsável

Testemunha 1

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



Pais/Responsáveis

Você na qualidade de responsável pelo (a)
Gustavo Moreira da Cruz
está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário/a, da pesquisa intitulada A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Arte da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu(u) filho(a) neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail cissa24@gmail.com ou através de contato telefônico para o número (61) 992924110, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu(u) filho(a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre a contação de histórias na escola e de que maneira essa arte pode influenciar na aprendizagem do aluno(a) do ensino fundamental I.

A participação de seu(u) filho(a) é importante para a realização desse projeto de pesquisa por estar num tempo de consolidação das aprendizagens e desenvolvimento de habilidades e competências sociais, comunicativas e artísticas fundamentais para o exercício da cidadania e a continuidade dos estudos.

Caso seu(u) filho (a) sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

Serão utilizados alguns instrumentos para coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas sobre o tema, diário de bordo com as considerações sobre as vivências realizadas, plano de ação inicial, filmagens e registros fotográficos das oficinas/vivências, um questionário semi-estruturado para avaliar as aprendizagens e efeitos das vivências com as histórias.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e Artes Cênicas
Programa de Pós Graduação em Artes da Cena



A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que marque no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

☒ Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

☐ Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu (nome do responsável) Luziane Moreira da Cruz
abaixo assinado autorizo meu(minha) filho(a)
Gustavo Moreira da Cruz
a participar do projeto intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com participação do menor pelo qual sou responsável legal no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia, 30 de novembro de 2011.



Maria Cecília Silva de Amorim - Pesquisadora responsável

Testemunha 1

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE -
Pais/Responsáveis**

Você, Maria Clara Soares de Oliveira, na qualidade de responsável pelo (a) filho(a), está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Arte da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu(ua) filho(a) neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail cissa24@gmail.com ou através de contato telefônico para o número (61) 992924110, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu(ua) filho(a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre a contação de histórias na escola e de que maneira essa arte pode influenciar na aprendizagem do aluno(a) do ensino fundamental I.

A participação de seu(ua) filho(a) é importante para a realização desse projeto de pesquisa por estar num tempo de consolidação das aprendizagens e desenvolvimento de habilidades e competências sociais, comunicativas e artísticas fundamentais para o exercício da cidadania e a continuidade dos estudos.

Caso seu(ua) filho (a) sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

Serão utilizados alguns instrumentos para coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas sobre o tema, diário de bordo com as considerações sobre as vivências realizadas, plano de ação inicial, filmagens e registros fotográficos das oficinas/vivências, um questionário semi-estruturado para avaliar as aprendizagens e efeitos das vivências com as histórias.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena



A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que marque no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

☒ Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

☐ Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu (nome do responsável) Suelly de Almeida Ribeiro Santana
abaixo assinado, autorizo meu(minha), filho(a)
Maria Clara Soares de Oliveira,
a participar do projeto intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável **Maria Cecília Silva de Amorim** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com participação do menor pelo qual sou responsável legal no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia, 30 de novembro de 2023



Maria Cecília Silva de Amorim - Pesquisadora responsável

Testemunha 1

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós Graduação em Artes da Cena



Pais/Responsáveis

Você na qualidade de responsável pelo (a)
Pedro Henrique Barros Oliveira
está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CIIÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Arte da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu(ua) filho(a) neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail cissa24@gmail.com ou através de contato telefônico para o número (61) 992924110, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu(ua) filho(a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre a contação de histórias na escola e de que maneira essa arte pode influenciar na aprendizagem do aluno(a) do ensino fundamental I.

A participação de seu(ua) filho(a) é importante para a realização desse projeto de pesquisa por estar num tempo de consolidação das aprendizagens e desenvolvimento de habilidades e competências sociais, comunicativas e artísticas fundamentais para o exercício da cidadania e a continuidade dos estudos.

Caso seu(ua) filho (a) sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

Serão utilizados alguns instrumentos para coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas sobre o tema, diário de bordo com as considerações sobre as vivências realizadas, plano de ação inicial, filmagens e registros fotográficos das oficinas/vivências, um questionário semi-estruturado para avaliar as aprendizagens e efeitos das vivências com as histórias.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Escola de Música e artes Cênicas
Programa de Pós Graduação em Artes da Cena



A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que marque no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

☒ Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

☐ Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu (nome do responsável) Juliana Barros dos Reis
abaixo assinado, autorizo meu(minha), filho(a)
Pedro Henrique
a participar do projeto intitulado "A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E RESSIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA". Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Maria Cecília Silva de Amorim sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com participação do menor pelo qual sou responsável legal no projeto de pesquisa acima descrito.

Luziânia, 20 de novembro de 2021.



Maria Cecília Silva de Amorim - Pesquisadora responsável

Testemunha 1

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital

Apêndice IX – Termos de Consentimento Livre Esclarecido – Contadores



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou o (a) pesquisadora responsável e minha área de atuação é arte/educação e Artes da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail cissa24@gmail.com e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61992924110), inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

O trabalho tem como objetivo geral “Investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I”. Você será convidado para participar colaborando com sua performance artística em uma das oficinas propostas e para isso deverá reservar um período de **uma a duas horas, considerando que seu depoimento também poderá ser pedido**. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso, e a pleitear indenização em caso de danos, conforme previsto em Lei. Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Por ser uma atividade realizada pela internet, de forma síncrona/remota alguns riscos podem acontecer: falhas na gravação de vídeo, falhas na internet, baixa participação dos alunos, problemas de ordem técnica sob os quais não podemos atuar.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para gravação da oficina será feita em formato de vídeo e fotos, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



() Permito a gravação de minha imagem filmada.
() Não permito a gravação de imagem filmada.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

o autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

☐ Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da
 () Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da
 pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

☐ a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
☐ Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Solicito autorização para utilização dos dados em pesquisas futuras. Para validar sua decisão, faça uma rubrica entre os parênteses abaixo:

☒ Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
☐ Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



CHÃO DA ESCOLA. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Maria Cecília Silva de Amorim** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, 27 de outubro de 2020.

[Assinatura manuscrita]



[Assinatura manuscrita]

Pesquisador responsável

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou o (a) pesquisadora responsável e minha área de atuação é arte/educação e Artes da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail cissa24@gmail.com e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61992924110), inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

O trabalho tem como objetivo geral “Investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I”. Você será convidado para participar colaborando com sua performance artística em uma das oficinas propostas e para isso deverá reservar um período de **uma a duas horas, considerando que seu depoimento também poderá ser pedido**. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso, e a pleitear indenização em caso de danos, conforme previsto em Lei. Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Por ser uma atividade realizada pela internet, de forma síncrona/remota alguns riscos podem acontecer: falhas na gravação de vídeo, falhas na internet, baixa participação dos alunos, problemas de ordem técnica sob os quais não podemos atuar.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para gravação da oficina será feita em formato de vídeo e fotos, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas

Campus II - Samambaia

Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970

Goiânia/GO - Telefone: (62) 3521-1135



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



- (*Assinatura*) Permito a gravação de minha imagem filmada.
() Não permito a gravação de imagem filmada.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- (*Assinatura*) Autorizo o uso de minha voz em publicações.
() Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- (*Assinatura*) Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- (*Assinatura*) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Solicito autorização para utilização dos dados em pesquisas futuras. Para validar sua decisão, faça uma rubrica entre os parênteses abaixo:

- (*Assinatura*) Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
() Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, *Assinatura* [REDACTED], abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia - GO - Telefone: (62) 3521.1135



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



CHÃO DA ESCOLA. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Maria Cecília Silva de Amorim** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, _____ de 2020.



Pesquisador responsável



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou o (a) pesquisadora responsável e minha área de atuação é arte/educação e Artes da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail cissa24@gmail.com e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61992924110), inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

O trabalho tem como objetivo geral “Investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I”. Você será convidado para participar colaborando com sua performance artística em uma das oficinas propostas e para isso deverá reservar um período de uma a duas horas, considerando que seu depoimento também poderá ser pedido. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso, e a pleitear indenização em caso de danos, conforme previsto em Lei. Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Por ser uma atividade realizada pela internet, de forma síncrona/remota alguns riscos podem acontecer: falhas na gravação de vídeo, falhas na internet, baixa participação dos alunos, problemas de ordem técnica sob os quais não podemos atuar.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para gravação da oficina será feita em formato de vídeo e fotos, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



☐ Permito a gravação de minha imagem filmada.
☒ Não permito a gravação de imagem filmada.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

(Assinatura) Autorizo o uso de minha voz em publicações.
() Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

☒ Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

☒ Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Solicito autorização para utilização dos dados em pesquisas futuras. Para validar sua decisão, faça uma rubrica entre os parênteses abaixo:

(Assinatura) Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
() Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tomados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Co

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambala
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

Assinatura



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Maria Cecília Silva de Amorim** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, 27 de outubro de 2020.



Pesquisador responsável

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou o (a) pesquisadora responsável e minha área de atuação é arte/educação e Artes da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail cissa24@gmail.com e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61992924110), inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que a Instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

O trabalho tem como objetivo geral “Investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I”. Você será convidado para participar colaborando com sua performance artística em uma das oficinas propostas e para isso deverá reservar um período de **uma a duas horas, considerando que seu depoimento também poderá ser pedido**. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso, e a pleitear indenização em caso de danos, conforme previsto em Lei. Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Por ser uma atividade realizada pela Internet, de forma síncrona/remota alguns riscos podem acontecer: falhas na gravação de vídeo, falhas na internet, baixa participação dos alunos, problemas de ordem técnica sob os quais não podemos atuar.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para gravação da oficina será feita em formato de vídeo e fotos, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

Dayne da Silva Bezerra Batista

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



- () Permito a gravação de minha imagem filmada.
() Não permito a gravação de imagem filmada.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Autorizo o uso de minha voz em publicações.
() Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Solicito autorização para utilização dos dados em pesquisas futuras. Para validar sua decisão, faça uma rubrica entre os parênteses abaixo:

- () Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
() Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento

Eu,....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



CHÃO DA ESCOLA. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Maria Cecília Silva de Amorim** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goânia, de de



Pesquisador responsável



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou o (a) pesquisadora responsável e minha área de atuação é arte/educação e Artes da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail cissa24@gmail.com e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61992924110), inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFV) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

O trabalho tem como objetivo geral "Investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I". Você será convidado para participar colaborando com sua performance artística em uma das oficinas propostas e para isso deverá reservar um período de **uma a duas horas, considerando que seu depoimento também poderá ser pedido**. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso, e a pleitear indenização em caso de danos, conforme previsto em Lei. Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Por ser uma atividade realizada pela internet, de forma síncrona/remota alguns riscos podem acontecer: falhas na gravação de vídeo, falhas na internet, baixa participação dos alunos, problemas de ordem técnica sob os quais não podemos atuar.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será protegida, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para gravação da oficina será feita em formato de vídeo e haverá uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

EMAC/UFV - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



- ☐) Permito a gravação de minha imagem filmada.
☐) Não permito a gravação de imagem filmada.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- ☐) Autorizo o uso de minha voz em publicações.
☐) Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- ☐) Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
☐) Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- ☐) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
☐) Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Solicito autorização para utilização dos dados em pesquisas futuras. Para validar sua decisão, faça uma rubrica entre os parênteses abaixo:

- ☐) Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
☐) Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, GILBERTO ALVES BARBOSA, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/GO - Telefone: (62) 2521.1125



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Maria Cecília Silva de Amorim** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, *27 de outubro* de 2020.



Pesquisador responsável



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou o (a) pesquisadora responsável e minha área de atuação é arte/educação e Artes da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail cecilia4@gmail.com e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61992924110), inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos(as) participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

O trabalho tem como objetivo geral "Investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I". Você será convidado para participar colaborando com sua performance artística em uma das oficinas propostas e para isso deverá reservar um período de uma a duas horas, considerando que seu depoimento também poderá ser pedido. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso, e a pleitear indenização em caso de danos, conforme previsto em Lei. Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Por ser uma atividade realizada pela internet, de forma síncrona/remota alguns riscos podem acontecer: falhas na gravação de vídeo, falhas na internet, baixa participação dos alunos, problemas de ordem técnica sob os quais não podemos atuar.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para gravação da oficina será feita em formato de vídeo e fotos, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



- (SRU) Permito a gravação de minha imagem filmada.
() Não permito a gravação de imagem filmada.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- (SRU) Autorizo o uso de minha voz em publicações.
() Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- (SRU) Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- (SRU) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Solicito autorização para utilização dos dados em pesquisas futuras. Para validar sua decisão, faça uma rubrica entre os parênteses abaixo:

- (SRU) Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
() Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, [assinatura], abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



CHÃO DA ESCOLA. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Maria Cecília Silva de Amorim** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, 27 de outubro de 2020

[Assinatura manuscrita]

Pesquisador responsável

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC - ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA**. Meu nome é Maria Cecília Silva de Amorim, sou o (a) pesquisadora responsável e minha área de atuação é arte/educação e Artes da Cena. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail cissa24@gmail.com e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (61992924110), inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

O trabalho tem como objetivo geral "Investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I". Você será convidado para participar colaborando com sua performance artística em uma das oficinas propostas e para isso deverá reservar um período de **uma a duas horas, considerando que seu depoimento também poderá ser pedido**. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso, e a pleitear indenização em caso de danos, conforme previsto em Lei. Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Por ser uma atividade realizada pela internet, de forma síncrona/remota alguns riscos podem acontecer: falhas na gravação de vídeo, falhas na internet, baixa participação dos alunos, problemas de ordem técnica sob os quais não podemos atuar.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para gravação da oficina será feita em formato de vídeo e fotos, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

Juliana S. Aguiar Reame

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Maria Cecília Silva de Amorim** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, 27 de outubro de 2020.



Pesquisador responsável



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
EMAC- ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA



(*Juliana*) Permito a gravação de minha imagem filmada.
() Não permito a gravação de imagem filmada.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

(*Juliana*) Autorizo o uso de minha voz em publicações.
() Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

(*Juliana*) Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

(*Juliana*) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Solicito autorização para utilização dos dados em pesquisas futuras. Para validar sua decisão, faça uma rubrica entre os parênteses abaixo:

(*Juliana*) Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
() Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, *Juliana Shaís de Aguiar Rame*, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA.

EMAC/UFG - Escola de Música e Artes Cênicas
Campus II - Samambaia
Rodovia GO-080, km 3/4, CEP: 74001-970
Goiânia/ GO - Telefone: (62) 3521-1125

ANEXOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA

Pesquisador: MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 28790820.0.0000.5083

Instituição Proponente: Escola de Música e Artes Cênicas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.857.994

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa de Maria Cecília Silva de Amorim, desenvolvido no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, intitulado A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re) significar como proposição arte/educativa no chão da escola, pretende propiciar “a elaboração de uma proposição arte-educativa vinculada à cena pensando em contar, encenar e transformar a aprendizagem pelas histórias”. A pesquisa será desenvolvida com 35 alunos de uma turma do 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, da rede pública municipal da cidade de Luziânia, GO. As referências teóricas estão diretamente relacionadas ao objeto de estudo da pesquisadora. A metodologia, de abordagem qualitativa, adota a PEBA – Pesquisa Educacional Baseada em Arte, concebida em academias norte-americanas e com foco nas atividades artísticas, como referência norteadora.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral da pesquisa é o de “Investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano do Ensino Fundamental I”. Como objetivos específicos a pesquisadora propõe: Realizar levantamento bibliográfico sobre a contação/ arte de contar histórias no contexto escolar, seus

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.857.994

objetivos, características e conceitos; Relatar desenvolvimento do projeto didático "Tia Cecília conta" desde a elaboração com base na abordagem metodológica da Pesquisa Educacional Baseada em Arte por meio da escrita a/r/tográfica; Desenvolver uma proposição arte-educativa de oficinas de contação de histórias, de forma intencional e colaborativa, para alunos de 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin; Analisar o processo de desenvolvimento dos alunos nas oficinas de contação por meio da reflexão teórico-prática, entrevistas, depoimentos e registros de imagens e atividades.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora afirma, no projeto, que "não há riscos", mas estes constam no TALE e no TCLE; e supõe que os benefícios perspectivados se referem ao fato de que "a contação de histórias poderá até vir a fazer parte de propostas curriculares, especialmente no programa de escolas de tempo integral".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa, bem estruturada tanto do ponto de vista formal como conceitual, apresenta ampla bibliografia na área pesquisada e com metodologia apropriada, voltada especificamente para a pesquisa de campo na área de artes, da aplicação do projeto de contação de histórias e da observação do grupo de trinta e cinco alunos da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, da rede pública municipal da cidade de Luziânia, GO.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresenta os termos solicitados pelas Resoluções vigentes.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto acima, o meu parecer é favorável à aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para junho de 2021.

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIÂNIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com

Página 02 de 03



Continuação do Parecer: 3.857.994

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1506333.pdf	04/02/2020 16:58:54		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto-depesquisa.pdf	04/02/2020 16:57:09	MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM	Aceito
Outros	termocompromisso.pdf	04/02/2020 16:52:35	MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM	Aceito
Outros	termoinstituicao.PDF	04/02/2020 16:50:39	MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	04/02/2020 16:37:48	MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	04/02/2020 15:00:50	MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	04/02/2020 14:59:16	MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 27 de Fevereiro de 2020

Assinado por:
Geisa Mozzer
(Coordenador(a))

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CENA: CONTAR, ENCENAR E (RE)SIGNIFICAR COMO PROPOSIÇÃO ARTE/EDUCATIVA NO CHÃO DA ESCOLA

Pesquisador: MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 28790820.0.0000.5083

Instituição Proponente: Escola de Música e Artes Cênicas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.395.687

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa de Maria Cecília Silva de Amorim, desenvolvido no mestrado do Programa de PósGraduação em Artes da Cena da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, intitulado A contação de histórias na cena: contar, encenar e (re) significar como proposição arte/educativa no chão da escola, pretende propiciar "a elaboração de uma proposição arte-educativa vinculada à cena pensando em contar, encenar e transformar a aprendizagem pelas histórias". A pesquisa será desenvolvida com 35 alunos de uma turma do 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, da rede pública municipal da cidade de Luziânia, GO. As referências teóricas estão diretamente relacionadas ao objeto de estudo da pesquisadora. A metodologia, de abordagem qualitativa, adota a PEBA – Pesquisa Educacional Baseada em Arte, concebida em academias norte-americanas e com foco nas atividades artísticas, como referência norteadora. A pesquisadora adequou o projeto ao formato remoto.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral da pesquisa é o de "Investigar, utilizando-se da a/r/tografia, como a contação de histórias, como proposição arte-educativa na cena, pode fomentar o desenvolvimento cognitivo perceptivo e provocar reverberações no comportamento e na linguagem de alunos do último ano

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 4.395.687

do Ensino Fundamental I". Como objetivos específicos a pesquisadora propõe: Realizar levantamento bibliográfico sobre a contação/ arte de contar histórias no contexto escolar, seus objetivos, características e conceitos; Relatar desenvolvimento do projeto didático "Tia Cecília conta" desde a elaboração com base na abordagem metodológica da Pesquisa Educacional Baseada em Arte por meio da escrita a/r/tográfica; Desenvolver uma proposição arte-educativa de oficinas de contação de histórias, de forma intencional e colaborativa, para alunos de 5º ano da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin; Analisar o processo de desenvolvimento dos alunos nas oficinas de contação por meio da reflexão teórico-prática, entrevistas, depoimentos e registros de imagens e atividades.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora afirma, no projeto, que "não há riscos", mas estes constam no TCLE; e supõe que os benefícios perspectivados se referem ao fato de que "a contação de histórias poderá até vir a fazer parte de propostas curriculares, especialmente no programa de escolas de tempo integral".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa, bem estruturada tanto do ponto de vista formal como conceitual, apresenta ampla bibliografia na área pesquisada e com metodologia apropriada, voltada especificamente para a pesquisa de campo na área de artes, da aplicação do projeto de contação de histórias e da observação do grupo de trinta e cinco alunos da 1ª Escola de Tempo Integral Laudimário de Jesus Tormin, da rede pública municipal da cidade de Luziânia, GO.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresentou os termos exigidos por esse Comitê, com o acréscimo de risco mínimo no TALE e no TCLE, conforme solicitado por esse Comitê.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O parecer anterior solicitava a adequação do cronograma com a observância dos prazos, já que a coleta de dados só poderia ser iniciada após a aprovação do projeto por esse Comitê e também uma declaração de que a coleta de dados ainda não havia se iniciado. Considerando que a solicitação foi atendida e a declaração anexada ao processo, esse parecer é favorável à aprovação.

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIÂNIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

Página 02 de 04



Continuação do Parecer: 4.395.687

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP/UFMG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para julho de 2021.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1632608_E1.pdf	19/10/2020 20:50:49		Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO.pdf	19/10/2020 20:48:26	MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM	Aceito
Outros	CARTA_DE_ENCAMINHAMENTO_DE_PENDENCIAS.pdf	19/10/2020 20:42:35	MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto de pesquisa.pdf	16/09/2020 21:08:03	MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM	Aceito
Outros	termocompromisso.pdf	04/02/2020 16:52:35	MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM	Aceito
Outros	termoinstituicao.PDF	04/02/2020 16:50:39	MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	04/02/2020 16:37:48	MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	04/02/2020 15:00:50	MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	04/02/2020 14:59:16	MARIA CECILIA SILVA DE AMORIM	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIÂNIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 4.395.687

GOIANIA, 12 de Novembro de 2020

Assinado por:
João Batista de Souza
(Coordenador(a))

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

Página 04 de 04

